

AN AGE GAP
MAFIA ROMANCE

# SWEET

PERFECTLY IMPERFECT SERIES

## prison

NEVA ALTAJ

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa dos mesmos.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

PROIBIDA A VENDA DESTE LIVRO.

É PARA USO GRATUITO.

DE FÃS PARA FÃS



# Oleander
# Wolf
# Warrior
# Jewell Designs

*Janeiro 2025*

# Série Perfectly Imperfect
## Neva Altaj

(Ordem de Leitura e Enredos)

***1 - Painted Scars (Nina & Roman)***

Herói deficiente, casamento falso, age-gap, atração de opostos, herói possessivo/ciumento

***2 - Broken Whispers (Bianca & Mikhail)***

Heróis com cicatrizes/deficiente, heroína muda, casamento arranjado, age-gap, a bela e a fera, herói possessivo/ciumento acima da média

***3 - Hidden Truths (Angelina & Sergei)***

Age-gap, herói quebrado, só ela o acalma

***4 - Ruined Secrets (Isabella & Luca)***

Casamento arranjado, age-gap, herói possessivo/ciumento acima da média

***5 - Stolen Touches (Milene & Salvatore)***

Casamento arranjado, herói deficiente, age-gap, herói sem emoções, herói possessivo/ciumento acima da média

***6 - Fractured Souls (Asya & Pavel)***

Age-gap, ele a ajuda a se curar, quem fez isso com você, herói possessivo/ciumento, ele acha que não é bom o suficiente para ela

***7 - Burned Dreams (Ravenna & Alessandro)***

Guarda-costas, amor proibido, vingança, inimigos para amantes, age-gap, quem fez isso com você, herói possessivo/ciumento

***8 - Silent Lies (Sienna & Drago)***

Herói surdo, casamento arranjado, age-gap, herói taciturno, heroína otimista, atração de opostos, herói super possessivo/ciumento

***9 - Darkest Sins (Nera & Kai)***

Heroína otimista, herói taciturno, atração de opostos, age-gap, herói perseguidor, só ela pode acalmá-lo, ele odeia todo mundo menos ela, toque nela e morra

***10 - Sweet Prison ( Zahara e Massimo)***

Age-gap, romance proibido, só ela pode acalmá-lo,
atração de opostos, ele odeia todo mundo, menos ela, toca nela e morre,
herói exageradamente possessivo/ciumento.

***11 - Precious Hazard ( Zahara e Massimo)***

Age-gap, casamento arranjado, inimigos para amantes,
Grumpy/sunshine, atração de opostos, toque nela e morra, OTT,
herói possessivo/ciumento.

***12 - Título, Personagens principais e tropes – Por revelar***

# Sinopse

## Zahara

***É possível se apaixonar por um homem que você não conhece?***

Antes de ver seu rosto,
Ou ouvir sua voz,
Ou sentir o calor de seu toque,
Eu me apaixonei por sua mente.
Desonesto. Astuto. Enganador.
O mestre de planos mortais e perigosos.
A ameaça silenciosa que ninguém viu chegando.
Manipulando a vida das pessoas como peões em um tabuleiro de xadrez.
Quando ele sai das sombras,
O rei reivindicando seu trono,
Ele incendeia o mundo,
E queima meu coração em cinzas.

## Massimo

Depois de dezoito anos,
finalmente recuperei minha liberdade.
Meu império sombrio estava esperando.
Preparado para que eu tomasse as rédeas.
Punirei os traidores que roubaram minha vida.
E os farei sentir a verdadeira dor.
A era da paz acabou.
Estou pronto para desencadear o caos.
Mas deixei uma prisão,
Apenas para ficar preso novamente,
Em uma batalha entre a minha consciência e o meu desejo.
A única coisa que desejo acima de tudo,
nunca poderei ter.
Meu doce anjo.
Minha rainha magnífica.
Minha Zahara.

# Nota da Autora

Meu querido leitor,

The Perfectly Imperfect é uma série de livros independentes interconectados, em que os livros podem ser lidos em qualquer ordem. No entanto, Sweet Prison (livro 10, história de Massimo e Zahara) foi escrito para acompanhar Darkest Sins (livro 9, história de Kai e Nera), e eu recomendo fortemente a leitura do dueto em conjunto e na ordem correta. Neste livro, só refleti sobre os eventos que ocorreram em Darkest Sins se eles forem essenciais para a trama atual porque, 1) eu queria evitar repetições e 2) esta é a história de Massimo e Zahara, enquanto Kai e Nera já compartilharam a deles.

Se você ainda não leu Darkest Sins, ou optou por ignorá-lo, sua apreciação de Sweet Prison pode ser bastante afetada, pois conhecer os eventos que ocorreram no livro anterior é crucial para entender as motivações dos personagens e os meandros de como suas vidas e caminhos estão entrelaçados. Sem esse conhecimento, você pode ficar um pouco perdido no emaranhado do mundo da máfia.

Seja qual for a sua escolha, espero que goste desse livro tanto quanto eu.

Boa leitura!

Neva

# Aviso de Conteúdo

Saiba que Sweet Prison apresenta um romance entre irmãos adotivos. Massimo e Zahara (Zara) não são parentes de sangue. O herói é filho da madrasta de Zara, do seu casamento anterior. Se essa não for a sua praia, pule esta história.

Também é importante mencionar que a diferença de idade entre Massimo e Zahara é de 17 anos.

Nenhum dos dois se lembra muito bem um do outro desde o período em que habitaram brevemente a mesma casa após o casamento dos seus pais. Quando eles se reencontram em Darkest Sins, Zara tem 18 anos, enquanto Massimo tem 35.

Esteja ciente de que este livro contém conteúdo que alguns leitores podem considerar perturbador, como sangue, violência e descrições gráficas de tortura.

# Prólogo

## *Funeral de Núncio Veronese, Boston*

## *(Zahara, 18 anos; Massimo, 35 anos)*




*Só você, Nera.*

As palavras de Massimo ressoam em minha cabeça enquanto corro pelo caminho de terra em direção ao estacionamento. Minha visão está tão embaçada pelas lágrimas que mal consigo ver onde estou pisando. Levanto o braço e tiro a umidade com a manga da camisa.

Aquele desgraçado.

— Zara! Espere! — minha irmã me chama.

Acelero o passo. Não estou em condições de conversar com ela agora. A única coisa que quero fazer é me encolher em um canto escuro e chorar em paz.

Quando ele se aproximou de Nera e de mim, meu coração batia tão rápido que tive medo de ter um ataque cardíaco. De certa forma, sempre vi Massimo como algo irreal. Intocável. Fora de alcance. Vê-lo aqui, na minha frente, como uma entidade real de carne e osso, quase me fez desmaiar. E meu coração estúpido cantou de alegria.

Até que ele o destruiu com uma simples frase.

*Só você, Nera.*

Não tenho ideia do que ele quer discutir com a minha irmã. Talvez ele queira

reivindicar as propriedades da nossa família. Isso se encaixaria em seus métodos astutos.

Eu não me importo.

Ele já reivindicou a única coisa que me interessa. Meu coração.

E o esmagou.

# Capítulo 1

## Quinze anos atrás

### *(Massimo, 20 anos)*




— Todos de pé.

Ajusto o paletó do meu terno e me levanto lentamente do assento dos réus. Os punhos da minha camisa estão muito apertados, irritando a pele já irritada dos meus pulsos. Os filhos da puta que me escoltaram da cadeia do condado até ao tribunal fizeram questão de colocar em mim as menores algemas que puderam.

O juiz Collins entra de mansinho. Sua massa de cabelos e barba brancos contrasta com seu traje preto. Tento chamar sua atenção, mas seu olhar se desvia persistentemente para outro lugar, quase como se fosse intencional. Acho que ele está tentando fazer com que ninguém suspeite que nos conhecemos. É hilário, considerando a quantidade de favores que ele recebeu da Cosa Nostra ao longo das décadas. Ele - junto com quase metade das elites de Boston, burocratas e os principais líderes da lei e da ordem - estava presente na festa de Ano Novo em que tudo foi por água abaixo.

Respiro fundo, aguardando a sentença. Após minha acusação e audiência pré-julgamento, e seguindo o conselho do meu advogado, aceitei um acordo. Uma confissão de culpa em uma acusação de homicídio culposo voluntário em troca de uma sentença prevista de três anos. Talvez quatro, se o juiz não quiser parecer que está pegando leve comigo. Com trezentas testemunhas, não há nenhuma

maneira de negar que atirei no bastardo que matou o meu meio-irmão. Portanto, renunciei ao meu direito a um julgamento e evitei perder um monte de tempo e dinheiro nessa confusão, sem mencionar uma possível sentença máxima. Dessa forma, com a possibilidade de liberdade condicional em cerca de um ano, devo estar em casa em pouco tempo. Não é um mau negócio - um punhado de anos da minha vida por acabar com o maldito que matou Elmo. Saber que consegui acabar com aquele pedaço de merda naquele momento também é muito gratificante.

— Massimo Spada, você se declarou culpado da acusação de homicídio voluntário, conforme definido pelo estatuto e regido pelas Leis Gerais de Massachusetts, Capítulo 265, Seção 13. — A voz do juiz enche a sala, e seus olhos finalmente encontram os meus. — A justiça é cega, Sr. Spada. Todos os homens são iguais perante a lei. Dada a gravidade de suas ações e sua óbvia falta de arrependimento durante a audiência, eu o condeno a dezoito anos em uma prisão estadual de segurança máxima...

Um som agudo, como a estática de uma TV antiga, irrompe na minha cabeça. Ele se sobrepõe ao murmúrio alto que subitamente tomou conta da sala de audiências.

Dezoito anos*? Dezoito anos, porra?* Não, isso não pode estar certo. McBride me garantiu que quatro anos era o máximo que eu pegaria, considerando a ligação do juiz com a Família. Isso tem que ser um engano. Não há outra explicação. Viro-me para o juiz Collins. Olho fixamente para ele. Esperando que ele anuncie que cometeu um erro, enquanto o zumbido ecoa nas paredes internas do meu crânio. Ele não diz mais nada.

Alguém agarra meus braços, puxando-os para trás. Consigo ouvir vagamente o meu advogado falando comigo sobre uma apelação. De alguma forma, em meio ao tumulto que acontece dentro do meu cérebro atordoado e sem foco, ainda consigo ouvir o barulho das algemas se fechando nos meus pulsos. Isso não pode

estar acontecendo. Deus sabe que não sou inocente nesse ou em qualquer outro crime que cometi, mas ele não tem o direito de arruinar minha vida dessa maneira! É um maldito pesadelo, e preciso que alguém me dê um soco na cara para que eu possa acordar!

Cravo os calcanhares no chão, ainda olhando para o juiz, que está descendo os degraus depois de deixar seu assento.

Não. Não terei os próximos dezoito anos da minha vida roubados.

— Collins! — Meu rugido explode sobre o clamor de vozes abafadas.

O desgraçado nem sequer pisca. Apenas continua me ignorando completamente.

McBride está balbuciando alguma besteira de advogado para mim novamente, seu tom é quase histérico. Algo sobre como eu estou piorando as coisas, mas as palavras apenas passam de raspão pela minha mente, presas no zumbido que está ficando cada vez mais forte na minha cabeça. Mãos, vários pares, agarram meus braços e me empurram em direção à porta na lateral da sala de audiências. Continuo olhando por cima do ombro, procurando o juiz Collins. Esperando que ele ponha um fim a essa loucura. Olhando para trás, a cada dois passos, mesmo quando estou sendo conduzido pelo corredor estreito em direção à cela onde vesti meu terno recém passado há menos de vinte minutos. Minhas pernas parecem estar se movendo apenas com a memória muscular.

— Dois minutos, Spada. — Um dos guardas pega meus pulsos algemados. — Seu transporte está esperando.

— Dois minutos para quê?

— Para você mudar de roupa. — Ele me empurra para dentro da cela e acena com a cabeça para o canto mais distante.

O ácido sobe pela minha garganta, queimando minha carne, enquanto sigo seu olhar até o banco frágil.

Lá, em cima das tábuas de madeira cobertas de tinta rachada e descascada, há

uma pilha de roupas bem dobradas.

Negação. Raiva cega. Desamparo. O caos de diferentes emoções me atinge, todas elas me inundam ao mesmo tempo e, de repente, não consigo respirar. Não consigo me mexer. Não consigo pensar. A única coisa que consigo fazer é olhar para a pilha de roupas laranja brilhante naquele banco, queimando minhas malditas córneas.

# Capítulo 2

## Três meses antes, na véspera do Ano Novo

### *Casa de Núncio Veronese (Don da Cosa Nostra de Boston)*




O cheiro de orégano seco e de produtos frescos guardados em caixotes de madeira nas prateleiras se mistura com o leve odor de mofo que paira no ar. Não há janelas, e a única fonte de luz é a única luminária pendurada no centro do teto, lançando um brilho amarelo sobre um homem desgrenhado e chorão. Carlo Forino. Dois dos meus homens o flanqueiam, impedindo-o de pular do banco em que sua bunda está atualmente apoiada.

Viro uma cadeira e me sento nela, pendurando meus antebraços no encosto de madeira resistente enquanto observo essa desculpa lamentável de ser humano. Carlo está respirando rapidamente, praticamente hiperventilando, mas evita olhar para mim. Ele sabe por que está aqui. E sabe o que está por vir.

Sua respiração ofegante se mistura com os tons suaves de um piano que entra pela porta fechada. Embora a festa esteja acontecendo em grande parte no salão principal, do outro lado da mansão, os sons chegam até aqui, a essa despensa distante.

— Onde está nosso dinheiro, Carlo? — Pergunto.

— Os negócios não estão indo bem no bar, Massimo, — o homem se engasga.

— Mas é apenas uma fase difícil. Eu juro que vou pagar vocês. Só preciso de mais alguns dias.

Cruzo os braços sobre o encosto da cadeira e inclino a cabeça. — Seus problemas comerciais não têm nenhuma relação com nosso acordo. A data de vencimento era ontem.

— Na próxima semana. Terei tudo na próxima semana.

— Está bem. — Aceno com a cabeça e me viro para Peppe, que está à minha esquerda: — Há uma tesoura de carne na gaveta ali. Corte seu dedo mindinho.

— Massimo. — A voz de Elmo vem do canto da sala. — Isso é realmente necessário? Ele disse que vai pagar.

Olho por cima do ombro, fixando meu meio-irmão com o meu olhar. Seu rosto tem um tom esverdeado peculiar e ele está mexendo com as mãos. Mesmo com seu smoking elegante e sob medida, ele ainda parece uma criança. Elmo completou dezoito anos na semana passada, e seu pai, o chefe da Cosa Nostra de Boston, achou que era hora de o filho se envolver mais nos negócios da família. Esta reunião deveria ser a introdução de Elmo ao lado menos saboroso do negócio.

É uma pena que Elmo não tenha sido feito para essa vida. Muito parecido com seu pai, na verdade.

— Não somos uma instituição de caridade, Elmo. Você não quer que esse canalha saia por aí dizendo às pessoas que a *Famiglia* ficou mole, quer?

Um lamento uivante reverbera pela sala.

— Não, mas... — O olhar de Elmo se volta para Carlo, que, ao que parece, acabou de perder o dedo. — Meu Deus. Eu... eu vou vomitar.

Aperto a ponte do meu nariz e exalo. — Saia, Elmo.

— Você sabe que eu não posso. Papai disse...

— E eu disse: *dá o fora*! — Se ele perder o conteúdo do seu estômago na frente de nossos homens, perderá o respeito deles. E na Cosa Nostra, o respeito é tudo.

Levanto-me e me aproximo do meu meio-irmão, ignorando os lamentos cada vez mais patéticos de Carlo. O rosto de Elmo ficou tão pálido que parece translúcido. Colocando minha mão em seu ombro, a aperto de forma tranquilizadora. — Vou conversar com Nuncio e me certificar de que ele caia em si. Você já escolheu uma faculdade?

— Sim, mas... acho que ele não vai me deixar. Ele quer...

— Não dou a mínima para o que Nuncio quer. Considere tudo encerrado. E pare de mexer nessa maldita gravata. — Ajusto o laço que estava amarrado de forma errada em seu colarinho. O garoto definitivamente não foi feito para usar terno. Meu alfaiate quase teve um colapso ao tentar fazer Elmo ficar parado enquanto tirava suas medidas. — Vá, aproveite a festa. Eu estarei lá em um instante.

Com uma respiração profunda, Elmo acena com a cabeça. — Obrigado, Massimo. — Ele bate em meu peito com a palma da mão e, no segundo seguinte, já está fora da porta.

Eu me viro, pronto para terminar meu negócio aqui. Carlo está segurando um pano de cozinha em sua mão ensanguentada, choramingando como um maricas.

Quatro pares de olhos traçam meu caminho até à prateleira onde Peppe deixou a tesoura escondida entre dois potes de tomates secos ao sol. Tiro um isqueiro do bolso e seguro as lâminas levemente curvadas da tesoura sobre a chama. — Deixe-me ver sua mão.

— Por quê? — Carlo se queixa.

— Muitos vasos sanguíneos nos dedos. Não quero que você sangre até à morte, certo? Se você morrer, quem vai pagar sua dívida? — Aceno para os caras, minha equipe de executores escolhidos a dedo. — Segurem-no.

Carlo tenta revidar, mas meus homens o dominam facilmente. Peppe agarra o

pulso do bastardo chorão e apresenta a mão ferida para mim. Enfiando o isqueiro de volta em minha calça, pego a palma da mão do idiota não confiável.

— Você tem três dias, — vocifero.

Em seguida, pressiono a lâmina aquecida contra o coto sangrento do seu dedo, e o cheiro de carne queimada enche a sala.

— Massimo. — A porta da despensa se abre, revelando Salvo. — Elmo disse que você está aqui e... Que diabos é esse cheiro?

— Persuasão. Para caloteiros. — Dou um passo para o lado, dando a ele uma visão direta de Forino, agora desmaiado.

Salvo engole audivelmente. Seus olhos se arregalam ao percorrer as manchas de sangue e param no dedo decepado no chão.

Balanço a cabeça. Salvo e eu estudamos na mesma escola preparatória e somos melhores amigos desde o primeiro dia. Enquanto eu nunca me deixei afetar pelo brilho da alta sociedade e venho fazendo essa merda há anos, ele é a quarta geração da Cosa Nostra e está acostumado a toda a pompa e circunstância que acompanham o dinheiro, o poder e o prestígio. Seu pai é um capo, e seu avô foi um subchefe em sua época. Isso significa que Salvo não costuma sujar as mãos ou mesmo se rebaixar o suficiente para testemunhar como as partes mais obscuras de nosso negócio são tratadas.

— Do que você precisa? — Pergunto.

— Don V. tem perguntado quando você vai se juntar aos convidados, — ele murmura, com os olhos ainda focados no dedo decepado.

— Assim que eu lavar minhas mãos.

— Hum... ok.

— Guarde alguns camarões para mim antes que Leone coma todos, — eu digo, enquanto ele se retira apressadamente.

***

Entro no grande salão, observando o brilho e o glamour que são obra da minha mãe. O cara de terno branco chamativo ainda está tocando piano, mas, graças a Deus, ele mudou para uma música mais animada. O Don e minha mãe estão conversando agradavelmente com alguns dos altos executivos da cidade no outro lado da sala, bem ao lado da árvore de Natal elaboradamente decorada. Se houvesse alguma dúvida, o grande sorriso que Núncio está usando ao ficar à esquerda do juiz Collins mostra como ele realmente gosta de toda a fanfarra e de outros benefícios que o fato de estar à frente da Família lhe proporciona.

Se o plano tivesse saído como deveria, seria eu no lugar dele. É uma pena que às vezes as coisas não saiam como planejado.

Fui criado e treinado para assumir a liderança da Cosa Nostra de Boston desde que completei doze anos. Enquanto outros pais levavam seus filhos aos jogos de futebol, o meu me arrastava para clubes obscuros e prédios abandonados para me reunir com nossos fornecedores. Em vez de jogar videogame como meus amigos, eu estava aprendendo a atirar. Enquanto outros meninos da minha idade folheavam revistas pornográficas, eu estava sentado com meu pai no escritório do nosso contador, aprendendo a lavar dinheiro. Sempre que havia um grande negócio em andamento, meu pai me levava com ele para testemunhar o feito. Apesar do meu pai ser o chefão de Boston, eu não era mimado como os filhos de outros membros privilegiados da Família. Nosso sangue definitivamente não era azul.

Meu pai começou como um trabalhador humilde, trabalhando em um dos armazéns da Cosa Nostra. Ele se tornou um membro da máfia aos dezessete anos e passou duas décadas subindo na hierarquia até se tornar o subchefe. Então, há oito anos, ele assumiu a liderança da Família de Boston. Papai acreditava que somente alguém que tivesse experimentado todas as funções na escada da Cosa

Nostra seria um bom líder. Porque somente alguém com conhecimento pessoal das dificuldades dos soldados agiria no melhor interesse de todos os membros de a *Famiglia* e não apenas dos superiores. E como ele queria que eu o sucedesse como Don, isso significava que eu também teria de passar por tudo isso.

E foi o que fiz. Coletei dinheiro dos homens que nos deviam. E dava uma surra naqueles que não podiam pagar. Não consigo nem contar o número de vezes que cheguei em casa com manchas de sangue em minhas roupas depois de testemunhar como a justiça da Cosa Nostra era feita em primeira mão. Acompanhei os soldados de infantaria em suas rondas pelo bairro ou fui com eles para retaliar outras organizações criminosas. Passava mais dias em um bar decadente à beira-mar com os membros da organização, jogando pôquer e bebendo, do que passava as noites com meus amigos da escola. Não pude ir ao meu baile de formatura porque passei a noite esparramado em um banco de madeira na sala dos fundos de um cassino enquanto um médico retirava uma bala da minha coxa depois que um negócio de drogas deu errado. Uma vida cheia de emoções para um adolescente. E eu gostava disso.

Nunca me importei com minha infância perdida porque sabia que estava sendo preparado para assumir a família quando chegasse a hora. Mas esse momento chegou cedo demais. Eu mal tinha dezoito anos quando meu pai morreu. Uma década muito cedo para que alguém sequer me considerasse para o cargo. Eu era um filhote entre cães experientes. E essas filhos da puta não podiam aprender novos truques.

Na reunião da Família, que se reuniu rapidamente, Núncio Veronese foi eleito como o próximo Don. Foi uma reviravolta inesperada. Até isso acontecer, eu tinha certeza de que seria Batista Leone quem assumiria o cargo. Mais velho. Mais experiente. O subchefe do meu pai. Acho que até o próprio Nuncio ficou bastante surpreso quando acabou se tornando o líder da Cosa Nostra em Boston.

Veronese tinha filhos pequenos e havia perdido sua esposa no parto apenas

alguns meses antes. Assim, nessa mesma reunião, foi feito um acordo para que ele se casasse com a minha mãe. Eles se casaram logo depois. Uma atitude sábia. Não há melhor maneira de fortalecer sua posição como novo Don do que se casar com a viúva do seu antecessor e colocar o filho dele sob seu teto. Considerando minha idade avançada, mas não para sentar à cabeceira da mesa, fui relegado à posição de glorificado 'braço esquerdo' de Núncio. Um mensageiro, distribuindo julgamento e disciplina em nome do novo Don.

Risadas altas e alegres irrompem do grupo que estava ao lado da árvore de Natal, levando-me de volta à festa. Nuncio provavelmente contou uma de suas piadas. Jantares e festas extravagantes com nossos investidores, aparições públicas e eventos de arrecadação de fundos para as organizações por meio das quais lavamos dinheiro são sempre o forte do meu padrasto, e ele os realiza de forma impecável.

O carisma desse homem é incomparável. Nuncio Veronese pode convencer uma pessoa racional a cortar a própria mão e convencê-la de que isso é para o seu próprio bem. Elas podem até ter vontade de agradecê-lo por isso. As pessoas sempre gravitam em torno dele como se ele fosse o maldito sol. Pessoas importantes e poderosas. Ele joga golfe com o chefe de polícia toda segunda e quarta-feira. Tem um convite aberto a todas as famílias influentes da região da Grande Boston. Toda sociedade e membro da elite de Boston sedento de poder já participou de pelo menos um dos churrascos de verão no quintal de Nuncio. Ele até conseguiu que um juiz do estado de Massachusetts viesse à nossa festa de Ano Novo.

Desde o tempo em que meu pai era o Don, a Cosa Nostra tem se voltado para uma abordagem mais 'populista' e evitado confrontos abertos com a lei. Deve ser por isso que Nuncio foi escolhido para suceder meu pai. A Família estava convencida de que havia feito uma boa escolha.

Eles estavam errados.

Nuncio não é um homem ruim. E esse é o seu pior defeito. Ele não está apto a comandar uma família mafiosa porque, quando se trata do lado sombrio de nossos negócios, o lado que exige trabalhos horríveis e vis, ele não tem estômago para isso. Isso ficou bem claro logo depois que ele assumiu o controle. Na primeira vez em que precisou matar um homem, o pobre coitado quase desmaiou. Ele não conseguiu nem mesmo enfiar uma bala na cabeça de um delator, acabando por acertar o ombro do desgraçado. Graças a Deus, só havia eu e ele na sala. Eu tive que intervir e terminar o trabalho. Eu tinha a idade de Elmo na época. E nem sequer foi minha primeira morte.

Deixando de lado as coisas sangrentas, eu esperava que Nuncio pelo menos perseverasse em outras áreas. Mas ele se mostrou absolutamente incapaz de lidar com os negócios e as finanças da Família também. No entanto, não se pode dizer que ele não tenha tentado. Três meses depois de assumir o controle, ele canalizou todo o nosso dinheiro lavado para um grande projeto de construção, mas não conseguiu analisar os riscos nem calcular os custos previstos. Perdemos nossa liquidez e ficamos com um bloco residencial semiacabado nos subúrbios e sem dinheiro para terminar a construção. Tive que usar várias conexões do meu pai para encontrar investidores dispostos a comprar as unidades antes de o prédio estar finalizado. Depois desse fiasco, Nuncio começou a me consultar em todos os investimentos. Quando fiz 19 anos, sem o conhecimento do resto da família, eu estava tomando todas as decisões de negócios no lugar do Don.

Então, Nuncio e eu fizemos nosso próprio acordo. Eu faço o trabalho pesado. Administro as finanças. Tomo as decisões sobre os investimentos. Mutilo e mato pessoas quando necessário. E ele aguenta as besteiras estúpidas e pomposas, como organizar uma festa para pessoas que o apunhalariam pelas costas no momento em que você se virasse ou ir a eventos de arrecadação de fundos e falar com as pessoas importantes que precisamos ter ao nosso lado. E quando eu fizer vinte e cinco anos, ele me tornará um capo. Depois, seu subchefe. E quando chegar a hora certa, quando eu for visto como alguém com idade suficiente para

assumir as rédeas da Família, ele deixará o cargo. Se não, eu simplesmente o matarei.

— Olá, Massimo. — Brio, o capo que dirige nossos cassinos, me alcança quando estou passando pela multidão. — O chefe disse alguma coisa sobre o plano de expansão que apresentei na semana passada?

— Sim. — Pego uma taça de champanhe da bandeja de um garçom. — Ele disse que é uma grande besteira. Com o nível de receita atual, não haverá expansão nos próximos dois anos, no mínimo.

— Que droga! Passei semanas trabalhando nos detalhes, procurando locais adequados para o novo cassino. Até pesquisei... — Deixei que Brio continuasse com sua tagarelice incessante, reclamando sobre a decisão do ‘don’ e observei as pessoas na sala.

É quase meia-noite, portanto, todos estão se divertindo, mais ou menos bêbados com o champanhe que flui livremente. Finjo não notar as duas pequenas formas escondidas atrás do corrimão no patamar do segundo andar. Minhas meias-irmãs adoram sair da cama e espionar os convidados durante as festas. Mamãe vai tirar a pele delas se as vê.

Nera tinha três anos quando minha mãe se casou com Nuncio, e Zahara ainda era um bebê, com apenas um ano de idade. Ambas consideram minha mãe como sua própria mãe. Elas até a chamam de ‘mamãe’. Eu não me importo. As pirralhas são um incômodo que eu simplesmente tento ignorar, mas mamãe as ama como se fossem da sua própria carne e sangue. Fico feliz. Nunca fui uma criança carinhosa e interessada em abraços e beijos. Fico feliz por ela finalmente ter a chance de ser uma mãe amorosa e atenciosa para duas meninas que anseiam por seu calor como eu nunca desejei.

Meus olhos se voltam para um casal meio escondido por uma coluna de mármore na entrada, enquanto eles murmuram sugestivamente um para o outro. Parece que Elmo está tentando falar com a irmã de Tiziano. Cristo, ela tem quase

o dobro da idade dele e vai facilmente mastigá-lo e cuspi-lo, sem dúvida partindo seu coração.

Por alguma razão absolutamente inexplicável, eu me identifiquei com meu meio-irmão. Talvez seja porque ele é a única pessoa de bom coração que conheço, além da minha mãe. Não há um único osso maligno no corpo do rapaz, apesar de ter nascido em um mundo mafioso e estar constantemente cercado por cobras. Ele é tudo o que eu nunca serei. Gentil. Atencioso, especialmente com as pessoas ao seu redor. E altruísta até demais.

No fundo, sempre me perguntei como seria ter um irmão. Quando menino, eu desejava ter um confidente com quem pudesse compartilhar minhas preocupações. A pressão que eu sentia para atender às expectativas do meu pai. O gosto de ácido em minha boca toda vez que eu tinha de mutilar ou matar um homem. E a sensação de vazio que acabava se instalando quando esse gosto azedo ficava entorpecido.

Em pouco tempo, aquela queimação amarga não estava mais em minha garganta. Eu me acostumei com ela. O trabalho se tornou como qualquer outro. Mas, de vez em quando, um pensamento perdido invadia minha mente. Um sentimento de injustiça por estar tirando vidas sem estar nem um pouco incomodado com isso. Por outro lado, percebi que havia parado de sentir a tensão que estava sofrendo. E essa percepção me deixou ainda mais fraturado.

Eu nunca poderia admitir essas preocupações para meu pai, não sem parecer fraco. E contar para minha mãe sempre esteve fora de questão. Ela ainda se apega à ilusão de que seu filho é uma boa pessoa. Mas um irmão? Sim, eu poderia confiar em um irmão. E Elmo é o mais próximo que tenho disso.

Provavelmente é por isso que sinto essa estranha compulsão de proteger Elmo das garras daqueles que o usariam para suas próprias necessidades egoístas. Seus sonhos incluem a faculdade e uma vida normal. E eu vou me certificar de que isso aconteça.

Em meio às festividades, vozes altas soam em algum lugar perto da porta da frente. Meu olhar se volta para a entrada, onde dois homens, obviamente bêbados, estão discutindo. *Jesus.* Estou olhando ao redor da sala, tentando localizar um de nossos seguranças para expulsar os idiotas, quando os punhos começam a voar. Um deles empurra o outro, gritando na cara do adversário, e enfia a mão dentro do paletó.

Imediatamente me dirijo a eles e, pelo canto do olho, vejo Elmo fazendo o mesmo. — Elmo! — Eu grito. — Para trás!

Ele não ouve o meu comando ou decide me ignorar, achando que pode acalmar a situação. Estou correndo a toda velocidade, mas como ele estava mais perto, Elmo alcança os homens enfurecidos segundos antes de mim.

As pontas dos meus dedos quase roçam o paletó dele quando o agarro para afastá-lo, no momento em que um estrondo rasga o ar.

Por uma fração de batimento cardíaco, o som do tiro é a única coisa que ouço.

Sem música. Nenhuma risada. Apenas uma explosão de abalar a terra. E então, Elmo tropeça para trás, colidindo com meu peito.

Os gritos explodem ao nosso redor.

— Elmo! — Eu grito, envolvendo meu braço em seu corpo para apoiá-lo.

O tecido do seu smoking está molhado contra a minha palma e seu sangue escorre pela minha mão. Não vendo nada além de vermelho, deixo a raiva selvagem me consumir. Em algum lugar no fundo da minha mente, estou ciente de que há muitas pessoas aqui, muitas testemunhas. Uma boa parte delas não é membro da Família. Incluindo o chefe da polícia de Boston.

Eu não me importo.

Sem dar a mínima para as repercussões, pego minha Glock atrás das costas e disparo. Com meu próximo suspiro, um rugido animalesco sai da minha garganta e mando a bala voando entre os olhos do filho da puta que acabou de atirar em

meu meio-irmão.

# Capítulo 3

## Onze anos depois

### *(Zahara, 14 anos)*




— Ei, dê uma olhada! Essa não é a nossa garota leprosa oficial?

Risadas soam ao meu redor. Abaixo ainda mais o queixo e, segurando a pilha de livros em meus braços, apresso os passos. O formigamento doentio na parte de trás do meu pescoço aumenta à medida que me espremo entre os alunos no corredor e seus olhares de julgamento.

Eu já deveria estar acostumada com tudo isso. Provocações. Xingamentos maldosos e rancorosos. Isso vem desde o ensino fundamental. As perguntas vinham primeiro. *O que aconteceu com você? Está doendo?* Tentei explicar que era apenas a aparência da minha pele e que era completamente normal, exatamente como minha mãe me disse. Apesar disso, as crianças geralmente ficavam longe de mim - ninguém queria brincar comigo, e algumas nem sequer queriam olhar na minha direção.

Quando entrei no ensino médio, a situação piorou. Os dias de afastamento pacífico não existiam mais. *Que nojo*. *Isso parece horrível.* Ou, o sempre presente... *Não me toque. Não quero pegar o que você pegou.* Não adiantava explicar que o vitiligo não é contagioso. Eles realmente não se importavam, de qualquer forma. E como eu sempre tentava ignorá-los em vez de revidar, eu era um alvo fácil para suas inseguranças. Então eles me humilhavam. Me causavam

dor. Tanto fisicamente quanto com suas palavras.

Curiosamente, o bullying não me incomoda mais... não muito, pelo menos. São os olhares de pena que não consigo suportar. Por isso, tento permanecer o mais invisível possível. Faço o possível para não atrair nenhuma atenção indesejada. Pena que essa estratégia não funciona com o maldito Kenneth Harris.

— O marrom fica bem em você, leprosa. — Um sorriso zombeteiro se desenha nos lábios de Kenneth. Ele para bem na minha frente, bloqueando o meu caminho para a entrada principal da escola, e coloca as mãos nos quadris. — Mas acho que você deve ter esquecido de verificar a previsão do tempo para hoje. Você deve estar cozinhando dentro dessa coisa que parece uma rede. Ou é um mosquiteiro?

Outra rodada de risadas ecoa pelo corredor.

— Deixe-me passar, por favor, — murmuro, olhando para as pontas dos meus sapatos.

— É claro que sim. — Ele dá um passo para o lado.

Prendendo a respiração, passo correndo por ele, mas, enquanto faço isso, Kenneth puxa uma das minhas mangas. O som inconfundível de tecido rasgando se segue à ruptura dos fios finos.

As lágrimas se acumulam nos cantos dos meus olhos enquanto olho para a renda arruinada no punho carnudo de Kenneth. Passei dias trabalhando nessa blusa, modificando o modelo original para que as mangas fossem longas o suficiente para cobrir minhas mãos. Horas de trabalho que fizeram minhas costas e dedos doerem, e esse idiota não se importou com isso.

— Desculpe, leprosa. — Rindo, ele joga o material esfarrapado no chão. — Mas veja pelo lado positivo. Agora está mais adequada para o clima.

Há mais de uma dúzia de pessoas ao nosso redor - todas elas comparsas do idiota - e posso sentir cada um dos seus olhares no meu braço exposto. Olhando para a

descoloração no meu cotovelo, meu antebraço, meu pulso. O desejo de arrancar os olhos de todos com minhas mãos nuas, de gritar em seus rostos para que parem de olhar para mim, surge dentro do peito.

Não faço isso.

Eu nunca faço isso.

Mordendo o lábio inferior para evitar que ele trema, pego o pedaço de renda do chão. Segurando-o com tanta força que minhas unhas perfuram a palma da mão, viro-me e sigo pelo corredor. Não posso fazer uma cena, ou meu pai ficará sabendo. Então, ele provavelmente me transferirá para outra escola de prestígio, uma escola cheia de gente ainda mais idiota do que esta, ou talvez decida que eu seja educada em casa. Ainda posso ouvir suas palavras abafadas da conversa com seu subchefe na semana passada: *Minha pobre Zara, estou tão preocupado com ela. Ela sempre tem dificuldade para lidar com situações estressantes.*

Às vezes, gostaria de poder lhe contar a verdade. Que já o imaginei aparecendo na minha escola, fazendo barulho e gritando com todos que já me machucaram. Ou dando uma surra naquele idiota do Kenneth. Pena que algo assim nunca aconteceria. Meu pai pode ser o chefe da Cosa Nostra em Boston, mas ele nunca causaria uma confusão por minha causa. Os filhos e as filhas dos seus parceiros de negócios frequentam essa escola, e o chefe nunca se arriscaria a colocar em risco parcerias lucrativas simplesmente porque um garoto ‘perturbou’ sua filha antissocial e nervosa.

A imagem é tudo na *Famiglia*, e Núncio Veronese jamais se rebaixaria a algo tão claramente abaixo dele. Seria simplesmente mais fácil me transferir para outra escola, como ele já havia feito antes. E então, eu me sentiria como um fracasso ainda maior.

Estou atravessando apressadamente o pátio da escola em direção ao lado oeste do campus quando uma mão roça meu braço e eu dou um pulo.

— Ei, Zara! Quer ir à casa de Dania para assistir a um filme?

Forço um pequeno sorriso e olho para minha irmã. — Não. Eu... eu tenho que estudar.

— Tem certeza? — Nera pergunta. — Oh meu Deus, o que aconteceu com sua blusa?

— Minha manga ficou presa na maçaneta da porta, — minto.

— Oh? — Seus olhos se estreitam ao ver a minha blusa estragada. — Alguém a está incomodando de novo?

— Claro que não. Eu não estava prestando atenção para onde estava indo. Isso é tudo.

Quando eu tinha nove anos, cometi o erro de confessar à minha irmã sobre as provocações que recebia na escola. Contei a ela que um garoto da série dela me xingou de vários nomes. Apesar de ser uma garotinha de onze anos, Nera encontrou meu agressor durante o recreio e lutou com ele. Ela ganhou um hematoma no queixo e duas semanas de detenção. E quando chegamos em casa, papai a colocou de castigo por: ‘comportamento desprezível e impróprio para a nossa linhagem’ e ‘trazer vergonha ao nome Veronese’.

Nunca mais colocarei minha irmã em uma posição em que ela possa se meter em problemas porque sente a necessidade de me defender, só porque sou muito medrosa para me defender. Graças a Deus, a maioria das aulas dela está em um prédio separado este ano. Agora ela não pode testemunhar a maior parte dos meus encontros com Kenneth.

— Divirtam-se. Vejo vocês hoje à noite. — Aperto a mão de Nera e vou em direção ao carro que me espera nos portões do campus. Ele está estacionado logo atrás do grande SUV do pai de Hannah, e vejo minha amiga entrando no banco de trás enquanto me dá um breve aceno. Ainda bem que ela está correndo para a aula de dança agora e não tem tempo para parar e conversar. Ela saberia instantaneamente que algo estava acontecendo comigo, já que viu o suficiente dos meus encontros com Kenneth, o idiota.

— Srta. Veronese. — Peppe, meu motorista, acena com a cabeça, segurando a porta aberta para mim.

Sem encontrar seu olhar, deslizo para o banco de trás.

A viagem de carro até nossa casa dura cerca de meia hora e, normalmente, passo esse tempo olhando pela janela sem rumo. Agora, porém, parece que não consigo ficar parada. Embora as janelas estejam abertas e o ar-condicionado não esteja ligado, um arrepio percorre a minha pele e os pelos finos do meu braço nu ficam arrepiados. Flashbacks daquela cena no corredor da escola inundam a minha mente. Eu adoraria poder conversar com alguém sobre isso, só para poder chamar o merda do Kenneth de idiota em voz alta. Se meu irmão, Elmo, estivesse vivo, tenho certeza de que ele daria uma surra em Kenneth. Ele não deixaria ninguém me tocar ou me xingar. Ou, pelo menos, é nisso que eu escolho acreditar. Eu mal me lembro de Elmo, mas Nera se lembra. E ela diz que ele era o melhor irmão do mundo.

Suspiro e pego meu celular na bolsa. Ao fazer isso, meus olhos se fixam na ponta de um caderno violeta que aparece entre alguns outros. É o caderno que uso para esboçar meus projetos de roupas personalizadas.

E para escrever cartas bobas para meu meio-irmão que está na prisão.

Tudo começou há alguns anos, quando eu ainda estava no ensino fundamental. Meu professor da sétima série nos deu a tarefa de escrever uma carta para um amigo ou parente que morava no exterior. Inicialmente, pensei em escrever a minha para uma tia ou prima imaginária, já que não tenho nenhum parente real que se qualifique. Mas me pareceu um pouco estúpido escrever para alguém que não existe. Mas então, por algum motivo, Massimo veio à minha mente.

Meu meio-irmão foi preso por matar o homem que assassinou Elmo quando eu tinha três anos de idade. Não tenho nenhuma lembrança dele. Nem Nera nem eu vimos Massimo desde a noite em que Elmo morreu. Massimo não permite que ninguém além do meu pai o visite na prisão, e papai quase nunca nos conta nada

sobre nosso meio-irmão. Apesar de sermos *tecnicamente* família, ele é praticamente um estranho para mim e minha irmã. Mas desde que mamãe morreu, não tenho certeza se esse vínculo ainda está intacto.

Antes da sua morte, perguntei a mamãe sobre a foto que ela mantinha em sua cômoda, a foto dela com um rapaz no final da adolescência. O cabelo dele era escuro, assim como o dela. Eu estava curiosa sobre o rapaz, e ela me disse que ele se chamava Massimo e contou algumas histórias da sua infância. Gostava de ouvi-las, mas isso a deixava triste, então ela raramente falava sobre meu meio-irmão. Ela tentava enterrar a tristeza de ter seu filho preso por tantos anos com todo o seu amor por mim e por Nera. Laura Veronese era uma mulher calorosa e carinhosa, e a melhor mãe que alguém poderia desejar. Mas, mesmo quando criança, eu via a angústia em seus olhos. A dor estava sempre presente. Ela morreu de embolia quando eu tinha nove anos. E, embora o médico tenha dito que era um coágulo enorme em sua corrente sanguínea, tenho certeza de que o verdadeiro motivo foi seu coração partido.

As pessoas dizem que não é tecnicamente possível morrer de desgosto, mas eu discordo. Tenho certeza disso porque foi assim que me senti quando papai disse a Nera e a mim que mamãe havia partido. Nós nos fechamos em meu quarto e choramos, agarradas aos vestidos iguais que ela fez para nós. Embora tivéssemos muito dinheiro e mamãe pudesse nos comprar tudo o que quiséssemos, ela preferia fazer a maioria das nossas roupas. Foi por isso que comecei a costurar logo depois. Isso me faz sentir mais próxima dela de alguma forma.

Com a morte da mamãe, Massimo era o único membro da família, além de papai e Nera, que me restava. Ele não estava morando no exterior, mas era *real*. Foi por isso que peguei uma folha de papel do meu caderno e escrevi para um meio-irmão que eu nem conhecia. Ele poderia muito bem estar vivendo em um planeta diferente, o que parecia ideal para a tarefa.

Ele deve ter rido quando recebeu a carta. Nem me lembro de tudo o que escrevi

nela. Havia algo sobre eu reivindicar um conjunto de canetas sofisticadas que encontrei em uma caixa com o nome dele no porão. Acho que primeiro escrevi como uma pergunta - perguntando se eu poderia ficar com elas -, depois risquei a frase e a reescrevi como uma afirmação, para que ele não pudesse me dizer *não*. Eu esperava que ele me respondesse, mas ele não respondeu. Por fim, achei que ele deve ter jogado minha correspondência não solicitada fora.

Nunca tive a intenção de continuar escrevendo cartas para ele.

Com a tarefa escolar concluída, esqueci tudo sobre meu vômito de palavras escritas não solicitadas e provavelmente indesejadas e continuei com a vida. Até alguns meses depois. Até que eu estava explodindo de vontade de falar sobre minhas frustrações para alguém; alguém que não me julgasse ou olhasse para mim com pena. Ou pior, que me dissesse que eu estava exagerando no que deve ter sido apenas um acidente.

Ter suco derramado sobre meu vestido novo na festa de aniversário de Dania por um garoto idiota que riu pelas minhas costas depois não foi um ‘acidente’! Então, assim que cheguei em casa, escrevi para Massimo novamente e me enfureci sobre como os meninos eram estúpidos por três parágrafos inteiros. Então, sentindo-me melhor depois de confessar meus problemas e para que ele não pensasse que eu era uma pessoa negativa, acrescentei algumas bobagens sobre uma excursão e como uma das meninas vomitou no ônibus depois de comer muita comida de rua, mesmo depois de a professora tê-la avisado para ir com calma. Achei que ele poderia achar isso engraçado.

Mas não houve resposta.

Mesmo assim, continuei escrevendo. Escrevia uma carta a cada dois meses, cheia de coisas bobas e sem importância. Por exemplo, quem foi a um almoço chique em nossa casa e que tipo de comida foi servida. Ou como o encanador que estava consertando nossa pia entupida acabou inundando a cozinha. Eu também reclamava muito da escola. Principalmente sobre matemática. E como

eu estava muito orgulhosa das minhas realizações, até enviei a Massimo um esboço do primeiro vestido que costurei para mim.

Como sempre fui muito ansiosa para conversar com outras pessoas ou falar abertamente sobre meus sentimentos, nos últimos dois anos, escrever para Massimo se tornou uma espécie de alívio do estresse. Pode parecer patético, mas essas cartas eram o mais próximo que eu tinha de um amigo com quem eu podia conversar sobre o que quer que estivesse pensando. Era uma sensação de segurança. Eu sabia que ele não iria me criticar nem me julgar. Porque, obviamente, Massimo não estava lendo minhas cartas em primeiro lugar. Ele nunca respondeu a nenhuma delas.

Eu realmente preciso do meu amigo agora, pois estou olhando para a renda esfarrapada em minha mão. Minha mente começa a se preocupar com todas as coisas que quero dizer a ele.

— Está tudo bem, Srta. Veronese?

Olho para cima, encontrando o olhar de Peppe no espelho retrovisor. Ele pode estar vestindo um belo terno azul-marinho, mas há um ar inconfundível ao seu redor. Uma aspereza e talvez até um pouco de perigo. Ele não me parece um simples motorista, mesmo que esteja trabalhando como tal desde que me lembro.

— Sim, tudo bem, — murmuro.

Quando ele olha de volta para a estrada, pego o meu caderno violeta e abro uma página em branco, uma que segue o esboço em que eu estava trabalhando de uma blusa com lindas mangas balão. Pegando uma caneta, começo minha carta com *Querido Massimo*, como de costume. Não é que ele seja ‘querido’ para mim ou algo assim, é apenas uma maneira comum de começar cartas, eu acho, e até agora eu enderecei todas elas dessa forma.

Passo pelo menos dez minutos descrevendo os detalhes intrincados da blusa - começando com as dificuldades de acertar o molde, depois as complexidades dos punhos e do botão oculto nas costas. Depois disso, passo a divagar sobre os

tecidos que estou considerando para quando for costurá-la, listando os prós e os contras de cada um.

Depois, contei a Massimo sobre o churrasco que papai fez no início da semana, com a presença da maioria dos membros da *Famiglia*. Foi um grande evento. Escrevo dois parágrafos descrevendo os trajes, bem como as fofocas que ouvi nos quinze minutos que passei entre os participantes.

Quando as palavras caem no papel, começo a me sentir melhor, mas a situação com Kenneth ainda pesa em minha mente. Abalada pelo encontro, e sem querer realmente despejar outra pilha dos meus problemas aos pés do meu meio-irmão, acrescento algumas frases breves sobre o que aconteceu. Não entro em muitos detalhes e termino chamando Kenneth Harris de idiota que merece um chute no traseiro.

Eu assino a carta como sempre faço - *Zahara*.

Gosto do meu nome completo, mas, além dos meus professores, ninguém me chama por ele. Sou sempre Zara para todos ao meu redor. Quando eu era pequena, não conseguia pronunciar Zahara. Eu tropeçava nas sílabas e acabava dizendo ‘Zara’ em vez disso. Isso pegou. Adoro meu nome, mas, a essa altura, parecer bobagem pedir a todos que me chamem de Zahara. Portanto, não me incomodo.

— Peppe. — Bato no ombro do motorista — Preciso fazer uma parada rápida no correio.

***

Quando chegamos em casa, a chuva está caindo torrencialmente. Não espero que Peppe abra a porta, simplesmente saio correndo do carro e atravesso a entrada da garagem até à entrada da frente. Acho que ele não notou minha manga rasgada e

quero que continue assim. Se ele contar ao meu pai, serei abordada e não terei outra opção a não ser dar uma explicação. E não estou com disposição para inventar mais desculpas hoje.

Correndo para dentro de casa, encharcada pela minha curta corrida durante a chuva, meus olhos caem sobre uma pilha de correspondência na antiga mesa de console no hall de entrada. Papai não deve estar em casa. Ele sempre leva a correspondência diretamente para o escritório quando chega. Ao passar por ela, noto um envelope branco de aparência incomum entre as contas de luz e os convites coloridos. Ele tem uma etiqueta impressa de algum tipo no canto superior esquerdo.

Puxo o envelope para dar uma olhada melhor e quase o deixo cair. Ele está endereçado a mim. E na etiqueta de devolução está o nome da penitenciária onde meu meio-irmão está cumprindo sua pena.

Olhando em volta para ter certeza de que ninguém me viu, subo correndo as escadas, diretamente para o meu quarto. Ninguém sabe que estou escrevendo para Massimo, a não ser nossa empregada, Iris. E eu prefiro que continue assim.

Algo me diz que papai não ficaria satisfeito se descobrisse sobre minhas cartas. Sempre que ele menciona o nome do meu meio-irmão, há um tom estranho em sua voz. É sutil, mas parece que seu tom carrega um pouco de animosidade. Contra meu meio-irmão? Com a situação? Seja qual for a causa, isso o deixa irritado, e temo que ele me proibiria de escrever para Massimo se soubesse.

Fecho a porta, recosto-me em sua superfície sólida e respiro fundo. A empolgação brilha no meu peito e minhas mãos tremem quando abro o envelope. Será que Massimo realmente respondeu? O que ele pode ter dito? Será que ele perguntou como estamos indo? Ou, talvez, ele tenha me contado como é sua vida na prisão.

Quando finalmente consigo puxar as páginas dobradas para fora, aliso os vincos enquanto meus olhos percorrem o conteúdo. Duas páginas! Os dois lados de

cada folha estão cheios de gráficos e fórmulas, e anotações aleatórias em uma caligrafia masculina bem cuidada estão espremidas entre elas.

Demoro um minuto inteiro para perceber o que estou vendo.

Uma visão geral das equações lineares - explicações precisas de aspectos específicos, como o que são e como funcionam, além de exemplos.

Um pequeno sorriso se desenha em meus lábios. Na semana passada, em minha carta para Massimo, entre as bobagens aleatórias do dia a dia, mencionei que estava aprendendo sobre equações lineares em minha aula de Álgebra. E que, pela minha vida, eu não conseguia entender o conceito.

Afinal, acho que ele tem lido minhas cartas.




## *Instituição correcional de segurança máxima, subúrbio de Boston*

— Spada. Tem correspondência.

Levanto a cabeça, olhando para o agente penitenciário que atravessa o pátio em minha direção.

— Dê uma volta, — digo ao meu colega que está sentado atrás de mim no banco de levantamento de peso.

O zumbido da pistola de tatuagem em minha omoplata esquerda para e, um momento depois, ouço o artista se afastar. Ele é um cara um tanto arisco, mas sabe o que faz.

Estendendo a mão, pego o envelope da mão estendida do agente. — Como está seu primo encrenqueiro, Sam?

— Bem. Ele ainda está em reabilitação, mas deve ter alta na próxima semana. — O guarda dá uma olhada por cima do ombro. — Obrigado, — ele sussurra quando volta sua atenção para mim.

— Apenas certifique-se de que ele fique longe do território da Tríade quando for liberado. Os chineses estavam muito ansiosos para lhe dar uma lição por negociar em seu território.

— Eu sei. Obrigado por falar bem dele, Sr. Spada.

Aceno com a cabeça. — Você se certificou de que ninguém mexeu na minha correspondência?

— É claro que sim. Todos sabem que suas coisas estão fora dos limites. Precisa

de mais alguma coisa?

— Não. Você está livre para ir, Sam.

Espero o agente penitenciário sair para abrir o envelope e retirar o papel dobrado. Outra carta da minha meia-irmã. Eu nunca admitiria isso para ninguém, mas receber a correspondência dela trouxe uma diversão inesperada para o marasmo da minha vida atual, mesmo que, na maioria das vezes, elas não contenham nada mais do que as divagações de uma adolescente.

Até alguns dias atrás, nunca me preocupei em responder. Eu tinha coisas mais importantes para fazer do que discutir os últimos filmes que eu não tinha visto ou os padrões de costura da minha meia-irmã. E não poderia me importar menos com a finalidade das margens de costura. Eu estava muito ocupado fazendo e fortalecendo conexões com facções da máfia por meio das pessoas encarceradas comigo, esquivando-me de ataques furtivos dentro da penitenciária de segurança máxima e tentando não ser morto sempre que dava as costas ou fechava os olhos por um minuto.

Na semana passada, no entanto, metade da sua maldita carta era um discurso sobre equações lineares. Quando dei por mim, estava me perguntando por que havia passado duas horas do meu tempo escrevendo explicações de problemas de matemática para o meu pequeno incômodo. Já se passaram anos, mas eu ainda me lembrava dessa merda. Aprender sempre foi fácil para mim, independentemente do assunto. Meu orientador do ensino médio até tentou convencer meu pai de que eu deveria fazer Direito em Harvard como objetivo de pós-graduação. Eu ri pra caralho quando ouvi isso.

Parece que a costura é, mais uma vez, o principal tópico da retórica da minha meia-irmã, porque há quase uma página inteira sobre uma porcaria chamada *viés* e *costuras embutidas*. Balanço a cabeça ao tentar processar essa porcaria.

À medida que continuo lendo, o próximo parágrafo chama mais minha atenção. Depois de citar alguns dos convidados da festa de churrasco de Nuncio e

descrever vividamente seus trajes, Zahara incluiu algumas observações sobre coisas que ouviu. Uma delas, em particular, despertou meu interesse: uma reunião entre Nuncio e um corretor de imóveis. Um encontro que Nuncio não mencionou quando veio me ver na quinta-feira passada.

Bato na borda da carta com a ponta do meu dedo enquanto pondero sobre esse fato. As ligações secretas com Salvo me fornecem as informações de que preciso sobre assuntos da Cosa Nostra, bem como atualizações sobre negócios, mas ele não está perto o suficiente do Don para me informar sobre o que acontece dentro da casa de Nuncio. As informações de Peppe são mais valiosas nesse aspecto, mas, como motorista, seu acesso é limitado aos aposentos dos funcionários e à cozinha. Ele não pode me dizer o que está acontecendo na parte principal da casa ou durante as festas que Nuncio tanto gosta de dar. Esse tipo de informação seria muito, *muito* valiosa, mas nunca houve uma maneira de obtê-la.

Olho para a carta novamente. Talvez agora exista. Só preciso focar a tagarelice escrita da minha meia-irmã em uma direção mais útil.

Todos os escrúpulos e a moralidade que eu tinha antes de ser preso foram destruídos neste maldito inferno. Usar uma garota inocente como um trunfo para promover meus projetos não me incomoda nem um pouco. Pode funcionar. Só preciso dar a ela uma orientação sutil sobre o tipo de informação que ela deve incluir em suas cartas. Qualquer coisa, mesmo que remotamente ligada a meus assuntos menos que legais, precisa ficar fora da nossa correspondência.

Volto a me concentrar na carta para ler o último parágrafo.

São apenas algumas frases sobre um cara chamado Kenneth, um aluno do último ano da escola dela. Não há detalhes específicos sobre o que ele fez, e ela não parece incomodada, suas palavras são proferidas sem nem mesmo o nível de dramatização adolescente inspirado por equações lineares, mas posso ler sua angústia nas entrelinhas.

Depois de dois anos de suas cartas, já me familiarizei com as peculiaridades da

sua mente. Talvez eu não saiba como é minha meia-irmã, pois não a vejo desde que era bebê, mas tenho uma boa ideia de como ela pensa. Ela pode ter tentado me dizer que o que aconteceu ‘não foi nada demais’, mas tenho certeza de que foi. E, independentemente da falta de sentimentos familiares em relação a ela, não permitirei que ninguém venha atrás de um dos meus.

Dobro a carta, coloco-a no bolso e saio pelo pátio em direção a um grupo de detentos jogando cartas em uma laje de concreto.

— Kiril. — Levanto o queixo para o cara sem camisa sentado na cabeceira da mesa. Seu torso está coberto de tatuagens e ele tem um piercing na sobrancelha sobre o olho esquerdo. — Está perdendo de novo?

O búlgaro fixa seu olhar em mim, depois murmura algo em seu idioma nativo. O restante dos rapazes deixa cair as cartas e sai apressadamente. Sentando-me no lugar vazio à sua direita, entrelaço os dedos atrás da cabeça.

— Há algo errado com o trabalho, Spada?

— Não. — Balanço a cabeça, examinando o pátio em busca de possíveis delatores. — Seu problema será resolvido amanhã, como combinamos.

— Quero que seja doloroso.

— Sua preferência já foi anotada. Não se preocupe. Seu tio será tratado com o máximo cuidado.

— Muito bom. Fico lhe devendo uma.

Eu sorrio. — Você me deve muito mais do que ‘uma’. Do jeito que você continua, terei todos os membros problemáticos da sua família sob controle quando você sair.

Uma risada rouca sai do seu peito. — Como consegue, Spada? Você está preso aqui há quanto tempo, cinco anos? E consegue resolver as coisas do lado de fora como se estivesse lá pessoalmente.

— Quase onze, — eu digo. — Quanto a *como*... bem... lealdade, daqueles que

me conhecem. Dinheiro. Muito dinheiro. E contatos. Alguns favores. Mas, acima de tudo, medo. Esse é definitivamente o melhor motivador.

— Hum-hum. Lembre-me de não ficar do seu lado ruim. Nunca. — Ele me dá uma piscadela bem-humorada.

Um dos agentes penitenciários na torre de guarda sinaliza o fim do tempo de recreação, e os detentos começam a se dirigir à entrada do Bloco D - meu 'Lar, Doce Lar' por mais sete anos e meio. Alguns estão se isolando, andando sozinhos com a cabeça baixa, mas a maioria está reunida em grupos maiores. Mantendo-se em suas matilhas para proteção. Tentando não chamar a atenção dos guardas espalhados pelo pátio.

Às vezes, esse lugar realmente se parece com um zoológico.

— Preciso que você faça algo por mim, Kiril.

— Diga.

— Um idiota está assediando minha meia-irmã na escola. — Inclino a cabeça em sinal de saudação quando o líder de uma das gangues menores do meu quarteirão passa. — Preciso que mande um dos seus sobrinhos para conversar com o desgraçado. Faça isso e considerarei a dívida com seu tio totalmente paga.

— Feito. Qual é a intensidade que você deseja que o bate-papo tenha?

— Alguns ossos quebrados serão suficientes.

— Há alguma mensagem que você queira que meus rapazes transmitam?

— Sim. — Encontro o olhar de Kiril. — Da próxima vez que ele estiver a menos de seis metros de Zahara Veronese, estará comendo sua comida por um canudo. Para o resto da sua vida.

Kiril ergue a sobrancelha perfurada. — Não pensei que você se importasse com alguém a ponto de trocar favores por ela. Especialmente uma *meia-irmã*?

— Não dou a mínima para a garota. Mas preciso que ela se concentre em algo

mais importante do que os valentões da escola. Certifique-se de que isso seja feito. — Eu me afasto do banco. — É bom esse moleque achar a surra dele terapêutica.

# Capítulo 4

## Um ano depois

### *(Zahara, 15 anos)*




Uma batida suave na minha porta me tira do poço profundo e escuro que é a minha lição de casa de matemática. — Entre.

— Zara. — Iris, nossa empregada, dá uma espiada. — Estou interrompendo? Queria saber sua opinião sobre as cortinas que precisam ser trocadas na sala de estar.

Seu tom é sério, mas há um leve sorriso em seu rosto. Aquele que ela usa sempre que tem uma carta para mim.

Eu pulo da cama e corro para o outro lado do quarto.

— Claro. Entre. — Basicamente, a arrasto para dentro e fecho a porta. — Você está com ela?

— Sim. Eu a peguei assim que peguei a correspondência. — Ela tira o envelope dobrado do bolso e o entrega para mim. — Precisa que eu entregue sua resposta hoje?

— Ainda não tenho certeza.

— Ok. Estarei lá embaixo se precisar de mim.

Ela se vira para sair, mas eu agarro seu braço, impedindo-a. — Obrigada. Por tudo.

Iris é apenas dois anos mais velha do que eu. Ela tem trabalhado em tempo integral para nós desde que sua mãe - nossa cozinheira - ficou muito doente há alguns meses, e Iris acabou desistindo da escola. Mas, mesmo antes disso, parecia que ela estava sempre em nossa casa, muitas vezes ajudando as empregadas na limpeza ou trabalhando na cozinha com sua mãe. E, nos últimos três anos, Iris tem sido cúmplice do meu 'plano de correspondência'. Quando comecei a escrever para Massimo, foi ela quem me deu os selos postais. E agora, quando não posso fazer isso sozinha, ela envia as cartas para mim pelo correio. Ela também verifica diligentemente as correspondências recebidas todos os dias. Dessa forma, ela consegue retirar e esconder as respostas de Massimo antes que alguém tenha a chance de localizá-las na pilha.

Sou muito grata à Iris. Por ser minha aliada de confiança. Minha amiga. Especialmente porque não posso admitir para Nera sobre minha troca de cartas com nosso meio-irmão. Eu quero, e muitas vezes pensei em confessar, mas tenho muito medo de que ela entre em um modo de irmã superprotetora e conte ao papai. As preocupações de Nera comigo têm aumentado ultimamente, com ela me incomodando para contar tudo o que está acontecendo na escola e querendo saber se alguém está me incomodando. Eu a amo muito, mas vejo a tensão nela. Ela já carrega peso suficiente em seus ombros sem ter que se preocupar com os meus problemas também.

— Eu já lhe disse, não precisa me agradecer. — Iris sorri.

Eu aperto seu braço. — Como está sua mãe? Ela está se sentindo melhor?

— Não. Na verdade, não. — Seu rosto fica abatido. — O médico trocou seus remédios novamente, e nosso seguro não cobre os novos. Talvez eu precise encontrar um segundo emprego.

Cerro os dentes. A vida é tão injusta às vezes. O pai de Iris era um soldado da Cosa Nostra e, quando ele foi morto em serviço, a família compensou a mãe dela com dinheiro. Não que isso tenha sido muito bom para elas. Devido à sua

doença, a mãe de Iris não pode mais trabalhar, então papai contratou Iris como nossa empregada. Agora, Iris é a única responsável por cuidar da sua mãe e da sua montanha de contas.

— Espere aqui, — digo e corro para a penteadeira onde guardo minha caixa de joias. Pego uma das minhas pulseiras de punho e a levo até Iris. — É de ouro dezoito quilates. Espero que você consiga o suficiente para cobrir o custo dos remédios por alguns meses.

— Srta. Zara... — ela engasga, olhando para a pulseira. — Não. Seu pai lhe deu isso. Eu nunca poderia aceitar...

— Por favor. — Pego sua mão e coloco a bugiganga em sua palma. — Ninguém poderia salvar minha mãe, mas talvez os médicos possam salvar a sua. Além disso, eu odeio essa coisa maldita de qualquer maneira.

— Não. Não posso. — Ela tenta devolver a pulseira, mas eu apenas balanço a cabeça.

— Você pode. E vai. Espero que sua mãe melhore logo.

Iris funga e limpa o olho com a manga da camisa. — Obrigada.

— Esqueça isso.

Assim que ela sai, eu abro o envelope. Já se passaram semanas desde a última carta de Massimo. Como todas as anteriores, ela foi escrita em papel branco comum, com tinta azul comum.

Por alguns instantes, meus olhos absorvem o texto cursivo, admirando a maneira como Massimo faz com que cada palavra e letra pareçam tão perfeitas. Sempre me surpreendi com o fluxo belo e uniforme da sua escrita. Há uma uniformidade elegante em cada traço. Cada *A* maiúsculo tem a mesma pequena curva. Cada *T* é cruzado com uma linha horizontal idêntica que sempre parece ter um comprimento semelhante. Mas a minha favorita é a letra *Z* maiúscula. Afiada, escrita com ousadia, com um pequeno traço no meio.

Quando termino de me deliciar com sua caligrafia, começo a ler as palavras reais.

*Zahara,*

*Fico feliz que a escola esteja indo bem. A educação é o único investimento que não apresenta riscos. Ela nunca pode falhar e não pode ser tirada de você.*

*Fico feliz em saber que você gostou do almoço na casa de Brio com seu pai. É possível aprender muito com homens de negócios como eles, portanto, você deve considerar a possibilidade de se juntar a Nuncio em outras ocasiões como essa.*

*O novo projeto de renovação do Cassino Bay View parece muito promissor. Discuti os detalhes com Nuncio na semana passada, e parece que há muitas variáveis que precisam ser tratadas. Para um projeto de tal magnitude, é muito difícil estimar os custos finais. As coisas podem dar errado de duzentas maneiras diferentes. E isso seria ruim. Mas um gerente de projetos habilidoso pode lidar com o inesperado. Às vezes, no entanto, os erros podem ultrapassar as duzentas e uma possibilidades, e isso seria apenas uma coisa errada a mais. Tenho uma opinião muito forte sobre isso.*

*Se quiser saber mais sobre projetos semelhantes, visite o amigo do seu pai, Monet. Ele costumava ficar muito tempo no escritório de Nuncio. Talvez você já o tenha conhecido? O cara barbudo que geralmente está usando uma boina? Se ainda não, você pode encontrá-lo na Harrison Avenue, número 4195. Eu adoraria ouvir o que ele pensa sobre esse assunto.*

*Com relação à sua pergunta: Não. Definitivamente não há silêncio aqui durante a noite.*

*M.*

Como sempre, preciso ler a carta várias vezes para decodificá-la. Levei um

tempo para me acostumar com a maneira como ele formula suas solicitações - entrelaçando suas cartas com dicas sutis sobre o que ele precisa que eu faça. Um ano atrás, eu teria ficado boquiaberta com essa mensagem, completamente perplexa com o conteúdo. Agora não mais. Tenho muita prática.

Em uma de suas primeiras cartas, Massimo perguntou se eu tinha visto o filme *Missão: Impossível*. Ele disse que na prisão há muito pouca privacidade e que gostaria que as mensagens tivessem uma maneira de se autodestruir como no filme. Foi uma coisa estranha para ele mencionar, especialmente sem contexto, mas depois de assistir ao clássico de Tom Cruise, finalmente entendi que meu meio-irmão queria me escrever algo que ele não queria que os outros vissem.

Nas cartas que se seguiram, ele me recomendava outros filmes, nunca mencionando por que achava que eu gostaria deles, mas contando suas cenas favoritas. Eu os assistia, é claro, tentando descobrir o que ele estava tentando me dizer sem realmente soletrar as palavras.

Depois disso, Massimo me indicava mais cenas de filmes, ou passagens de livros, ou até mesmo eventos do mundo real, e eu vasculhava cada uma delas para entender o que ele estava sugerindo, acabando por compreender o que ele queria que eu fizesse. Decifrar suas palavras de código levava um pouco mais de tempo - às vezes, duas ou três letras e muita pesquisa no Google sobre referências antes que seu significado fosse compreendido. Mas isso aconteceu e, agora, é como se tivéssemos formado nosso próprio léxico.

Quando viro a última carta dele em minhas mãos, fico empolgada com cada pequena pista que ele escreveu. Sua criatividade nunca deixa de me surpreender.

Desta vez, ele quer que eu fique perto do meu pai e tente descobrir mais sobre o que ele discute com seus capos. Isso é bastante claro. E ele quer saber se as reformas no Cassino Bay View ultrapassaram duzentos mil dólares. Mas o resto? Sei lá.

Não me lembro de um homem de boina vindo à nossa casa. Na verdade, acho

que nunca vi nenhum homem - fora os militares da TV e os artistas descolados - usar uma boina na vida moderna. Pesquiso no Google o local que ele mencionou e descubro que ele não existe. A Harrison Avenue é uma antiga área industrial que está sendo transformada em um bairro da moda com casas de luxo, e tem pouco mais de mil endereços listados. Nada como o 4195 que Massimo indicou.

Depois de ler a parte desconcertante mais uma vez, escondo a carta embaixo da minha cama e desço as escadas.

Papai ainda não está em casa, e Nera está passando o dia na casa de Dania. A maior parte da equipe está ocupada pendurando as novas cortinas na sala de estar. Certificando-me de que eles não me notem, viro à esquerda no corredor da escada e entro no escritório do meu pai. Não tenho certeza do que Massimo estava querendo dizer, mas ele deve ter mencionado esse cômodo de propósito.

O escritório está vazio, como esperado. Não há caras barbudos à espreita, esperando que eu discuta o negócio da reforma de propriedades comerciais. Quando me viro para sair, meus olhos pousam na pintura na parede atrás da mesa de papai. É a representação de um homem cuja barba escura esconde a parte inferior do rosto. Ele está usando um casaco cinza. E uma boina preta. Aproximando-me hesitantemente da pintura, observo sua impressionante variedade de luz e cor, bem como a moldura ornamental que a envolve. No centro da borda inferior, há uma pequena placa.

*Autorretrato com Boina*

*Claude Monet*

— Olá, Sr. Monet, — bufo, depois começo a apalpar a moldura. No lado direito, encontro um pequeno botão. Aperto-o e o quadro se abre como uma bela porta para uma sala escondida, revelando o cofre escondido atrás dele.

Depois de olhar rapidamente por cima do ombro para ter certeza de que a porta do escritório ainda está fechada, digito no teclado o código de quatro dígitos que Massimo habilmente transmitiu em sua carta. Com um clique silencioso, o cofre

se abre.

Depois de ver cofres escondidos revelados em filmes, espero encontrar dinheiro, joias e outros itens dentro deles. Mas não é nada disso. Apenas um monte de pastas de arquivo, empilhadas e enchendo o interior quase até à capacidade máxima.

Não é de admirar que eu nunca tenha encontrado nada muito útil nas gavetas da escrivaninha. Parece que papai guarda toda a sua papelada aqui. Ou Massimo descobriu o código do cofre de alguma forma ou papai nunca se preocupou em trocá-lo.

Minhas mãos tremem enquanto folheio as pastas, tentando encontrar qualquer coisa relacionada às reformas do cassino. Por alguma razão, essa sensação é diferente da de mexer na escrivaninha de papai, e estou um pouco incomodada com o gosto que isso está deixando na minha boca. A questão é que sei que estou fazendo isso por uma boa causa.

A família tem desfrutado de prosperidade e de um fluxo constante de sucesso nos negócios na última década.

E *não é* graças ao meu pai.

Demorei um pouco para entender a verdadeira natureza das coisas e a posição de tudo e de *todos*. No início, achei que Massimo simplesmente queria ficar por dentro do que estava acontecendo por aqui. Mas, aos poucos, percebi que era muito mais do que apenas curiosidade. Papai pode ser o chefe oficial da Família Cosa Nostra de Boston, mas não é ele quem dá as ordens, nem sobre os negócios nem sobre os assuntos da Família.

É Massimo.

Talvez eu não tenha provas concretas disso, mas depois de analisar o comportamento do meu pai, isso está claro como o dia.

Mais de uma vez peguei meu pai mudando sua posição sobre um determinado

assunto depois de voltar da visita a Massimo. Também notei que ele se esquiva em vez de dar uma resposta direta sempre que lhe perguntam sua opinião sobre questões importantes de negócios.

Respostas vagas. Desvios. Desculpas inteligentes. *Que proposta incrível, Brio. Deixe-me pensar alguns dias sobre isso.* Ou, *Isso é muito preocupante, senhores. Vou dar uma olhada nisso.* Evitar, até que ele tenha a chance de visitar Massimo e receber orientação do seu enteado. Às vezes me pergunto se o meu pai realmente toma alguma decisão que deveria ser do Don.

Finalmente encontro a pasta que estou procurando e escaneio a pilha de papéis dentro dela.

Rascunhos. Recibos de materiais de reforma. Faturas da empresa que concluiu o trabalho, que por acaso é uma empresa familiar frequentemente usada para lavagem de dinheiro. Inteligente. Não apenas podemos listar os desembolsos como despesas comerciais no cassino, já que estamos pagando com dinheiro limpo, mas esse dinheiro é injetado na empresa de reforma para cobrir os custos inflacionados, e a empresa acaba lavando seus próprios fundos.

Não tenho certeza do que está motivando a insistência de Massimo em manter o gasto total da reforma abaixo de duzentos mil dólares, mas ele deve ter seus motivos.

Os números finais na última página parecem bons - apenas um pouco abaixo do orçamento por pelo menos de mil dólares. Ótimo. Coloco a pasta de volta no cofre e fecho a porta, depois coloco meu amigo, o Sr. Monet, de volta em seu lugar original. Esse não é o melhor momento para examinar cuidadosamente as outras pastas guardadas no cofre, mas farei isso em uma das noites em que nem papai nem a equipe de funcionários da casa estiverem por perto.

Essas pequenas missões secretas que estou fazendo para meu meio-irmão estão lentamente se transformando em uma grande aventura. Além da sua primeira resposta, na qual ele me explicou os meandros das equações lineares, todas as

suas cartas subsequentes continham perguntas ou solicitavam mais informações. E com isso, por mais de um ano, ele tem me usado como espiã.

E não me importo nem um pouco com isso.

Ao contrário da minha irmã, eu gosto do mundo da Cosa Nostra. A intriga. A sensação de perigo. Acordos secretos intermediados sob as luzes cintilantes de festas luxuosas. Festas que eu adoraria desfrutar, mas que geralmente acabo evitando porque simplesmente não me encaixo. Esse mundo é uma entidade própria - é um macrocosmo complexo e intrincado no qual apenas alguns poucos selecionados têm acesso. Como filha do Don, tecnicamente, eu já faço parte dele. Mas, na realidade, não faço.

Há um ano, eu estava em um momento bastante sombrio da minha vida, me sentindo totalmente inútil. E fraca. Sem poder. Mas agora, estou mais do que extasiada e cheia de satisfação por causa de tudo o que fiz por Massimo, tudo sem que ninguém soubesse. Não me sinto mais inútil. E certamente não me sinto impotente. Então, não, eu não dou a mínima para o fato de ele estar me usando aparentemente sem remorso, porque não me sinto usada. E estou gostando muito dos vislumbres que estou tendo do meu misterioso meio-irmão e dos seus métodos imorais. Não posso deixar de admirá-lo por seus métodos desonestos e manipuladores. A determinação e o puro espírito único necessários para conseguir o que ele conseguiu, especialmente considerando suas circunstâncias, são impressionantes.

Governando a família criminosa italiana de dentro dos muros da prisão.

Inacreditável.

Saio na ponta dos pés do escritório de papai e subo as escadas, correndo para escrever meu ‘relatório’. Talvez eu também pergunte a Massimo algo mais sobre ele. Algo que exigiria mais do que uma resposta de uma única frase. Talvez, apenas talvez, ele esteja disposto a compartilhar o que quer fazer quando finalmente estiver livre para sair pela porta da prisão.




*Zahara,*

*Fico feliz em saber que você conseguiu se conectar com o velho amigo de Nuncio. Ele sabe muitas coisas boas, então, que bom que você seguiu em frente, garota.*

*Fico feliz em saber que seus velhos hábitos não mudaram e que ele ainda está em seus locais conhecidos. Mas lembre-se de que a vizinhança dele nem sempre é segura, portanto, se for visitá-lo novamente, certifique-se de que seu horário seja bem coordenado. Eu ficaria preocupado se você fosse vê-lo e ele não estivesse lá.*

*Quanto à sua pergunta, nunca pensei muito sobre isso. Acho que tentaria encontrar um local onde só pudesse ver as árvores e o céu. Sem paredes. Nenhuma outra alma por perto. Apenas o silêncio. Eu me perderia olhando para esse espaço aberto por horas. E desfrutaria da paz.*

*Sabe, as pessoas tendem a ignorar as pequenas coisas do cotidiano, não percebendo seu valor até que elas sejam arrancadas. E não estou me referindo apenas às coisas materiais. Algo tão simples como poder dormir sem ouvir alguém perto de você mijando, por exemplo.*

*Mais tarde, eu encontraria um maldito bordel e transaria com todas as mulheres do local.*

*PS: O que diabos é 'entretela termocolante'?*

*M.*

Assino a carta e jogo o papel dobrado no armário de metal enferrujado ao lado da cama, com as frases finais ainda queimando em minha mente.

Sim, tenho um plano detalhado para cada passo que darei com relação aos negócios da família, mas nunca pensei no que farei por mim quando finalmente sair desta espelunca. Nem sequer pensei nisso até agora, ao responder à pergunta da minha meia-irmã.

Sim, transar parece muito bom.

Se sinto falta de sexo? Claro que sinto. Mas a falta disso não me incomoda tanto quanto provavelmente deveria. De manhã, eu me masturbo e isso nada mais é do que atender às necessidades biológicas do meu corpo antes de continuar com o meu dia. Não penso em mulheres de forma alguma. Toda a minha energia mental é direcionada ao meu objetivo principal - garantir que a *Famiglia de Boston* esteja indo na direção que eu quero. Nada mais importa. Não penso em mais nada. Não me preocupo com mais nada. É como se minha existência - não posso realmente chamar *isso* de vida - dependesse do cumprimento desse objetivo. Um psiquiatra, se eu me importasse com a opinião de um idiota super instruído, provavelmente me diria que esse tipo de foco único não é normal, nem saudável, aliás. Ainda bem que eu não perguntei. *Minha maneira de agir* é a única coisa que me permite sobreviver.

Minha vida, como era, parou no momento em que o maldito juiz Collins proferiu sua sentença.

***Caramba, você é tão dramático,*** zomba a voz irritante no fundo da minha mente.

Aperto a ponte do meu nariz, desejando que o idiota irritante vá embora.

Há cerca de uma década, fui presenteado com minha primeira viagem prolongada com tudo incluído para a solitária. Depois de uma semana no buraco, devo ter surtado. Entediado, comecei a falar comigo mesmo. O eco da tinta descascada das paredes fazia parecer que outra pessoa estava ali comigo. Foi quando esse maldito apareceu para participar do animado debate que eu estava tendo.

Não, não desenvolvi subitamente uma personalidade dividida. Eu apenas

imaginava o que meu alter ego diria se tivesse voz e fui levando isso adiante, preenchendo os dois lados da conversa para passar o tempo. Eu gostava do idiota. Ele ainda era eu - obviamente - mas com menos preocupações com a maioria das coisas. Era libertador, de certa forma. Então, fiquei pensando em como poderia ter evitado a briga que me jogou naquele buraco fedorento em primeiro lugar. Quando voltei para minha cela, imaginei que o idiota teria ido embora para qualquer canto escuro da minha massa cinzenta de onde ele tivesse saído.

Não foi o caso.

***Exatamente. Você está preso a mim. Para sempre.***

*Jesus. Desapareça!*

O toque estridente da campainha quebra o silêncio relativo, sinalizando a hora do almoço. Espero a porta da cela deslizar para o lado e saio, enquanto meu companheiro de beliche, um garoto magro de vinte e poucos anos, continua descansando na cama de cima. Ele foi preso por matar quatro pessoas no meio da quadra da sua faculdade e, apesar de sermos companheiros de cela há mais de três meses, ele ainda não teve coragem de falar comigo. Em vez disso, ele simplesmente faz o possível para ficar fora do meu caminho. No dia em que chegou, houve uma briga no refeitório e ele me viu tentando arrancar o olho de um detento usando um recipiente de iogurte vazio. Isso parece tê-lo assustado.

Ou talvez tenham sido as minhas frequentes conversas vocais não tão amigáveis com o chato que vive sem pagar aluguel dentro da minha cabeça que fizeram isso acontecer.

***Até parece.***

*Vá se danar!*

Não é que essa briga tenha sido algo incomum. Esse tipo de coisa acontece pelo menos uma vez por semana, seja no pátio ou no refeitório. Na maioria das vezes,

os guardas nem se envolvem. Com tantos filhos da puta malucos em um só lugar, é mais seguro e mais simples deixar que os prisioneiros resolvam seus próprios problemas do que os agentes penitenciários intervirem para separá-los. Este lugar segue um conjunto de leis ligeiramente diferente do que decreta o bom e velho Tio Sam. Portanto, a menos que a briga atinja proporções épicas, os guardas ignoram em grande parte o que está acontecendo. Mas, quando a merda começa a acontecer, eles simplesmente jogam spray de pimenta nos culpados. Chamamos isso de 'jantar e um show'. Eu gosto bastante do entretenimento.

No refeitório, a fila principal para a refeição já está formada. Normalmente, a sala fervilha com uma infinidade de conversas simultâneas ou caras gritando uns sobre os outros, mas não hoje. A maioria dos homens está se aproximando da comida em silêncio ou já está sentado e comendo sem dizer uma palavra. A atmosfera parece carregada.

— Estava procurando por você, — Kiril murmura enquanto se aproxima de mim, já segurando sua bandeja de almoço. — Temos novos integrantes.

— Eu deveria ter adivinhado. Quem?

— O presidente da gangue de motoqueiros Chelsea e seu segundo em comando. Assalto à mão armada, e eles mataram dois policiais. — Ele acena para os dois caras corpulentos que estão no canto, olhando para mim do outro lado do corredor. — Quer que eu lhe arranje uma arma?

— Não é necessário. — Bato em seu punho com o meu em agradecimento e me dirijo à fila da comida, mantendo os olhos nos recém-chegados.

A sobrevivência atrás das grades não é diferente da sobrevivência em uma selva. Os animais locais são segregados em matilhas. Há pequenas e algumas facções maiores, cada uma governada por seu próprio líder, todas lutando constantemente para manter seu lugar na cadeia alimentar. O lugar de cada um na hierarquia geralmente é definido logo após sua chegada e depende de suas conexões, capacidades e simplesmente do quanto o filho da mãe é mau. De

tempos em tempos, um peixe novo ou um idiota que se acha o maioral, decide desafiar o predador supremo e reivindicar o assento do poder para si. Mal sabem eles que, neste buraco de merda, eu não sou apenas o alfa, sou o rei da selva.

Enquanto levo minha comida para a mesa perto da janela estreita, os dois caras motoqueiros vêm em minha direção. O mais alto, com a cabeça careca, mas com a barba cheia, tira um pequeno canivete da manga.

— Você é o Spada? — Pergunta o cara mais baixo quando eles chegam até mim, sufocando-me com seu mau hálito e revelando alguns dentes faltando. Seu amigo está ao lado dele, segurando sua arma.

Coloco a bandeja sobre a mesa e sorrio. — Você não estaria perguntando se já não soubesse.

Ele estreita os olhos e faz um aceno de cabeça quase imperceptível. O cara barbudo se aproxima, mirando em meu rim.

Agarro o antebraço de ‘Harry’ e bato sua mão na mesa, fazendo o idiota uivar de dor quando seu pulso se choca com a borda de metal. Com a mão livre, pego a bandeja e a bato contra o rosto do ‘Baixinho’, fazendo com que feijões e macarrão voem por toda parte. Um soco no plexo solar do presidente do MC faz com que o maldito boca-suja siga atrás do meu almoço até cair de costas a alguns metros de distância, permitindo que eu me concentre em seu companheiro barbudo, que ainda está segurando a lâmina.

Eu o golpeio, mirando em sua cabeça, mas o canalha se move e me golpeia, pegando meu antebraço com a faca. Praguejando, agarro seu pulso com uma mão e sua barba com a outra, depois bato sua cabeça em meu joelho levantado. O sangue explode do seu nariz e escorre para o chão de concreto, bem ao lado de onde ele deixou cair a lâmina.

Alguém me agarra por trás para me puxar, mas eu coloco minha cabeça para trás, meu crânio se chocando contra o do filho da puta, e chuto a canela do motociclista. Os gritos vêm de todas as direções enquanto a briga consome o

refeitório. Não é preciso muito para atrair essa multidão para a briga, e a comida, as bandejas e os talheres de plástico voam por cima.

‘Harry’ me ataca, mais uma vez segurando sua lâmina. Eu chuto sua mão e agarro a parte da frente da sua camisa, fazendo-o voar para o outro lado da sala, onde ele cai de cabeça em uma das mesas e permanece no chão, imóvel. Quando me viro, procurando por seu amigo, encontro Kiril apertando o pescoço do idiota com seu punho enorme. Os pés do ‘Baixinho’ estão pendurados no ar, enquanto o búlgaro dá um tapa no rosto do líder da gangue de motoqueiros com sua mão livre.

— Eu fui um menino mau, — diz Kiril, com seu jeito descontraído como sempre, e depois dá mais um tapa no rosto do homem. — E não farei isso de novo. *Diga*.

A dor explode em meu ombro. Eu me viro e dou uma cabeçada em meu novo agressor. O desgraçado tentou enterrar uma faca descartável em mim. Estava apenas batendo no rosto do idiota quando os alarmes explodiram nos alto-falantes superiores, acompanhados de um jato de névoa branca. Fecho os olhos ardentes, envio meu punho cegamente e o sinto se conectar com o tecido mole pouco antes de sucumbir a um ataque de tosse.

Malditos agentes penitenciários e seus sprays de pimenta.

# Capítulo 5

## Um ano depois

### *(Zahara, 16 anos)*




As notas suaves de uma melodia clássica atravessam o jardim, misturando-se com a conversa e o riso de dezenas de convidados que se relacionam nas mesas. A cerejeira que cobre a pequena plataforma onde o quarteto de cordas está tocando está em plena floração, mas não há sequer uma sugestão do seu doce aroma no ar. Em vez disso, o perfume e a fumaça de charuto inundam a área, abafando todo o resto e fazendo minhas narinas coçarem e arderem. Como sempre faz, papai insistiu para que eu participasse do seu coquetel anual de primavera. Como se não houvesse outra ocasião no próximo mês.

E no seguinte.

É um mal necessário, eu acho. Um grande número de acordos comerciais é realizado nessas festas. Atmosfera descontraída, comida chique, vinho caro... Tudo isso torna as pessoas mais suscetíveis, muito mais fáceis de convencer a fazer um acordo que talvez não estivessem tão inclinadas a aceitar em um ambiente de negócios mais rígido.

Puxando a manga do meu vestido para baixo, coloco-o sobre o pulso e continuo observando mulheres elegantemente vestidas conversando e flertando com homens confiantes e influentes. Vestidos vermelhos. Dourados. Rosa-framboesa. Curtos. Longos, com fendas na altura da coxa. Todos foram escolhidos para

chamar a atenção.

Estou com uma inveja danada.

Muitas vezes, sonhei em usar um vestido como o que estou vendo aqui. Há uma pilha de esboços de lindos vestidos com costas abertas e decotes baixos escondidos embaixo da minha cama. De vez em quando, eu os tiro de lá e imagino os tecidos que melhor se adaptariam a cada modelo. Fantasias agridoces, porque eu nunca faria esses vestidos para mim. Não tenho coragem de usá-los.

As pessoas que me olham fixamente e sussurram palavras que acham que eu não consigo ouvir sempre me afetam. É sufocante. Não consigo lidar com isso, então tento ficar longe de qualquer tipo de atenção. Permaneço invisível para todos ao redor. Até mesmo para o garçom com uma bandeja de bebidas que passa por mim sem me oferecer uma bebida. Felizmente, essa invisibilidade tem alguns benefícios.

Com os olhos baixos, saio do meu esconderijo perto da parede e me perco em meio à multidão no jardim.

— É verdade que Donatello está se casando novamente? — Uma mulher pergunta ao seu acompanhante enquanto passo por ela.

*Isso é verdade.* Também é uma notícia antiga. Eu me afasto do casal e vou em direção à borda direita do gramado, onde vi Brio - um dos capos do meu pai - e sua esposa. Brio administra os cassinos da Cosa Nostra e, pelo que percebi ao escutar a reunião que ele teve com meu pai na semana passada, houve alguns problemas nesse negócio. Demorando-me na mesa de *hors d'oeuvres* logo atrás deles, finjo estar cativada pela seleção e carrego um pequeno prato enquanto ouço a conversa sussurrada deles.

— O Don não vai ceder, — diz Brio em voz baixa. — Podemos ganhar um monte de dinheiro, mas Nuncio não quis nem ouvir falar disso. Quem diabos se importa se os jogadores querem dar umas cheiradas aqui e ali? Isso só os deixará

mais dispostos a gastar o dinheiro deles.

Levanto uma sobrancelha. Brio parece que ainda está empenhado em levar cocaína para nossos cassinos. Interessante. Fico esperando para ver se ele vai dizer mais alguma coisa, mas outro homem se aproxima e a conversa muda para o último jogo de futebol. Que pena. Abandonando o meu prato e pegando um copo de água mineral, vou para o outro lado do jardim.

Além dos membros do alto escalão da Família, há também um número razoável de pessoas que não são da Cosa Nostra presentes aqui. Alguns funcionários do governo, a maioria dos quais está na folha de pagamento da máfia. Um punhado de celebridades da lista B. Advogados, muitos deles. Além de CEOs e grandes acionistas de várias grandes corporações. Todos eles, de alguma forma, estão ligados à Cosa Nostra, seja por meio de negócios ou subornos.

Vejo um homem de smoking preto mastigando um coquetel de camarão e o reconheço como um cirurgião cardíaco que acumulou uma dívida enorme nas mesas de blackjack no ano passado. O Conselho - composto pelos chefes e principais investidores do meu pai, e liderado pelo Don - decidiu perdoar a dívida em troca dos seus serviços. Agora, ele está à disposição da Cosa Nostra. Por tempo indeterminado.

Quando meu pai implementou essa política de ‘recrutar’ indivíduos proeminentes, limpando suas dívidas de jogo, houve um clamor de proporções épicas dentro da Família. *Perdoar milhares de dólares de dívidas? Um sacrilégio!* Mas quando o primo de Brio levou um tiro no ombro durante uma briga estúpida de bêbados, adivinhe quem salvou o dia? O cirurgião cardíaco. Ele remendou o idiota e o encheu de remédios por meio de uma intravenosa na sala dos fundos do bar. Sem papelada. Nenhuma pergunta foi feita. Sem problemas.

Os opositores calaram a boca rapidamente quando perceberam como era conveniente ter uma infinidade de pessoas úteis em seus bolsos. O retorno sobre

o investimento dessa política tem sido bom, com os benefícios superando em muito a perda de receita com as dívidas não pagas. O Don foi então considerado como uma espécie de vanguarda. Ninguém suspeitava que o cérebro por trás disso e de todas as outras decisões comerciais lucrativas em mais de uma década estava preso em uma prisão de segurança máxima e lá esteve o tempo todo.

Continuo a me movimentar entre os convidados, captando trechos de suas conversas silenciosas e guardando na memória tudo o que pode ser relevante. Em sua última carta, Massimo pediu que eu ficasse de olho no segundo subchefe do meu pai, Batista Leone. O subchefe ainda não chegou, o que é estranho. Normalmente, o bastardo lambe-botas fica colado ao quadril de papai nesses tipos de eventos.

Enquanto observo o jardim, meus olhos se fixam em um homem com um terno cinza-metálico, parado ao lado, conversando com uma senhora usando um vestido de coquetel dourado. Ele tem trinta e poucos anos, cabelo castanho-escuro que se enrola um pouco na nuca. Salvo Canali. Sua família é uma das mais antigas e respeitadas da Cosa Nostra de Boston, por isso não foi uma surpresa quando ele foi promovido a capo há alguns anos. Por ordem de Massimo, tenho certeza. Pelo que percebi, Salvo e Massimo são melhores amigos desde os tempos de escola.

Na verdade, é muito difícil encontrar qualquer informação sobre meu meio-irmão. As pessoas raramente o mencionam, quase como se ele tivesse sido esquecido completamente. Como se ele nunca tivesse existido. Mas se elas soubessem...

Outra mulher se aproxima do casal e beija o rosto de Salvo. Ele sempre foi popular com as mulheres e tem uma mulher diferente em seu braço em cada festa. Isso me faz pensar por que ele ainda não se casou. Os homens da Cosa Nostra geralmente se casam jovens, e Salvo já tem trinta e três anos. A mesma idade de Massimo.

Quantos anos Massimo terá quando for libertado da prisão? Cerca de quarenta anos, se eu tiver calculado corretamente. Ele provavelmente se casará assim que assumir o controle da família. Meu estômago se revira e uma pressão aperta meu peito no instante em que me dou conta disso.

— Zara, minha querida. — A voz do meu pai soa atrás de mim, fazendo-me pular.

Eu engulo e me viro. — Hum... oi, papai.

— Fico feliz que você tenha visto a razão e decidido descer. — Ele dá tapinhas nas minhas costas, como se estivesse elogiando um cão obediente. — Que noite agradável, não é?

— Sim.

— Fico feliz que esteja se divertindo, querida. É imprescindível ser vista. Conhecer as pessoas que são importantes para a *Famiglia*. Em breve, sua irmã se casará com um desses homens simpáticos. E então, será sua vez.

Não consigo conter um estremecimento. Ele já está planejando nos casar. Infelizmente, isso não é incomum. A maioria dos casamentos dentro da Cosa Nostra é arranjada para fortalecer alianças ou para garantir uma fusão comercial favorável. Mas eu mal tenho dezesseis anos e Nera acabou de fazer dezoito, pelo amor de Deus.

— Não se preocupe. — Papai dá um tapinha no meu ombro novamente, obviamente confundindo meu desgosto com ansiedade. — Vou me certificar de que encontraremos um parceiro doce e gentil para você quando chegar a hora. Talvez o Ruggero. Vocês dois seriam uma boa combinação.

Meu olhar segue o de papai até um grupo de homens reunidos no palco onde os músicos estão tocando. Ruggero, o filho mais novo do Capo Primo, está curvado, limpando o nariz com um daqueles lenços que ninguém usa desde o século passado. Seu terno marrom está pendurado em sua estrutura baixa e

frondosa. Com seus óculos marrons de armação grossa e cabelos rebeldes que ele tentou arrumar com muito gel, Ruggero parece um fugitivo de uma casa de repouso que está invadindo a festa de Natal de alguém. E pensar que o cara não tem nem vinte anos.

— Eu discordo, — murmuro.

— Por quê? Ele provavelmente assumirá o cargo de Primo em algum momento. Ruggero tem se esforçado muito para aprender com seu pai todos os meandros da lavagem adequada de dinheiro. Além disso, ele tem um temperamento muito suave. Você não terá nada com que se preocupar ao estar com ele, Zara.

Nunca senti a necessidade de violência, mas agora, ao observar o olhar gentilmente condescendente no rosto do meu pai, a vontade de socá-lo me domina. Como é possível que ele ainda não me entenda? Sua própria filha. O fato de eu preferir ficar de fora não significa que eu seja uma fraca ou que tenha pavor das pessoas. Ele jamais compreenderia a força e a determinação necessárias para me obrigar a ir à escola todas as manhãs, para suportar as provocações incessantes e as piadas de mau gosto e para ignorar os valentões rancorosos.

Pelo menos aquele canalha do Kenneth Harris se formou, então agora não preciso mais ver sua cara feia todos os dias. Sou grata por ele ter ficado longe de mim depois do incidente em que arrancou minha manga. Talvez o acidente de carro em que ele se envolveu alguns dias depois tenha lhe dado um pouco de decência humana. Ele passou quase um mês no hospital e, quando voltou para a escola, estava com os dois braços engessados.

— Acho que você deveria voltar para seus convidados, — eu digo.

— Tem razão. — Papai sorri. — Tente se divertir. Mas nada de álcool. Não podemos permitir que a filha do Don seja vista se comportando de forma inadequada. — Ele se vira para sair, mas para e enfia a mão no bolso do paletó. — Quase me esqueci. Vi isso hoje e achei que você ia gostar. Comprei um igual

para sua irmã também.

Uma sensação incômoda de formigamento se instala em meu nariz enquanto olho para a delicada pulseira de corrente de ouro na palma da mão do meu pai. Um pequeno amuleto em estilo vintage com um rubi no centro está pendurado em um dos elos.

— É da última coleção. Achei que você gostaria do design retrô.

— É adorável, — eu digo, com a voz embargada.

— Fico feliz em ouvir isso. — Sorrindo, ele me entrega a pulseira e beija minha têmpora. — Agora, vá se misturar e mostre-lhes como uma dama bem-educada se comporta.

A multidão se aproxima do meu pai enquanto ele caminha pelo gramado. As pessoas se aglomeram em torno dele, esperando trocar algumas palavras com o Don ou apenas para serem vistas ao seu lado. Seu carisma sempre presente e o poder da sua posição as atraem como um farol. Ele sempre tem uma ou duas piadas na manga. Um elogio perfeito para uma dama, um aceno de aprovação para um homem, um sorriso radiante para qualquer um que busque sua atenção.

Não há silêncios incômodos com Núncio Veronese porque ele sempre tem as palavras certas para manter a conversa fluindo. Ele se lembra das datas de aniversário de cada membro da Cosa Nostra e nunca se esqueceu de enviar um cartão ou buquê de bom gosto para mostrar que se importa. Como alguém pode duvidar da sua natureza atenciosa? Ele realmente é o homem perfeito para o papel que vem desempenhando há mais de dez anos, um papel que, obviamente, aprecia de todo o coração.

Minha mão se fecha em torno da pulseira com tanta força que o pingente provavelmente deixará uma marca em minha pele. É uma pena que, ao manter a aparência perfeita de um líder benevolente, em algum momento, o grande Núncio Veronese tenha se esquecido da sua outra função. Ser um pai amoroso para suas filhas, e não simplesmente agir como tal em nome da sua imagem.

Talvez então ele se lembrasse de que eu não posso usar a maioria das joias que sempre cobicei. E certamente nenhuma que ele compre para mim.

Certa vez, perguntei à minha irmã se nosso pai nos ama, e sua resposta ainda ressoa em meus ouvidos. *É claro que ele nos ama*, disse ela. *Mas acho que ele ama mais a Família.* Nera sempre foi mais adaptável do que eu, e parece ter aceitado essa situação como ela é. Bem, eu não posso. Não há níveis incrementais no amor. Não há meio termo. Ou você ama uma pessoa e está disposto a fazer qualquer coisa por ela. Ou você não a ama.

Portanto, não sinto nem um pingo de arrependimento ou vergonha enquanto sigo meu pai, capturando pedaços das conversas dos convidados ao longo do caminho. Pego um sussurro aqui, uma proclamação feita em voz baixa ali. Coletando as informações que vou transmitir em minha carta para Massimo amanhã de manhã.

No passado, eu temia participar desses tipos de eventos e fazia de tudo para evitá-los. Agora não mais. Eu nunca admitiria isso para ninguém, mas hoje em dia, eu realmente gosto das festas do meu pai. Para a maioria das pessoas daqui, sou invisível e elas não fazem ideia do impacto que tenho em suas vidas. É verdade que é indireto e dificilmente altera vidas. Mas ainda assim, isso me faz sentir como se eu finalmente fizesse parte deste mundo. *Do meu mundo.* Há muito tempo eu queria ser aceita nele, mas nunca tive coragem de tentar fazer isso acontecer.

Até que Massimo me mostrou o caminho.

Mantenho esse sentimento de realização e propósito perto do meu coração, deixando-o tomar conta de mim enquanto me movo entre os convidados, memorizando cada detalhe que ele possa achar útil.

Batista Leone chegou e está ao lado de papai ao lado do quarteto de cordas, falando em voz baixa à sombra de uma cerejeira. Com base no endurecimento da mandíbula do meu pai e em sua testa franzida, o que quer que eles estejam

discutindo deve ser sério. Faço um círculo até ao outro lado do palco e paro logo atrás do violoncelista. A música de fundo é sofisticada e elegante, mas está um pouco alta demais, e tenho de me concentrar para ouvir o que meu pai e o subchefe estão dizendo.

— Brio tem razão, — diz Leone enquanto toma um longo gole do seu uísque, fazendo um som horrível como se estivesse engolindo sopa. Eu me encolho, enojada com a falta de decoro do homem. — Oferecer cocaína nos cassinos traria dezenas de clientes novos e que pagam bem a cada mês. Por que não integrar esses dois negócios muito lucrativos sob o mesmo guarda-chuva?

— Porque os membros da Família estão listados como parte do grupo proprietário, Batista. Se a DEA souber disso, todos nós seremos presos.

— Poderíamos oferecer o produto somente a clientes selecionados, aqueles que provaram ser confiáveis. Fazer isso por baixo dos panos, por assim dizer. — Leone se volta para o meu pai, e sou forçada a me aproximar para não perder o resto do seu comentário. — Apenas algumas transações aqui e ali.

— E se alguém falar? A notícia se espalha rapidamente, você sabe disso.

— Podemos oferecer preços reduzidos, desde que eles mantenham a boca fechada. Com isso, basicamente, não há risco. Pense nisso, Nuncio.

Meu pai olha para sua bebida, contemplando a ideia e, depois de alguns segundos de tensão, ele acena com a cabeça tão levemente que mal dá para perceber.

Balanço a cabeça. Ele não pode estar realmente pensando nisso, certo?

Dois outros homens se juntam ao meu pai e a Leone, e cada um deles acende um charuto fedorento em meio a risadas estridentes. Dou um passo para trás. Mantendo-me na borda do gramado, vou em direção à casa, longe da fumaça e dos esquemas dos comparsas da Cosa Nostra.

Quando chego ao meu quarto, tomo um banho rápido e tiro a caixa com as cartas

de Massimo de debaixo da cama. Meu tesouro. Há quase cinquenta envelopes brancos simples dentro dela, então tive que mudar o esconderijo do meu armário para um baú de madeira velho e rústico - enfiado o mais longe possível embaixo da cama - para mantê-las seguras. Todas estão cuidadosamente classificadas na ordem em que as recebi.

Em minha última carta para Massimo, pedi a ele conselhos sobre namoro. Não que eu esteja saindo com alguém, ou mesmo planejando sair. Eu só queria ver o que ele diria. Então menti, dizendo que um garoto da escola estava dando em cima de mim. Massimo provavelmente achou minha pergunta estúpida. Uma adolescente pedindo dicas de namoro a um homem com mais de trinta anos, que passou quase metade da sua vida na prisão. Não sei o que me levou a perguntar algo tão idiota. Ou talvez eu saiba, mas admitir a verdade só faria com que eu me sentisse ainda mais idiota.

Porque a verdade é que eu queria deixá-lo com ciúmes.

Quando Massimo finalmente começou a responder às minhas cartas, suas palavras despertaram minha curiosidade. Ele é essa entidade estranha e intrigante, tão próxima, mas ao mesmo tempo tão distante, e eu queria saber mais sobre ele. E à medida que eu tinha mais vislumbres dele, da sua mente magnificamente astuta, a curiosidade se transformou em admiração. Em algum momento, porém, essa admiração se transformou em outra coisa.

A maneira como meu coração dispara toda vez que recebo uma de suas cartas não é apenas a empolgação por uma nova tarefa. Quando me esgueiro, coletando informações, não é porque estou preocupada com o sucesso geral da Família. Não é mais assim. Estou fazendo isso por *ele*. Porque essa nova emoção que estou sentindo é algo mais profundo. Proibido. E tento não insistir nisso.

Desdobro a última carta de Massimo e leio o último parágrafo novamente. Ele contém sua resposta à minha pergunta sobre namoro.

*Os homens são porcos, Zahara. Certifique-se de saber as intenções dele antes de começar algo sério. Tenha cuidado, criança.*

*M.*

Fico olhando para a última palavra.

*Criança.*

Ele não se importa se estou namorando alguém. E por que se importaria?

Isso deixa um gosto amargo em minha boca, a mesma queimação seca que quase me engasgou quando li pela primeira vez.

Amasso o papel em uma bola, levo-o para o banheiro e dou descarga no vaso sanitário.

— O retorno de nossos investimentos em Cambridge mostra um declínio. — Baixei a impressão do relatório de fluxo de caixa trimestral. — Por quê?

Meu padrasto dá de ombros de uma maneira aparentemente casual, mas continua brincando com a caneta. Sei que ele odeia vir à prisão para me ver em nossas ‘reuniões’ semanais, embora nunca tenha admitido isso. — Os preços dos aluguéis se tornaram competitivos demais, mesmo com contratos de longo prazo. Tivemos de reduzir os nossos em dez por cento.

— Não me lembro de ter aprovado isso, Nuncio.

— Não queria incomodá-lo com algo tão insignificante. São apenas algumas dúzias de condomínios.

Eu me inclino para a frente. — Você me informa tudo, por menor que seja, *antes de* tomar qualquer tipo de decisão.

Nuncio se retrai, mas mantém a compostura. — A taxa de vacância em toda a região da Grande Boston é alta, e eu não queria correr o risco de perder os inquilinos existentes, Massimo. O mercado está em uma espiral descendente desde o ano passado.

— Então, encontre uma maneira de tornar nossas propriedades mais lucrativas! Contrate uma vadia burra e coloque anúncios dela fazendo Pilates em um de nossos condomínios ou qualquer outra coisa. Quero que as taxas de aluguel atinjam o nível do ano passado, e não dou a mínima se for preciso colocar um outdoor no meio de Back Bay para fazer isso.

Nuncio pisca, depois faz uma anotação rápida em seu bloco de notas. — Com certeza.

— E quanto às nossas operações de catering? — Pergunto.

Investi muito dinheiro e aproveitei conexões consideráveis para obter o tratamento de olhos e ouvidos fechados nesse lugar maldito. Os guardas são pagos para desligar a câmera da sala quando tenho visitas, mas mesmo assim não me arrisco. Sempre uso códigos ao discutir operações ilegais com meu padrasto. Nosso negócio de drogas ilícitas é chamado de ‘catering’, e cada produto tem seu próprio rótulo furtivo. Até mesmo pedi a Nuncio que criasse uma empresa de catering legítima para atuar como um negócio de fachada, eliminando quaisquer possíveis suspeitas.

— As margens de lucro estão estáveis, — diz ele. — A demanda por frango aumentou um pouco nas últimas semanas. Talvez precisemos encontrar outra granja, pois o fornecedor atual está com sua capacidade máxima.

— Ótimo. Talvez seja prudente pesquisar fornecedores no Sul. Vou conversar com um amigo e ele providenciará o contato de alguém.

Nuncio me encara, claramente confuso. *Pelo amor de Deus!* Como é que sua filha adolescente conseguiu entender minha linguagem codificada desde o início, apesar das minhas orientações muito limitadas por meio das minhas cartas, e esse idiota não consegue encontrar o caminho com uma bússola e um mapa?

— Sul, Nuncio, — esclareço. — A granja de frangos orgânicos em pequena escala que consideramos há alguns anos.

O cérebro de Nuncio leva mais um segundo para perceber que estou me referindo a um cartel de drogas peruano. A maior parte da nossa cocaína, também conhecida como ‘frango’, vem da Colômbia.

— Ah. Sim, isso parece bom.

— Já que estamos falando de frango... Soube que você está pensando em adicionar coxinhas ao cardápio de lanches dos cassinos.

O rosto de Nuncio empalidece instantaneamente. Ele se inclina para trás e me encara com os olhos arregalados. Ora, ora... Minha pequena espiã estava certa.

Ele *estava* pensando em permitir drogas nos meus cassinos. Mesmo com a raiva correndo em minhas veias, meus lábios se curvam em um sorriso. Essa garota é uma ameaça.

— Entendi. — Aceno com a cabeça. Depois, bato minhas mãos algemadas na mesa de metal. — Nunca mais se atreva a pensar em mexer com meus negócios!

Nuncio se encolhe em sua cadeira, seu corpo fica rígido de tensão. Anos em que a Família beijou seu anel e dançou ao som da sua música parecem estar afetando-o. De vez em quando, meu padrasto se esquece de quem realmente está no comando por aqui, então ele tem ideias estúpidas. E então, precisa ser lembrado da realidade.

Com as mãos entrelaçadas e apoiadas no tampo da mesa, o encaro fixamente com meu olhar. — Não me obrigue a fazer coisas que eu preferiria não fazer, Nuncio.

Gotas de suor grudam no seu cabelo enquanto eu continuo olhando para ele.

Ter meu padrasto se exibindo como o chefe da família de Boston enquanto estou preso é conveniente. Quando eu sair, ele transferirá oficialmente as rédeas para mim. Esse acordo é muito mais vantajoso para ele do que brigar comigo pelo que ele sabe que é meu por direito, e alivia a necessidade de eu brigar com outros tolos de mente pequena mais tarde. Mas não tenho nenhum problema em tirá-lo de cena agora se ele não seguir minhas ordens. E Nuncio sabe disso.

Baixando o olhar para o bloco de anotações à sua frente, meu padrasto acena lentamente com a cabeça.

— Ainda bem que resolvemos isso. Como estão as meninas?

— Elas estão bem. Tenho procurado possíveis parceiros de casamento para Nera. Você quer que eu escolha, ou talvez já tenha alguém em mente?

— E o que Nera acha da ideia?

— Ela ameaçou sair dançando nua pela City Hall Plaza se eu fizesse um arranjo

pela mão dela.

Um pequeno sorriso se insinua em meus lábios. Lembro-me de que ela era teimosa quando era pequena. — Cesse todos os esforços de casamento por enquanto.

Nuncio encontra meus olhos. — Eu não esperava que você se importasse com os desejos de Nera.

— É claro que me importo. Afinal de contas, somos uma família.

Na verdade, eu não dou a mínima. Mas ela é irmã de Elmo, e é só por isso que estou disposto a considerar seus sentimentos sobre o assunto. Pelo menos até que casá-la atenda às *minhas* necessidades. Então, eu a mandarei marchar direto para o altar, cantando e sorrindo, como lhe será dito para fazer.

— Vejo você na próxima quinta-feira. — Faço um sinal com a cabeça em direção à porta na parede oposta, indicando a Nuncio que nossa reunião terminou.

Espero até que ele saia e, em seguida, encontro o olhar do agente de penitenciário que está tirando as algemas dos meus pulsos do anel de restrição soldado à mesa. Ele é um dos oito guardas em minha folha de pagamento. — Preciso fazer uma ligação telefônica particular.

— Claro. — Ele destrava as algemas e coloca o celular na minha frente. — Bata na porta quando terminar.

Um momento depois, ele sai da sala, fechando a porta de metal com um estrondo retumbante. Esse som ainda me irrita, mesmo depois de todos esses anos.

Levantando o celular, disco o número de Salvo. Somos amigos desde crianças, muito antes da minha mãe se casar com Nuncio, uma vida inteira antes de tudo ir para a merda. Ele é provavelmente o único homem em quem confio implicitamente hoje em dia. As coisas seriam muito mais simples se eu conseguisse que Salvo viesse me visitar aqui de vez em quando. Eu poderia

obter as últimas informações sobre os negócios da Cosa Nostra sem ter de passar pelas idiotices de Nuncio. Mas isso transmitiria a todos os fulanos, ciclanos e beltranos que Salvo ainda é meu apoiador.

Não quero que a Família ou qualquer outra pessoa fique desconfiada, tentando descobrir o que estou tramando, por isso não posso arriscar trazer Salvo para cá. Ele precisa manter distância de mim para manter a confiança dos outros capos. Nenhum deles é meu fã. Às vezes, porém, não posso contar com ninguém além do meu amigo mais antigo para tratar de um assunto urgente para mim. É nesse momento que uso um celular descartável usado pelos agentes penitenciários leais a mim para ligar para Salvo. E essa questão em particular precisa ser tratada com rapidez.

No instante em que a linha se conecta, vou direto ao ponto. — Brio e Leone têm pressionado Nuncio para incluir frango no cardápio de lanches dos cassinos. Você estava ciente?

— Não. — O silêncio se estende por alguns batimentos cardíacos. — Como você descobriu isso?

— Não importa. Fique de olho neles. Especialmente Leone. Seu homem descobriu alguma sujeira sobre ele?

— Na verdade, não, além do fato de que ele está comendo a esposa de Adriano.

— Está bem. Mantenha seu homem farejando. Especialmente perto de Leone, mas também dos outros, — digo. — Você precisa fazer uma visita à Yakuza. Lembre-os do acordo que fechei com Tanaka no ano passado, enquanto ele estava preso aqui comigo.

— Irei. Está incluindo-os em seus planos futuros, então?

— Talvez, — digo, relutante em compartilhar mais por celular. — Eu ligo para você se precisar de mais alguma coisa. — Faço uma pausa para respirar, mas sinto a necessidade de acrescentar: — Estou em dívida com você e, quando eu

sair, você será recompensado por ter ficado comigo todo esse tempo.

— Não é por isso que estou ajudando você, Massimo. Você sabe disso. — Salvo suspira. — Alguma notícia do seu advogado?

Recosto-me na cadeira e me concentro no teto rachado. Mais cinco anos.

No início da minha pena de prisão, eu estava otimista. Eu acreditava que McBride teria sucesso em recorrer da minha sentença. Nada feito. Então, minhas esperanças se voltaram para uma liberdade condicional antecipada depois que eu cumprisse o mínimo obrigatório de três anos. Mas isso foi negado. E o mesmo aconteceu com meu pedido seguinte. E o seguinte. A cada rejeição, ficava cada vez mais claro que alguém estava fazendo o possível para me manter preso. Alguém com grandes recursos e os contatos certos para fazer isso acontecer.

Nuncio tem sido meu principal suspeito, já que ele tem mais a ganhar se me mantiver na prisão. Mas tenho quase certeza de que ele não tem coragem. Deve ser outra pessoa. Ultimamente, estou inclinado a acreditar que seja Batista Leone. A cobra tem muitos amigos dentro dos tribunais e do Departamento de Correção, e ele cultiva essa rede desde antes de se tornar subchefe do meu pai. Não duvido que ele conheça alguém com o poder de me negar a liberdade condicional.

— Não, — me esquivo. — Nada de novo nesse aspecto.

— Vou entrar em contato com meus contatos novamente.

— Tudo bem. — Aceno com a cabeça, sabendo que isso não vai dar em nada. Ele já tentou várias vezes.

— Vai me dizer quem é sua outra fonte?

Por uma fração de segundo, pensei em guardar a identidade da minha pequena espiã para mim, mas depois mudei de ideia. Talvez eu precise que eles troquem informações em algum momento. — Minha meia-irmã. Zahara.

— Você está brincando comigo! — ele se engasga. — Como diabos... Ela ainda

está no ensino médio?

— Isso a torna uma aluna muito inteligente e cheia de recursos. Ela tem conseguido tudo o que eu preciso há alguns anos.

Uma pausa grave se estende pela linha. Salvo raramente fica sem palavras. Minha admissão deve tê-lo chocado. Não sei por que isso aconteceria. Ele me conhece bem o suficiente, não deveria estar surpreso. Não me apego a princípios de moralidade, a menos que eles se alinhem com meus objetivos, e sempre fui capaz de usar qualquer pessoa - independentemente de quem seja - para promover meus interesses comerciais.

— Continue observando Leone, — digo e corto a chamada.

Pouco depois de voltar para a minha cela, Sam passa por mim com a minha correspondência. O restante da população carcerária receberá a sua depois do almoço, mas eu tenho tratamento preferencial. Quando abro o envelope, fico imaginando se essa carta incluirá outro editorial sobre costura. Não me importo com isso. Elas servem como um bom preenchimento, camuflando as informações importantes que Zahara me passa. E acho engraçado quando ela pergunta a cor do tecido que deve escolher para seu próximo projeto. Como se eu soubesse a diferença entre *castanho* e *cobre*. Para mim, tudo é marrom. No entanto, muitas vezes acabo respondendo às perguntas bizarras feitas por minha meia-irmã adolescente. É muito idiota. Ainda assim, é rejuvenescedor, de alguma forma, fazer malabarismos com essas coisas mundanas de vez em quando.

Em minhas primeiras cartas para ela, que eu enviava com pouca frequência até ter certeza de que não chamariam atenção indesejada, orientei Zahara a me contar mais sobre o que estava acontecendo em casa. O tipo de merda que me deu uma ideia melhor do que Nuncio estava fazendo e o que ele talvez não estivesse compartilhando comigo. *Quem participou da reunião anual da Família que o meu padrasto gosta de organizar? Alguém novo que eu talvez não*

*conhecesse? Sobre o que todos falaram ou se transformou em um TED Talk?* Pequenas coisas que faziam parecer que eu estava sentindo falta de estar lá. Depois, aumentei um pouco o foco, concentrando-me em áreas amplas de negócios. *Há alguém que não concorde com as decisões de Nuncio? Algum dos executivos de nível C o visita com mais frequência do que os demais?* Achei que tudo o que eu pudesse descobrir teria potencial para ser útil.

Mas, com o passar do tempo e a troca de mais cartas, percebi que minha meia-irmã poderia se tornar um ativo ainda maior do que eu havia considerado anteriormente. Um recurso que eu seria um idiota se não explorasse ao máximo.

Então, foi o que fiz.

Há cerca de um ano, perguntei se ela poderia encontrar um determinado documento para mim no escritório do seu pai sem que ele ou qualquer outra pessoa soubesse. Meu objetivo era confirmar que Nuncio seguiu minhas instruções e assinou o contrato como eu ordenei, mas também estava ansioso para saber se ela conseguiria. E eis que ela não só localizou o que eu estava procurando e me garantiu que o contrato havia sido assinado, como também foi além e transmitiu outros detalhes específicos cobertos pelos termos do acordo - coisas como quantidades e taxas de compra.

Uma semana depois, ela descobriu minha mensagem codificada sobre como acessar o cofre de Nuncio. Desde então, sem saber dos meus planos para ela ou para a Família, minha toupeira desavisada tem me fornecido informações valiosas. Graças a ela, sei exatamente os detalhes que seu pai se esquece de mencionar quando me visita às quintas-feiras para entregar seus relatórios sobre nossos negócios. Ou melhor, meus negócios.

Minhas instruções mais recentes para Zahara incluíam instruções para fazer login no computador do pai dela e obter os extratos on-line de nossas contas bancárias legítimas. Quero ficar de olho nas finanças o máximo que puder. Infelizmente, não posso fazer nada em relação às nossas contas ocultas, aquelas

que estão ligadas às nossas transações ilegais. Apesar de tomar todas as precauções possíveis para garantir que ninguém mexa na minha correspondência, ainda não me arrisco a mencionar nada incriminador no papel. Por enquanto, terei de acreditar na palavra de Nuncio sobre a situação desses fundos.

Abro sua carta e leio o primeiro parágrafo com a testa franzida. Os números parecem estar completamente errados - valores de dois dígitos quando os saldos deveriam estar em milhões. E então, me dou conta. Ela omitiu os zeros, assim como eu faço com frequência quando escrevo para ela. Garota esperta.

As próximas frases são sobre a festa de noivado da sua amiga, da qual ela participou uma semana antes. Duvido que haja algo útil para mim nelas. Ainda assim, eu as leio, cada palavra.

A carta termina, como sempre, com suas perguntas. Às vezes, elas são sobre minha vida atrás das grades, mas, na maioria das vezes, são sobre mim. Como pessoa. No início, eu as ignorava ou as desviava com respostas curtas e vagas. Recentemente, porém, estou divulgando mais detalhes.

Falei a ela principalmente sobre as pequenas coisas das quais sinto mais falta. (Utensílios de metal e louça normal. Liberdade para tomar banho quando eu quiser. Roupas normais de rua). Minha opinião sobre o Todo-Poderoso. (Não acredito em uma força suprema e todo-poderosa que milagrosamente afeta nossas vidas). Justiça, e minhas opiniões sobre o certo e o errado. (O estado de direito e o princípio da retidão são uma via de mão dupla - a correção moral de qualquer ação depende de qual lado você pede para defini-la).

Uma vez, porém, ela me perguntou sobre Elmo. *Você se lembra dele? Pode me dizer como ele era?* Levei horas para escrever a resposta para ela. Não porque me esforcei para lembrar os fatos e as anedotas. Não foi isso que fiz. Mas porque a morte de Elmo ainda é uma ferida que sangra. Naquela época - assim como agora - ainda me culpo por não ter chegado a tempo. Por não tê-lo salvado. Eu

disse isso a ela, logo antes de contar tudo o que eu sabia e lembrava sobre seu irmão. Tudo, porque ela também merecia conhecê-lo.

Essa foi a única mensagem pesada que enviei a ela. O restante era uma fofura superficial. Parecia estranho e meio bobo compartilhar essas coisas com alguém. Especialmente com minha meia-irmã. Ainda me sinto assim, às vezes.

***Você deveria se concentrar em coisas mais importantes em vez de reclamar da falta de garfos reais.***

Aperto a ponte do nariz, esperando que isso faça com que o idiota tagarela em minha cabeça vá embora. Mas isso não acontece. O maldito continua desfrutando da sua residência permanente, como tem feito desde que apareceu.

***Aqui é confortável. Agora, pegue a caneta e diga à garota para ficar atenta. Precisamos saber mais se houver rumores sobre frango no cardápio.***

— Use a outra pia. — A voz sussurrada de uma garota vem de trás de mim. — Você não vai querer pegar essa *coisa* que ela tem.

Eu reviro os olhos. Sempre a mesma história. Parei de explicar sobre meu vitiligo há muito tempo, então simplesmente saio do banheiro sem me preocupar em responder a essas vadias. Meu Deus, estou tão cansada delas. É mais fácil lidar com a maldade de todos quando Hannah está por perto. Embora não sejamos muito próximas, ela nunca me trata como uma excluída. Mas ela quebrou o tornozelo na semana passada e não voltará à escola por algum tempo. Sua família a transferiu para um centro de tratamento sofisticado, especializado em lesões esportivas e de dança, onde ela poderá se recuperar.

Ao caminhar pelo corredor até à porta principal, mantenho a cabeça baixa, com o olhar fixo não mais do que alguns passos à minha frente. Evito encontrar os olhos de qualquer pessoa que passe por mim, como sempre faço. Desta vez, porém, algo está me incomodando. É como uma coceira na parte de trás do meu pescoço. Algo profundo abaixo da superfície que não consigo simplesmente coçar.

Nada nesse momento é diferente de qualquer outro - eu sofro o desprezo dos meus colegas de escola, quer eles simplesmente me ignorem ou me olhem abertamente como se eu fosse uma aberração. O normal. E, como um ratinho assustado, não olho de volta para eles. Como sempre.

Meus pés vacilam. A coceira na minha nuca parece ser mais do que uma simples irritação. Paro no meio do corredor, olhando para as pontas dos meus sapatos enquanto minha mente se volta para a última carta de Massimo, e aquela frase em particular. Provavelmente não foi nada mais do que uma reflexão tardia, apenas um punhado de palavras, mas elas soam alto em minha cabeça.

*Você é uma ameaça, garota. Ótimo trabalho.*

Certamente, nunca me vi como algo nem mesmo remotamente ameaçador. Alguém assim exala determinação e coragem. Qualidades que acho que não tenho. Mas talvez eu tenha. Afinal de contas, tenho me esgueirado para lugares privados e espionado algumas das pessoas mais perigosas desta cidade. E tenho enviado mensagens codificadas para meu meio-irmão. Na prisão.

Tudo isso e ainda me sinto intimidada demais para olhar um grupo de adolescentes nos olhos. Por quê? Porque não quero ver seu desprezo, sua convicção de que, de alguma forma, estou abaixo deles?

Talvez seja por isso que a parte de trás do meu pescoço esteja coçando, e a sensação está ficando mais forte a cada segundo que continuo a olhar para o chão. Cada átomo do meu corpo está zumbindo em protesto, rebelando-se contra essa visão abatida.

Lentamente, levanto a cabeça. Meu olhar volta a se concentrar diretamente à minha frente e dou meu primeiro passo. E depois outro. Meus pés me levam adiante até que eu saia da escola com a cabeça erguida. E a sensação é muito boa.

Ao me aproximar dos portões do campus, noto a ausência do SUV branco reluzente que normalmente me leva para casa. Em vez disso, há um carro esportivo preto e elegante estacionado no meio-fio. Com o Capo Salvo Canali encostado no capô.

— Sr. Canali? — Pergunto quando chego até ele. — Aconteceu alguma coisa?

— Salvo. Por favor. Mandei Peppe embora, disse a ele que vou te levar para casa. — Em uma voz muito mais baixa, ele acrescenta: — Precisamos conversar.

— Hum... tudo bem, — murmuro enquanto me sento no banco do passageiro. O que diabos ele poderia querer discutir comigo? Na verdade, nunca conversamos antes.

Salvo pega o volante e liga o carro. Sem dizer uma palavra, ele entra no trânsito e começa a dirigir, e a cada quilômetro, o silêncio me deixa cada vez mais nervosa. Estamos quase chegando à minha casa quando não consigo mais suportar.

— Sobre o que você gostaria de conversar?

— Sua sanidade, — ele diz entre dentes. — Espionando seu pai para Massimo?

Eu me enrijeço. — Não faço ideia do que está falando.

— Ele me disse. Não acredito que ele tenha recorrido a usar *você*, entre todas as pessoas, dessa forma.

Minhas mãos apertam as alças da minha mochila. Tenho certeza de que, se eu olhasse para elas, meus nós dos dedos estariam brancos. A percepção de que Salvo é um dos outros espiões de Massimo é colocada em segundo plano quando o restante de suas palavras é registrada. E a maneira como ele as disse.

— Por que não eu? — Pergunto.

— Por quê? — Seus olhos se voltaram para mim e depois para a estrada. — Porque você mal tem dezesseis anos, porra! Quero dizer, eu sei como Massimo é, mas isso... *Foda-se!* Aquele filho da puta manipulador.

— *'Filho da puta manipulador'*? — Levanto uma sobrancelha. — Achei que vocês dois fossem amigos.

— E somos. Só que... não acredito que ele exploraria uma criança para seus esquemas desonestos.

— Eu não sou uma criança. E acho que você não o conhece muito bem, então. Se o conhecesse, saberia que ele faria tudo o que estivesse ao seu alcance para atingir seus objetivos. Além disso, dificilmente pode ser chamado de 'exploração' se a outra parte estiver totalmente ciente da situação e tiver aceitado os termos. E eu estou, e aceitei. Portanto, é simplesmente um acordo mutuamente benéfico.

Salvo passa a mão no cabelo, balançando a cabeça como se não pudesse aceitar minha resposta. Ele estaciona na entrada de nossa garagem e desliga o motor, com uma carranca escurecendo seu rosto. — Puta que pariu. Eu pensei que você fosse uma garota simpática e mansa, interessada apenas em fazer seus vestidinhos.

Sim. Como todo mundo. Exceto o *filho da puta manipulador* que, por acaso, é meu meio-irmão. Ele não me considera incapaz. Ou inadequada. Cerro os dentes e olho Salvo bem nos olhos. — Isso só prova que você também não me conhece.

A expressão de Salvo oscila entre o choque e a incredulidade. Aproveitando seu estado de estupefação, abro a porta do carro e saio.

— Por favor, não se meta em meus assuntos, Salvo, — sussurro, batendo a porta.

Assim que entro no meu quarto, pego meu caderno e rasgo uma folha de papel. Normalmente, preencho minhas cartas com uma miríade de detalhes - sobre a Cosa Nostra, a escola, minha costura - o suficiente para que eu fique divagando por pelo menos duas páginas a cada vez. Agora, porém, rabisco uma única frase. Sem saudação. Sem assinatura. Apenas uma pergunta ardente.

*Você acha que eu sou mansa?*

A resposta de Massimo chegou três dias depois. Uma única frase para combinar com a minha.

*Você pode ser muitas coisas, Zahara, mas receio que ‘mansa’ não seja uma delas.*

O sorriso leve não saiu do meu rosto desde que li suas palavras.

# Capítulo 6

## Um ano depois

### *(Zahara, 17 anos)*




A porta do escritório do meu pai se abre sem nenhum ruído. Mesmo assim, dou outra olhada no corredor para me certificar de que não há nenhuma empregada por perto e entro.

— Zara? Está precisando de alguma coisa?

Eu me assusto, olhando para meu pai sentado atrás da sua enorme escrivaninha de bordo. Ele fecha a pasta em suas mãos, a expressão em seu rosto é de clara surpresa - entrei em seu espaço sem ser convidada. Bem, eu não esperava que ele estivesse aqui. Eu me acostumei a entrar no escritório do papai regularmente para procurar o que Massimo precisa. Sempre que papai não está em casa, obviamente. E hoje é quinta-feira. Ele não deveria estar aqui!

Toda quinta-feira de manhã, meu pai sai cedo para visitar Massimo na prisão. Ele passa horas no centro correcional e só volta para casa no final da tarde. A rotina é como um relógio, e nem me passou pela cabeça verificar se o dia de hoje seria o mesmo antes de eu vir para cá.

— Hum... — Dou uma olhada rápida no imponente relógio de pêndulo no canto. Pouco depois da uma. Papai nunca volta antes das três. — Estou sem papel para meus esboços, então pensei que poderia pegar emprestado da sua impressora.

— Claro. — Ele pega algumas folhas da bandeja e as oferece para mim. — Está usando maquiagem, querida?

Minha mão voa para o meu rosto. Nas últimas semanas, tenho experimentado diferentes marcas de base, procurando inutilmente uma que não irrite minha pele. Essa última é rotulada como *hipoalergênica* e *para peles sensíveis* e, até agora, está um pouco melhor do que as outras. Não há erupções cutâneas, mas minha pele ainda coça.

— Sim. — Aceito o papel dele. De forma casual, comento: — Você voltou cedo hoje.

— Sim. Massimo ainda está na ala hospitalar e não pode receber visitas.

As folhas em branco escorregam dos meus dedos e caem no chão. Ala hospitalar? Minha pulsação dispara. Tento respirar calmamente, mas sinto como se alguém tivesse colocado as mãos em volta do meu pescoço, apertando-o com força.

— Ele está... ele está bem? — De alguma forma, consigo formar as palavras.

— Ah, claro. — Papai dá de ombros e olha para a impressão que ele tirou. — Foi só uma facada na lateral. Isso acontece.

*Isso acontece*? Seu tom indiferente comunica em alto e bom som que essa é uma ocorrência mais ou menos regular. Papai não parece nem um pouco preocupado. Eu me agacho para pegar as folhas caídas, percebendo que minhas mãos tremem quando levanto o papel. — Então... essa não é a primeira vez? — Pergunto, tentando manter a compostura.

— É uma prisão estadual, Zara. Sempre há brigas entre os homens presos, e Massimo é um indivíduo de alto nível. — Papai faz um gesto de desdém, como se estivesse discutindo algo pouco mais importante do que o clima. — Ele vai ficar bem.

A raiva se agita em meu estômago enquanto olho para o meu pai. Como ele pode

estar tão imperturbável? Massimo pode não ser da sua carne e sangue, mas é um ser humano que vive e respira. Sem mencionar que ele é a única razão de todo sucesso que meu pai teve e continua tendo. Como as inúmeras conexões comerciais. O dinheiro. A lealdade inquestionável dos capos e soldados da Cosa Nostra. E o respeito e a adoração do restante da família. Cada vez que um deles se curvava e beijava a mão de papai para reconhecer a segurança e a prosperidade que *ele* lhes trazia, na verdade deveriam estar agradecendo e elogiando Massimo. Sem Massimo, meu pai não teria durado um ano como Don. Ele teria sido dispensado de suas funções, removido ou talvez até mesmo 'aposentado'. Núncio Veronese não é nada sem meu meio-irmão. E ele sabe disso.

Talvez esse seja o motivo pelo qual o papai odeia tanto Massimo.

— Obrigada pelas folhas, — digo com um sorriso forçado e saio do escritório do meu pai sem olhar para ele.

De volta ao meu quarto, vou direto para minha mochila e pego meu celular. Nunca liguei para a prisão antes, então levo alguns minutos pesquisando no Google para encontrar o número certo. Meus dedos tremem quando pressiono o botão de chamada e ouço o toque na linha por quase um minuto antes de ser desconectado.

*Que merda.* A respiração sai dos meus pulmões em rajadas curtas enquanto pressiono a rediscagem. A cada zumbido irritante no meu ouvido, está se tornando mais difícil respirar profundamente. Finalmente, após o sexto toque, uma voz masculina que parece entediada atende.

— Gostaria de obter informações sobre um dos seus detentos, — eu digo, com a voz embargada.

— Massimo Spada. Ele foi levado para o hosp...

— Nome? — ele diz.

— Hum... Zahara Veronese. Sou sua meia-irmã.

O som do que eu tenho certeza que são dois dedos de indicadores batendo no teclado se arrasta por uma eternidade.

— Ele está vivo.

Silêncio absoluto substitui a voz rouca na linha.

Olho fixamente para o meu celular. *Ele está vivo*. É só isso que recebo? Eu não esperava que o administrador da prisão fosse muito solícito, mas esperava que ele me desse mais do que uma resposta de duas palavras, droga.

Alcançando a gaveta da mesinha de cabeceira, pego o caderno que uso para escrever cartas para Massimo e arranco uma folha do meio. Eu provavelmente deveria informá-lo de que Batista Leone visitou papai um número absurdo de vezes nas últimas semanas, mas meu ‘relatório’ estúpido é a última coisa em que penso agora.

Com minha carta escrita e em mãos, pego a pilha mais próxima de esboços para meus novos projetos e basicamente desço as escadas para procurar Peppe.

Mal posso esperar pela resposta habitual de Massimo. Isso pode levar dias. Preciso saber o que está acontecendo. Neste minuto! Falar com Salvo é minha única opção; talvez ele saiba de algo. Mas não tenho o número dele e não há como pedir a papai sem que levante suspeitas. Também não posso simplesmente aparecer na casa de Salvo para simplesmente conversar.

Felizmente, tive uma ideia.

A mãe de Salvo elogiou meu vestido em um dos jantares que participei com papai. No dia seguinte, ela ligou perguntando se eu consideraria a possibilidade de fazer um vestido personalizado para ela. Eu recusei. Mas parece que mudei de ideia. Por que outro motivo eu estaria indo para a casa dela agora?

E talvez, apenas talvez, Salvo esteja em casa.

Encontro Peppe na cozinha, comendo salgadinhos.

— Preciso que você me leve até à casa dos Canali, — eu digo, com a voz embargada.

***

— Sim, este seria perfeito, — diz Rosetta Canali enquanto admira o esboço de um vestido sem mangas com um espartilho embutido e um grande laço nas costas. — Você poderia fazê-lo em cetim azul royal?

— Cetim azul seria ótimo. — Aceno com a cabeça e pulo da espreguiçadeira, praticamente arrancando o papel da sua mão. — Ok. Tenho suas medidas, então começarei a fazer o vestido no fim de semana.

— Que maravilha. Estou muito animada, querida. Você deveria pensar seriamente em entrar na indústria da moda.

Sim, claro. Meu pai ficaria feliz se a filha dele trabalhasse como costureira para mulheres abaixo da sua posição social. — Eu vou. Hum... Salvo está aqui? Eu gostaria de dizer oi.

— Claro. Ele está no escritório. Vamos lá e... Oh, lá está ele. — Ela acena para as portas duplas que ligam o salão à biblioteca. — Salvo, querido, Zara mudou de ideia e concordou em desenhar um vestido para mim. Ela veio até aqui para que eu pudesse ver seus esboços.

— Ah, é mesmo? — diz Salvo da porta. Seu rosto tem linhas duras e reprovadoras. Acho que ele não está acreditando na minha história de ‘Estou aqui apenas para fazer um vestido’. Ele se apoia no batente, bloqueando parcialmente a saída. — Você está indo embora?

— Sim, — digo, depois articulo sem som: — *Precisamos conversar.*

Se for possível, a expressão em seu rosto parece ficar ainda mais sombria. Nos

últimos meses, temos nos encontrado em vários eventos. Apesar dos meus melhores esforços para evitá-lo, todas as vezes ele encontra uma maneira de se aproximar discretamente de mim e me dar um sermão sobre como sou tola por me envolver em um jogo tão perigoso. É muito irritante. Eu gostava muito mais de Salvo antes de ele descobrir o que eu estava fazendo para Massimo - quando ele ignorava totalmente a minha existência.

— Ok. — Salvo acena com a cabeça. — Eu a acompanharei até ao carro.

Eu murmuro um rápido adeus à Sra. Canali e sigo Salvo até ao saguão.

— Você tem notícias de Massimo? — Pergunto assim que nos afastamos o suficiente para não sermos escutados.

— Não nos últimos dois meses. Por quê?

— Porque ele está na ala hospitalar! — Sussurro. — Descobri esta manhã quando entrei sorrateiramente no escritório do meu pai para procurar alguma coisa. Só que não tive a chance porque meu pai estava lá. Aparentemente, Massimo não pode receber visitas no momento, então meu pai nem foi vê-lo hoje.

Salvo para perto da porta da frente e agarra meu braço.

— Você está louca? — Ele sussurra de volta. — Nuncio pode ser seu pai, mas ele também é o Don. E se alguém pegar você mexendo nos arquivos dele e passar essa informação para o resto da maldita Família?

— Ninguém vai me pegar.

— Você não sabe disso. — Ele inclina a cabeça para o lado, estudando meu rosto. — Você está diferente.

Franzo as sobrancelhas, confusa com a mudança repentina de assunto. — Estou usando base.

— Mm-hmm... — Ele estende a mão e tira uma mecha de cabelo do meu rosto. — Está muito bonita.

Por um instante, fico atordoada demais para responder. Os homens nunca me fazem elogios. Qual é o problema dele? Será que isso é algum tipo de truque? Não importa. Não tenho nenhuma capacidade mental para analisar o comportamento de Salvo no momento.

— Se souber de alguma coisa, por favor, me avise. Sua mãe tem meu número. — Passo por ele e me dirijo ao carro.

— O que ele prometeu a você? — Salvo chama por mim. — Em troca de sua... *ajuda*? Dinheiro? Um casamento favorável para você?

Nem sequer me dou ao trabalho de lhe dar uma resposta. Homens. Todos eles acham que o mundo gira em torno do pau. Deus nos livre de uma mulher que faz algo porque a faz se sentir bem. Reconhecida. Digna. Nenhum dos homens em meu círculo faz com que eu me sinta assim.

Exceto um.

E, neste momento, eu nem sei se ele está bem!

— Fico feliz em vê-lo de pé, Spada. Alguns dias sob as luzes fluorescentes da ala hospitalar realmente fizeram maravilhas pela sua aparência.

— Vá se foder, Kiril. — Aceno com a cabeça para o búlgaro. A dor grita no meu quadril, os pontos puxando minha carne enquanto me abaixo para me sentar ao lado dele no pátio de recreação.

— Owen o pegou de jeito, pelo visto. — Ele ri, mostrando um dente pré-molar superior de ouro. — Ele ainda está na enfermaria?

— Sim. Concussão grave. Ele sobreviverá.

— Por que diabos você brigou com aquele maluco?

— Ele queria se sentar ao meu lado no refeitório. Mas o idiota sabe que eu gosto de comer sozinho. — Aperto a ponte do meu nariz. Meus olhos ainda estão ardendo por causa do maldito spray de pimenta que os agentes penitenciários jogaram. — Então, você vai sair amanhã? — O sortudo vai sair daqui.

— Sim. Quatro anos e oito meses nesta gaiola. Para ser sincero, estou sentindo um pouco de ansiedade.

— Você vai superar isso. Apenas certifique-se de não desenvolver amnésia repentina quando sair e esquecer os termos que combinamos. — O encaro fixamente.

A equipe de Kiril é proprietária de uma empresa de lavagem de carros com várias filiais em todo o estado, e eles usam esses locais para lavar dinheiro para a Camorra. Meus próprios canais de lavagem foram sobrecarregados no ano passado, por isso negociei um acordo com os búlgaros, dando a eles uma parte de quinze por cento.

— Sou um homem de palavra, Spada. — Ele se levanta e me oferece sua mão.

— Estou ansioso para trabalhar com a Cosa Nostra.

Enquanto apertamos as mãos, Kiril se inclina para mim: — Um novo detento chegará na próxima semana, e um passarinho me disse que a Tríade está um pouco preocupada com a recepção que ele terá, — diz ele em voz baixa. — O Sr. Wang ficaria extremamente grato se alguém pudesse cuidar do garoto.

Levanto uma sobrancelha. — Filho dele?

— Neto. O garoto foi preso por matar um cara que lhes devia dinheiro.

— Diga ao Sr. Wang que ele não precisa se preocupar com o bem-estar do garoto. E quitaremos a dívida em uma data futura.

Observo Kiril sair, depois coloco a mão no bolso e tiro o envelope que chegou hoje de manhã. As cartas da minha meia-irmã geralmente têm várias páginas. Esta, no entanto, é apenas uma folha, com apenas algumas linhas de texto.

*Você está bem? Papai me disse que você estava ferido e na ala hospitalar. O que aconteceu? Liguei para a prisão para saber como você estava, mas eles só me disseram que você estava vivo e desligaram na minha cara.*

*Zahara*

A raiva explode dentro de mim quando leio a última frase. Não posso permitir que ninguém da Cosa Nostra suspeite que eu esteja de alguma forma envolvido com a Família. Nuncio e meu advogado são as duas únicas pessoas aprovadas em minha lista de visitas por esse único motivo. E, embora eu pague uma tonelada de dinheiro para garantir que minha correspondência não seja perturbada e que eu possa conversar com Nuncio sem ser gravado, não tenho ninguém em meu bolso no escritório principal. Portanto, minha meia-irmã - com quem não tenho contato há mais de uma década - ligando para a prisão do nada, poderia levantar uma bandeira vermelha séria.

Quem quer que esteja trabalhando pelas minhas costas, mexendo os pauzinhos para me manter aqui, está no alto escalão da hierarquia da Cosa Nostra. É mais do que provável que eles tenham uma fonte dentro da prisão para me vigiar. Se alguém suspeitar que Nuncio é meu fantoche, que ele não é realmente capaz de fazer seu trabalho, ele perderá o respeito e a lealdade da Família e será imediatamente removido. Meus planos para uma tomada de poder sem derramamento de sangue iriam por água abaixo.

Outra pontada de dor atravessa minha lateral quando me levanto do banco e atravesso o pátio. No canto, rabiscando loucamente em seu caderno, está uma *abóbora fresca*, com a cabeça ainda um pouco inchada pela surra de boas-vindas que recebeu ao chegar há alguns dias. Daí o apelido. É sempre a mesma coisa com os novatos - ou eles se desfazem como um maldito mingau ou aprendem rapidamente como sobreviver neste buraco imundo. Acho que esse aqui pode sobreviver; ele parece estar bem, sem contar o estado atual da sua cabeça.

Ainda me lembro da minha própria prova de fogo feita pelo comitê de boas-vindas. Aqueles três imbecis queriam ver se eu me defenderia ou se me submeteria e seria a vadia de alguém. Eles me atacaram no chuveiro, dois me segurando enquanto o terceiro usava um cano na minha barriga como se fosse um treino de rebatidas. Fui pego completamente desprevenido, e foram necessários dois golpes no estômago e um chute na cabeça para que eu recuperasse a razão. Quando consegui me soltar dos caras que me prendiam e pegar o cano, eles receberam minha resposta em alto e bom som. Meu nariz nunca cicatrizou adequadamente daquele encontro, e a parte da minha mandíbula que os médicos tiveram de remendar ainda arde ocasionalmente. Mas nenhum dos meus agressores saiu com um sorriso no rosto. E nunca mais sorriram depois disso.

Meu passeio pelo caminho da memória termina exatamente quando alcanço meu alvo. Sem dizer uma palavra, pego a caneta da mão do cara, seguro a carta da minha meia-irmã na parede e escrevo uma única linha de texto, logo abaixo da

dela.

*Não se atreva a ligar para a prisão nunca mais.*

Estou na metade do pátio, indo em direção a um dos guardas que trabalha para mim, para que ele envie o bilhete de volta para Zahara, quando uma inesperada pontada de culpa me atinge. Parando no caminho, levanto a carta e dou uma olhada em minha mensagem.

***O quê?*** O imbecil dentro da minha cabeça diz. ***O significado não pode ser mais claro. A garota fez merda! Ela precisa saber quão seriamente ela estragou tudo para não fazer isso de novo. Ou - não me diga - você está ficando mole?***

*Vai se foder!* Eu me viro contra o meu amigo sempre presente.

***Você não pode se dar ao luxo de duvidar de nada.***

Eu sei disso. Então, por que diabos menos de uma dúzia de palavras que escrevi estão me incomodando?

Com a apelação da sentença negada, eu, então com vinte e poucos anos, aceitei que ficaria preso nessa jaula por um longo período. Para um homem em seu auge, isso praticamente equivale à morte. Durante os anos em que estive apodrecendo, essa realidade me batia na cara repetidas vezes, toda vez que meu pedido de liberdade condicional era recusado. Os homens nessas situações têm maneiras diferentes de lidar com a situação. Alguns simplesmente vivem o dia a dia, existindo em vez de viver, ansiando pelo momento em que terão sua liberdade de volta. Outros simplesmente desistem, como o meu primeiro companheiro de beliche, que estava cumprindo pena de 30 anos por um duplo homicídio. Ele se enforcou com um lençol da cama, com apenas seis meses de prisão.

Meu foco em manter o controle dos negócios e aumentar a riqueza e a influência

da Família me mantiveram são. Tudo o que fiz na última década e meia foi realizado com esse único objetivo em mente. Eu ameacei. Mutilei. Matei - com minhas próprias mãos ou por minhas ordens - pelo menos uma dúzia de pessoas. Algumas delas atrapalhavam meu objetivo final e precisavam ser apagadas do mapa. Outras eram simplesmente garantias para ganhar favores e obter acordos de outros jogadores influentes, assegurando que eu teria os recursos e o apoio de que precisaria quando fosse libertado e recuperasse o que é meu. Sobrevivi por não dar a mínima para as pessoas ou seus sentimentos. Todo mundo é um obstáculo que precisa ser superado ou um recurso que pode ser explorado.

Zahara acabou se tornando um recurso muito valioso, do qual ainda estou longe de terminar de usar. Ela não é nada mais do que isso. Quando eu finalmente estiver livre, casá-la-ei com alguém que ofereça uma vantagem comercial ou que consolide uma aliança estratégica. Farei o mesmo com sua irmã. Ambas são apenas peões.

Mas quando olho para a minha resposta rapidamente rabiscada na carta dela, essa culpa me atinge novamente no peito. Ela ainda é apenas uma criança que não sabia o que estava fazendo.

Amasso a folha de papel e a coloco no bolso de trás da minha calça. Olhando para a esquerda, vejo o *abóbora*, ainda rabiscando em seu bloco de anotações no canto do pátio. Meus passos largos diminuem a distância entre nós, e logo estou pegando o caderno e a caneta de suas mãos novamente para escrever uma nova resposta.

*Zahara,*

*Por favor, não ligue para a prisão novamente.*

*M.*

# Capítulo 7

## Quase um ano depois

### *(Zahara, 18 anos; Massimo, 35 anos)*




O furgão azul-escuro se aproxima da porta aberta do compartimento de carga. Todos os domingos de manhã, ele chega para recolher os cestos de roupa suja e leva tudo para outro centro correcional próximo, onde será tratado. Mantendo os olhos no veículo através dos vapores do meu hálito gelado, encosto o ombro na parede fria da área de atracação e espero o caminhão parar. A janela do lado do motorista desliza para baixo e, instantaneamente, um assobio quase inaudível soa de dentro da cabine.

Pego um dos cestos repletos de sacos de malha cheios de merda imunda e o carrego para a parte de trás do veículo enquanto o fedor ataca minhas narinas. Empilhando o cesto no compartimento de carga do furgão, dou uma olhada para o agente penitenciário que supervisiona o trabalho. Ele olha para os outros dois detentos que estão manuseando os cestos e então me faz um leve movimento com o queixo.

Casualmente, dou a volta no caminhão e encosto meu ombro na porta do motorista. — Você deveria estar aqui há uma semana.

— Desculpe-me, chefe. — A voz baixa de Peppe passa pela janela aberta. — O turno do meu irmão foi alterado, então não pude substituí-lo no domingo passado.

— Certifique-se de que isso não aconteça novamente, — eu aviso.

Peppe é da primeira geração da Cosa Nostra. Seu pai era operário em um dos armazéns da Família, trabalhando ao lado do meu pai. Peppe, no entanto, é mais ambicioso do que seu pai jamais foi. Ele decidiu se tornar um membro da máfia ao fazer o juramento e se tornou soldado durante o reinado do meu pai. Quando levei um tiro na noite do meu baile de formatura, foi Peppe quem carregou minha bunda até um lugar seguro, e ele mesmo acabou sendo ferido no processo. Durante anos, ele tem sido meu contato secreto dentro das fileiras dos soldados de infantaria.

— O que tem para mim? — Pergunto.

— Um sujeito chamado Wei Zhao chegou ao Bloco C há alguns dias. A Tríade quer que você saiba que eles não têm nenhum amor por ele e ficariam imensamente gratos se ele pudesse ser tratado. Um suicídio, se for possível.

— Precisarei de uma ou duas semanas para tomar providências. Não tenho ninguém de confiança no Bloco C, portanto, eu mesmo cuidarei disso. Mais alguma coisa?

— Os pirralhos de Roxbury estão causando alvoroço, usando um local em nosso território para mover carros roubados. Mas eles estão sendo tratados. — Ele faz uma pausa, e posso dizer que o que quer que ele tenha a dizer a seguir é algo que está pesando em sua mente. — O Capo Armando, no entanto, pode se tornar um problema. Desde que foi designado para supervisionar os soldados de infantaria, ele não se preocupou em descer para falar com nossos homens nem uma vez sequer. Ele parece estar mais interessado em gastar o dinheiro do pai nos cassinos.

Eu me lembro de Armando. Lembro-me de que ele era um idiota. Ele estudou na mesma escola que Salvo e eu, mas estava dois anos atrás de nós. Armando é estúpido pra caramba, mas seu pai é um de nossos maiores investidores. É por isso que tive de concordar em promover o filho da puta inútil. Nuncio me

informou que o pai de Armando havia pedido isso pessoalmente. Na época, eu não podia me arriscar a fazer barulho entre a elite da Cosa Nostra, mas quando estiver livre, vou cuidar desse idiota. — Farei com que ele leve suas obrigações mais a sério de agora em diante. De qualquer forma, ele está ocupando essa posição apenas temporariamente.

— Fico feliz em ouvir isso. — A cabeça de Peppe balança para cima e para baixo quase imperceptivelmente, e então ele exala um longo suspiro. — A motivação é importante para as pessoas. Assim como saber que elas não são vistas apenas como músculos dispensáveis. Os homens precisam de um líder que os valorize. Eles não se esqueceram de como era... antes.

Desvio o olhar, observando o alto muro de concreto que cerca a prisão e o arame farpado elétrico enrolado no topo. Tudo o que está além disso foi ocultado da minha visão por mais de uma década. *Sim... Antes...* Antes de eu chegar à prisão, nenhum tráfico de drogas local ou conflito interno acontecia sem que eu estivesse lá. Minha presença garantia a segurança de nossos soldados, pois somente um idiota se arriscaria a abrir fogo com a presença de um membro do alto escalão da Cosa Nostra. Meus homens eram importantes para mim. Cada um deles. Desde o meu braço direito até ao mensageiro mais baixo na hierarquia. Mas isso foi... *antes*.

Agora... Agora não me importo com ninguém nem com nada além da execução bem-sucedida do meu plano. Nada.

— O homem de que você se lembra não existe mais, Peppe. Não dê falsas esperanças aos nossos homens. Eu não sou a mesma pessoa que já fui. Ele se foi.

— Ou talvez ele esteja simplesmente... perdido. — Ele dá uma olhada no espelho retrovisor lateral. — O carregamento está quase completo.

— Sim. Certifique-se de não perder sua visita no próximo mês. Tenho um recado para Zahara, e você precisará acompanhá-la. — Bato na porta com o punho e me viro para sair, mas Peppe sussurra meu nome e eu paro.

— Por que ainda está usando a garota? Farei qualquer coisa para obter as informações de que você precisa, sabe disso.

Viro-me para trás e o fixo com meu olhar. Peppe sempre foi observador, e esse é o principal motivo pelo qual o coloquei como um dos motoristas de Don Veronese - assim ele poderia facilmente monitorar os movimentos do meu padrasto e ouvir conversas durante o trajeto. Mas, apesar da sua certeza atual, sei que ele nunca conseguiria me dar informações de dentro das funções sociais que Núncio adora organizar e frequentar. Não duvido nem um pouco da vontade de Peppe ou de suas habilidades. Isso simplesmente não está nos planos. Não para ele.

— Ela é muito jovem, — ele acrescenta. — É muito perigoso.

— Eu não ligo, — retruco e volto para dentro do compartimento de carga. Recuso-me a desistir do às na manga.




***Dois meses depois***

— Zara! — Minha irmã salta para arrancar das minhas mãos a caixa de presente que ela acabou de me entregar. — Você não pode abri-lo agora! Seus convidados já estão chegando e você deve abrir todos os presentes ao mesmo tempo, depois da festa.

Dou um passo para trás, apertando a caixa em meu peito. — Eles não são *meus* convidados. Eu não convidei nenhuma dessas pessoas. Foi papai. Então, não me importo. Seu presente é provavelmente o único que eu vou gostar.

O sorriso de Nera diminui, mas ela rapidamente faz uma cara feliz. — Tudo bem. Vamos ver se escolhi bem.

Colocando um vaso de rosas brancas de lado, coloco a caixa de presente sobre a cômoda e começo a rasgar o papel de embrulho. O que quer que seja, é pequeno e retangular. É um novo conjunto de lápis de desenho? Uma nova tesoura de costura para acrescentar à minha crescente coleção? Assim que a caixa é completamente desembrulhada, quase desabo em lágrimas.

— Como você conseguiu...? — Fico olhando para o cortador rotativo elétrico edição limitada, portátil, que vi em vídeos promocionais. É a melhor e mais recente ferramenta para cortar várias camadas de tecido de uma só vez. — Ele só é vendido no Japão.

— O primo de Dania viajou para Tóquio a trabalho há algumas semanas. — Ela sorri. — Você tem falado sobre isso há meses, então como eu poderia não conseguir?

— Obrigada, — eu digo, com a voz embargada, e beijo sua bochecha.

— Ele também me trouxe um ímã de geladeira. Eu o tenho pendurado ao lado

daquele que você comprou para mim em Paris.

Desvio o olhar rapidamente, sentindo-me culpada. Comprei esse ímã no eBay. A longa viagem de fim de semana para a Europa com a família de Hannah nunca aconteceu de fato. Pelo menos para mim. Foi uma história de fachada para encobrir quando precisei entregar pessoalmente uma mensagem secreta a um cara nos arredores de Nova York no mês passado. Ninguém, exceto Peppe, que me levou até lá e ficou grudado em mim como cola durante o intercâmbio, sabia disso.

Tudo isso foi uma provação. Ninguém das outras famílias da Cosa Nostra tem permissão para entrar no território de Nova York sem a permissão específica do seu Don. Mas tenho certeza de que o cara que conheci era um mafioso local, então, de alguma forma, Massimo fez os preparativos para mim. Não me lembro o nome exato do cara. Eu estava um pouco nervosa demais. Arthur? Não, Arturo. E a mensagem não fazia o menor sentido para mim. Eram apenas duas frases.

*Tenho uma solução para o seu problema em Chinatown.*

*Entrarei em contato quando estiver pronto para negociar.*

Gostaria de saber que tipo de negócios Massimo tem com o famoso Don Ajello? Além disso, algo me diz que Peppe também está trabalhando para Massimo, considerando que ele nunca disse uma palavra a ninguém sobre nossa excursão. Ele nem sequer me questionou quando eu disse a ele onde eu tinha que ir.

— Zara! — A porta do meu quarto se abre e papai entra. Ele está vestindo um terno preto novo e com o cabelo penteado para trás, pronto para impressionar o figurão que virá esta noite. Não tenho a menor dúvida quanto a isso. — Os convidados estão chegando, e você precisa cumprimentá-los.

Eu suspiro. — Já estou indo.

— Muito bem. Agora, feche seus olhos.

Levantando as sobrancelhas, faço o que ele diz. O som inconfundível de passos em sapatos sociais se aproxima e se move atrás de mim. Então, algo é colocado em volta do meu pescoço.

— Não pense que eu não notei que você estava olhando para isso no outro dia, — ele fala perto da minha orelha e beija o topo da minha cabeça. — Feliz aniversário, garotinha.

Quando abro os olhos, me deparo com a expressão chocada de Nera.

— Por favor, apresse-se — diz papai. — Seria incrivelmente mal educado não cumprimentar as pessoas que vieram à sua festa de aniversário.

A porta se fecha em seu rastro, e eu olho para baixo. Um requintado colar de diamantes e ouro repousa sobre as protuberâncias dos meus seios cobertos de seda, brilhando contra o bege da minha camisa. Sim, é aquele que vi na joalheria do shopping quando papai e eu paramos para pegar alguns tecidos que encomendei. Fiquei um bom tempo olhando para a elegante peça na vitrine enquanto papai foi ao banheiro antes de saímos para jantar com seu sócio.

— Não acredito que ele tenha feito isso. — Nera corre atrás de mim para soltar o colar. — Vou me certificar de que ele o devolva e lhe dê outra coisa.

— Não se incomode, — murmuro.

— Não, eu me incomodo. E farei com que ele se desculpe. Como ele pôde esquecer que você não pode usar ouro?

— Você não fará nada disso. — Pegando o colar dela, eu o levo para o outro lado do quarto até minha penteadeira e o coloco em minha caixa de joias. Junto com a maioria dos presentes anteriores do meu pai, que eu também não posso usar. — E você também não mencionará isso a ele.

— Zara.

— Eu disse não. — Pego a mão de Nera. — Vamos ver quem nosso pai

convidou para *minha* festa de aniversário.

***

Pego uma taça de vinho branco da bandeja do garçom enquanto ele não está olhando e tomo um gole enorme. — Se eu tiver que apertar outra mão esta noite, vou matar alguém.

— Não sei por que papai insistiu em transformar isso em um evento tão grande, se não era o que você queria, — Nera murmura ao meu lado.

— Porque seu próprio aniversário é só daqui a quatro meses e ele está ficando sem ocasiões em que uma lista de convidados de cem pessoas ou mais seria apropriada.

Suspiro e dou uma olhada na multidão que se mistura. Ser um bebê que nasceu no inverno significa não ter festas de aniversário no jardim, e o grande salão está tão cheio que os participantes estão quase tropeçando uns nos outros. Ter tantas pessoas tão próximas umas das outras é um sonho absoluto para bisbilhotar. Entretanto, com Nera ao meu lado, não tive muitas oportunidades esta noite. Além de um trecho divertido de que a esposa de Adriano colocou silicone, o que todo mundo definitivamente notou, não ouvi nada de útil.

No outro lado do salão, perto da lareira com os capos Armando e Brio, está Salvo. Eles parecem estar discutindo profundamente, mas, de vez em quando, Salvo lança um olhar em minha direção. Não faço ideia de qual seja o problema dele. Nas últimas semanas, o encontrei duas vezes quando fui tirar as medidas da sua mãe. Nas duas vezes, ele tentou iniciar uma conversa casual, mas consegui me esquivar.

— Você ficaria chateada se eu fosse embora agora? — Pergunta Nera. — Tenho um trabalho para terminar antes de amanhã de manhã.

— Claro que não. Vou dar mais uma volta pelo salão e depois subo para o quarto.

Ela me dá um rápido beijo na bochecha — Mande-me uma mensagem quando abrir os presentes.

— Pode deixar. — Eu a beijo em troca. Mal posso esperar para ver todos os vasos de cristal, joias e outras coisas sem sentido de pessoas que nem sequer me conhecem.

Quando Nera sai, eu me dirijo aos convidados, mas com a multidão tão apertada, ninguém está discutindo nenhum assunto delicado. Ao avistar Salvo vindo em minha direção, dou uma volta rápida e praticamente corro de volta para o meu quarto.

As empregadas já trouxeram todos os meus presentes para o andar de cima, empilhando-os em uma pilha enorme sobre o sofá e ao redor dele. Ignoro os pacotes embrulhados de forma elaborada e me dirijo ao banheiro, mas paro quando noto uma grande caixa desembrulhada entre uma pilha de sacolas de presente. É uma caixa de papelão branca simples, com apenas um envelope preso na parte superior com fita adesiva transparente.

Eu me movo entre os outros presentes e tiro o envelope da caixa. Sinto borboletas no estômago quando tiro um pedaço de papel de caderno com uma única frase escrita na página.

*Feliz aniversário, Zahara.*

Não está assinada, mas eu reconheceria a caligrafia de Massimo em qualquer lugar.

Em minha última carta, falei por dois parágrafos sobre como papai tem insistido em dar uma grande festa para o meu aniversário de 18 anos, sem imaginar que

Massimo me enviaria um presente. É um abajur? Odeio abajures, mas se Massimo me deu um, vou deixá-lo na minha mesa de cabeceira. A caixa parece ser grande o suficiente para isso, e é bastante pesada. Quando finalmente levanto a tampa, estou zumbindo como um fio elétrico e minhas mãos estão tremendo.

Não é um abajur.

Dentro da caixa há uma pilha de pelo menos dez tecidos cuidadosamente dobrados, cada um com uma variação de algum tipo de marrom. Meus dedos trêmulos deslizam sobre os tecidos finos, enquanto o meu coração dobra o ritmo a cada segundo que passa. Seda castanha, bege escuro e castanho avermelhado. Renda cor de cobre com detalhes bordados em ouro. Algodão superfino em um delicioso mocha. Macio e fluido, perfeito para roupas de verão. Como ele conseguiu colocar as mãos nisso?

Na parte inferior da caixa, há outra nota. Uma única frase em outra página despretensiosa.

*Espero que eles abranjam todos os tons de marrom, para que você possa finalmente parar de me incomodar com as diferenças em cada letra que escrever.*

*M.*

Coloco a mão sobre a boca e dou uma risadinha. Eu realmente *tenho* incomodado ele. Muito. Até o provoquei por não conseguir diferenciar os vários tons. Eu me divirto com seu tom claramente exasperado em suas respostas sempre que escrevo sobre diferentes tons de marrom. Certa vez, ele me perguntou por que eu sempre uso cores apagadas e monótonas, nunca amarelos ou laranjas, por exemplo. Eu ignorei a pergunta. Não queria admitir que os tons apagados me tornam menos perceptível na multidão. Menos pessoas tendem a olhar para mim. Olhar para a descoloração ao redor dos meus olhos, mais

especificamente. Depois de todo esse tempo, de todas as nossas cartas, nenhuma vez mencionei a ele minha condição de pele. Acho que estou sendo vaidosa. Quero que ele me considere bonita.

Ele pensa? Pensa em mim? Porque eu penso nele o tempo todo. Imagino nosso primeiro encontro, pessoalmente, depois que ele sair. Ele virá correndo até mim e me pegará em seus braços. Vai me dizer que estava sonhando comigo. Talvez... talvez ele até me beije.

Eu não deveria estar pensando no meu meio-irmão dessa forma. É totalmente tabu, e eu deveria me envergonhar por ter esses pensamentos escandalosos em minha mente. Embora não sejamos parentes de sangue, nós dois juntos seria considerado um pecado em um mundo conservador da Cosa Nostra. Mas eu gosto de imaginar isso de qualquer forma. E não é só isso que imagino. Eu simplesmente... não consigo me conter.

Houve ocasiões em que saí com Nera e suas amigas, e as garotas sempre se gabavam dos seus namorados. Elas contavam histórias sobre o que faziam com seus homens. Na maioria das vezes, eu ficava chocada e com o rosto vermelho. Certa vez, Dania me perguntou se eu gostava de um cara e se ofereceu para me ajudar a sair com ele. Eu disse que não, é claro. Todos os rapazes com quem tenho contato parecem garotos estúpidos. Não consigo nem imaginar beijar nenhum deles, muito menos algo mais do que isso. Mas tenho a fantasia de beijar Massimo. E sonho acordada em fazer muito, muito mais.

Minha mente se volta para o baú de madeira rústica que fica embaixo da minha cama. Há pelo menos uma centena de cartas lá dentro, cuidadosamente escondidas sob um monte de fitas de seda e retalhos de tecido para que as empregadas não tropecem nelas por acidente. Todas as noites, antes de dormir, pego algumas das cartas e as leio. Mesmo que eu consiga me lembrar de cada uma delas, palavra por palavra. A que contém a explicação das equações lineares é a minha favorita.

Às vezes, fecho os olhos e coloco a mão sobre os caracteres fluidos da página, imaginando Massimo falando as palavras. Como é a voz dele? Profunda e rouca? Ou suave o suficiente para deslizar sobre mim como um veludo macio? Não sei, pois as cartas têm sido nossa única comunicação durante todos esses anos. Qual é a aparência dele? Eu me pergunto, provavelmente pela milionésima vez. Tentei imaginá-lo como um adulto, uma versão mais velha do garoto carrancudo que eu tinha visto nas fotos. Imaginei um homem com cabelos escuros e rebeldes caindo sobre seus olhos, mas minha mente nunca conseguiu dar esse salto. Até hoje, não tenho ideia de como meu meio-irmão realmente é, mas sinto que o conheço em sua essência. E se ele realmente lê todas as bobagens que escrevo em minhas cartas, então ele também me conhece melhor do que qualquer outra pessoa. Há apenas uma coisa que nunca mencionei. Eu não conseguiria contar a ele sobre meu vitiligo e saber que ele era apenas mais uma pessoa a sentir pena de mim.

No início, as cartas de Massimo eram pouco frequentes e sempre muito breves. Curtas, respostas vagas às minhas perguntas e questionamentos mais específicos sobre o que estava acontecendo em casa. Com o tempo, porém, elas ficaram mais longas e mais pessoais. As cinco frases se tornaram dez. Depois, vinte. Depois, uma página inteira. Embora grande parte de cada uma de suas mensagens ainda fosse composta de instruções cuidadosamente elaboradas sobre o que ele precisava que eu fizesse, ou sobre o tópico ao qual eu deveria prestar mais atenção ao escutar as reuniões do meu pai, a maneira como ele organizava tudo me dizia mais sobre seus interesses, suas habilidades e como sua mente funciona. A cada carta, eu ficava mais impressionada com sua astúcia. Metáforas, palavras-código, pistas ocultas. Se alguém se deparasse com uma de suas cartas, duvido que fosse capaz de discernir seu significado. Tudo pareceria nada mais do que divagações aleatórias ou fatos confusos. Suas palavras eram um caos para todos, menos para mim.

Um homem inteligente e desonesto. Nunca se afastou do seu objetivo final.

O homem em quem não consigo parar de pensar.

Suas cartas mais extensas, embora ainda bastante cautelosas, tornaram-se o calor que me sustenta. Porque é ali, nas entrelinhas, que estou aprendendo sobre o verdadeiro Massimo. Das coisas que ele não diz de fato. Como sua dificuldade para dormir porque está sempre em alerta, esperando que alguém corte sua garganta quando baixar a guarda. O quanto ele sente falta da natureza - plantas e árvores - porque tudo o que ele vê são as mesmas paredes de concreto todos os dias. Sua afinidade com um senso de humor seco. E a culpa que ele ainda sente pela morte de Elmo. Ele se culpa, embora tenha sido apenas uma reviravolta infeliz, que ele não poderia evitar. Ele tentou, porém, e agora vive com as consequências daquela noite. Uma noite da qual não me lembro, mas sei a verdade sobre o que aconteceu porque consegui arrancar a história de papai. Gostaria de poder tranquilizar Massimo. Gostaria de poder aliviar sua dor.

Gostaria... de algo que é proibido.

# Capítulo 8

## Quatro meses depois




— Você não sabe nada sobre ele, — eu digo. — Como isso pode ser um relacionamento saudável?

Nera se deita de barriga para cima e apoia as mãos sob o queixo, os olhos brilhando como pequenas pedras preciosas, como sempre que fala sobre seu ‘perseguidor’. É claro como o dia que ela está apaixonada por ele. Apaixonada por um homem cujo nome ela nem sabe, e eles estão se encontrando há quase um ano.

Ela se deparou com ele ferido e sangrando em um beco escuro e o levou para a clínica veterinária onde trabalha para fazer um curativo. Quando ela me contou o que havia feito, quase perdi a cabeça. Sozinha, com um homem que havia sido baleado! No meio da noite! Ela devia estar fora de si. Ele poderia ser um completo psicopata. Mas eles têm se encontrado desde então.

No início, achei que era apenas uma simples paixão que passaria tão rápido quanto começou. À medida que os meses se arrastavam, ficou óbvio que não era esse o caso. Não me lembro de ter visto Nera tão feliz antes, e realmente não tenho certeza se devo ficar feliz por ela ou se devo me preocupar.

— Você já conheceu alguém com quem pode conversar sobre todas as coisas que não consegue discutir com mais ninguém? — Pergunta minha irmã do seu lugar na minha cama — Mesmo que você não saiba muito sobre essa pessoa?

Sinto uma dor no polegar quando me apunhalo com a ponta da agulha. Uma pequena gota de sangue é absorvida pela seda bege e quase hiperventilo, alarmada com o fato de ela saber meu segredo. Mas quando olho para cima, vejo-a olhando para o teto com um olhar sonhador. Era apenas uma pergunta retórica, graças a Deus.

— Talvez, — respondo, sem realmente ter a intenção de responder.

— O quê? — Nera se levanta abruptamente da cama — Quem?

Rapidamente, volto meu olhar para o tecido em minhas mãos. — Não quero falar sobre isso.

— Você sabe que pode me contar qualquer coisa, Zara.

A culpa ameaça me consumir. Nunca tivemos segredos entre nós. Até Massimo. Não me oponho moralmente a espionar para ele, mas me sinto mal por esconder minhas atividades de Nera. Por outro lado, Massimo se tornou muito mais para mim do que um meio-irmão. E como minha irmã me conhece tão bem, tenho medo - na verdade, fico aterrorizada - de que ela não demore muito para perceber a verdade. E me condene por isso.

Eu alguma vez acreditei que era possível me apaixonar por um homem sem nunca vê-lo? Amar sua mente? Seu espírito? Sua natureza oculta?

Não.

Mas isso apenas ressalta o quanto eu estava errada.

Porque estou me apaixonando pelo nosso meio-irmão.

— Desta vez não, — murmuro, fingindo estar absorta em minha costura.

Nera estreita os olhos para mim, mas não se intromete mais, e voltamos ao seu relacionamento distorcido com seu namorado perseguidor.

— Não acredito que vocês levaram um ano para dar o primeiro beijo. Quantos anos você tem, doze? — Digo enquanto levanto o corpete do vestido que estou

fazendo para ela. — Você precisa experimentá-lo. Cuidado com os alfinetes nas laterais.

— Olha quem fala.

— Acho que tem razão. — Dou de ombros. — Eu nunca tive um namorado.

— E aquele cara da escola? Aquele que ficava seguindo você durante o almoço.

— Finn? Era apenas um esquisito. — O corpete está um pouco frouxo demais, então solto os alfinetes nas laterais e reajusto. — Pare de se contorcer.

— Por falar em esquisitos... Você notou o modo como Salvo tem olhado para você?

Eu franzo a testa. — Não faço ideia do que está falando.

— Você é realmente alheia. Eu vi isso pela primeira vez no almoço após o batismo do filho de Tiziano. Salvo estava praticamente devorando você com os olhos.

— Aquele com escargot no cardápio. Eu me lembro. Que nojo.

— Exatamente. O cara tem quarenta anos.

— Trinta e cinco, — a corrijo. Salvo e Massimo têm a mesma idade. — Ele provavelmente estava apenas olhando para o meu rosto.

— Ele estava. Mas não por causa do que você pensa. — Nera coloca as mãos em meus quadris e me vira de modo que eu fique de frente para o espelho grande.

— Você bagunçou meu trabalho, — murmuro. — Terei que refazer o corpete novamente.

— Esqueça o corpete. — De pé atrás de mim, ela apoia o queixo em meu ombro.

Nera é um pouco mais alta do que eu, e seu cabelo é um ou dois tons mais claro do que o meu castanho-claro. Embora meu nariz seja mais estreito e minhas maçãs do rosto sejam mais pronunciadas, somos muito parecidas. Ignorando as manchas pálidas ao redor dos meus olhos, é claro.

— Não é de admirar que o assustador Salvo não consiga tirar os olhos de você, — ela diz perto do meu ouvido. — Não consegue ver como você é linda de morrer?

Suspiro. Minha irmã tem como missão me convencer de que sou bonita. Ela pode acreditar que é verdade, mas eu não consigo. Gostaria de ser como todo mundo. *Normal*.

— Sim. — Viro-me de volta e começo a tirar os alfinetes do corpete. — Preciso começar a trabalhar nisso se quiser que fique pronto para a festa de aniversário de papai no próximo fim de semana.

— Você vai?

— Provavelmente. — De jeito nenhum papai me deixaria faltar à festa dele, especialmente porque ele voltou a insinuar, não tão sutilmente, que eu e Nera estamos prontas para nos casar. Ele até deu a entender que Ruggero estaria lá e que seria uma ótima oportunidade para nós dois nos conhecermos. Só de pensar nisso, fico enjoada.

— Merda, vou me atrasar para o meu turno na clínica. — Nera tira o vestido meio pronto e pega sua bolsa na cadeira.

— Você notou que o papai está agindo de forma estranha ultimamente? — Pergunto. — Ele tem se distraído e esquecido coisas. E Leone tem aparecido com mais frequência do que o normal. Ele e o papai ficam horas a fio no escritório de papai.

Ele também começou a trancar a porta do escritório quando está fora de casa, algo que nunca havia feito antes.

— Hum-hum. Surgiram alguns problemas nos cassinos, mas papai disse que está resolvendo. Tenho que ir. — Nera dá um beijo na minha bochecha e sai correndo do quarto antes que eu tenha a chance de pedir que ela fale mais.

Problemas nos cassinos? A última vez que consegui entrar sorrateiramente no

escritório de papai e vasculhar a papelada em sua mesa foi há duas semanas, mas não encontrei nada suspeito. Havia alguns contratos de aluguel de armazéns e alguns folhetos sobre o novo bloco de condomínios que acabara de ser construído nos arredores de Cambridge. Isso era tudo.

Terei que encontrar uma maneira de entrar novamente e verificar os documentos que ele mantém em seu cofre para ver se há algo que possa esclarecer o que está acontecendo antes de escrever para Massimo.

***

***Uma semana depois***

***Propriedade privada, 50 Km ao norte de Boston***

***Festa de aniversário de Núncio Veronese.***

Risos e palmas soam atrás de mim enquanto corro pelo gramado. Papai obviamente começou seu discurso. Normalmente, ele faz algumas piadas para aquecer a plateia e depois passa a elogiar os membros da Família. Eu esperava poder ouvir muitas fofocas úteis esta noite, mas Nera ficou ao meu lado a noite toda e eu não tive a chance. Papai ficará furioso quando souber que saí mais cedo da sua festa de aniversário, mas não me importo. Preciso sair daqui agora, depois de saber o que aconteceu com minha irmã há três dias.

— Srta. Veronese? — Peppe pergunta quando o encontro com os outros motoristas em um lounge ao lado da garagem anexa.

— Para casa, por favor.

Durante a semana passada, fiz várias tentativas de entrar sorrateiramente no escritório de papai, mas a porta estava trancada todas as vezes. A única outra maneira de entrar é por uma janela que dá para o quintal. Papai a deixa

entreaberta às vezes. Com toda a equipe e os seguranças que normalmente circulam pela casa, eu não podia me arriscar a entrar. Hoje, todos os nossos funcionários da casa foram trazidos para essa propriedade rural para ajudar na festa.

Eu já havia escrito para Massimo esta manhã, contando a ele sobre o banho de sangue que dizimou a Camorra. Na sexta-feira, o chefe do clã - Alvino - juntamente com metade da sua equipe, foram encontrados mortos em uma igreja afastada nos arredores de Boston. Ouvi papai contar a Nera sobre isso ontem, quando ele ligou para ela. Depois, ele passou boa parte da tarde fechado em seu escritório e ao telefone com Efisio, o cara que está assumindo o controle do Clã Camorra.

A preocupação de papai com as notícias sobre a Camorra não parecia tão estranha a princípio - qualquer confronto importante dentro de nosso território seria preocupante. Ainda assim, tentei fazer o possível para ouvir o que eles estavam falando, mas a conversa estava muito silenciosa. Imaginei que teria a chance de descobrir os detalhes mais tarde, já que a Cosa Nostra nunca negocia com a Camorra, e provavelmente não passava de uma postura habitual de um chefe. Agora, porém, depois de descobrir que Nera foi sequestrada por Alvino e que foi isso que levou à carnificina na igreja, estou convencida de que deve haver algo mais que papai e Efisio estavam discutindo. E deve haver uma pista ou um rastro de papel escondido em seu escritório.

Algo me diz que essa situação é crítica, portanto, preciso transmitir todas as informações que encontrar para Massimo imediatamente. Talvez Salvo tenha uma maneira mais rápida de entrar em contato com ele? Da última vez que vi, Salvo estava em um grupo com os outros capos. Com a festa a todo vapor, talvez eu consiga falar com ele sozinho, mas não quero dar meia-volta e perder a oportunidade de entrar sorrateiramente no escritório de papai. Talvez eu possa me arriscar a ligar para  Salvo? Tiro a mão da bolsa para pegar o celular, mas lembro que o deixei em casa. *Droga*.

***

A pequena tela do visor acima do teclado escondido atrás do quadro de Monet pisca em vermelho.

Papai mudou a combinação do cofre.

Coloco o polegar entre os dentes, mordendo a unha. As portas do escritório trancadas. Código de acesso alterado. Papai deve ter suspeitado que alguém de dentro da casa descobriria o que ele estava fazendo, talvez até estivesse paranoico de que, seja lá o que for, chegasse a Massimo. Ele teria suspeitado de mim? Ah, como se *a pobrezinha da Zara* fosse capaz de fazer algo tão ousado. Ele provavelmente acha que é uma empregada ou um dos seguranças.

Tento os dígitos da combinação anterior, mas na ordem inversa.

Sinal vermelho de novo, droga.

Ele deve ter escolhido um número que é importante para ele, mas o que poderia ser? Papai adora aniversários. Talvez ele tenha usado um dos nossos? Com certeza não seria o meu. O de Nera?

Eu tento. Nada.

E o dele?

Não. Apenas o lampejo vermelho zombeteiro.

— Merda.

Vasculho sua mesa, movendo notas e pastas na esperança de que ele tenha anotado o código em algum lugar, mas não encontro nada. Um pensamento me ocorre no momento em que estou pronta para desistir. *a Famiglia*. Ela sempre foi a coisa mais importante para meu pai. Voltando para o cofre, digito a data em que meu pai fez seus votos como novo Don.

Com um clique quase inaudível, a porta do cofre se abre lentamente. Uma risada

infeliz me escapa. Afinal, é meu aniversário. Meu pai se tornou o Don de Boston em meu primeiro aniversário.

Acabei de começar a folhear as pastas que tirei do cofre quando o barulho de um motor de carro e o rangido de pneus entram pela janela. Mas que diabos? Todos ainda deveriam estar na festa. Ela foi planejada para durar até tarde da noite. Rapidamente, fecho o cofre e saio correndo do escritório no momento em que a porta da frente, do outro lado do hall de entrada, se abre.

— Nera? — eu digo, com a voz embargada.

Minha irmã paira na soleira da porta, com a maquiagem espalhada por todo o rosto. Seu vestido está amassado, com uma grande mancha vermelha cobrindo a frente.

— Nera! — Gritando, corro pelo corredor até ela.

— Tentei ligar para você. — Sua voz está vazia e seu olhar desfocado. — Você... você não estava atendendo o telefone.

— O que aconteceu? Isso é... sangue? Nera, oh meu Deus, você está bem?

— Deve ter sido um assassino. Eu tentei... tentei acordá-lo, mas...

— O quê? Quem? — eu grito.

Seus olhos vermelhos se encontram com os meus. — Papai.

*Não.* Eu recuo como se ela tivesse me dado um chute no peito. *Não.* Ele está bem. Tem que estar. Temos nossas diferenças, papai e eu, mas isso não muda o fato de que eu o amo. *Ele vai ficar bem.*

— Ele está muito machucado? Onde foi...? Em qual hospital? — Minha respiração sai dos pulmões em rajadas curtas, e parece que não consigo formar frases completas. Por que ela está parada ali? Precisamos ficar com papai.

— Zara... — Nera estende a mão para mim, mas eu a afasto.

— Não, — eu imploro. Então, agarrando a frente do seu vestido ensanguentado,

enterro meu rosto em seu pescoço. — Não diga. Por favor, não diga.

— Papai se foi, Zara.

# Capítulo 9

## Funeral de Núncio Veronese, Boston

### *(Zahara, 18 anos; Massimo, 35 anos)*




Olhares fixos.

Sussurros silenciosos.

Dezenas de olhos se fixaram em minhas costas enquanto eu caminhava pela multidão reunida em direção ao caixão branco ao lado do túmulo. Malditos abutres. Eles podem estar parados, mas sinto que estão se aproximando de mim. Cada nervo, cada átomo dentro de mim está oscilando em alerta máximo. Pelo menos na prisão, você sabe quem são seus inimigos, mas aqui, em meio ao crème de la crème da máfia italiana, nada é garantido. Não reconheço alguns dos rostos, mas me lembro da maioria dos presentes.

Há mais de trezentas pessoas aqui. O alto escalão está todo reunido perto do caixão. Homens em seus melhores trajes de domingo e mulheres exibindo joias extravagantes. Pelos seus trajes, você pensaria que estão em um baile de gala, não em um maldito funeral. Típico. Aniversários e funerais sempre foram os eventos mais elaboradamente comemorados na Cosa Nostra. A maioria dos soldados de infantaria ficam na parte de trás. A elite não se mistura com os plebeus; eles ignoram os homens que realmente fazem todo o trabalho pesado para a Família. Não era assim quando meu pai era o Don. E com certeza não será assim quando eu voltar.

Murmúrios baixos seguem meu rastro quando os enlutados se separam, deixando-me passar enquanto meus dois guardas seguem um passo atrás de mim. Vejo meu nome ser sussurrado algumas vezes. A maioria das pessoas, no entanto, apenas olham para o meu uniforme de prisioneiro e para as mãos algemadas em confusão. Com suas vidas egocêntricas, quinze anos aparentemente é tempo suficiente para apagar uma pessoa de suas memórias.

O sol quente do meio da manhã brilha sobre o arranjo de flores no caixão, as coroas e os buquês espalhados ao redor do túmulo. A maior parte das flores é branca, contrastando com a parede de roupas escuras ao redor do falecido. É um belo dia para um funeral. Ao contrário do dia em que colocaram minha mãe para descansar. Ouvi dizer que choveu, mas eu estava confinado à solitária por causar um tumulto no refeitório. Na véspera do funeral, admito que perdi a cabeça porque o desgraçado do diretor negou meu pedido para comparecer ao funeral dela.

Não há tristeza, nem pesar, nem arrependimento que me assombram quando me aproximo do caixão. Nuncio nunca gostou de mim, e eu certamente nunca gostei dele. Ele era simplesmente um meio para atingir um fim - um de muitos - uma engrenagem que deveria me ajudar a atingir meu objetivo. Isso é tudo o que ele era para mim. Tudo o que qualquer pessoa sempre é.

Paro na beira da cova e deixo meus olhos percorrerem as pessoas que se aglomeram por perto. Batista Leone não pode faltar; ele está ao lado, com o rosto estoico e a coluna reta. Salvo está logo atrás dele, entre Tiziano e Brio. Nossos olhares se cruzam e ele me dá um aceno de cabeça quase imperceptível. Eu retribuo e depois observo o resto da multidão. Vários capos e outros membros da Família estão de pé com suas cabeças respeitosamente inclinadas. Adriano Ruffo está entre eles, mas escolheu uma posição um pouco mais atrás. Ao lado dele está uma loira de cabelos curtos, usando um vestido obscenamente curto e um elaborado véu preto em forma de rede. Deve ser sua esposa. Mas bem em frente a mim, do outro lado do caixão levantado, estão os topos das cabeças

de duas mulheres. O enorme arranjo de flores está bloqueando minha visão delas, mas elas devem ser minhas meias-irmãs. Dou um passo para a direita para ter uma linha de visão menos obstruída.

Reconheço Nera imediatamente. Ela tinha cinco anos na última vez em que a vi, mas com seus olhos amendoados e bochechas suaves, não há como confundir a garota que eu sempre pegava entrando sorrateiramente na cozinha para pegar biscoitos. Tudo isso foi há muito tempo, em outra vida.

Meu olhar se volta para a mulher à esquerda.

E então... e então, eu fico olhando.

Como todo mundo, ela está vestida de preto, mas algo nela chama toda a minha atenção. Meus olhos percorrem seu corpo. Ela está usando uma blusa elegante com mangas compridas rendadas que se juntam nos pulsos e calças justas sob medida que acentuam sua figura de ampulheta. As pontas dos sapatos de salto alto pretos aparecem por baixo da bainha da calça. Volto a olhar para cima, observando seu cabelo castanho-claro, parcialmente preso em um penteado na nuca, enquanto o restante das mechas cai em cascata ao redor do rosto em ondas suaves e brilhantes.

***Essa é a Zahara,*** sussurra a voz em minha cabeça.

*Não seja ridículo.* Eu lhe dou um tapa mental.

***É ela.***

Não, essa jovem linda e sofisticada não pode ser minha espiãzinha. Ela deve ser uma das amigas de Nera, oferecendo seu apoio enquanto minha meia-irmã está de luto. Não pode ser Zahara, pode? Durante todo esse tempo, eu a imaginei como uma adolescente desajeitada.

De repente, ela levanta a cabeça e nossos olhos se encontram. Uma autêntica tempestade explode na minha mente. O ar fica preso nos meus pulmões, mas eles não se comprimem para deixá-lo sair.

Eu. Não. Consigo. Respirar.

Seus olhos se arregalam de surpresa. E reconhecimento.

É *ela*.

A primeira coisa que passa pela minha massa cinzenta é: *Onde estão as maria-chiquinhas dela?* Ao contrário de Nera, não me lembro muito de Zahara quando criança. Ela era apenas um bebê que geralmente atrapalhava, então eu mantinha distância. Mas eu me lembro das maria-chiquinhas. E, por qualquer motivo, eu esperava uma versão mais velha da mesma.

Não consigo desviar meus olhos dos dela. Seu olhar contém muito mais do que a mera percepção de que ela está olhando para Massimo Spada, um homem em grande parte esquecido, de pé ao lado do túmulo. Há conhecimento. Consciência de quem eu sou. Não no sentido de 'líder sombra da Cosa Nostra' ou 'idiota com um chip no ombro preso atrás das grades'. Não, esta é a única alma que já olhou profundamente para dentro de mim. Entre as mais de trezentas pessoas que estão de luto aqui, ela é a única que *me* conhece. Ao homem.

De repente, minha garganta fica muito seca. Tento engolir, mas não consigo. A única coisa que pareço ser capaz de fazer é ficar olhando para ela. A garota.

Não, a mulher. A mulher que, sem saber, encontrou um caminho.

Para me salvar.

De mim mesmo.

Em minha longa busca para fazer com que todas as pessoas da minha antiga vida se esqueçam de mim, eu, de alguma forma, quase me esqueci de mim mesmo. Mas todas aquelas coisas que contei a ela sobre mim em minhas cartas, coisas que deveriam ser simples desvios para esconder a verdadeira mensagem em minhas anotações, não eram preenchimentos aleatórios. Cada detalhe era verdadeiro. E se ela não tivesse perguntado, talvez eu não me lembrasse mais das respostas. Na prisão, tudo o que Massimo Spada costumava ser foi apagado.

Para sempre, eu pensei. Mas ela me trouxe de volta. E agora, olhando em seus olhos, percebo que, se não fosse por suas cartas, a pessoa que eu era - e sou - estaria realmente perdida.

*Eu conheço você,* diz o olhar dela.

Mais de seis metros nos separam, mas parece que ela está bem aqui, ao meu lado.

*Eu sei quem você é.*

Ela sabe. Talvez até melhor do que eu.

*Eu te conheço.*

A apreensão e a hipervigilância que me pesavam desde que saí da van da prisão desapareceram de repente. Os olhares curiosos dos membros da Cosa Nostra ao redor não queimam mais nas minhas costas. Não sinto mais a necessidade de colocar as mãos em seus pescoços e apertar até que caiam moles aos meus pés. Pela primeira vez em quinze anos, estou em paz.

O padre começa a falar. Os funcionários do cemitério começam a baixar o caixão. Eu nem sequer dou uma olhada nele. Todo o meu ser parece estar enfeitiçado pela minha pequena espiã. Ela é tão linda. Tento observar o resto dela, só então noto a descoloração incomum ao redor dos olhos e na testa. Uma marca de nascença? Será que ela tinha uma e eu não me lembro? Ou é uma cicatriz? Seja o que for, isso não tira sua beleza. Ainda estou lutando para respirar por causa do efeito dela sobre mim, apesar de sentir serenidade pela primeira vez em anos.

Zahara pisca e rapidamente desvia o olhar. Seus olhos se ancoram no chão como se ela estivesse tentando se esconder de mim e, naquele instante, a feliz paz desaparece.

Cerrando os dentes, eu me obrigo a voltar a me concentrar em Nera, enquanto meu raciocínio superior entra em ação lentamente. Ela está me observando do

outro lado do caixão do seu pai, com apreensão em seus olhos. Mantenho seu olhar fixo, agarrando-me a ele com tudo o que tenho, tudo para evitar que meus olhos deslizem de volta para Zahara. Estou analisando rapidamente todas as soluções possíveis para essa nova situação em que nos encontramos.

Com a morte de Nuncio, Batista Leone assumirá o controle da família. Ele está esperando por isso desde a morte do meu pai. Eu não ficaria surpreso se o próprio filho da puta viscoso estivesse por trás do assassinato de Nuncio. Com minha liberdade condicional negada, ficarei preso atrás das grades por mais quatro anos, cumprindo toda a extensão da minha sentença. A raiva invade-me novamente e mal consigo me controlar. Paciência. E concentração. Não permitirei que ninguém tire o que é meu. Não importa o que aconteça.

O padre termina e alguns membros da Família se aproximam para jogar terra no caixão antes de deixar o cemitério. Em seguida, a equipe de sepultamento começa a despejar terra na sepultura. Mantendo meus olhos nos de Nera, ando em volta do local do enterro até ficar em frente a ela.

— Munchkin[1]. — Eu lhe dou um leve aceno de cabeça.

Nera fica olhando para mim por alguns instantes, depois se aproxima e tenta me abraçar.

Sua ação me surpreende. Eu esperava indiferença ou até mesmo um simples desrespeito. Mas minha determinação não vacila. O novo plano que elaborei gira em torno dela. Ela provavelmente vai me odiar por isso, mas eu não dou a mínima.

— Vamos, Spada, — o guarda grita por trás de mim, puxando meu braço.

Dou um passo para trás e me afasto do abraço de Nera.

Evitar que meus olhos deslizem para a esquerda, onde Zahara está, é uma batalha perdida. Nunca tive a menor chance. Ela é real ou simplesmente fruto da minha imaginação? Meus dedos coçam para alcançar e tocar sua mão, para

confirmar que ela é realmente de carne e osso. Por que ela não quer olhar para mim novamente?

***Ela tem medo de você.***

*Medo? Ela não sabe que é a única pessoa no mundo que não tem motivos para ter medo de mim? Ela me conhece.*

***Exatamente o que quero dizer.***

*Foda-se.*

— Eu disse, vamos embora. — O guarda está segurando meu braço com mais força.

Eu forço minha atenção de volta para Nera. — Precisamos conversar.

— Iremos amanhã.

— Só você, Nera, — digo.

O corpo de Zahara fica tenso. Ela tenta esconder, mas vejo o olhar de traição total em seu rosto. Engulo a culpa. Esse jogo ficou muito perigoso, e não vou arriscar que *ela* seja pega no fogo cruzado e se machuque. Ela está fora.

Fecho as mãos em punhos, lutando contra o impulso de dar mais um passo para perto dela. Não devo fazer isso. Com esses filhos da puta observando cada movimento meu, não posso me arriscar a demonstrar nem um pouco de afeto. Isso levantaria imediatamente as suspeitas dos abutres.

Mas eu mataria para ver seus olhos novamente.

Minha pequena e inteligente espiã.

Minha aliada.

Minha... amiga.

A contenção que eu estava mantendo desmorona.

Levanto as mãos algemadas e carinhosamente acaricio sua bochecha com os nós

dos dedos. — Olá, Zahara.

Ela nem sequer olha para mim.

— Agora, Spada. — O guarda puxa meu braço, e eu deixo minhas mãos se afastarem do rosto de Zahara. Depois, me viro e vou em direção ao transporte da prisão.

Indo embora.

Longe da frágil paz que me encontrou no lugar mais incomum. Tranquilidade que durou apenas alguns minutos, mas da qual me lembrarei por muitos anos.

A vontade de olhar por cima do ombro... de dar uma última olhada... apenas um pequeno vislumbre, está me destruindo. De alguma forma, de alguma maneira, eu consigo resistir. Não posso correr o risco de me revelar. Não posso chamar a atenção para ela. Alguém que não deveria poderia ver facilmente.

Assim que entro no veículo, a porta bate atrás de mim. O baque ecoa pela cabine como a queda de uma pesada laje de granito sobre um túmulo. Selando-me dentro. Com um único caminho a seguir.

Ela ainda se lembrará de mim depois que as cartas pararem?

***Não,*** essa voz incômoda na parte de trás da minha cabeça me adverte. ***E é melhor assim.***

Pela primeira vez em anos, concordo com o idiota. Esquecer-me seria uma aposta mais segura. Para ela.




*Só você, Nera.*

As palavras de Massimo ressoam em minha cabeça enquanto corro pelo caminho de terra em direção ao estacionamento. Minha visão está tão embaçada pelas lágrimas que mal consigo ver onde estou pisando. Levanto o braço e tiro a umidade com a manga da camisa.

Aquele desgraçado.

— Zara! Espere! — minha irmã me chama.

Acelero o passo. Não estou em condições de conversar com ela agora. A única coisa que quero fazer é me encolher em um canto escuro e chorar em paz.

Meus braços ainda estão cobertos de arrepios depois de ficar cara a cara com Massimo pela primeira vez. Eu não esperava que ele estivesse aqui. Se eu soubesse que ele estaria no funeral hoje, eu teria colocado uma base. A irritação em meu rosto depois teria valido a pena. Pode ser estúpido e insano, mas eu sempre me via usando maquiagem quando imaginava encontrá-lo. Eu queria que ele desse aquela primeira olhada. Eu queria que ele olhasse para mim pela primeira vez e me achasse bonita. Em vez disso, fiquei em silêncio como uma idiota porque não conseguia pensar em nada para dizer. Outra coisa que eu poderia ter preparado com antecedência. Mas eu não estava preparada. Não estava pronta. Anos de espera... desejando conhecê-lo finalmente, e eu ainda não estava pronta.

Dizer que ele parece diferente do que eu imaginava é o eufemismo do milênio. Eu esperava um cara magro com porte atlético, semelhante ao jovem que vi nas fotos da mamãe. Então, quando notei a montanha de músculos em um uniforme de presidiário, coberto de tatuagens e com a cabeça raspada, minha mente ficou em branco. Mas então, nossos olhares se cruzaram.

E eu soube.

Dizem que os olhos são as janelas da alma e, no momento em que vi os dele - inteligentes, implacáveis, ardilosos - eu soube. Aquele homem de aparência assustadora é meu ‘amigo por correspondência’. Mesmo sem o uniforme de presidiário... Mesmo se houvesse uma dúzia de outros homens por perto... Eu ainda o teria reconhecido.

Quando ele se aproximou de Nera e de mim, meu coração batia tão rápido que tive medo de ter um ataque cardíaco. De certa forma, sempre vi Massimo como algo irreal. Intocável. Fora de alcance. Talvez por isso eu tenha achado tão fácil me abrir com ele. Vê-lo aqui, na minha frente, como uma entidade real de carne e osso, quase me fez desmaiar. E meu coração estúpido cantou de alegria.

Até que ele o destruiu com uma simples frase.

*Só você, Nera.*

Eu deveria saber.

Com a morte de papai, Massimo não precisa mais de mim. Não terei acesso interno a quem quer que assuma o controle da família. Portanto, não tenho mais utilidade para ele.

— Zara? — Nera me alcança no estacionamento. — Você está bem?

— Sim. — Agarro a maçaneta da porta e entro no carro dela, caindo no banco do passageiro.

Ela me observa por alguns segundos pela janela, depois dá a volta no capô e assume o volante.

— Agora somos só nós duas. — Sua voz é suave enquanto ela olha para a multidão que ainda permanece além do para-brisa. — Você gostaria de ficar em minha casa por um tempo? Não gosto da ideia de você sozinha naquela casa.

Aceno com a cabeça.

Bem à esquerda, a van de transporte da prisão acabou de sair do estacionamento e está virando na estrada principal. Nós duas a seguimos com nossos olhos até que o veículo desapareça na curva.

— Sobre o que você acha que Massimo quer conversar comigo? — Nera murmura.

— Você descobrirá amanhã, eu acho.

Não tenho ideia do que ele quer discutir com minha irmã. Talvez ele queira reivindicar as propriedades da nossa família. Isso se encaixaria em seus métodos astutos.

Eu não me importo.

Ele já reivindicou a única coisa que me interessa. Meu coração.

E o esmagou.




Eu deveria ter percebido que algo estava errado.

Assim que coloquei os pés no pátio, uma sensação familiar formigou em minha nuca, mas me distraí depois de ver Zahara pela primeira vez. O impacto daquele encontro me fez sentir como se o chão tivesse sido arrancado de debaixo dos meus pés. Seus olhos... Eu não conseguia parar de pensar naquele olhar, aquele de reconhecimento absoluto e inabalável. Preocupado com aquilo, negligenciei completamente meus instintos que gritavam. Eu estava na metade do pátio quando o aviso finalmente foi registrado.

Poucos presos.

Normalmente, havia mais de cem homens do lado de fora durante a hora do recreio. Todos do Bloco D. Apenas os idiotas presos na solitária ou aqueles que participam de uma aula on-line perderiam o tempo ao ar livre. Mas enquanto meus olhos examinam o pátio, conto apenas vinte.

O grupo de prisioneiros chineses com quem fiz um pacto sólido não está em seu lugar habitual. Seu banco, no canto esquerdo, está vazio. Os caras de Lenox normalmente jogam basquete na quadra, mas não os vejo em lugar algum. Dois dos caras de Kiril que ficaram comigo depois da sua partida também não estão aqui. Basicamente, todos os meus aliados mais leais nesse buraco estão ausentes do pátio.

Olho para a torre de vigilância mais próxima. Normalmente, a essa hora, há dois agentes penitenciários armados, posicionados ao lado da grade. Nenhum deles está lá. E não há outros guardas dentro do perímetro.

Totalmente alerta, mas continuando meu passeio como se nada estivesse errado, observo os homens que estão presentes. De que direção virá o primeiro ataque?

Brigas e ataques aleatórios são uma ocorrência regular por aqui. Pequenos

confrontos ou brigas generalizadas, disputas mesquinhas ou vinganças sérias - elas tendem a ter algumas características em comum. Primeiro, raramente são premeditados. E segundo, a equipe da prisão nunca está envolvida.

No momento, tudo parece uma armadilha.

Alguém quer me matar.

Isso não é novidade. Muitos tentaram me substituir, na esperança de assumir minha posição de líder no zoológico.

Mas isso é sinal de desespero. Quem quer minha cabeça, quer tanto que encontrou uma maneira de envolver os agentes penitenciários na situação. Ou melhor dizendo, tirá-los de cena.

Estou quase chegando à minha barra de flexão favorita, perto da pilha de ferro onde gosto de ficar, quando dois caras se separam do grupo maior perto da cerca e vêm em minha direção. Vinte e poucos anos. Muito musculosos. Eu os vi no refeitório, mas nunca interagimos. Até agora, eles sempre mantiveram distância e ficaram fora do meu caminho. Se não me falha a memória, ambos estão aqui para a vida toda.

Eles se aproximam com cautela, com as mãos atrás das costas. Eu me movo de modo a ficar diretamente sob a barra de elevação e espero. Os homens trocam um olhar rápido. E então, eles me atacam. Cada um deles empunha uma faca.

Eu pulo, agarro a barra e chuto o peito do idiota mais próximo com os dois pés, fazendo-o voar para trás. Saltando para baixo, aterrisso bem ao lado do outro agressor, bem no momento em que ele aponta sua arma para mim. Não se trata de um canivete minúsculo e fácil de esconder, mas de um estilete retrátil de 13 polegadas. Eu lhe dou um soco no rosto enquanto ele enfia a faca em meu ombro esquerdo. O desgraçado cambaleia para trás, espalhando sangue na terra batida enquanto sacode a cabeça.

Parece que meu ombro está pegando fogo quando arranco a lâmina da minha

carne. Segurando o punho, enterro o aço na barriga do cretino, mirando em seu fígado. Ele grita e recua, pressionando as mãos na ferida que jorra com a adaga ainda cravada.

— Spada! Cuidado! — alguém grita.

Eu me viro bem a tempo de evitar ser esfaqueado nas costas e agarro o pulso do outro idiota. Apertando-o, aprecio a melodia dos ossos rangendo. Com a outra mão, agarro a parte da frente da camisa do cara e, bloqueando mentalmente outra pontada de dor no ombro, bato com a testa em sua cara feia. Sem lhe dar tempo para se recuperar, enfio meu joelho em seu tronco e o derrubo no chão. Uma nuvem de poeira se levanta ao nosso redor quando eu caio sobre seu peito e coloco minhas mãos em sua garganta.

— Quem te mandou? — Eu vocifero.

— Eu não... sei.

Aperto seu pescoço com mais força. — Vou matá-lo e depois vou atrás da sua família! Quem foi?

— Eu... eu juro, — ele sussurra. — Eu não sei. O novo guarda, no turno da manhã... nos pagou.

— Nome?! — Eu grito em seu rosto rapidamente arroxeado.

Mãos me agarram por trás, puxando-me para longe do idiota. Tento lutar contra elas, mas três agentes penitenciários me agarram e começam a me arrastar para fora do pátio. Continuo furioso, fincando os pés no chão e dando socos indiscriminadamente quando sinto um beliscão na lateral do pescoço. Meus músculos ficam imediatamente frouxos como se tivessem se transformado em gelatina e, algumas respirações depois, tudo fica preto.

***

O cheiro de mofo invade minhas narinas. Não preciso nem abrir os olhos para saber onde estou. Solitária. Minha parada frequente; uma casa longe de casa a cada dois meses. O que isso quer dizer quando consigo identificar o buraco por seu cheiro?

O barulho de metal atrás de mim indica que a porta da cela está se abrindo. Com um gemido, rolo no colchão pútrido e olho para o meu visitante. O rosto do meu amigo Sam flutua na minha frente, minha visão ainda embaçada pelo tranquilizante que me foi aplicado.

— Preciso que você encontre uma maneira de eu falar com esses dois filhos da puta, — eu falo baixo.

— Receio que isso não seja possível, Sr. Spada. — Ele coloca uma bandeja de comida sobre a escrivaninha enferrujada ao lado do beliche. — Eles se mataram logo depois de serem levados para a enfermaria.

— Que conveniente. Quem estava de guarda na enfermaria enquanto eles conseguiam fazer isso?

— Um cara novo. Ele foi transferido para cá há dois dias, mas ainda não sei seu nome.

— Há alguma maneira de conversar com ele?

Sam se endireita e dá uma rápida olhada por cima do ombro antes de responder. — Parece que ele sofreu um acidente de trânsito a caminho de casa. Não sobreviveu.

Sacudo a cabeça, mas não por causa do maldito tranquilizante que ainda está me afetando. Embora esteja.

Certo, alguém quer me matar. E quando seu plano para me matar falhou, eles rapidamente encobriram seus rastros.

O fato de terem tentado não é o que me incomoda. É o momento.

Esse esquema foi colocado em prática logo após o assassinato de Nuncio. Uma

coincidência ou algo mais?

***Você não acredita em coincidências.***

*Não, não acredito.*

A morte de Nuncio e o ataque a mim devem estar relacionados. Mas como? O que não estou vendo? E quem diabos se beneficiaria com a morte do meu padrasto?

Não há problemas entre nossa Família e outras organizações, eu me certifiquei disso. E os negócios estão crescendo, então não pode ser por dinheiro. Poder, esse é o único motivo lógico. E se eu estiver certo, Leone é o suspeito. Ele é o único que tem a ganhar substancialmente com Nuncio fora de cena. Será que ele sentiu o cheiro de quem realmente está comandando as coisas em Boston e decidiu me matar também?

*Caramba!* E se ele descobrisse que Zahara estava me dando informações privilegiadas?

Pulo do beliche e agarro a parte da frente do uniforme de Sam. — Alguém leu minha correspondência?

— O quê? — ele se engasga. — Não! Claro que não!

— Se estiver mentindo para mim, eu acabo com você!

— Eu juro, Sr. Spada. Eu e Jonas somos os únicos que tocamos nela antes de ser enviada para entrega. O rapaz do correio que vem buscá-la também é de confiança. Eu o conheço há muito tempo e posso garantir que ele é honesto.

O aperto em meu peito diminui. *Ela está a salvo.* Todos os outros podem cair mortos neste instante, no que me diz respeito.

Precisamos interromper toda a comunicação. Por via das dúvidas. Isso significará que não haverá mais cartas. Não haverá mais paz reconfortante para minha alma. Isso não importa. A segurança dela é a única coisa que importa. E para garantir que Zahara permaneça ilesa, farei com que Peppe se apegue a ela

como um maldito ímã. Protegê-la acaba de se tornar sua prioridade máxima, com a ordem de atirar em qualquer um que olhe ou respire para ela da maneira errada.

Solto a camisa de Sam e faço um gesto em direção à porta. O som dos seus passos se retirando ressoa nas paredes sólidas, seguido pelo baque alto da porta da cela se fechando atrás dele. Olho para o teto rachado, mas não é a parede de gesso que está desmoronando que vejo. É um par de olhos cor mel, me observando. Reconhecendo-me. Me vendo.

# Capítulo 10

## Dois meses depois




— Aqui. — Entrego um copo de água a Nera, ainda segurando seu cabelo para trás com a outra mão.

Assim que voltou da visita a Massimo esta manhã, ela foi direto para o banheiro. Ela vomitou a tarde inteira.

Ainda estou lutando para entender o fato de que minha irmã está grávida. E que o canalha do seu perseguidor que virou amante foi embora, desaparecendo no ar. Se eu colocar os olhos no idiota, vou matá-lo.

— Quer que eu pegue um chá de gengibre para você?

— Não. — Ela se levanta lentamente. — Acho que estou bem.

Abaixo a tampa do vaso sanitário e me sento enquanto ela se arrasta até à pia e escova os dentes.

— Eu achava que os enjoos matinais só aconteciam, bem, pela manhã.

— Acho que isso é mais uma reação à minha conversa com Massimo.

Ouvir seu nome é como levar uma marreta bem no peito.

Já se passaram quase dez semanas desde o funeral do nosso pai. Nera deveria se encontrar com Massimo no dia seguinte, mas quando ligou para a prisão para confirmar o protocolo, foi informada de que nosso meio-irmão estava na solitária e seus privilégios de visita foram revogados por dois meses. Presumo que isso

também significava que não haveria correspondência, mas não tenho certeza, pois não me dei ao trabalho de escrever. Não percebi o quanto escrever aquelas cartas significava para mim até que parei. Mas eu parei.

Dizem que as palavras podem machucar você mais do que qualquer arma. Isso é absolutamente verdadeiro. Com três palavrinhas, Massimo cortou meu coração, despedaçando-o em um milhão de pedaços sangrentos. Cortando a esperança tola que havia dentro dele.

*Só você, Nera.*

Suas palavras impensadas me feriram profundamente, e parece que não consigo tirá-las da cabeça. Como um pesadelo interminável, elas apodrecem em minha mente inquieta, substituindo meus antigos devaneios. Minhas fantasias diurnas de nosso primeiro encontro, como eu imaginava que aconteceria entre nós. Seus braços me envolveriam em um abraço muito apertado. Ele me apertaria com tanta força que eu não conseguiria respirar.

*Meu Deus, sou tão estúpida!* Tudo o que posso dizer a mim mesma é: *Se pudesse* eu riria da minha estupidez se não estivesse sofrendo tanto. Mas o que torna tudo isso infinitamente pior? Eu ainda sonho com ele. Só que agora, tenho um rosto real que me assombra durante o sono. Toda noite, somos eu e ele, cercados por pessoas vestidas de preto. E então, há aquele breve e leve toque dos seus dedos em minha bochecha. Mesmo presa no sonho, ainda posso senti-lo como uma carícia física. Meu coração burro, burro, simplesmente não quer deixá-lo ir.

Não quer *deixá-lo* ir embora.

Massimo.

— O que ele disse? — Pergunto.

Nera olha para cima e nossos olhares se encontram no espelho. — Ele quer que eu me case com Batista Leone.

Olho para minha irmã em choque. — O quê?

— Acontece que, durante todos esses anos, nosso pai era apenas um fantoche de Massimo. É o nosso meio-irmão que está controlando a Família. Ele dava as ordens mesmo antes de ser preso. E pretende continuar fazendo isso até ser solto e assumir o controle oficialmente. Se eu estiver casada com Leone, isso garantirá que ele continue segurando as rédeas da Família.

— Isso é... insano, — eu digo, com a voz embargada. — Você não pode se casar com aquele porco velho.

— Eu preciso fazer isso. É a única maneira de manter meu bebê seguro.

— Não estou entendendo.

— Foi Leone quem ordenou o assassinato do nosso pai.

Meu queixo bate no chão. O lambe-botas imundo que seguia papai por toda parte como um cachorro? — Eu... Você tem certeza?

— Sim. E Leone não hesitará em matar o meu filho se achar que a existência do bebê representará uma ameaça para ele.

— E Massimo quer que você se case com o idiota?

Nera agarra a borda da pia e abaixa a cabeça. — Sim. E convencer Leone a reivindicar o bebê como seu. Massimo tem uma grande sujeira sobre aquele bastardo e vai usá-la para manter Leone sob controle, transformando-o em nada mais do que uma figura decorativa. Assim como papai. E eu estarei lá para garantir que tudo corra bem.

— Não! — Levanto-me do vaso sanitário e agarro a mão dela. — Você não pode fazer isso. Não pode. Nós... Nós vamos fugir.

Um sorriso triste se insinua nos cantos dos lábios da minha irmã. — Eu disse a mesma coisa a Massimo. — Ela me abraça, puxando-me para o seu abraço. — Mas Leone vai nos encontrar. Não posso arriscar a vida do meu bebê, Zara. Prefiro trocar os próximos quatro anos da minha vida em troca da segurança dele ou dela. Massimo e eu fizemos um acordo. Eu me casarei com Leone e

cumprirei as ordens de nosso meio-irmão. E quando Massimo sair, ele me deixará ir embora e cortar todos os laços com a Família.

Mordo a língua para não gritar com ela. Como ela pode ser tão ingênua? Massimo nunca a deixará ir embora. Ele apenas encontrará outro papel para ela e para a criança que atenda às suas necessidades.

— Tudo bem, — murmuro em seu cabelo. — Vamos fazer isso dar certo. E Massimo manterá sua promessa.

Encontrarei uma maneira de obrigá-lo a cumprir isso.




A raiva corre em minhas veias enquanto o guarda me acompanha pelo corredor, em direção à sala de visitas. Achei que minhas ordens de ontem eram claras - uma visita por semana. No entanto, minha meia-irmã se atreveu a vir hoje também.

A pesada porta de metal se abre com um som de guincho, revelando uma mulher sentada à mesa no meio da sala, de costas para mim.

Olhando para o guarda ao meu lado, dou-lhe um olhar que lhe diz para desligar a câmera. Seu aceno sutil de cabeça deixa claro que ele entendeu. Antes mesmo de ele sair, a luz vermelha no canto se apaga.

No instante em que a porta se fecha atrás dele, meu autocontrole se rompe.

— Que porra é essa, Nera?

Minha meia-irmã se levanta e se vira lentamente. Mas não é Nera.

É Zahara.

A fúria dentro de mim se transforma em terror. Enquanto atravesso o espaço carregado entre nós, o tilintar das correntes presas às algemas em minhas mãos e pés enche a sala. O som me faz lembrar de uma marcha fúnebre. A dela.

— O que está fazendo aqui? — Eu sussurro.

— Fiquei sabendo do acordo que você fez com minha irmã. — Os olhos cor de mel se encontram com os meus, e eu me vejo lutando para respirar. — E eu vim para ter certeza de que você manterá sua palavra.

Por um momento, não consigo nem me lembrar de que acordo ela está falando, muito atordoado por ela estar aqui, bem na minha frente. Falando comigo. É a primeira vez que ouço a sua voz. Tão suave. Como um cobertor felpudo. Não durmo muito e raramente sonho. Mas não tenho dúvidas de que sua voz

melódica ecoará em meus sonhos esta noite. Talvez a sereia noturna leia uma de suas cartas para mim. *Bobinas, pontos e costuras*... Terei prazer em passar minhas horas de sono ouvindo nada mais do que termos de costura. Desde que Zahara os fale.

— Vai fazer isso? Manter sua palavra? — Seu tom é gentil. Mas o olhar em seus olhos hipnóticos é inflexível.

— Por que você acha que eu não faria isso? — Sussurro roucamente.

— Porque eu te conheço, Massimo. Assim que você sair, você se livrará de Leone e usará Nera como moeda de troca. Você fará com que ela se case com um dos seus possíveis parceiros de negócios ou, talvez, com alguém de outra organização criminosa. O casamento fora da nossa Família estará fora de questão. Especialmente se o filho dela for um menino.

Pisco os olhos, sem saber o que dizer. Eu *estava* pensando em usar Nera para fortalecer meus laços com Kiril. Por que estou surpreso que Zahara tenha descoberto? Ela é inteligente. Ela me conhece. O que a coloca em um perigo ainda maior.

— Quaisquer que sejam meus planos futuros, eles não são da sua conta. Não mais. — Eu me inclino para nivelar meus olhos com os dela. — Você está fora, Zahara.

— Se envolver minha irmã, é problema meu. — Ela inclina o queixo para cima. — Sei muito bem que não fui nada mais do que uma ferramenta conveniente para você. Uma que você usou para promover seus objetivos e agora descartou como um pedaço de lixo. Mas não vou ficar parada vendo você fazer o mesmo com Nera.

Meu corpo treme com uma raiva mal reprimida. Ela não consegue entender que tenho de afastá-la para mantê-la segura?

Levanto as mãos amarradas e agarro seu queixo entre meus dedos. Durante anos,

caminhei pelo sangue derramado sem pensar duas vezes, sem me importar com nada ou ninguém. As pessoas não passavam de obstáculos ou peões. Inclusive minhas meias-irmãs.

Mas agora, quando olho fixamente nos olhos de Zahara, mal consigo respirar devido à miríade de sentimentos inesperados que me dominam. Vergonha e culpa por tê-la usado impiedosamente todos esses anos. Horror de que minhas ações possam ter pintado um alvo em suas costas. Passei os últimos dois meses pensando nela. Dia e noite. Desde o momento em que nossos olhares se encontraram no funeral de Nuncio, a única coisa em que consegui me concentrar totalmente foi nela.

— Nera é sua família, e você a está jogando aos lobos! — continua ela. — Existe alguma pessoa neste mundo com a qual você realmente se importe?

— Apenas uma.

Os olhos de Zahara se arregalam. Ela respira fundo, mantendo o olhar fixo no meu. Um minuto se passa. Fico parado, com meu rosto a poucos centímetros do dela, maravilhado com a paz que, mais uma vez, inundou cada fibra do meu ser.

Sempre fui uma pessoa volátil, e essa característica se intensificou cem vezes mais na prisão. Minhas explosões violentas fizeram com que eu passasse grande parte da minha sentença na solitária. Estou com raiva. Constantemente em alerta. Pronto para atacar pelo menor motivo. Mas agora, com ela ao meu lado, só quero fechar os olhos e desfrutar dessa felicidade inesperada.

Ela é como um curativo em uma ferida que sangra. Um remédio para minha loucura.

Meu olhar se volta para sua boca, e meu polegar desliza para cima por vontade própria, acariciando seu lábio inferior. Tudo o que preciso é me inclinar um pouco para a frente e...

*Que merda!*

Dando um passo para trás, solto o rosto dela. Devo ter finalmente perdido a cabeça nessa espelunca - não há outra explicação.

— Você precisa ir embora, Zahara.

— Não. Não sairei deste lugar até que você me garanta que manterá sua promessa a Nera. No momento em que você assumir o cargo de Don, ela e seu filho estarão livres para ir embora.

— E por que eu faria isso?

— Porque se essa manobra com Leone for adiante, você ainda precisará de mim. Continuarei sendo seus olhos e ouvidos sem que ninguém saiba. Até mesmo minha irmã.

Ela tem razão. Eu preciso dela, mas não da maneira que ela acredita. Sem Zahara, tenho certeza de que não sobrará nada de *mim*.

— Absolutamente não, — rosno. — É muito perigoso.

— Se seu plano falhar, o perigo será ainda maior. Nera e eu acabaremos nas mãos de Leone para sempre. Ele já planejou casar Nera com a facção albanesa. Eu provavelmente terei o mesmo destino.

— Não vou colocá-la em perigo, Zahara.

— Você não tinha problemas em fazer isso antes.

— Antes era diferente. Mesmo que alguém a pegasse mexendo nas coisas de Nuncio, seu pai nunca a teria machucado. Ainda assim, me arrependo. Outra coisa com a qual precisarei conviver. Mas, dessa vez, você estaria no meio da toca de um lobo raivoso.

— Mas você não se importa de mandar Nera para lá? — Ela fica mais ereta, com o queixo erguido. — Minha irmã e eu somos um pacote. Eu a ajudarei a levar isso até ao fim, e você libertará Nera. Se você se recusar, eu a convencerei a fugir. Nós nos arriscaremos sozinhas.

— Leone matará vocês duas quando as encontrar. E, acredite em mim, ele as *encontrará*.

— Talvez. Mas é um risco que estou disposta a correr.

Eu a observo, de pé diante de mim, parecendo tão inocente e jovem. Com sua blusa de seda sedutora e seus cabelos exuberantes caindo pelas costas, ela me lembra uma daquelas delicadas bonecas de porcelana que minha mãe tinha por perto. Ela parece frágil, mas não há nem mesmo um traço de suavidade em sua expressão de aço. Apenas determinação e força.

O medo explode em meu estômago. Ela realmente está falando sério. Se eu disser não, as duas vão fugir, e Leone as perseguirá. E não há como salvá-la enquanto eu estiver preso neste inferno.

— Juro pela memória da mamãe, Massimo. Nós vamos fugir.

***Ela fará isso. Aceite suas condições.***

*Não!*

***Então você acabou de assinar a sentença de morte dela.***

Fecho os olhos. — Você não se colocará em risco, nem mesmo o menor perigo. Nada de telefonemas. Não haverá mais visitas. Somente cartas.

— Tudo bem, — diz ela, puxando o punho da sua manga para baixo. — Como você vai fazer com que Leone aceite a ideia de se casar com Nera?

— Salvo irá vê-la amanhã e lhe levará alguns documentos. É tudo do que ela precisará. Leone concordará com tudo.

— Só isso?

— Sim.

Zahara acena com a cabeça.

— Você não é como eu imaginava, sabe? — Admito. Diante do seu olhar questionador, acrescento: — Sem as maria-chiquinhas.

Um pequeno sorriso se insinua em seus lábios enquanto seu olhar se move para o topo da minha cabeça recém-raspada. — Você também não é como eu o imaginava. Sem cabelo.

Dou uma risadinha. O som parece estranho. Não há muitas coisas que tenham me feito rir na última década e meia.

— Prometa-me que será cuidadosa, — sussurro. — Por favor.

— Eu prometo.

Cuidadosamente, inclino a cabeça. — Certifique-se de que Peppe vá com você quando se mudar para a casa de Leone. Mantenha-o por perto.

Sua sobrancelha se arqueia. — Ele é um dos seus, então?

— Sim. Se as coisas derem errado, ele saberá o que fazer.

Ela não discute, não questiona. Ficamos ali parados enquanto eu a absorvo. Ontem, Nera me disse que Zahara tem vitiligo. Essa é a descoloração da pele em seu rosto. Eu nunca tinha ouvido falar dessa doença antes, então peguei o celular de Sam para pesquisar no Google, pois precisava saber se ela estava causando dor ou outros efeitos nocivos. Não está causando, o que é um alívio. Não consigo lidar com a ideia de que algo esteja machucando Zahara.

Caramba, não acredito que a coloquei em uma posição em que ela precisava correr tantos riscos por mim. Por causa dos meus planos egoístas. E ela fará isso novamente. Mas, desta vez, os riscos são muito, muito maiores.

Deixo que a imagem dela se grave na minha mente, pois sei que levará anos até que eu a veja. Segundos, depois minutos se passam enquanto olhamos um para o outro em silêncio, cercados pelo cinza opaco do frio confinamento.

— Você deve ir agora, — eu me obrigo a dizer.

— Ok. — Ela interrompe nosso olhar fixo e se volta para a porta, com os olhos lentamente voltados para baixo.

Quando ela passa por mim, nossos braços se tocam. Sem pensar, estendo a mão e pego sua mão.

A respiração aguda de Zahara ecoa pela sala. Ela para. Ficamos um ao lado do outro no centro do espaço sombrio - ela está de frente para a porta e eu estou olhando para a parede do lado oposto. Posso sentir o batimento cardíaco dela onde a palma da minha mão está pressionada contra o ponto de pulsação em seu pulso.

— Não seja morta, — sussurro.

— Não mate mais ninguém, — ela sussurra de volta. — Pelo menos, não na frente de testemunhas.

Um pequeno sorriso torce meus lábios. Acaricio seu pulso uma última vez e, com relutância, deixo que sua mão se solte da minha.

Os saltos dela batem no chão de concreto duro.

Indo embora.

Levando aquela serenidade pacífica com ela.

# Capítulo 11




***Carta nº 159***

*Prezado Massimo,*

*Em sua última carta, você estava curioso para saber como estamos lidando com todas as coisas novas em nossas vidas. Não precisa se preocupar, Nera e eu nos instalamos em nossa nova casa. Tudo está diferente, mas está indo tão bem quanto você pode esperar.*

*No entanto, seu novo marido tem sofrido muito estresse no trabalho ultimamente. Ele não está satisfeito com a nova direção que a gerência está pressionando-o a tomar. Mas, com a ajuda de dados bem coletados, Nera o ajudou a perceber que as partes interessadas da empresa não ficariam satisfeitas ao saber de suas transgressões passadas, especialmente do seu envolvimento na aposentadoria antecipada do CEO anterior. Portanto, depois de analisar cuidadosamente os documentos apresentados, ele agora entende que a mudança é para o interesse de todos, e tenho certeza de que ele não fará mais barulho.*

*Nera também está se adaptando à sua nova função na empresa. Aparentemente, houve um problema pessoal que surgiu ontem e exigiu atenção imediata. Um dos funcionários foi pego passando informações exclusivas da empresa para um grande concorrente em Nova York. Após a descoberta, a gerência insistiu que a própria Nera o demitisse. Esse tipo de tarefa não deveria ser tratado pelo RH? Minha irmã leva a sério suas responsabilidades profissionais, mas mesmo assim passou o resto da noite vomitando no banheiro.*

*Zahara*

*PS: Você ainda está tendo problemas para dormir?*




***Carta nº 160***

*Zahara,*

*Entendo a insatisfação da sua irmã por ter sido pressionada a lidar pessoalmente com a questão pessoal, mas ela sabia o que estava em jogo quando concordou em assumir o trabalho. Nos negócios, manter o respeito das partes interessadas é sempre uma preocupação. Eles só permanecerão leais à marca se tiverem a certeza constante de que a liderança é capaz de fazer escolhas difíceis e de se manter firme quando necessário. Ela precisará se acostumar a arregaçar as mangas e fazer as coisas sozinha, às vezes. Desta vez, tenho certeza de que foi necessário fazer um exemplo do funcionário que quebrou o NDA. A política da empresa teria exigido isso.*

*Nera mencionou que meu amigo dos Bálcãs foi muito eficiente na lavagem e nos detalhes do seu carro no mês passado. Com um serviço tão rápido e completo, ela pode se sentir tentada a voltar com frequência ao estabelecimento dele no futuro. No entanto, ela deve ter em mente que o serviço de alto nível exige taxas proporcionalmente altas. Ela não deve desperdiçar seu dinheiro e só deve usar esse lugar quando o cara local, Primo, não estiver disponível.*

*Quanto à sua pergunta, a resposta é sim. Mas não tem problema. Há muito tempo me acostumei a funcionar com três ou quatro horas de sono. Ontem à noite, um preso ao lado estava roncando tão alto que seu colega de beliche tentou sufocá-lo com um travesseiro. Infelizmente, ele não conseguiu. Talvez eu tente ser jogado de volta no buraco (que é a solitária) um dia desses. Com a atitude certa, a experiência é quase como estar de férias. A única desvantagem é que a ausência de pessoas começa a perturbar minha cabeça se minha viagem durar mais do que alguns dias.*

*Eu não acreditava na besteira de que os seres humanos são animais de manada até à primeira vez que fui parar no buraco. Você sabia que o silêncio tem um som? É um rangido fraco, como o ranger de tábuas de madeira em uma casa velha e abandonada. No início, você não o ouve. Mas depois de um tempo, parece que seu crânio está rachando de tão alto que é. Uma vez, quando minha bunda solitária estava presa naquele buraco de seis por seis por um longo período, comecei a falar comigo mesmo, e não me refiro apenas a murmúrios sem sentido. Certa vez, tive uma discussão acalorada de horas com minha voz interior, tentando convencê-la de que não era o momento certo para investir em títulos do governo. Eu ganhei.*

*Então, por que você não me enviou nenhum esboço novo? Está em um hiato de costura? Ou está com raiva de mim porque confundi o vestido que você desenhou para a mãe de Salvo com um roupão de banho? Você não pode usar essa merda contra mim. O que eu sei sobre moda feminina? Mas você... Você sabe. Você tem talento. Deveria seguir sua paixão e abrir sua própria loja.*

*M.*

*PS: Diga ao Peppe que preciso lavar minha roupa no próximo domingo.*




***Carta nº 207***

*Prezado Massimo,*

*Batista Leone não está bem. Ontem à noite, tivemos que chamar o médico da família para uma consulta domiciliar urgente porque Batista estava com dificuldade para respirar. Sua pressão sanguínea estava altíssima e, a princípio, achamos que era resultado de ele ter passado três dias seguidos se embebedando em uma das boates. No entanto, o médico disse que havia outros fatores preocupantes para sua saúde.*

*Nera está enlouquecendo com a possibilidade de algo acontecer com seu marido. Ela está morrendo de medo de ficarmos sozinhas novamente. Ainda falta muito tempo para termos você ao nosso lado. Como vamos nos virar?*

*O trabalho de Nera também tem lhe causado estresse. O novo fornecedor de frango do Sul quer renegociar as taxas. Eles exigiram uma reunião urgente na próxima quarta-feira. Consegui convencer Nera a convidar Salvo para participar da reunião em seu lugar. Ela está no último trimestre da sua gravidez e não deve viajar.*

*Só para você saber, tenho certeza de que ela está chateada por ter sido colocada nessa situação. Ela talvez nunca o perdoe por tê-la colocado nessa confusão. Para ser sincera, eu também não perdoarei. Mesmo que tenha sido o mal menor entre outras opções mais terríveis. Estou curiosa para saber se você sente um pingo de remorso por ter feito isso. Nem que seja um pouco? Mesmo que os fins justifiquem os meios? Você se sente envergonhado por ter feito minha irmã passar por tanto sofrimento? Existe, em algum lugar no fundo de você, um pequeno frisson de autocensura, talvez escondido sob essa personalidade barulhenta, impiedosamente astuta e manipuladora?*

*Enfim, estou divagando...*

*Os executivos de nível C finalmente se acostumaram com a nova estrutura de gestão e pararam de expressar suas preocupações a cada dois dias. Isso só aconteceu depois que Nera conseguiu eliminar os investimentos problemáticos que nossos adoráveis vizinhos tinham permissão para fazer nos locais de entretenimento. Esperamos que as coisas fiquem calmas daqui para a frente. Embora Brio ainda faça um comentário cortante aqui e ali, ninguém mais dá muita atenção a ele. Adriano, no entanto, está mais uma vez insistindo muito na expansão para o mercado hoteleiro. Sua voz é ouvida em alto e bom som.*

*Falando do Sr. Bolso Fundo... Sabe, quanto mais penso nisso, mais tenho certeza de que ele simplesmente não se importa com as travessuras da esposa. Mas, pela minha vida, não entendo por que alguém como ele escolheria ficar com uma mulher como ela. Na outra noite, vi os dois durante um almoço de trabalho na Villa, e não há amor entre eles, pelo que posso dizer.*

*Zahara*

*PS: Você se arrepende disso? De ter matado o cara que atirou no Elmo? Você faria isso de novo, sabendo das consequências?*




***Carta nº 208 (rascunho 1)***

*Por que você está interessada no relacionamento de Adriano com sua esposa? Você gosta dele? Esse idiota está dando em cima de você? Porque, se ele estiver, vou providenciar para que um dos caminhões de transporte dele o atropele e depois volte para dar ré nele! Não sobrará nada desse idiota além de uma mancha vermelha na estrada!*

Amasso minha carta e a jogo na lata de lixo.

Puta que pariu!

***

***Carta nº 208 (rascunho 2)***

*Por que importa se a esposa de Adriano o trai? Se o filho da puta estúpido sabe disso e não faz nada a respeito, ele é um maricas de merda. Há algo entre vocês dois? Se ele encostou um…*

Foda-se. Foda-se. *FODA-SE!*

Eu jogo essa maldita tentativa de nota no vaso sanitário.

***

***Carta nº 208 (rascunho 3)***

*Você consegue descobrir a rotina diária de Adriano? Veja se ele gosta de fazer*

*caminhadas no horário de pico. Você poderia me informar o dia e talvez o horário aproximado? Por favor? Estou curioso para saber o que ele faz em seu tempo livre.*

Esmigalhando a folha de papel, enfio-a na garganta do cara respirando alto. O idiota não deveria ter passado pelo meu banco de exercícios. Da próxima vez, ele saberá. Que merda.

***Isso é ridículo,*** comenta aquele irritante babaca interior. ***Talvez você devesse pensar em conversar com alguém. Você sabe, como um profissional.***

— Juro que encontrarei uma maneira de expulsar seu traseiro da minha cabeça.

***Boa sorte com isso.***

***

***Carta nº 208***

*Zahara,*

*Mesmo que eu soubesse as consequências das minhas ações com antecedência, não sei se teria conseguido me controlar. Quando segurei Elmo em meus braços, senti seu sangue escorrendo pelos meus dedos... Meus dedos, que estavam cobrindo seu coração que já não batia mais... Eu sabia, em minha alma, que não havia nada que pudesse ser feito por ele. E eu simplesmente perdi o controle.*

*Eu estava ciente das inúmeras testemunhas do que estava prestes a fazer, mas isso não me impediu de matar o filho da puta que atirou em seu irmão ali mesmo, no local. Foi como se eu tivesse sido tomado por um impulso animalesco. Se eu estivesse pensando racionalmente, e em retrospectiva, sabendo que perderia dezoito anos da minha vida, teria esperado para matar*

*aquele idiota até que ninguém mais estivesse por perto. Mas, claramente, raciocínio lógico não era algo que eu possuía naquele momento. A lógica não teve a menor chance enquanto eu via Elmo morrer.*

*Quanto à sua irmã, ela sabia do acordo. Eu não a enganei para que aceitasse, nem menti sobre o que ela enfrentaria. Portanto, não. Não me sinto mal. No entanto, sinto muito se isso a desapontou. Mas algo me diz que não.*

*Você me conhece bem o suficiente para não ficar surpresa. E você também sabe que isso tinha de ser feito, apesar de ser um remédio amargo de engolir. Você conhece nosso mundo. Como ele funciona. Sempre conheceu. Há anos que está navegando por essas águas, o que é totalmente culpa minha. E eu me arrependo disso.*

*Se eu pudesse voltar no tempo e corrigir meu único erro do passado, não mudaria minhas ações no dia em que Elmo morreu. Eu usaria essa única chance para me impedir de escrever minha primeira carta para você. Ou queimaria a carta até virar cinzas antes que ela fosse enviada. Porque a única coisa de que realmente me arrependo nesta vida é tê-la envolvido em minha confusão e colocado você em perigo. Por isso, espero que um dia você encontre uma maneira de me perdoar.*

*Lamento muito saber que Leone não está se sentindo bem. Esperemos que o porco viscoso melhore. Sempre há um Plano B, mas eu preferiria não ter que colocá-lo em ação.*

*Um amigo meu entrará em contato com Nera em um futuro próximo. Por favor, certifique-se de que ele receba o favor que está pedindo a ela.*

*M.*

*PS: Adriano aparece por aí com frequência?*




***Carta nº 241***

*Prezado Massimo,*

*Lucia disse sua primeira palavra hoje. Foi 'não'. Não estou surpresa - essa criança dá um trabalho. Iris quase teve um ataque cardíaco há alguns dias, quando Lucia pegou minha caixa de joias e, de alguma forma, conseguiu quebrar um dos colares que papai me comprou. Levei um tempo para convencê-la de que não precisava ser consertado, pois eu nunca o usaria. Ver essas bugigangas sempre deixa um gosto amargo em minha boca. Isso me faz lembrar que papai nunca se lembrou de que não posso usar nada que não seja de platina. Eu mencionei isso a ele pelo menos uma dúzia de vezes, mas ele continuou comprando peças de ouro. Ele provavelmente achava que o ouro parecia mais extravagante, e eu simplesmente parei de tocar no assunto depois de um tempo.*

*Ultimamente, tenho pensado muito em meu pai. Passei muitos anos com raiva dele, culpando-o por sempre colocar os negócios em primeiro lugar, em vez das suas filhas. Mas agora, à medida que os dias se arrastam sem ele, fico me lembrando dos bons momentos. De todos os passeios nas costas que ele costumava dar a mim e a Nera. E como ele me deixava dar o nó da gravata para ele, especialmente depois que mamãe morreu. Ele pode não ter sido o melhor pai... Na verdade, isso é certo, mas... não sei. Acho que o julguei com muita severidade. Ou, talvez, eu só queira me lembrar dele como um homem melhor do que era.*

*Falando em bons momentos... Estou trabalhando em uma jaqueta superfofa para Lucia. Com mangas bufantes e lantejoulas nas lapelas. Provavelmente usarei veludo rosa. Ela vai ficar adorável! (Isso faz com que valha a pena o incômodo que tive com os representantes do atendimento ao cliente da loja*

*depois que meu pedido deu errado!) Minha única preocupação é que o veludo só deve ser lavado a seco, e essa criança pode ser um pouco desastrosa.*

*Isso me lembra que Peppe disse que passará o próximo fim de semana lavando roupa. Isso não estava em seus planos originais, mas algo aconteceu - não sei bem o quê - e acho que é sério, porque ele mencionou que precisará usar alvejante para lidar com as manchas.*

*E já que estou lhe contando sobre toda essa limpeza, aqui vai outra coisa: Nera teve que mandar seu carro para ser lavado duas vezes esta semana. Seu amigo conseguiu remover toda a sujeira pegajosa, mas, como você advertiu, ele cobrou um preço mais alto na última visita. O pacote de serviços pré-pagos que ela tinha foi esgotado. Como era urgente, Nera teve que aceitar o novo preço, mas provavelmente conversará com você sobre isso na quinta-feira. Talvez haja uma maneira de convencer seu amigo a dar a ela outro desconto de amigo.*

*Em outras notícias, Batista está piorando. Lembra daquele Plano B que você mencionou? Talvez seja hora de começar a considerá-lo seriamente.*

*Zahara*

*PS: Por que você continua falando de Adriano? Não, ele não passou por aqui. E ele não vem aqui desde aquele almoço, que foi há mais de um ano. Por que está perguntando tanto sobre ele?*

***

***Carta nº 258***

*Prezado Massimo,*

*Quando meu porta-joias sumiu, meses atrás, pensei que Lucia tinha voltado a brincar com ele e deve tê-lo escondido em algum lugar da casa. Depois de um tempo, esqueci completamente dele.*

*Portanto, imagine minha surpresa quando, esta manhã, um mensageiro deixou um pacote para mim - um pacote com o logotipo de um distinto joalheiro personalizado, The House of Dubois, em Paris. Você consegue adivinhar o que havia dentro? Não? Está bem, eu lhe digo. Meu antigo porta-joias. E ele continha seis colares e duas pulseiras. Peças incríveis que eram réplicas exatas das minhas antigas, com uma exceção. Eram feitas de platina em vez de ouro.*

*Foi você, não foi?*

*Não lhe contei sobre os colares para que você me comprasse outros. Mas... obrigada.*

*Zahara*

*PS: O que aconteceu com as originais de ouro?*




***Carta nº 259***

*Zahara,*

*Dei instruções para que elas fossem jogadas no Sena. Elas estão no fundo do rio poluído - um lugar onde pertencem os itens que lhe causaram danos.*

*Também achei que ter as peças de ouro por perto pode lhe trazer más lembranças, e não quero que você passe por isso. Sei que seu pai as deu a você, e isso pode torná-las sentimentais e insubstituíveis, mas você só deve se lembrar dos bons momentos com seu pai, não dos momentos agridoces. Nunca fui o maior fã de Nuncio, mas há uma coisa que posso lhe dizer sobre ele com absoluta certeza. Ele amava você, embora tivesse uma maneira ruim de demonstrar isso na maioria das vezes. Em vez disso, concentre-se nos aspectos positivos. Você ainda pode se consolar com o fato de ele ter escolhido as joias de que você gosta, e agora você pode apreciá-las mais plenamente.*

*Você experimentou as novas peças? Cada uma delas foi testada exaustivamente em um laboratório especial para garantir que não causariam reações adversas antes de serem entregues. Os bastardos levaram quatro meses - quase o dobro do tempo que a Dubois precisou para fazer suas joias. É por isso que elas não chegaram a tempo para o seu aniversário de 20 anos, como planejado.*

*Então... Feliz aniversário, Zahara.*

M.

# Capítulo 12

## *Leone Villa*

# *Um dia após a tentativa fracassada de assassinato de Nera*




Observo minha irmã atravessar a cozinha e parar em frente à geladeira coberta de ímãs. Ela estende a mão e desliza os dedos sobre o ímã com a foto de uma ponte antiga, depois desaparece rapidamente no quarto, onde Lucia está tirando um cochilo à tarde.

Balançando a cabeça, volto minha atenção para o que está acontecendo no pátio, diretamente sob a janela. O antigo perseguidor de Nera ainda está lá, dando todo tipo de ordem aos seguranças. Espero que ele não mate mais nenhum funcionário hoje. Precisamos de toda a mão de obra que tivermos, caso quem tentou assassinar Nera decida tentar novamente.

Um arrepio percorre meu corpo ao pensar nos eventos da noite passada. A expressão no rosto da minha irmã quando ela entrou no quarto onde eu estava dormindo, implorando por ajuda. A visão do estranho de cabelos compridos esparramado em sua cama e coberto de sangue. O barulho de vidro quebrado sob meus pés enquanto eu corria pelo quarto escuro para pegar toalhas no banheiro. O corpo sem vida do assassino caído na varanda. E eu sei que havia mais, espalhados pelo terreno da Leone Villa. Nera mencionou que era uma equipe profissional de assassinos. Seu ‘demônio’ se livrou de todos eles.

Pressiono meus lábios, lutando contra as emoções conflitantes que se agitam dentro de mim. Eu o desprezei por muito tempo por ter feito Nera se apaixonar por ele e depois desaparecer no ar por mais de três anos. Ele deixou minha irmã grávida e sozinha. Ela me teve, mas não foi a mesma coisa. Seu coração ficou preso no purgatório.

Mas agora... agora vejo que a história deles é mais complexa do que eu pensava. Porque o perseguidor dela quase morreu tentando salvá-la no meio da noite. Ele deteve sozinho a equipe de assassinos fortemente armados que tinha minha irmã na mira. E então, esta manhã, ele cortou a garganta do chefe de segurança de Leone por permitir que a situação chegasse a esse ponto. E eu vejo como ele olha para ela - como se ela fosse seu sol, sua lua e suas estrelas.

Deve ser bom... ter um homem olhando para você como se você fosse todo o universo dele.

Quando estou fechando as cortinas, meu celular começa a tocar. Tiro-o do bolso de trás da calça jeans e estreito os olhos. Um número desconhecido. Estranho.

Hesitante, pressiono o botão verde para aceitar e levo o celular ao ouvido. — Sim?

— Você está machucada?

O celular quase escorrega da minha mão. Eu me apoio na parede e respiro fundo. Não é o suficiente. Minha cabeça começa a girar.

Faz anos que não ouço sua voz.

— Juro por Deus, Zahara, se você não me disser neste instante se está ilesa, vou dar um jeito de chegar aí esta noite, só para ver com meus próprios olhos! Estou perdendo a cabeça aqui! — Massimo grita do outro lado da linha.

— Estou bem, — eu digo, com a voz embargada. — Como você descobriu...

— Que alguns idiotas se infiltraram na casa enquanto você dormia? É claro que eu descobri!

— Eu estou bem. Mas eles estavam atrás de Nera. É para ela que você deve ligar.

— Não estou nem aí para sua irmã neste momento. — Sua voz baixa perigosamente. — Peppe irá buscá-la em vinte minutos. Você vai sair dessa casa.

Minha mão voa para o meu peito. Seu tom é firme e ameaçador, mas posso ouvir o tremor em sua voz. Ele não está simplesmente preocupado. Ele parece... aterrorizado. Por mim. A alegria e o entusiasmo crescem dentro de mim, espalhando-se até parecer que mil lindas borboletas estão procurando uma saída. Nunca vi Massimo demonstrar preocupação, muito menos estar realmente preocupado, com alguém. *Apenas uma*, disse ele certa vez, quando exigi saber se ele se importava com uma única pessoa. Entendi que se referia apenas a ele mesmo. Será que posso esperar que ele esteja se referindo a mim? Que ele se importe comigo? Só um pouquinho? Fechando os olhos, tento moderar meu entusiasmo tolo. É provável que ele esteja apenas se sentindo culpado.

— Isso não é necessário. O perseguidor de Nera tem todos os seguranças vigiando a casa, então não precisa se preocupar. E você precisa de mim aqui.

— Preciso que você esteja segura! Isso é uma ordem, não um pedido.

Não vou deixar minha irmã de jeito nenhum, especialmente agora. E não vou abandonar Massimo. Vou levar isso até ao fim, não importa os riscos.

— Sr. Spada. — Uma voz masculina, nervosa e abafada, vem do lado da linha de Massimo. — Alguém está chegando. Preciso do telefone de volta.

— Diga-me que você ouviu o que eu disse, Zahara! — Palavras rápidas e abafadas, rosnadas no meu ouvido.

O sabor metálico enche a minha boca. Devo ter mordido o lábio.

— Não recebo ordens de você, Massimo, — sussurro. — Eu vou ficar.

— Zahara!

— Enviarei minha próxima carta pela manhã. Cuide-se.

Encerro a ligação rapidamente, mas não rápido o suficiente, porque ainda consigo ouvir o rugido furioso de Massimo ao longe.

Dando uma olhada na porta de Nera para ter certeza de que ainda está fechada, abro o aplicativo de gravação de chamadas no meu celular. Eu o instalei há

alguns meses, quando precisei entrar em contato com o atendimento ao cliente depois que meu pedido de tecido foi confundido, e depois me esqueci completamente de desativá-lo. Deitada na poltrona reclinável perto da janela, pressiono *Play* no último arquivo salvo e coloco o celular ao lado do rosto.

Continuo ouvindo a ligação de Massimo, repetidamente, até que sua voz esteja tão enraizada em minha mente que continuo a ouvi-la mesmo depois de desligar o celular.

# Capítulo 13




***Carta nº 294***

*Prezado Massimo,*

*Ainda não houve progresso na descoberta de quem estava por trás da tentativa de aquisição da empresa. A equipe temporária que Kai conseguiu com a empresa do seu amigo siciliano está ajudando a garantir que nada disso aconteça novamente. Com base em seus esforços até agora, eles são um grupo capaz.*

*Com relação a outros assuntos, não há muita novidade para eu compartilhar com você. Nera ainda está ocupada com a contratação de um substituto adequado para ocupar o cargo de gerente no Cassino Bay View. Kai não a consultou antes de demitir Lotario na hora, mas, embora tenha sido uma medida drástica, era necessária.*

*Peppe queria que eu transmitisse suas desculpas por não estar disponível para cuidar da lavanderia como deveria, mas ele me garantiu que isso seria resolvido neste fim de semana. O que me lembra - você poderia, POR FAVOR, pedir a ele que pare de me seguir O TEMPO TODO? Assim que saio do meu quarto, ele vem atrás de mim, como um cachorrinho. Ele não ouve quando peço para ele se afastar. Não posso nem ir à cozinha pegar um copo de água sem sentir que estamos unidos pelo quadril. É frustrante.*

*Além disso, seus constantes 'Saia dessa casa imediatamente, Zahara' como cumprimentos em cartas recentes estão ficando velhos. Vou ficar com minha irmã. Aceite isso imediatamente.*

*E não, eu ainda não terminei aquela saia. Lucia pegou uma espécie de virose e a passou para mim. Então, passei a semana passada inteira enrolada em um cobertor, com uma caneca de chá praticamente colada na mão.*

*Zahara*

*PS: Você já começou a contagem regressiva? Faltam pouco mais de seis meses para sua sentença acabar.*




***Carta nº 295***

*Zahara,*

*Que tipo de virose? Uma gripe? Um resfriado? Você procurou um médico para que ele a examinasse?*

*Por que estou perguntando? Sei que você não fez isso. Não pode tratar sua saúde de forma tão casual, Zahara!*

*Peppe está seguindo minhas instruções explícitas e continuará fazendo isso. Isso não é negociável, e considero a discussão encerrada. Especialmente com esse filho da mãe maluco morando sob o mesmo teto que você.*

*Perguntei sobre o perseguidor da sua irmã e, se metade do que descobri for verdade, esse homem está seriamente fodido. Ele pode amar Nera e estar empenhado em manter vocês três em segurança, mas ainda quero que você fique longe dele.*

*M.*

*PS: Sim. 6.387 já foram, faltam 181. Estou contando desde o dia em que coloquei os pés neste buraco.*

*PPS: Se Mazur lhe causar algum problema, quero saber. Farei com que amigos meus se apresentem a ele, assim como fizeram com seu colega de escola, Kenneth.*

# Capítulo 14




Todos os meus quatro rolos de linha bege se foram. Eu suspiro. Lucia deve tê-los levado para brincar. Seu mais novo passatempo favorito atualmente é roubar os rolos da cesta que fica embaixo da minha mesa de trabalho e tecer as fibras ao redor e entre as pernas da cadeira e da mesa, criando uma bagunça, uma espécie de rede. Quando perguntei a ela sobre isso, ela disse que era uma aranha.

Não consigo acreditar na rapidez com que a pequena criança está crescendo. Ela tem quase três anos e é muito esperta. E, além disso, ela me tem firmemente enrolada em seu dedo mínimo. Ou talvez apenas presa em sua pequena teia de aranha.

Sorrio ao pensar em minha sobrinha.

Dirigindo-me à sala de estar, continuo minha busca, recolhendo os esboços descartados da mesa de centro e do sofá ao longo do caminho. Meu apartamento na Leone Villa é sempre uma bagunça. Nera diz que minhas coisas se espalham tão rápido quanto a gripe. Zíperes, revistas de costura e moldes parcialmente recortados estão espalhados pelo chão e pelos móveis. As únicas coisas que mantenho organizadas são tesouras e agulhas. Lucia poderia se machucar com suas pontas e bordas afiadas, e eu não posso permitir isso.

Encontro minha fita métrica e alguns restos de tecido embaixo de uma das almofadas, mas nenhum rolo de linha. Terei de sair correndo para comprar substitutos se quiser terminar o novo vestido para a mãe de Salvo a tempo. É provavelmente o décimo que fiz para ela até agora. Ela tem me mantido ocupada, tanto que tive de substituir a velha máquina de costura da mamãe por

uma nova. Ainda assim, minhas habilidades não são de alta-costura para que Rosetta me use exclusivamente para fazer seus trajes, mas parece que ela parou de comprar vestidos de gala. Acho que isso é coisa de Salvo. Ele deve estar pressionando-a a negociar comigo de alguma forma.

Toda vez que vou à casa deles para tirar as medidas da Sra. Canali ou para que ela experimente um vestido, Salvo está lá. Considerando a aleatoriedade das minhas visitas, não pode ser uma coincidência.

Eu me mantive o mais longe possível de Salvo ao longo dos anos, então por que diabos ele continua insistindo para sairmos para almoçar? Há algo de desagradável nele. Quando ele está na Villa para se encontrar com Nera, eu não saio do meu quarto até que ele tenha ido embora. Talvez seja a minha falta de experiência íntima com homens, mas os avanços sutis de Salvo estão começando a me assustar.

Espero poder evitá-lo na festa de Brio, que acontecerá no mês que vem. Eu pretendia não ir, mas, à luz dos acontecimentos recentes - especificamente, a descoberta de que o Capo Armando é a pessoa por trás das tentativas de assassinato da minha irmã - preciso estar lá para obter informações sobre a posição do restante da *Famiglia*.

Kai mantém Armando trancado em nosso porão desde a noite passada e, pelo que Nera me disse, ele pretende interrogá-lo. Espero que ele acabe logo com isso para que eu possa escrever para Massimo e enviar a carta até às cinco horas. A última coisa que quero é que ela fique na caixa de coleta durante todo o fim de semana. Só Deus sabe como vou encerrar esse relatório de uma forma que não levante nenhuma bandeira vermelha se minha carta for interceptada por um guarda da prisão. Não é como se eu pudesse dizer: *Ei, meu novo cunhado acabou de cortar os dedos do cara que tínhamos escondido no porão, e aqui está o que descobrimos*.

Hmm, talvez eu possa usar a analogia do peru?

*Que tal: Kai depenou o peru que tentou arrancar a cabeça da mãe galinha. Ele terminou de cortar as asas e as pernas do animal e... Não, isso soa estúpido. Talvez eu devesse usar - desplumar - em vez disso.*

Ao ver uma tira dourada aparecendo embaixo do sofá, eu a pego no momento em que ouço a porta atrás de mim se abrir.

— Coloquei Lucia para tirar um cochilo em seu quarto, — eu digo, enrolando a fita que tirei. — Os amigos esquisitos de Kai finalmente foram embora?

— Foram. — Um barítono masculino rouco ressoa às minhas costas.

Em algum lugar do universo, duas estrelas de nêutrons colidem. A força desse impacto passa por mim. Eu conheço essa voz. Eu a ouço dia e noite, repetindo a gravação de dois minutos da sua ligação como uma mulher obcecada. Sinto arrepios em meus braços e todos os pelos finos se eriçam como se uma corrente elétrica tivesse passado por mim. Sua voz soa mais profunda ao vivo. Mais intensa. Faz anos que não a ouço a poucos passos de distância, mas nunca poderei esquecê-la. Com a respiração presa na garganta, eu me levanto e me viro.

Massimo está parado na porta do meu apartamento, sua forma enorme dominando o espaço, sugando todo o oxigênio da sala. O terno cinza perfeitamente ajustado que ele está usando lhe serve como se fosse feito sob medida, acentuando seus ombros largos. Os dois botões superiores da sua camisa branca estão desabotoados, revelando as marcas da tinta colorida em seu peito e pescoço. Ele parece tão polido, tão civilizado, que, por um momento, acho difícil acreditar que ele seja o mesmo homem inescrupuloso que vem me assombrando há anos. Mas quando meus olhos se fixam nos dele, percebo que é apenas uma ilusão. Ele é o mesmo predador cruel que eu conheço tão bem. Só que envolto em roupas elegantes.

Isso é real? Será que ele é? Ou é apenas minha imaginação pregando peças? Ainda restam seis meses da sua sentença. Como ele pode estar aqui?

Fico boquiaberta com Massimo enquanto ele atravessa a sala, com seus passos largos que diminuem a distância entre nós muito rapidamente. E mais uma vez me vejo lutando contra a areia movediça do tempo. Presa pelo meu destino, mas incapaz de aceitá-lo. Anos de desejo de estar com esse homem não significam que eu esteja pronta para enfrentá-lo agora. Eu deveria estar acostumada com essa sensação. Afinal de contas, quando fui vê-lo na prisão, levei três horas para me preparar psicologicamente antes de conseguir passar por aquela porta.

Ele para bem na minha frente e levanta a mão, depois passa os nós dos dedos de leve na minha bochecha. — Olá, Zahara.

Um arrepio percorre minha espinha. É como se eu estivesse presa em um túnel do tempo e a cena do funeral do meu pai estivesse se repetindo. Ele *é* real.

— Como? — eu digo, com a voz embargada.

— Salvatore Ajello, — ele diz. — Não sei como esse filho da puta conseguiu fazer o que eu e o imprestável do McBride não conseguimos fazer durante anos, mas ele conseguiu. O advogado pessoal de Ajello chegou com meu advogado idiota esta manhã, trazendo a papelada necessária. Fui liberado uma hora depois.

Ele está tão perto que o calor do seu corpo está se infiltrando em mim. O sangue em minhas veias fica derretido. A respiração desaparece dos meus pulmões. Tremores que sacodem os ossos me deixam de cabeça para baixo, obliterando completamente qualquer pensamento lógico.

Os olhos de Massimo se voltam para o meu peito, concentrando-se na corrente de platina e no delicado pingente de pérola e diamante em forma de lágrima pendurado nela. — Você está usando meu presente.

— Sim, — eu digo, com a voz embargada, com a garganta seca e áspera. — Eu... tenho que tirá-la antes de dormir, mas ela não irrita minha pele.

— Ótimo. Isso me poupa de uma viagem a Paris para falar com o Sr. Dubois.

— Então... você é um homem livre. — De alguma forma, consigo evitar que

minha voz se embargue.

Eu sabia que esse dia chegaria. E estou muito feliz. Por ele. Mas também quero me enrolar em uma bola e chorar, porque isso significa que, seja qual for o relacionamento entre nós dois, acabou. Ele não precisa mais de mim.

*Depois de hoje, eu o perderei.*

— Sim. — Ele acena com a cabeça. As pontas dos seus dedos deslizam sobre a pele lisa sob meu olho esquerdo, permanecendo ali por um segundo, mas depois sua mão se afasta. — Eu vi Nera lá embaixo. Como prometi, ela pode deixar a Cosa Nostra a qualquer momento, e eu lhe disse isso.

Eu luto contra as minhas lágrimas, mal conseguindo mantê-las afastadas. — E você? O que vai fazer agora?

— Convocarei o Conselho e prepararei a tomada oficial da Família para este fim de semana. Em seguida, vou me concentrar em encontrar quem quer que esteja atrapalhando minha vida e me mantendo naquela jaula. Quando isso for feito, matarei o desgraçado. Ou os desgraçados. — Ele dá uma olhada na sala. — Mas, primeiro, vou acabar com esta casa, assim como tudo o que pertenceu a Batista Leone. Você deve começar a fazer as malas.

Sim, acho que devo. Girando, vou em direção à minha cama, que está empurrada para o canto do quarto. Minhas pernas estão tremendo tanto que espero que elas se dobrem sob mim a qualquer momento.

Puxa vida, ainda posso sentir seu toque em meu rosto. Por apenas um segundo - por um momento uma pequena fração - deixei que aquelas esperanças e sonhos há muito reprimidos se acendessem dentro de mim, deixei-me acreditar que as coisas entre nós podiam ter mudado. Com o passar dos anos, ele claramente se abriu para mim. Eu senti isso no fundo da minha alma. Desde o dia em que o confrontei na prisão, o Massimo que eu conhecia se transformou em algo mais. Suas cartas se tornaram muito mais abertas, compartilhando detalhes sobre sua vida na prisão. Seus pensamentos. Suas lutas. Até mesmo alguns

arrependimentos. E como suas cartas se tornaram cada vez mais pessoais, quase me convenci de que ele poderia ter desenvolvido alguns sentimentos. Por mim.

Uma risada sem humor quase me escapa. Ainda sou apenas uma idiota que não sabe quando desistir. *Acorde, Zahara! Não vê que ele quer você fora da vida dele imediatamente?*

— Kai tem um apartamento no centro da cidade, então vamos levar tudo para lá por enquanto, — murmuro. — Estaremos fora do seu caminho até ao final do dia.

Tenho duas malas grandes enfiadas embaixo da cama. Puxando a maior, eu a arrasto para a frente da cômoda e a abro ali mesmo no chão. O calor dos olhos de Massimo em minhas costas é quase escaldante quando começo a tirar minhas roupas e a jogar tudo na mala.

*Por que ele ainda está ali?* Estou a ponto de perder a compostura, e tê-lo aqui está tornando toda essa situação cem vezes pior.

Pego um vestido de cetim preto do gancho na porta do armário e o coloco na mala junto com o cabide. Levei quase uma hora para passá-lo ontem à noite, mas isso não parece importar agora. Minha nova blusa de renda é a próxima. Depois, o casaco de cashmere. Eu nem presto atenção se alguma coisa está rasgada ou danificada. Simplesmente coloco uma coisa atrás da outra, tentando ‘fazer as malas’ o mais rápido possível, porque não aguento ficar tão perto dele enquanto me desfaço em silêncio.

*Será que vou vê-lo novamente?*

Atrás de mim, o raspar rítmico de solas de couro em um piso de madeira. Estão se aproximando. Minha respiração se acelera. Acelero os movimentos, agora jogando roupas aos montes na mala, enquanto Massimo aparece às minhas costas. Ele está perto o suficiente para que sua próxima expiração passe pelo topo da minha cabeça. Fecho os olhos, tentando me manter firme.

— Acho que você não entendeu. — O timbre aveludado da sua voz me invade e tento gravá-lo na memória. Pode ser a última vez que a ouço.

— Não entendi o quê?

— Você não vai embora com sua irmã. — Massimo inclina a cabeça até que sua boca esteja bem perto do meu ouvido. — Você virá comigo.

Meu corpo fica totalmente imóvel. Ele está tão, tão perto que quase não há espaço entre nós. Sua barba por fazer roça levemente minha bochecha, o resto dele não mantém muito mais do que uma sugestão de distância. Ainda assim, parece que, de alguma forma, estou sendo atraída para o seu peito. Seu hálito quente sopra sobre minha pele superaquecida, deixando-me tonta enquanto me esforço para processar suas palavras.

— Por quê? — Pergunto, segurando meu cardigã de alpaca marrom como se fosse uma tábua de salvação. Esse é apenas mais um dos seus jogos?

Ele não responde. Durante o que parece ser uma eternidade, Massimo fica parado às minhas costas como uma enorme estátua imóvel. Minha pergunta era simples, então não entendo por que ele demora tanto para responder. Talvez... talvez ele sinta algo por mim, afinal de contas?

— Porque eu preciso de você, Zahara.

As batidas do meu coração disparam, tornando-se tão altas que trovejam nos meus ouvidos. O calor explode no meu peito, inchando e irradiando para os meus membros enfraquecidos, tomando conta de todo o meu corpo.

— Preciso de alguém em quem eu possa confiar. Alguém que saiba o que está em jogo e que possa me informar sobre tudo o que perdi.

A força gelada do inverno me esmaga e a alegria que eu sentia cai como um balão de chumbo. O gelo entra em minha corrente sanguínea, resfriando o ar rapidamente em meus pulmões. Não resta nem uma centelha do calor anterior. *É claro.* Por que mais ele iria me querer perto dele? Ele ainda não terminou de

dominar seu império. Não terminou de conquistar seu devido respeito e poder.

*Você realmente achou que haveria outro motivo?*

Respiro fundo. E depois mais uma vez. Pelo menos ele é honesto. Ele sempre foi assim comigo. Mas, pela primeira vez, eu o odeio por isso. Gostaria que ele tivesse mentido e dito que era porque gostava de mim. Sei que não é verdade, mas prefiro acreditar em uma mentira agora do que encarar a dura e fria verdade.

Mordendo a bochecha, eu me viro e inclino a cabeça para cima até nossos olhares se encontrarem.

Piscinas escuras. Eu não imaginava que os olhos de uma pessoa pudessem ter o tom mais profundo da noite. Os dele são tão escuros que não consigo distinguir suas íris das pupilas. É como cair em dois buracos negros sem fundo, e eles estão me arrastando para suas profundezas.

Durante a maior parte da minha vida, raramente encontrei os olhos de outras pessoas. Principalmente porque eu tinha medo de que elas vislumbrassem as inseguranças que eu tentava tanto esconder e encontrassem uma maneira de usá-las contra mim. Mas também porque eu não queria ver o que estava escondido em seus olhares. Suas opiniões não reprimidas sobre mim. Como eu era fraca - por não me defender, por não confrontar aquelas que falavam mal de mim. Suas convicções de que eu devia ser estúpida, tudo porque eu evitava conflitos. Ver essas coisas em seus olhos me fez acreditar nelas. Eu me sentia pequena. Sem valor. Inadequada. Além de Nera, que é influenciada pelo amor fraternal, nenhuma alma jamais me fez sentir bem comigo mesma.

Até ele.

Não há sequer uma partícula de reprovação ou piedade no olhar sombrio de Massimo enquanto ele praticamente me queima com seus olhos de aparência infernal. Confiança. Respeito. Até mesmo admiração. Mas há algo mais ali. Um brilho perigoso que faz meu coração bater ainda mais rápido. Um desconhecido sombrio que não consigo discernir completamente.

A maneira como ele está me olhando agora me faz sentir como se eu fosse corajosa. E ousada. Como se eu pudesse fazer qualquer coisa. Talvez até dançar nua pela City Hall Plaza, como Nera ameaçou fazer uma vez.

— E se eu disser *não*? — pergunto. — E se eu quiser ir com minha irmã?

As narinas de Massimo se dilatam. Sua mandíbula está rígida e as veias do seu pescoço estão salientes. Ele é uma visão bastante aterrorizante, erguendo-se sobre mim, tão grande e cheio de tatuagens e obviamente enfurecido com minhas perguntas. Se fosse qualquer outra pessoa além dele, eu já teria corrido e me escondido. Mas não me sinto nem um pouco ameaçada por ele, pois, mesmo irritado, ele ainda me olha com a mesma reverência de um minuto atrás.

Ele cerra os punhos, o que faz com que seus bíceps saltem dentro do terno sob medida. Vários segundos se passam enquanto ele apenas me olha fixamente. Então, ele acena com a cabeça e se vira para sair sem dizer uma palavra.

Eu o sigo com os meus olhos enquanto ele atravessa o quarto, indo em direção à porta. Nós dois sabemos que Nera é a única que está recebendo um passe livre. Não eu. Esse foi o acordo que fizemos. Como o Don iminente e legítimo, Massimo tem todo o direito de me obrigar a fazer a porra que ele quiser. E ainda assim, ele está se afastando. Respeitando minha decisão. Vendo-me como uma parceira. Em pé de igualdade.

Não tenho nenhuma ilusão sobre o tipo de pessoa que ele é. Deus sabe que Massimo está muito longe de ser um santo. Ele é um assassino. Um mestre manipulador que não pensa duas vezes antes de se livrar de qualquer coisa ou pessoa que esteja em seu caminho. Um homem inescrupuloso e astuto que usou uma adolescente como um peão porque isso serviu ao seu propósito. Mas ele nunca fingiu ser algo que não é. Não comigo. Foi por isso que me apaixonei tão loucamente por ele?

— Massimo, — eu chamo.

Ele já está na porta, mas para imediatamente.

— Preciso de meia hora para terminar de fazer as malas — eu digo. — Depois, vou me despedir de Nera e Lucia, e podemos ir embora.

Lentamente, ele se vira e me fixa com seus olhos escuros. — Você não vai perguntar para onde?

Entro no armário e pego uma pilha de suéteres. — Não.

Eu o seguiria para qualquer lugar. Até mesmo para as profundezas do inferno.




O vento sopra no meu rosto enquanto observo a mansão de três andares em toda a sua glória decadente. Todas as janelas da fachada da estrutura estão escuras, com exceção de duas no andar térreo, o que faz com que tudo pareça mais triste de alguma forma. Mesmo com a luz fraca, é impossível não notar a pintura descascada nas molduras ou a ferrugem que se instalou nas grades de ferro brancas da varanda. O maldito lugar parece exatamente como eu me sinto.

— Sua casa de infância? — Zahara pergunta ao meu lado.

— Sim. — Aceno com a cabeça. — Uma delas. A casa para a qual nos mudamos quando papai se tornou o Don. — Meus olhos voltam a examinar o prédio abandonado. — Sempre havia assuntos mais importantes que precisavam ser resolvidos, então meio que me esqueci de arranjar alguém para cuidar dela. Ela está vazia desde que mamãe e eu nos mudamos.

Olho para Zahara e vejo que ela está se abraçando. Tirando o paletó do terno, coloco-o sobre seus ombros, tomando cuidado para não tocá-la sem querer. Aquele único e breve toque em sua bochecha foi o máximo que me permiti. Eu não deveria ter feito nem isso, mas a tentação de sentir sua doce essência, mesmo que apenas por um instante, era grande demais.

***Que diabos está fazendo?***

Sim... tenho me feito essa pergunta desde o momento em que a convidei para vir comigo. Na verdade, eu nem *perguntei*. Apenas proclamei como um idiota egoísta, mas acho que ela sabia que eu queria dizer isso como um pedido.

Quando cheguei à Leone Villa, minhas intenções eram apenas fazer os preparativos necessários com Nera e depois partir. Ver Zahara não estava nos meus planos. Eu temia que, se a visse, não conseguiria perdê-la de vista novamente. Minha apreensão obviamente se mostrou correta. A vontade de ir

embora se dissolveu assim que meus olhos a encontraram. Talvez eu nunca tenha tido poder, em primeiro lugar. Afinal de contas, meus pés me levaram até ao apartamento dela enquanto minha mente gritava que eu poderia muito bem estar indo para a minha perdição. Mas resistir a vê-la - apenas uma vez - nunca foi uma opção para mim.

***Você deveria ter se esforçado mais! Ela não passa de um peão. Uma pessoa cuja utilidade expirou, e você precisa se livrar desse peso morto de suas costas.***

Ela era um peão. Mas não é mais. Em algum ponto do caminho, Zahara se tornou a força que estava me mantendo unido. Ao pisar fora dos portões da prisão esta manhã, minha forma física pode ter estado tecnicamente livre, mas foi somente depois de ver Zahara que finalmente pude respirar como um homem verdadeiramente livre.

***Que merda! A garota tem vinte e um anos. Mal é adulta. E ela é da sua maldita família! Você precisa parar com essa besteira e mandá-la embora. Agora!***

*Eu sei. Mas não posso, porra.*

Algo aconteceu entre nós quando nossos olhos se encontraram no dia do funeral de Nuncio. O que vi em seu olhar penetrante - seu conhecimento sobre *mim* e sua compreensão - isso... me abalou até meu âmago. Como se eu tivesse sido atingido por um raio. Algo mudou naquele momento. Uma mudança enorme e fundamental em mim, como uma corrente elétrica que muda de direção depois de um surto repentino, indo para onde nunca deveria ter ido. Em um rumo muito preocupante e proibido. Em vez de planejar uma nova maneira de alcançar meu objetivo de toda uma vida, passei cada segundo acordado por mais de três anos pensando nela. Minha meia-irmã.

Os dias se tornaram uma batalha pela sobrevivência, não pela minha vida, mas pela minha paz de espírito, repleta de esperas intermináveis. Pelo momento em que eu veria um agente penitenciário carregando aquele envelope para mim. Eu,

então, inalava cada palavra que ela escrevia. As partes sobre negócios, que antes eram meu principal interesse, eu as pulava em favor das passagens que ela escrevia sobre si mesma. Depois que eu lia as seções pessoais pelo menos duas vezes, eu forçava minha atenção para a merda da Cosa Nostra. E depois disso, passava meus dias esperando ansiosamente pela próxima carta.

Tentei racionalizar o fato, convencendo-me de que era apenas um vínculo familiar. Qualquer outra coisa era simplesmente um produto da minha mente confusa depois de passar quase duas décadas em uma gaiola. É difícil manter a sanidade mesmo durante um curto período na prisão. Sou muito grato por ainda poder contar de dez para trás. Mas eu não esperava que o fato de estar preso naquele buraco me transformaria em um maldito bastardo doente.

Um que se apaixonou por sua meia-irmã.

Mas essa merda acaba agora mesmo.

Eu a trouxe comigo porque não conseguia encarar a realidade de não tê-la mais em minha vida. Como uma amiga. Uma aliada de confiança.

Ambas estão em falta para mim no momento.

Ela me conhece. Eu preciso dela.

Nada mais.

— Vamos dar uma olhada lá dentro. — Faço um gesto na direção da casa, tirando-me dos meus pensamentos distorcidos.

Duas vans brancas com o logotipo de um serviço de limpeza nas laterais estão estacionadas na entrada da garagem, não muito longe da entrada principal. Pensei ter sido claro em minhas instruções desta manhã de que todos deveriam ter saído antes da minha chegada. Ao subirmos os degraus de pedra lascada até à porta da frente, instintivamente, pego a parte inferior das costas de Zahara.

***Ela é sua meia-irmã. Grave isso em seu cérebro estúpido. Não toque nela!***

Afasto a mão. Não é que haja algo de errado com o fato de um meio-irmão

apoiar as costas da sua meia-irmã. O problema é que, por mais que eu tente, não consigo me obrigar a vê-la como minha meia-irmã.

Abro a porta da frente e as dobradiças rangem por falta de uso. Respirando fundo, entro na casa que um dia foi o meu refúgio.

E entra o caos.

Na metade da ampla escadaria que dá para o hall de entrada, duas mulheres, usando uniformes azul-claros que as identificam como empregadas do serviço de limpeza, estão polindo o corrimão. Um homem, usando um aparelho que ameaça abrir minha cabeça com seu barulho, está polindo o piso de mármore nas proximidades. À direita, através do arco ladeado por colunas que dá acesso à área do lounge, noto várias outras pessoas trabalhando - aspirando o estofamento dos móveis e tirando o pó das luminárias. Há mais trabalhadores na sala de jantar do lado esquerdo do saguão. Uma dúzia de pessoas. Talvez mais.

A ansiedade surge dentro de mim, ameaçando me dominar completamente. Preciso que essas pessoas saiam.

— Sr. Spada. — Um homem mais ou menos da minha idade, vestido com um terno azul-claro que combina com os uniformes da equipe de limpeza, vem correndo em minha direção com uma prancheta na mão. — Estamos um pouco atrasados. O segundo andar já foi concluído. Novos lençóis e toalhas foram fornecidos, conforme solicitado, e...

— Fora, — eu grito.

— ...os mantimentos chegaram. Pedi a um dos meus funcionários que os colocasse em...

Fecho os olhos, tentando suprimir o barulho e a presença de todas essas pessoas. Mas o idiota à minha frente continua falando, dizendo bobagens sobre as cortinas. A cada palavra, minha agitação se transforma em raiva. Respiro fundo, na esperança de que isso ajude a subjugar a vontade de quebrar o pescoço do

idiota ignorante.

Meu temperamento explosivo morreu de vez durante o período em que estive atrás das grades. Normalmente, o fato de estar em um ambiente familiar e perto de pessoas que conheço ajudava a me acalmar. Pelo menos um pouco. No entanto, desde que deixei os muros da prisão para trás, tenho estado à beira de estourar a cabeça de alguém.

— Oh, e o que você precisa que façamos com...

Meus olhos se abrem. Agarro a frente do terno azul do bastardo e o levanto.

— EU DISSE, FORA! — grito em seu rosto. — CADA UM DE VOCÊS, SEUS IDIOTAS!

Um leve toque pousa em meu antebraço. — Massimo, pare.

A névoa de vermelho e a loucura que turvam minha mente recuam um pouco. Solto uma longa expiração e, em seguida, coloco o frenético gerente de limpeza no chão.

— Obrigada pelo trabalho incrível, — Zahara diz ao meu lado. — Por favor, reúna seus funcionários e vá embora. Nós o chamaremos amanhã para resolver o que estiver pendente.

O homem acena com a cabeça freneticamente, depois sai correndo, gesticulando com a mão e ordenando que seu pessoal parta. Fico imóvel, olhando para a frente sem rumo, enquanto os funcionários passam correndo por mim, um a um.

Sentindo os olhos de Zahara em mim a cada segundo.

A porta da frente se fecha com um clique alto. Finalmente, um silêncio feliz.

— Massimo? O que foi isso?

— Nada, — digo, furioso comigo mesmo. Eu sempre fui rápido para atirar, rápido para me irritar. Mas nunca perdi a paciência sem motivo. — Desculpe-me se a assustei.

— Você não assustou. Mas assustou a eles. — Ela coloca a mão no meu antebraço novamente. — Você está bem?

Olho para ela, tão linda e tão... calma, mesmo depois de ter perdido a cabeça na frente dela, e um pouco da sua calma se infiltra em mim. A tensão em meus músculos diminui lentamente.

— Não, — eu digo. — Pensei que, depois de ser libertado, as coisas voltariam a ser como eram. Que eu voltaria a ser o que era antes. Mas... não tenho mais certeza se isso é mais possível.

— Não tenho certeza de como isso poderia acontecer. Você terá que aprender a viver com quem você é hoje.

Sua palma desliza até minha mão, e ela entrelaça seus dedos com os meus. O contato queima minha pele - seu toque é ao mesmo tempo abrasador e calmante.

— Vamos ver o que a empresa de limpeza fez para podermos avaliar o estado da sua casa.

Deixo que ela me puxe pelo hall de entrada e entre na sala de jantar, segurando sua mão na minha como se fosse minha única esperança de sobrevivência.

Talvez seja.

***

*O gotejamento lento da torneira com vazamento no canto ecoa pelo espaço iluminado. O som é oco quando as gotas de água caem na pia de metal. Acima dela, o zumbido constante de uma lâmpada fluorescente. 'Luzes apagadas' é apenas um eufemismo por aqui. Embora abafados pela distância, os gritos vindos de algum lugar no quarteirão adjacente ainda chegam até mim. O calor é brutal; a umidade é ainda pior, agarrando-se a mim com um brilho pegajoso. O*

*ar pútrido é pesado e não há como escapar do seu peso sufocante. Viro-me de lado, de frente para a parede cinza da cela, e começo a contar as rachaduras na pintura antiga.*

*Dobradiças enferrujadas rangem quando a porta se abre com um estrondo atrás de mim. Passos apressados, se aproximando. Pulo do beliche e encaro o homem que está segurando uma faca formada por um caco de vidro com força em sua mão. O mesmo filho da puta careca que tentou me matar depois que voltei do funeral de Nuncio está de pé no meio da minha cela. Atrás dele, seu amigo baixinho e mandão sorri, mostrando dentes podres e faltando. Eu me atiro contra 'Harry', mirando em seu rosto feio, mas meus movimentos são muito lentos. É como se eu estivesse empurrando meu punho através de uma substância densa em vez de ar. O desgraçado sorri. E enterra a haste de vidro entre as minhas costelas.*

Meus olhos se abrem abruptamente.

As paredes são de um bege claro, mas a tinta está descascando em vários pontos. Toras de madeira meio queimadas se desfazem na lareira abandonada e uma camada de poeira cobre a lareira que antes era elegante. Os móveis estão cobertos com lençóis brancos.

Minha casa.

Eu me sento no sofá e dou uma olhada no laptop que deixei aberto na mesa de centro. Três da manhã. Eu cochilei. Por vinte minutos inteiros.

Ontem à noite, Zahara me ajudou a encontrar uma empresa de reforma especializada em design de interiores e que apresenta os prazos de entrega mais rápidos do mercado. Em seguida, ela entrou em contato com eles por meio do site e agendou uma reunião para a primeira hora da manhã. Sou grato por sua ajuda. Tenho certeza de que acabaria descobrindo como fazer isso sozinho, mas teria perdido horas nessa merda.

Achei que meu principal desafio depois de sair seria retomar o controle dos meus negócios. Não contava com a necessidade de aprender a navegar em um mundo muito mais amplo do que aquele que deixei para trás há dezoito anos. Na prisão, o acesso à Internet é limitado e a atividade on-line é sempre monitorada. Em geral, somente sites educacionais são permitidos. Tentei me manter atualizado, mas, no momento, me sinto um pouco desconectado dos tempos atuais.

Enquanto ando de cômodo em cômodo no andar térreo da casa escura, o baque surdo dos meus sapatos é o único som no silêncio sinistro da casa abandonada. Eu me acostumei tanto com o barulho incessante na prisão que agora todo esse silêncio é uma bênção e uma maldição, e isso está me deixando nervoso na escuridão silenciosa. As sombras se movem ao meu redor, algo que eu não experimentava há muito tempo. Não consigo ter certeza se estou sozinho ou se algum idiota está se escondendo nos espaços encobertos. Olhando para fora, pensei ter visto alguém se esgueirando pelo jardim. Mas será que vi ou foi um truque da minha mente inquieta e dos meus olhos que não estão acostumados com a escuridão? Minha pele se arrepia com a consciência, e uma forte premonição de desgraça iminente me deixa preparado para que a merda aconteça a qualquer momento.

Subo as escadas para o segundo andar e continuo minha caminhada sem rumo pela mansão. Minha cabeça está me matando, provavelmente por causa da falta de sono. Os anos em que sobrevivi com algumas piscadelas estão cobrando seu preço. Ou talvez eu esteja apenas ficando velho. Seja o que for, tenho quase certeza de que não vou conseguir descansar mais esta noite. Não neste lugar que ainda me é tão familiar, mas também não é de forma alguma. Nem sequer percebo que estou indo diretamente para o quarto onde Zahara está dormindo até que estou em frente à porta no final do corredor. Tudo está quieto aqui também, mas a inquietação que senti nos níveis inferiores diminuiu bastante.

Desabotoando os botões superiores da minha camisa, deslizo até ao chão,

apoiando as costas na parede oposta. E então, fico olhando para a porta diante de mim.

# Capítulo 15




Desço a escada ornamentada e dou uma olhada ao redor. Massimo mencionou que os trabalhadores temporários da agência de recrutamento chegariam às oito. Já está quase na hora, mas ele não parece estar em lugar nenhum. A pequena área de estar em um lado da escada parece vazia. Viro na outra direção e atravesso a enorme sala de jantar, ocupada por uma mesa comprida o suficiente para acomodar dezesseis pessoas facilmente. A parede externa é composta de janelas do chão ao teto voltadas para o jardim. Em um determinado momento, a vista deve ter sido magnífica, especialmente as vinhas sinuosas de jasmim que se espalhavam do alto dos arcos de ferro sobre um recanto pitoresco ao ar livre. Atualmente, porém, o terreno está coberto de vegetação e cheio de ervas daninhas.

O fundo da sala leva a um pequeno espaço quadrado que separa a sala de jantar da cozinha, que avisto após a porta aberta da antessala. Assim que cruzo a porta da cozinha, paro no caminho.

Em pé, ao lado de outra parede composta por grandes janelas, sob o brilho da luz da manhã que atravessa os vidros, está Massimo. Ele está de costas para mim enquanto olha para o quintal. E está vestido com uma calça de moletom cinza e nada mais.

Cada centímetro da sua parte superior do corpo está coberta de tinta. Uma mistura de desenhos pretos e coloridos envolve suas costas impossivelmente largas, depois flui pelos ombros largos e desce pelos braços musculosos até aos dedos. É difícil identificar onde uma imagem termina e a outra começa, pois cada uma parece se fundir umas nas outras.

Minha mão voa para o peito, como se isso pudesse impedir que meu coração batesse descontroladamente e saísse da caixa torácica. Não tive muitas oportunidades de ver homens sem camisa. Na escola, ocasionalmente, alguns dos meninos tiravam a camisa depois do treino de futebol, e houve uma vez em que ajudei Nera a limpar o sangue de Kai quando ele foi ferido, mas foi só isso. De modo geral, os homens nunca despertaram o meu interesse. Homens que não fossem Massimo, claro.

— Bom dia, — eu digo com a voz rouca quando finalmente encontro a minha voz.

Massimo se vira e posso ver que sua frente também está tatuada. — Olá. Dormiu bem?

— Sim, claro, — minto. Mal preguei os olhos, virando de um lado para o outro e pensando nele.

As horas que passamos examinando os sites das empresas de renovação na sala de estar ontem à noite quase me deixaram com taquicardia. Meu coração estava acelerado o tempo todo enquanto a adrenalina corria pelo meu sistema. Esse músculo estúpido dentro do meu peito não conseguia lidar com a proximidade dele. Assim como está sendo difícil agora.

Massimo atravessa a distância entre nós com passos lentos e silenciosos. Seus pés estão descalços e, por alguma razão, isso só o deixa mais sexy. — Quer que eu prepare um café da manhã para você?

Eu pisco os olhos. Massimo Spada, o homem que em breve será coroado Don da Cosa Nostra de Boston, está se oferecendo para me fazer o café da manhã? — Hum... eu realmente não tenho fome, acho.

Ele levanta a mão e, por um momento, acho que vai tocar meu rosto novamente, mas ele apenas a apoia no batente da porta. Seus olhos profundos e escuros me capturam, enquanto a força da sua presença se infiltra nos meus ossos. Envolve-me por dentro e por fora.

Mesmo assim, isso me perturba.

Nos poucos minutos em que dormi ontem à noite, sonhei com ele. Estávamos sozinhos numa sala de estar, e ele me abraçava com força ao seu lado. A lareira crepitante aquecia a minha pele enquanto Massimo sussurrava no meu ouvido. Palavras baixas que eu desejava há tanto tempo. Como eu sou a única pessoa que o entende. Sua alma gêmea. E como ele mal podia esperar para ser libertado, tudo para que pudesse vir até mim e pudéssemos ficar juntos.

Meu olhar desliza por seu peito esculpido e marcado, absorvendo a visão. Sinto um leve formigamento entre as pernas que nunca havia experimentado antes. Como... uma necessidade dolorosa. Oh, meu Deus, estou ficando excitada. Pressiono as coxas uma contra a outra, esperando que isso faça a sensação desaparecer. Mas não desaparece. A dor só fica mais forte.

Nunca fiz sexo, nem mesmo quis fazer, nunca tive um homem que me tocasse lá embaixo. Mas quero que Massimo toque.

Há muito tempo venho reprimindo meus sentimentos. Esse desejo tem me atormentado há anos. E também a culpa que dilacera o meu peito por gostar dele como gosto, mesmo sabendo que isso é errado. Entre meu afeto e minha consciência pesada, há o medo - o medo de que ele me rejeite se descobrir. O puro tormento de imaginar o que as pessoas dirão quando perceberem que estou apaixonada pelo meu meio-irmão. Já sou uma pária.

Mas será que isso é tão ruim assim? Afinal de contas, não é como se fôssemos parentes de sangue. Como algo que parece tão certo pode estar errado?

— Por que você faz isso?

Fico paralisada, enquanto meu coração bate forte. — Faço o quê?

— Puxar sua manga. — Massimo inclina a cabeça, baixando o olhar. — Você esteve fazendo isso a noite inteira ontem.

Soltei o punho imediatamente. — É apenas um hábito. Eu... não gosto que

minhas mãos fiquem à mostra.

— Por quê?

— Porque as pessoas tendem a ficar olhando.

Não pensei que meu coração pudesse bater mais rápido do que já está, mas quando seus dedos envolvem meu pulso, ele quase explode dentro da sua gaiola protetora. A respiração se prende em meus pulmões quando Massimo levanta minha mão, colocando-a entre nós para olhá-la de perto.

— Entendo por que eles fariam isso. — Sua voz fica rouca enquanto ele acaricia levemente a pele da minha palma com o polegar. — Você tem mãos lindas, Zahara.

Um agradável arrepio percorre minha espinha apenas com esse leve toque. E eu quero mais.

Quero sentir seu toque em toda parte. Quero beijos... e tudo o mais. Estar perto dele e conhecê-lo carnalmente tão intimamente quanto conheço sua mente. Tenho sido tão medrosa por tanto tempo, com muito medo de pedir o que quero. Não estou disposta a correr o risco de dar voz aos meus desejos, tudo por medo de ser ridicularizada. Não quero mais ser assim.

Com a mão livre, pressiono a palma da mão contra o estômago de Massimo. Suas narinas se dilatam enquanto ele respira fundo. Aqueles olhos deslumbrantes olham para os meus com tanta intensidade que meus joelhos começam a tremer. Ele não move um músculo, apenas me observa enquanto ainda segura minha outra mão com a sua, embalada naqueles dedos enormes e cheios de tinta.

— Zahara? — Uma pergunta. Seu tom transmite confusão enquanto seus olhos procuram por... algo.

— Sim? — Mordo o lábio inferior e deslizo a palma da mão um pouco mais para baixo.

O hálito quente se espalha por minha pele quando Massimo se inclina em minha

direção. Seu nariz toca o cabelo no topo da minha cabeça e eu o ouço inspirar. Assim tão perto, posso sentir o calor do seu corpo e sentir o cheiro que é puramente dele. Acima de mim, ele é uma figura imponente, ainda segurando a porta com sua mão desocupada. Outra inspiração profunda e, em seguida, ele solta a mão do batente e coloca a palma no meu quadril. Lentamente, ele começa a deslizá-la até à bochecha da minha bunda e...

— Jesus, porra! — Massimo se afasta abruptamente de mim. O olhar em seus olhos é frenético. Seu peito sobe e desce com movimentos bruscos enquanto ele olha para mim. — Sinto muito. Eu não deveria ter feito isso.

— Está tudo bem, eu...

— Definitivamente, não está tudo bem. — Ele agarra a parte de trás do pescoço com os dedos entrelaçados e balança a cabeça. — Que merda! Que diabos há de errado comigo? — Ele respira fundo e me olha fixamente. — Droga. Você é minha meia-irmã. Sinto muito, Zahara. Isso não voltará a acontecer.

Aperto o punho da minha manga longa e desvio o olhar. É verdade. É claro que isso não vai acontecer de novo. Como se alguém como ele pudesse se sentir atraído por alguém como eu.

O toque da campainha quebra o silêncio.

— Deve ser a sua equipe de funcionários da casa. Vou deixá-los entrar, — murmuro e saio correndo.

***

Sentado em frente a mim e a Massimo, o consultor da empresa de renovação, Sr. Jeffrey King, olha por cima do seu tablet e sorri.

— Anotei todas as suas solicitações e tenho o prazer de dizer que podemos

assumir esse projeto. É possível que os cronogramas precisem ser um pouco flexíveis para acomodar todas as variáveis; no entanto, devemos ser capazes de concluir o trabalho em dois meses.

Lanço um olhar rápido para Massimo. Ele está recostado com um braço sobre o encosto do sofá e olhando para o representante.

— Preciso que esteja pronto até quinta-feira.

O homem quase engasga e se mexe desconfortavelmente. — Sinto muito, Sr. Spada, mas o mais cedo que posso ter alguém aqui é amanhã, e é absolutamente impossível concluir a reforma de uma casa desse tamanho em cinco dias. Mesmo que eu pudesse trazer todas as nossas equipes para esse projeto simultaneamente, ainda precisaríamos de pelo menos seis semanas.

A expressão facial de Massimo se transforma de indiferença entediada em uma carranca ameaçadora. Ele se inclina para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos, e fica na cara do cara. — Eu disse que quero isso pronto até quinta-feira.

— Entendo perfeitamente sua frustração, Sr. Spada, mas simplesmente não podemos...

A mão de Massimo se abre e seus dedos envolvem a garganta de King — Acho que você não está entendendo, — ele rosna enquanto puxa o homem em sua direção.

Agarrando o joelho de Massimo, eu o aperto um pouco. — Talvez eles pudessem alongar um pouco e terminar em um mês. Isso daria certo?

Massimo afrouxa o aperto no pescoço do consultor, mas não o solta. — Não. A reunião do Conselho está marcada para quinta-feira à noite.

— Então, faremos com que os trabalhadores reformem o andar térreo primeiro, para que fique pronto na quarta-feira à noite. — Mudo meu foco para o Sr. King. — Isso é viável?

O pobre homem está puxando o pulso grosso de Massimo com as duas mãos,

tentando se soltar, enquanto seus olhos passam entre mim e Massimo. — Com certeza. Não há problema algum.

— Obrigada. — Aperto o joelho de Massimo novamente. — Solte-o.

No momento em que Massimo libera o representante, o homem se levanta e sai correndo. Espero ouvir a batida da porta da frente, cruzo os braços sob o peito e me viro para Massimo. Ele está olhando para o chão entre seus pés, mas parece não ter sido afetado pelo que acabou de acontecer.

— Acho que precisamos falar sobre o elefante na sala.

Sua mandíbula endurece. — Não faço ideia do que está falando.

— Acho que sabe. Ontem à noite, quando você explodiu com a equipe de limpeza, achei que estava apenas estressado. Então, esta manhã, você perdeu a calma durante as entrevistas com a equipe. E agora isso.

O fiasco com os candidatos a emprego que a agência de recrutamento enviou foi épico. Massimo começou a questioná-los sobre todos os tipos de coisas bizarras, incluindo o quanto eles sabiam manusear armas de fogo. Dizer que a maioria das pessoas ficou chocada é um eufemismo. E quando cada uma delas retirou sua candidatura e pediu para sair, Massimo explodiu.

— Às vezes, tenho dificuldade em controlar meu temperamento. Isso é tudo, — ele diz com um encolher de ombros.

— Bem, você terá que começar a administrar isso melhor ou os capos vão enterrá-lo.

Sua cabeça se ergue rapidamente, e seus olhos encontram os meus.

— Você sabe que estou certa, — continuo. — Não importa o quanto você seja bom em lidar com os negócios da Família, se alguém pensar que você é mentalmente instável, você está acabado. Todo o trabalho que você fez ao longo dos anos será em vão.

Ele não diz nada, apenas me observa com um olhar assombrado. E eu... eu só

quero abraçá-lo e dizer-lhe que tudo ficará bem. Mas ele foi mais do que claro esta manhã. Ele não me vê da mesma forma que eu o vejo, e não há nada que eu possa fazer a respeito disso. Não posso fazer com que ele se apaixone por mim. Ainda assim, decidi ficar com ele, independente disso.

— Por que não me contou? — Pergunto.

— Que eu sou muito fodido? Você teria concordado em vir comigo se eu tivesse dito?

— Sim.

— Por quê?

*Porque estou apaixonada por você.* Não posso dizer isso a ele, então pretendo redirecionar. — Vou ligar para algumas das pessoas que trabalharam para nós na casa de papai e pedir que apareçam. Havia algumas pessoas confiáveis na casa de Leone, também.

— Não. Não confio neles.

— Mas você confiaria em estranhos? — Levanto uma sobrancelha. — Entendo que esteja sendo muito cauteloso, especialmente porque Armando foi morto enquanto estava trancado no porão de Leone. No entanto, você está ciente do que aconteceu esta manhã. Você precisa contratar pessoas do nosso mundo. Aqueles que sabem manter a boca fechada. E que saibam lidar com empregadores *complicados*.

— Tudo bem. Mas somente os que você recomendar.

Aceno com a cabeça. — A propósito, o que aconteceu com o corpo de Armando?

— Mandei Salvo cuidar disso. — Ele me lança um olhar de lado. — O que aconteceu com o terninho que você fez para a mãe dele? Aquele com uma coisa de veludo verde no ombro. Ela o usou?

— Não acredito que você se lembra disso.

— Me lembrar disso? — Seus lábios se curvam em um sorriso. — Eu tinha pesadelos com essa maldita coisa. O zíper escondido. O forro que tinha de ser costurado do avesso. Você escreveu sobre essa maldita peça de roupa em pelo menos três de suas cartas. Talvez até quatro.

Eu rio. Fico impressionada com o fato de ele realmente se lembrar de todos esses detalhes.

Os olhos de Massimo se voltam para meus lábios. — Você deveria sorrir com mais frequência.

Meu corpo fica imóvel. — Por quê?

— Porque isso faz com que o mundo pareça um lugar agradável, para variar.

Respiro fundo. Nossos olhares se cruzam e, por alguns instantes, ficamos apenas olhando nos olhos um do outro. O momento parece durar para sempre, mas mesmo que isso fosse verdade, ainda não seria o suficiente. Nós dois desviamos o olhar uma fração de segundo depois.

— Preciso ir até North End, — diz ele, com os olhos fixos na lareira apagada. — É sábado, então a maioria dos soldados de infantaria estará em seu ponto de encontro habitual.

— Você vai falar com eles antes de se reunir com os capos?

— Esses velhos camaradas mimados são os que precisam de palavras para serem convencidos. Os homens que arriscam suas vidas e suportam a maior parte do ônus real necessário para que a Família floresça não precisam de longos discursos. Eles julgam as pessoas por suas ações. O juramento que os soldados fizeram quando se juntaram à Cosa Nostra promete sua lealdade livremente à organização. Mas se um líder quer o respeito deles, isso é algo que ele precisa conquistar. — Ele olha para seu relógio de pulso. — Devemos sair agora.

Eu pisco os olhos. — Nós?

— A morte de Armando não foi suicídio. Não vou deixá-la sozinha em uma casa

desprotegida, Zahara.

Uma risada sem graça escapa dos meus lábios. — Ninguém jamais se daria a esse trabalho só para me matar.

A mão de Massimo dispara tão rapidamente que quase não percebo o movimento. Ele agarra meu queixo com um aperto firme, porém suave. As linhas duras do seu rosto se aproximam, e há um olhar assassino em seus olhos que faz coisas engraçadas em minhas entranhas. — Você vai apontar qualquer pessoa que já tenha feito você se sentir inferior, e eu vou separar suas cabeças de suas espinhas.

— É que... eu não sou uma ameaça para ninguém, Massimo.

Um canto dos seus lábios se curva para cima. — Só porque eles ainda não perceberam o que você é.

— O quê?

Ele se inclina até que seu rosto esteja bem na frente do meu. — Basta apontar um dedo. E veja o que acontece.

O ar fica preso nos meus pulmões enquanto observo o brilho perigoso nos olhos de Massimo. Ele está tão perto, e eu luto contra o desejo de me esticar e pressionar meus lábios nos dele. A distância entre nós é tão pequena que, em uma fração de segundo, eu poderia estar sentindo o calor da sua boca firme na minha. Puxo o lábio inferior entre os dentes, mordendo-o para não sucumbir. Massimo fica tenso. Seu olhar desce até meus lábios e demora. Então, tão rápido quanto se tivesse sido queimado, ele solta meu queixo e se endireita.

— Precisamos fazer uma parada no posto de gasolina no caminho. Vou pegar minha carteira.

***

Para comemorar aniversários e casamentos, a Família geralmente prefere restaurantes sofisticados da cidade. Entretanto, para ocasiões mais íntimas, um dos aconchegantes locais de propriedade de italianos em North End costuma ser a escolha certa.

O beco estreito onde Massimo estacionou seu carro não tem nada em comum com o bairro colorido com o qual estou familiarizada. Não há lojas com bugigangas nas vitrines, nem pessoas felizes rindo enquanto passam, nem cheiros sedutores da culinária italiana. Apenas uma taverna de aparência sombria no final de uma rua deserta e escura. Uma velha placa de madeira acima da porta, tão desgastada pelas intempéries que o nome do estabelecimento nem sequer é visível, dificilmente é uma visão acolhedora. As janelas do local são tão sujas que, mesmo que a luz interna estivesse acesa, eu provavelmente não conseguiria enxergar através delas.

De pé em uma calçada diante desse lugar um tanto duvidoso, eu me aproximo mais perto de Massimo. — Tem certeza de que estamos no lugar certo?

— Não tenho certeza. Vamos dar uma olhada. — Um sorriso malicioso surge no canto dos seus lábios. — Você sabe assobiar?

Minhas sobrancelhas se erguem. — Assobiar?

— Sim.

— Acho que sim. Quer que eu faça isso agora?

— Por favor. Um longo, seguido de dois curtos.

Eu bufo. Então, me sentindo uma completa idiota, olho para a porta e assobio. Um longo e, depois, dois curtos, exatamente como ele disse.

Não acontece nada. Não que eu esperasse algo diferente. — E agora? Devo tentar dizer *abracadabra*?

Esse sorriso ilumina todo o rosto de Massimo, fazendo com que ele pareça muito mais jovem do que realmente é. Isso acontece toda vez que ele sorri. —

Aguarde alguns instantes. Todos costumam usar a entrada dos fundos.

— Aguardar o quê...

Um único assobio baixo vem de algum lugar lá de cima; uma janela do segundo andar, imagino. Dou uma olhada para o andar superior, mas não vejo ninguém. Depois de mais alguns segundos, um *clique* audível vindo da porta me faz pular.

Massimo agarra a maçaneta um tanto enferrujada e abre a porta. As dobradiças protestam com um som estranho e estridente.

— Cuidado com o degrau, — ele diz e entra.

Assim que entramos, a porta atrás de nós se fecha, fechando-nos em uma escuridão quase total. Apenas uma luz fraca entra pelas janelas sujas. O ar é tão estagnado que quase posso sentir seu gosto em minha língua. Leva alguns instantes para que meus olhos se ajustem e consigam ver o interior. Meu coração dispara ao pensar no que nos metemos. Há um bar à nossa esquerda e um monte de mesas encostadas na parede do lado oposto da sala. O lugar parece que ninguém vem aqui há anos.

A poeira se agita no ar quando Massimo se move para ficar bem na minha frente. Meu nariz coça com as partículas que flutuam ao nosso redor e o leve cheiro de mofo e... fumaça de cigarro.

— Com medo? — Pergunta Massimo, pegando minha mão com a sua.

— Não. Deveria estar?

Não consigo ver seu rosto, apenas um contorno geral do seu corpo que se eleva sobre mim, mas ouço sua risada tranquila. Ele dá um passo para trás, puxando-me com ele. Mais poeira se levanta quando ele me leva para o outro lado da sala, em direção a outra porta que aparece no canto mais distante. Eu espirro.

— Desculpe-me por isso. — Seu polegar roça o ponto do meu pulso, provocando uma onda de arrepios em meu braço. — Mais dois passos.

O salto do meu sapato se prende em algo e eu tropeço para a frente.

Imediatamente, dois braços grossos me envolvem de forma protetora.

Calor. Ele surge em meu corpo como uma corrente. O peito de Massimo sobe e desce sob minha bochecha enquanto ouço a batida constante do seu coração. No entanto, no intervalo de um pensamento, o ritmo muda, até parecer um trem desgovernado. Fecho os olhos e simplesmente absorvo tudo, enquanto me maravilho com o calor sensual que vem do seu corpo. E essa sensação de ser abraçada por ele, mesmo sabendo que é apenas acidental. Um momento roubado. Ele dura apenas alguns segundos, e então ele se afasta. Deixando-me com frio sem seus braços ao meu redor.

— Está tudo bem? — Sua voz soa cortada na escuridão.

— Sim.

Eu o vejo acenar com a cabeça. Ele se aproxima da porta, alcançando a maçaneta à sua frente. Outro clique. Então, um raio de luz irrompe pela fresta, junto com o barulho de conversas barulhentas e risadas extasiadas.

— Sei que você acredita que a Cosa Nostra se resume a festas luxuosas e intrigas, — diz Massimo, abrindo a porta e deixando escapar mais sons e cheiros a cada centímetro. — Mas é muito mais do que isso, meu anjo.

Meu próprio coração bobo pula uma batida. Momentaneamente, eu me permito acreditar que o que deve ter sido um lapso de linguagem, na verdade, tem um significado especial. Que o carinho que ele casualmente lançou era só para mim. Que, talvez, seja assim que ele me vê.

— Vamos lá. — Massimo puxa a porta completamente para trás e se afasta, revelando uma visão do caos total. E vida.

Dezenas de pessoas - a maioria homens - estão reunidas em pequenas mesas redondas espalhadas pela enorme sala. Todos parecem estar falando ao mesmo tempo. O barulho é quase ensurdecedor. Duas garçonetes usando pequenos aventais brancos sobre suas saias pretas curtas entram e saem entre as pessoas

sentadas, colocando as bebidas na mesa e batendo em uma mão errante ocasionalmente. No centro da sala, um grupo de seis pessoas está jogando cartas, enquanto várias pessoas ficam ao redor delas. O grupo solta gargalhadas quando um dos homens aponta para uma mão que está sendo jogada. Ao lado dos jogadores, dois velhos de cabelos grisalhos se envolvem em uma briga verbal. Suas vozes aumentam e aumentam como se estivessem tentando superar os níveis das outras mesas. E no meio de tudo isso, um cachorro está dormindo aos pés dos velhotes, completamente imperturbável pelo barulho.

O lado esquerdo da sala tem duas mesas de bilhar, e há uma multidão de cerca de vinte pessoas amontoadas ao redor delas. As mulheres parecem mais interessadas em flertar com os homens do que em assistir ou jogar. Uma jukebox clássica ocupa um canto próximo, e um casal de meia-idade está dançando ao lado dela. Ao lado, há um pequeno balcão de bar com quatro banquetas, mas há pelo menos o dobro desse número de homens amontoados no espaço, bebendo shots e falando animadamente com a mulher que prepara as bebidas. Em suma, é uma típica noite de sábado em um pub de bairro, mas com uma grande diferença: todos os homens, inclusive os idosos com o cachorro, estão usando um coldre de arma.

Um dos homens perto da mesa de baralho olha para cima e seu olhar se concentra em nós, que estamos na soleira da porta. É Peppe. Não o reconheci sem seu terno completo e gravata. Seus olhos se arregalam de surpresa quando registram a enorme presença às minhas costas. Lentamente, ele se endireita e solta um assobio curto e estridente. As conversas e risadas diminuem imediatamente, e alguém interrompe a música. Dezenas de olhos se voltam para Peppe, depois seguem seu olhar de volta para nós.

Massimo me contorna e entra na sala. O som de cadeiras raspando o chão preenche o silêncio repentino quando quase todos os homens se levantam. Alguns jovens permanecem em seus assentos, mas não por muito tempo. Os homens mais maduros que estão por perto os puxam pela nuca.

A mão de Massimo pousa em minha cintura, atraindo-me para o seu lado enquanto seus olhos percorrem a multidão silenciosa. Os olhos atônitos de quase cem pessoas olham para ele. Os jovens parecem confusos, dando rápidas olhadas ao redor, como se estivessem se perguntando o motivo dessa agitação abrupta. O restante dos homens, no entanto, aqueles que aparentam ter mais de 30 anos, não desviam o olhar de Massimo. Com base em suas expressões, eles sabem quem ele é.

Ninguém pronuncia uma palavra. O silêncio é tão absoluto que é quase palpável. O próprio ar parece estalar como se estivesse carregado. Massimo dá uma última olhada nos homens reunidos nesta sala e depois acena lentamente com a cabeça. O movimento é deliberado e parece conter uma mensagem. O que é isso? Então, todos os homens que o reconheceram respondem com um aceno de cabeça. Dezenas de cabeças se movem em uníssono, com o tempo perfeitamente alinhado.

Reconhecimento. Lealdade. Respeito. Isso está estampado no rosto desses homens. Posso ver a convicção em seus olhos. Não há dúvidas, como se a certeza que eles sentem estivesse gravada em pedra. Independentemente de quem estava na posição oficial de poder durante todos esses anos, esses eram - e ainda são - os homens de Massimo. Percebo isso pelo modo como olham para ele. A visão é tão surpreendente que me dá calafrios.

— É bom ver todos vocês novamente, — diz Massimo, depois se concentra em Peppe. — Dezoito homens, divididos em dois turnos. Armados com armas automáticas. Preciso deles em minha casa em uma hora.

— Entendido, — Peppe responde.

— Ótimo. — Massimo segura minha cintura com mais força. — Verei vocês novamente na próxima semana.

Ele nos vira e, um momento depois, estamos novamente atravessando a antessala empoeirada em direção à saída, o silêncio se estendendo às nossas costas. Ainda

completamente impressionada com o que testemunhei dentro daquela sala, nem percebi quando saímos do prédio.

— Você ainda não assumiu oficialmente o controle, — eu digo enquanto ele abre a porta do carro para mim. — Os capos não vão gostar do fato de você ter contratado homens para serem seus seguranças antes de ser empossado como Don.

— Esses malditos idiotas podem chupar meu pau. E a segurança não é para mim.

— Então, para quem é? — Pergunto enquanto deslizo para o assento.

Massimo se agacha ao meu lado na porta aberta do carro. Com sua altura, seu rosto fica quase no mesmo nível do meu. O olhar em seus olhos parece quase feroz. — Você.

Meu pulso dispara para além da estratosfera - meu coração troveja em meu peito de forma tão selvagem que poderia explodir de tanta felicidade e plenitude. Será que ele está...

— A segurança da minha meia-irmã nunca mais será colocada em risco, Zahara.

Esmagada. Suas palavras me destroem, transformando minha esperança estúpida em uma pilha de poeira.

Desvio o olhar, encarando o para-brisa, mas sem realmente enxergar nada.

***

— Não está gostando?

Volto a pegar o macarrão no recipiente de comida para viagem. — Está bom.

Massimo arqueia uma sobrancelha para mim do outro lado da mesa da sala de jantar. — Posso pedir para um dos caras ir buscar outra coisa, se você quiser. Achei que gostasse de comida chinesa.

Eu gosto. Contei a ele sobre minhas comidas favoritas em uma das cartas, assim como revelei quase tudo sobre mim.

Minha mão vai até à corrente no meu pescoço e começo a mexer nos elos, torcendo-os e passando-os pelos dedos. É um dos colares de platina que Massimo me enviou. Fiquei tão empolgada quando abri o pacote, descobrindo que eram joias e que eram dele. Meu Deus, a alegria que senti, imaginando que isso deveria ser uma prova de que ele se importa comigo. E ele se importa, mas não da maneira que eu quero. E está mais do que na hora de eu aceitar isso.

— A comida está boa. — Eu gesticulo pela sala com meus pauzinhos. — Então, esse espaço é realmente enorme. Talvez você devesse pensar em modificar o plano do andar?

— Na verdade, eu estava pensando em usá-la como uma sala de reuniões. Podemos até mesmo deixar essa mesa e ela seria usada como sala de jantar formal. O que você acha?

— Hum... é sua casa. Por que seria importante o que eu penso?

Uma mão grande e tatuada entra em meu campo de visão. O polegar de Massimo levanta meu queixo, inclinando meu rosto para cima. — Sua opinião é muito importante para mim, Zahara. Caso contrário, eu não a estaria pedindo, não é mesmo?

— Acho que sim? — murmuro, lutando contra a atração do seu olhar magnético. Ele está me sugando, fazendo-me desejar coisas que nunca acontecerão.

Seu dedo indicador permanece na borda do meu lábio inferior, o contato é tão leve e gentil. Minha determinação se desfaz e inclino um pouco a cabeça para o lado, fazendo com que seu dedo passe pela minha boca.

Imediatamente, Massimo retira a mão e olha para a comida. — Você conversou com sua irmã? Onde os pombinhos estão se escondendo agora?

— Eu liguei para ela ontem à noite. Por enquanto, eles estão no apartamento de

Kai. Pelo menos até encontrarem um lugar onde possam ter patos e cavalos.

— Hum-hum. Eu perguntaria *por quê*, mas não me interessa. Presumo que ela esteja um pouco perplexa com sua decisão de vir comigo?

— Muito. Ela me questionou sobre isso.

— E o que você disse?

Olho fixamente para a minha caixa de alimentos, como se ela contivesse a resposta de que preciso. Devo lhe contar a verdade? Que estou apaixonada por ele e quero ficar o mais próximo possível dele. Mesmo sabendo que esses sentimentos são unilaterais. Não, não posso. Não quero que ele me veja como patética. Já basta que é assim que eu me veja.

Afasto a comida e encontro seus olhos. — Eu disse a ela que minha vida é minha e que não devo explicações a ninguém.

Isso não é verdade. Eu simplesmente disse que tinha meus motivos e que explicaria tudo quando nos encontrássemos pessoalmente. Não faz mais sentido mentir para ela. Quero ser sincera, mas preciso fazer isso quando estivermos sozinhas. Sinto falta de quando eu podia contar qualquer coisa para Nera.

— Ah. Então foi você que deve tê-la irritado. Agora faz sentido. — Massimo sorri.

— O que você quer dizer com isso?

Ele pega o celular e o desliza pela mesa em minha direção: — Dê uma olhada no e-mail que Salvo me encaminhou hoje de manhã. É a mensagem de despedida de Nera para ele e os outros capos.

Abro o aplicativo e localizo rapidamente o e-mail que ele mencionou. É o mais recente em sua caixa de entrada. Não há muito em termos de conteúdo da mensagem, apenas dois parágrafos de texto. Quando termino de ler, não consigo decidir se devo rir ou ficar horrorizada. Minha irmã não apenas se referiu aos membros do alto escalão da Família como idiotas chorões, mas também disse a

eles para se tornarem mais espertos e seguirem as ordens do seu verdadeiro líder. Ela declarou sua enorme empolgação em passar as rédeas para Massimo e proclamou que, na verdade, foi ele quem tomou todas as decisões nas últimas duas décadas, enquanto o restante deles permanecia acomodado, enriquecendo. Com isso, ela expressou seu mais profundo desejo de nunca mais ver seus rostos feios novamente e encerrou com: *Fodam-se todos vocês! Nera Mazur*.

Balanço a cabeça. Por mais chocante que seja sua mensagem, nunca tive tanto orgulho da minha irmã. — Bem, ela definitivamente estava farta de toda a porcaria que eles continuavam lhe dando. Especialmente Brio. Qual foi a reação pós bomba que ela lançou? Especificamente, sobre você governando das sombras?

— Meu celular começou a tocar às seis horas da manhã. Desde então, quase não parou.

— Oh, deve ter sido isso. Acho que ouvi. Você estava passando pela porta do meu quarto quando eles ligaram?

Os olhos de Massimo se desviam e ele olha atentamente para algo que chamou sua atenção no corredor. — Sim. Eu estava... verificando os pontos de acesso internos.

— Você ainda está tendo problemas para dormir?

Então, ele olha para mim e seus olhos se fixam nos meus. — Não. Não mais.

# Capítulo 16




— Não. A decisão já foi tomada e não vou mudar de ideia. — Aperto o celular entre o ombro e a orelha e pego o prato de prosciutto[2]. — Os homens ficam onde estão. Isso não está em discussão, Salvo.

A frigideira chia quando coloco as fatias de presunto italiano sobre a mistura de ovos. Uma omelete é o único prato que sei fazer, mas não vou deixar nenhum estranho se aproximar da comida de Zahara. Quando Peppe chegar, eu lhe direi que ele está encarregado da cozinha a partir de agora. Tenho certeza de que ele ficará entusiasmado com sua nova função. Só não confio em nenhum dos funcionários. É melhor que ele saiba cozinhar ou poderemos ter problemas.

— Você não pode dar ordens antes da reunião com o Conselho, Massimo.

— Jura? — Pego um prato no armário. — Bem, nesse caso, sinta-se à vontade para vir até aqui e dizer a eles para irem embora.

Um longo suspiro exasperado vem do outro lado da linha. — Você sabe que eles não farão isso.

Pode ter certeza que não.

— Estou ocupado, Salvo. Discutiremos todas as suas preocupações quando vier aqui esta noite. Agora, alguma sorte em localizar meu membro favorito do sistema judiciário?

— Pelo que sei, o juiz Collins está de férias em sua cabana em algum lugar de Vermont. Ele a adquiriu na última sexta-feira e não via a hora de ir embora.

— No mesmo dia em que fui liberado? Que coincidência.

— Falei com ele em várias ocasiões, Massimo. Ele estava preocupado que, se pegasse leve com você, as pessoas poderiam suspeitar da sua associação conosco. Não houve nenhum jogo sujo da parte dele, ninguém o subornou. Ele estava apenas fazendo seu trabalho.

Sim. O epítome da retidão, esse aí. Ele não fez objeção alguma em estender a mão para Nuncio e se esconder atrás da Cosa Nostra quando os agiotas irlandeses estavam respirando em seu pescoço.

— Ligue para mim assim que souber a localização exata dele ou se ele voltar para Boston nesse meio tempo. — Desconecto a chamada e jogo o celular no balcão, depois levo o prato para a pequena mesa de café da manhã perto da janela. Quando me dirijo para pegar os talheres e um copo de suco, a porta da cozinha se abre bruscamente.

— Sr. Spada! Oh, eu sinto muito. — Uma empregada entra correndo na cozinha e se volta para a mesa. — Por favor, deixe-me ajudá-lo a arrumar...

— Não toque nesse prato!

A garota estremece e fica parada no lugar. — Mas... eu só...

— Fora! Agora!

— Massimo? O que está acontecendo?

Minha cabeça se inclina para o lado. Zahara está parada na porta, com o olhar fixo entre mim e a empregada, que parece estar à beira das lágrimas. Não me importo nem um pouco com os sentimentos da moça - ela deveria saber que não deveria mexer na comida sem permissão explícita -, mas o olhar de reprovação nos olhos de Zahara me faz vacilar.

Com a mandíbula cerrada, aponto o queixo para a porta e me dirijo à empregada: — Pode ir embora. Peppe é a única pessoa autorizada a entrar na cozinha.

Zahara arqueia uma sobrancelha.

— E peço desculpas por gritar, — digo com os dentes cerrados.

A empregada murmura alguma coisa e passa correndo por Zahara, que ainda está me prendendo com seu olhar inabalável.

— Agradeço o esforço, mas isso não me pareceu um pedido de desculpas sincero.

— A garota ia mexer no seu café da manhã, — resmungo. — Já presenciei muitas vezes detentos adulterando comida com drogas ruins ou outras merdas.

O olhar de Zahara se volta para o prato que coloquei sobre a mesa, e um olhar estranho cruza seu rosto. — Foi você quem fez isso?

— Sim. Mas não tenha muitas esperanças, é só uma omelete. Achei que você devia estar cansada de comida para viagem depois dos últimos dois dias.

Eu a observo enquanto ela se aproxima lentamente da mesa. Ela está usando calças de cintura alta vermelho-acastanhadas que enfatizam a curva perfeita dos seus quadris e abraçam sua bunda redonda de dar água na boca.

***Elimine as imagens mentais de suas mãos acariciando o traseiro da sua meia-irmã. Agora mesmo, porra! E aquelas em que você tira a roupa dela!***

Fecho os olhos e sacudo a cabeça em uma tentativa inútil de fazer a coisa certa. Quando os abro novamente, Zahara está sentada à mesa, levando uma garfada de omelete à boca.

— Tinia trabalha para meu pai há anos, — diz ela antes de dar uma mordida. — Ela não ia *adulterar* minha comida.

— Tinia? — Meus olhos e todas as células cerebrais que ainda funcionam estão fixos nos lábios de Zahara. Sua boca carnuda é a única coisa em que sou capaz de pensar neste momento.

— A empregada com quem você acabou de gritar.

— Certo. Bem, não vou correr nenhum risco. — Viro-me rapidamente e me ocupo em colocar a panela suja na máquina de lavar louça.

— Por favor, diga-me que era uma piada quando você disse que está colocando Peppe no comando da cozinha.

— Não. Não confio na equipe que você contratou.

— Mas eu confio. A maioria deles trabalha para minha família há anos. Se isso facilitar as coisas, Iris pode cozinhar para nós. Confio totalmente nela.

— Não é sensato confiar totalmente em alguém.

— Bem, foi ela quem me ajudou com suas cartas durante todo o tempo em que estive na casa de papai. E ela não vai envenenar ninguém.

Eu me encosto no balcão e observo Zahara comer. — Você não tem dúvidas?

— Nenhuma.

— Tudo bem, então. — Eu aceno com a cabeça. Confio em *seu* julgamento. — Salvo virá aqui hoje à noite. Ele deve ter os resultados do exame toxicológico de Armando, então teremos uma ideia melhor do que estamos lidando. Mas aposto que seu cunhado maluco está certo e que o idiota foi morto com cianeto. — Na noite anterior à minha libertação, Armando preparou uma emboscada para a irmã de Zahara. Kai, o namorado de Nera e agora marido, o pegou. O filho da puta de trança, quebrou os braços e as pernas do capo traidor e depois o jogou no porão da casa. Quando cheguei na manhã seguinte, porém, encontramos Armando morto, espumando pela boca como o cão raivoso que era.

— Acho que Nera não aprovaria que você chamasse o marido dela de maluco. Ele tem um nome, você sabe. — Zahara pega um pedaço de prosciutto com dois dedos perfeitamente bem cuidados e o leva aos lábios.

Meus olhos acompanham o movimento como se eu estivesse hipnotizado. E então, ela lambe as pontas daqueles dedos delicados. E eu... quase entro em combustão na hora. *Que merda!*

Apoio a nuca em minhas mãos e respiro fundo.

— Por que você raspou a cabeça? — Ela pergunta.

— Hábito. — Desde a última vez que precisei me arrumar, meu cabelo cresceu quase meio centímetro, então me livrei dele hoje de manhã. — Na prisão, agarrar o cabelo de uma pessoa era a maneira mais fácil de mantê-la sob controle para esmagar seu rosto. Ou dar algumas facadas, talvez até cortar sua garganta.

— Você não está mais na prisão, Massimo.

— Eu sei. Às vezes, porém, esse detalhe me passa despercebido. Nem sequer pensei nisso quando peguei a lâmina de barbear hoje de manhã. — Deslizo a palma da mão sobre a curva da minha cabeça lisa. — Já se passaram anos. Fico imaginando como seria se eu deixasse crescer.

— Eu também, — ela sussurra.

Eu a olho nos olhos.

— Você está livre, — ela continua com aquela voz suave que soa como a música mais doce. — Precisa parar de olhar para cada pessoa como se ela fosse o inimigo. E precisa deixar de lado sua paranoia de que alguém vai me matar.

Desvio o olhar, concentrando-me nas videiras de jasmim além da janela. Ontem à noite, deitado em frente à porta do quarto de Zahara, esperando que o sono me pegasse, pensei bastante sobre minhas preocupações infundadas.

***Não há nenhuma razão lógica para alguém querer Zahara morta. Feri-la não trará nenhuma vantagem para ninguém.***

Eu sei disso. Também sei que deveria me afastar dela. Mas não consigo. Também não consigo me obrigar a fazer isso. A simples ideia de algo ruim acontecer com ela me faz perder a cabeça.

***Pare de encontrar essas desculpas lamentáveis. Ela não precisa da sua proteção. Você está simplesmente tentando justificar suas ações, criando uma justificativa para ficar perto dela. Isso precisa parar.***

Às vezes, eu gostaria de poder colocar as mãos na voz dentro da minha cabeça e sufocá-la. Porque, muitas vezes, o idiota tem razão.

***É mesmo, eu tenho razão.***

*Tudo bem.* Chega de ameaças de morte imaginárias. Não há mais razões estúpidas para mantê-la comigo o tempo todo.

Pego a caixa de ovos do balcão e a levo para a geladeira. — Tenho de ir às compras. Apenas dois dos ternos que meu advogado comprou para mim servem.

Zahara levanta os olhos do seu prato. — Ok. Vou desfazer minhas malas, já que ainda não tive tempo.

— Bom, — digo, olhando sem rumo para o conteúdo da geladeira, depois fecho a porta. — Isso é bom.

Como um idiota sem noção, vou em direção à porta. No meio do caminho, meus passos vacilam. Eu paro. Há nove homens fortemente armados em cada turno. *Isso é suficiente para cobrir a casa e o perímetro da propriedade?*

***Sim, é.***

Continuo, mas paro novamente na soleira da porta. *Talvez eu deva levá-la comigo? Por via das dúvidas?* Há muitos filhos da puta da empresa de renovação no local. Qualquer um deles pode representar um perigo.

***Não. Chega de desculpas.***

Agarro o batente dos dois lados e aperto até minhas mãos doerem.

***Não faça isso.***

***NÃO diga isso, porra.***

Cerro os dentes. — Não acho que seja seguro você ficar aqui sozinha. Vá buscar sua bolsa, Zahara.




Adoro fazer compras, mas geralmente faço isso sozinha ou com minha irmã. Experimentar roupas na frente de outras pessoas não é minha praia. Nas raras ocasiões em que me juntei a Nera e suas amigas, geralmente acabava ficando de lado, observando-as desfilar com todos os tipos de roupas e sapatos. Tenho que admitir, porém, que ver Massimo experimentando terno após terno é um espetáculo. Embora este ainda esteja muito apertado na área dos ombros, assim como os quatro anteriores.

— Os homens encolheram nas últimas duas décadas ou algo assim? — Massimo grunhe enquanto se esforça para abotoar o paletó sobre o peito. O tecido está tão apertado em sua estrutura larga que parece que pode estourar a qualquer momento. A forma como as mangas estão esticadas em torno dos seus bíceps protuberantes também é bastante cômica. Sem mencionar que elas estão curtas demais.

— Acho que não. — Tento manter meu rosto ereto, mal conseguindo conter o riso. — Acho que você terá de esperar que os que encomendou ao alfaiate fiquem prontos.

— O filho da puta disse que precisa de três dias. Não posso sair por aí pelado.

Só de imaginar esse cenário, minhas bochechas ficam coradas.

*Sim, por favor.*

— Deixe-me ver as costuras. Talvez haja uma maneira de alargar, — Pego seu pulso, inspeciono a bainha da manga e, em seguida, puxo seu braço para cima, tentando avaliar a presença de material extra na costura ao longo da lateral. — Posso tentar, mas não tenho certeza se ficará bom.

— Senhor, deixe-me ver, — a vendedora sai do seu lugar ao lado da prateleira de camisas dobradas e corre em direção a Massimo. Eu a notei olhando para ele no

momento em que entramos na loja. Ela estava mais do que pronta para ajudá-lo.

Alta e magra, ela está vestida com uma blusa sem mangas amarela brilhante que amarra no pescoço, deixando os braços e as costas descobertos. Não consigo parar de olhar para sua pele impecável - não há sequer uma mancha nela. A última vez que usei uma blusa de manga curta foi no ensino fundamental.

A funcionária para na frente de Massimo, bem ao meu lado, e pega as lapelas do paletó do terno dele.

Uma pontada de ciúme me atinge em cheio no peito. Solto a manga e dou um rápido passo para trás. Será que sou uma pessoa ruim por odiar uma mulher aleatória e desconhecida só porque ela parece tão perfeita? Porque *eles* parecem tão perfeitos um ao lado do outro?

— Tire suas mãos de mim, — rosna Massimo.

A mulher fica tensa e se afasta. — Peço desculpas. Eu só estava pensando...

— Pensou errado. — Ele se vira e entra no vestiário, batendo a porta com força.

Um longo suspiro soa à minha esquerda. Olho para a vendedora enquanto ela olha para a porta fechada atrás da qual Massimo acabou de desaparecer, com adoração claramente estampada em seu rosto.

— Seu chefe é um homem muito intenso. — Ela suspira novamente. — Há alguma chance de eu conseguir o número de telefone dele?

Cada fibra do meu ser se enrijece, e eu me pergunto como essa mulher sabe quem é Massimo. Ele pode não ser o Don oficial ainda, mas... Oh. Ela não quis dizer ‘chefe’ nesse contexto. Acho que ela apenas presumiu que eu sou a assistente de Massimo.

— Não de mim. Você mesma terá de pedir a ele, — murmuro.

Eu não deveria estar surpresa, ninguém em sã consciência pensaria que sou a namorada de Massimo ou algo do gênero. Logo depois de entrarmos no shopping, percebi a reação que o homem ao meu lado poderia provocar nas

mulheres. Ele nem precisava tentar. Todas as mulheres que passavam por nós o encaravam com olhos cheios de desejo. Com sua estrutura alta e musculosa, cabeça raspada e tatuagens cobrindo o pescoço e as mãos, Massimo é um daqueles homens que chamam a atenção simplesmente por entrar no ambiente. Cada mulher, sem exceção, olhava para ele como se ele fosse maior do que a vida. Se eu achava que ele tinha esse efeito apenas em mim, estava muito enganada.

— Preciso passar na farmácia, — diz Massimo ao se aproximar de mim e colocar a palma da mão na parte inferior das minhas costas. — O gel de banho que McBride me deu tem cheiro de mijo de gato.

— Acho que vi uma ali naquele corredor, — murmuro, distraída por seu toque.

— Ótimo. Você precisa de alguma coisa?

— Não. Eu... — Saímos da loja de roupas masculinas e a mão dele ainda está apoiada na parte inferior das minhas costas. — Não posso usar cosméticos comuns. Normalmente, compro produtos especiais para peles sensíveis.

— Talvez eles tenham algum. Nós perguntaremos.

— Eu precisaria verificar os ingredientes listados de cada um. Isso leva tempo, e Salvo está chegando em menos de uma hora.

— Que se dane Salvo.

Encontramos a farmácia apenas algumas portas adiante. Massimo vai até ao corredor de produtos de higiene pessoal e pega um frasco aleatório de sabonete líquido da prateleira.

— Você não quer sentir o cheiro primeiro? — Pergunto.

— Não pode ser pior do que o que tenho em casa. Confie em mim.

Mordo a parte interna da bochecha. — Na verdade, acho que o cheiro é agradável. Cheiro de limão.

Massimo para e olha para mim. Talvez eu não devesse ter dito isso. Ele acha estranho que eu tenha notado seu cheiro?

— Tem certeza? — Seus olhos brilham, mas não consigo decifrar a expressão.

— Hum... não sei. Acho que sim. Limão. Ou lima, talvez.

Lentamente e sem quebrar nosso olhar fixo, ele se inclina até que nossos rostos estejam quase alinhados.

— Por que você não verifica? — Ele inclina a cabeça para o lado. — Não posso sair por aí cheirando a mijo de gato.

Com meu ritmo cardíaco acelerado, inclino-me para a frente e encosto a ponta do nariz em seu pescoço. Ao inspirar, o seu perfume preenche minhas narinas.

— Limão, — eu digo. Ele ainda está abaixado, com a bochecha roçando levemente a minha, então eu dou outra cheirada profunda. — Definitivamente, não é mijo de gato.

— Jasmim.— Sua voz é rouca perto do meu ouvido.

— O quê?

— O seu cheiro. — Seus lábios tocam o lóbulo da minha orelha e um pequeno arrepio percorre minha espinha. — Como jasmim. E paz.

Eu engulo. Um homem passa por nós no corredor e esbarra na perna de Massimo com sua cesta. Mesmo assim, Massimo não se move. Ele continua pairando sobre mim, e sinto como se estivesse a segundos de ser completamente capturado pela atração magnética do seu corpo. O que aconteceria se eu me deixasse render? Ele recuaria? Não quero que ele se afaste, então estendo a mão e agarro um punhado da sua camisa. Sob meu toque, o peito de Massimo sobe e desce em rápida sucessão. Mais rápido do que o normal. Sua respiração se espalha pelo meu pescoço, e o leve toque da sua barba por fazer formiga no meu queixo.

Fechando os olhos, encosto a bochecha na dele. — Eu não sabia que alguém

poderia cheirar como a paz.

— Eu também não. — O mais leve dos toques surge logo abaixo da minha orelha, está lá em um momento e desaparece no outro. — Mas agora eu sei.

Lábios. Meus batimentos cardíacos dispararam. Eram seus lábios.

— Boa tarde! — Uma voz aguda gorjeia em algum lugar atrás de mim — Posso ajudá-los com alguma coisa?

Massimo imediatamente dá um passo para trás, interrompendo nosso contato. — Sim. Precisamos de cosméticos para peles sensíveis.

— Claro. Temos produtos com ingredientes orgânicos ali, à esquerda. Ou, se você preferir veganos...

Eu sigo cegamente a funcionária enquanto tento processar o que acabou de acontecer, e Massimo segue alguns passos atrás. Foi um beijo? Ou apenas um toque acidental?

— ...e temos bases incríveis com cobertura de cem por cento. — A senhora para no balcão de maquiagem. — Gostaria de experimentar alguma?

Meu estômago parece que acabou de aterrissar no chão. Há alguns anos, experimentei todas as marcas de base, mas minha pele não tolerou nenhuma delas. Acabei com uma erupção cutânea horrível no rosto, e Nera ameaçou me levar ao médico se eu não parasse de usá-las.

— O que é *base*? — Pergunta Massimo, enquanto a mulher retira vários frascos de amostras e os alinha no balcão ao lado de um espelho de maquiagem de aumento.

— É um corretivo líquido para o rosto, — sussurro.

— Sim, — diz a senhora, levantando um dos recipientes. — Acho que essa base seria a melhor combinação para você. É uma das marcas mais populares, querida. A cobertura completa das imperfeições é garantida e dura o dia inteiro. É até mesmo à prova d'água. Experimente e veja como você ficará bonita.

Cerro os dentes, tentando ignorar o formigamento no meu nariz. Minha visão começa a ficar embaçada e rapidamente pisco para afastar as lágrimas. A vendedora parece simpática e tem aquele ar de mãe. Tenho certeza de que ela tem boas intenções, mas suas palavras impensadas ainda assim me machucam. Sem perceber, ela está me fazendo sentir que serei feia se não usar a base. Não é a primeira vez que alguém age como se tivesse o direito de me dar conselhos não solicitados. Isso acontece com muita frequência.

Quando abro a boca para dizer a ela que não quero nenhum dos produtos, Massimo pega o frasco da mão da mulher.

— Então... isso é usado para corrigir problemas? — Ele pergunta enquanto olha para o rótulo. — E funciona bem?

Meu olhar se volta para o chão. Ele quer que eu compre?

— Cem por cento, — responde a mulher.

— Muito bem. — Ele desatarraxa a tampa e empurra o frasco de volta para a mulher. — Beba.

Minha cabeça se levanta. A funcionária olha para Massimo e depois ri nervosamente. — Desculpe?

— Você vai beber. Até à última gota. Ou eu a forçarei a descer por sua garganta.

— Massimo. — Eu agarro seu antebraço. — Não.

A vendedora não está mais sorrindo. Seus olhos frenéticos estão vagando pela loja enquanto ela agarra o frasco com os dedos trêmulos.

— Nem pense em chamar o segurança, — Massimo continua, sua voz baixa e pesada com ameaça. — Vou dar uma surra neles e depois vou obrigá-la a beber essa merda mesmo assim.

— Por favor, senhor... Eu não quis ofender.

— Beba!

— Já chega! — Eu digo, irritada, e pego o maldito frasco de base das mãos da mulher. A pobre coitada já estava levando-o à boca. — Desculpe-me. Estamos indo embora.

Puxo Massimo para afastá-lo, mas ele não se mexe e continua a olhar para a vendedora. A senhora parece estar a segundos de desmaiar, e eu não ficaria surpresa se ela realmente desmaiasse. Ter um homem de dois metros de altura enfurecido olhando para você como se estivesse pronto para cometer um assassinato deve ser aterrorizante.

— Massimo. — Puxo seu braço novamente. — Por favor.

Graças a Deus, ele me deixou arrastá-lo dessa vez. Mantenho meu aperto em seu antebraço até sairmos da loja.

— Você não deveria ter feito isso, — digo enquanto entramos no elevador. — Isso acontece o tempo todo. Não era culpa dela.

— Bem, ela não fará isso novamente.

— Foi desnecessário. E maldoso... você a assustou.

— Você não viu a expressão em seu rosto, Zahara. Eu vi. — Ele aperta o botão do estacionamento e apoia a palma da mão na parede ao lado da minha cabeça. — Ninguém pode machucá-la dessa maneira.

— Ela era apenas uma senhora idosa sem noção.

— Inclusive senhoras idosas sem noção. — Ele se inclina para a frente e agarra meu queixo com a outra mão. — Fofocas da escola. Malditos problemas de matemática. Milhares de maneiras de fazer mangas bufantes. Durante anos, você me escreveu sobre tudo, mas nunca mencionou seu vitiligo. Por quê, meu anjo?

Minha respiração fica presa nos pulmões. Seu rosto está bem na minha frente, seus olhos me examinando. A vontade de dar um passo para trás, de fugir e me esconder do seu olhar inspetor me domina. Sei que ele já viu todas as manchas descoloridas no meu rosto. As enormes manchas pálidas ao redor dos meus

olhos. Outra em minha testa. Várias pequenas no lado esquerdo do meu queixo, bem onde seus dedos estão pressionando. Ele não é cego, mesmo que não as tenha mencionado antes, como tantos outros. Ainda assim, sua pergunta repentina me deixa vulnerável. E não há lugar para eu me esconder aqui. Estou enjaulada entre a parede do elevador e o corpo de Massimo, portanto, tenho de suportar seu escrutínio.

— Você, — diz Massimo, inclinando meu queixo para cima, — é a coisa mais bonita que já vi. E se alguém fizer você duvidar do quanto é maravilhosa, eu farei com que se arrependam pelo resto de suas vidas.

Um som alto sinaliza a chegada do elevador ao nível do estacionamento. Permaneço enraizada no chão, com as costas coladas ao painel frio atrás de mim. Tudo o que posso fazer é olhar para Massimo.

— Você entendeu, anjo?

Aceno com a cabeça.

— Ótimo.

Ele solta meu queixo e, sem dizer mais nada, pega minha mão e me leva para fora do elevador.

Ele me chamou de bonita. Não... *maravilhosa*. Será que ele estava falando sério? Ou foi simplesmente uma mentira para me fazer sentir melhor comigo mesma? Algumas de suas ações me confundem, me deixam tonta com as mensagens confusas que ele está enviando. Como durante aquele... momento na loja. Eu poderia jurar que ele ia me beijar antes que a vendedora nos interrompesse.

Dou uma olhada de lado para Massimo, observando seu perfil severo enquanto tento acompanhar seu passo largo. A maneira como seu corpo se movimenta - com movimentos medidos e determinados, enquanto ele examina o ambiente como um predador em busca da caça - está deixando meus batimentos cardíacos irregulares. Ele é o homem mais gostoso que já vi. Não, é claro que ele não teria

me beijado. Estou apenas imaginando coisas que gostaria que fossem verdadeiras.

Estamos entre dois veículos estacionados, indo em direção ao Jaguar de Massimo, que está escondido na última fila, quando ele abruptamente solta minha mão.

— Abaixe-se, — ele sussurra, ao mesmo tempo em que estende a mão atrás das costas sem interromper o passo. — Agora, Zahara.

Eu imediatamente me agacho.

Massimo se vira para a esquerda, com a arma na mão. Um estrondo alto explode no espaço amplo, seguido pelo inconfundível estilhaço de vidro. Instintivamente, coloco meus braços sobre a cabeça.

Mais tiros. Um alarme de carro começa a tocar em algum lugar, e depois outro. Uma bala atinge o sedã branco à minha direita. É difícil determinar de onde os tiros estão vindo, mas posso ver cartuchos de balas caindo no chão ao redor dos pés de Massimo enquanto ele responde aos disparos. Conto três antes que o barulho diminua.

— Vamos. — Massimo agarra minha mão e me puxa para cima. — Rápido.

Atravessamos a distância até ao carro dele em uma corrida.

— Fique abaixada, — ele ordena, fechando a porta do passageiro depois que eu entro e correndo em volta do capô para ficar atrás do volante.

Os pneus rangem quando ele dá ré e vira em direção à rampa de saída. Quando encostamos no portão da garagem, ele reduz a velocidade e abre a porta, olhando para algo no chão. Eu me inclino para ver o que é, mas só vejo um par de pernas antes de Massimo fechar a porta do carro e pisar no acelerador.

— Você sabe quem era? — Eu pergunto.

— Sim. Um cara da prisão. Houve uma briga entre nós, mas ele saiu há alguns anos.

— Deve ter sido uma briga e tanto para tentar matá-lo agora. Como ele o encontrou?

— Eu também gostaria de saber a resposta para essa pergunta. — Ele estende a mão e acaricia minha bochecha. — Você está bem, anjo?

Seu toque queima minha pele e o calor se espalha por mim até que seja difícil respirar. Os olhos de Massimo permanecem focados na estrada enquanto ele passa o polegar sob meu olho. Ser atingida por um tiro não é uma experiência agradável, embora, de repente, não pareça tão ruim.

— Sim, — murmuro. — Claro.

Enquanto seguimos em direção à casa de Massimo, seu foco continua oscilando entre a estrada à frente e o espelho retrovisor. Será que ele está preocupado que alguém esteja nos seguindo? Não creio que seja isso. Ele não olhou para trás nem olhou para os espelhos retrovisores laterais com qualquer intenção de desconfiança. Estamos parados em um poste de luz quando, de repente, suas sobrancelhas se franzem e seu olhar se volta para o espelho.

— Cala a boca, idiota — murmura ele. — Estou cansado das suas reclamações constantes.

Pisco os olhos, confusa. — O quê?

— Desculpe-me. Eu só estava... Nada. Não é nada. — Ele balança a cabeça. — Que droga.

Durante o resto do trajeto, não posso deixar de observá-lo atentamente. Massimo não diz absolutamente nada. Mesmo assim, estou preocupada com ele. Já vi seu temperamento. Nunca direcionado a mim, é claro, embora, com todos os outros, ele pareça não conseguir controlá-lo. Ele é implacável. Abrasivo. Impaciente. Por si só, isso é bastante estranho, considerando sua personalidade meticulosa e orientada para objetivos. Seu tato e sua capacidade de fazer movimentos calculados. Se ele não conseguir manter a compostura durante a reunião com o

Conselho, as coisas não terminarão bem. Para eles, mas, acima de tudo, para ele.

— Algum palpite de por que esse cara iria querer matá-lo? — Salvo pergunta enquanto despeja dois dedos de uísque em um copo e o passa para mim.

— Ele tentou me roubar em algumas ocasiões. Então, decidi me encarregar de tirar dele um dos seus pertences.

— Na prisão? O que foi isso? Dinheiro? Cigarros?

Tomo um longo gole e saboreio o ardor em minha garganta. — Seu baço.

A perna da cadeira que usei para meu trabalho manual causou uma perfuração gastrointestinal significativa. E isso garantiu que o bastardo teria que cagar em um saco plástico pelo resto da vida. Então, sim, ele tinha um ressentimento contra mim. Exceto que não havia como ele saber que eu estava fora, muito menos ser capaz de me encontrar em questão de dias. Não sem ajuda. Assim que voltamos para casa, pedi a Peppe que verificasse o carro em busca de grampos. Ele localizou um dispositivo de rastreamento instalado no chassi.

— Bem, fico feliz que tenha conseguido sair sem nenhum arranhão. Não que eu esperasse outra coisa. — Salvo ri e toma seu próprio uísque. — Recebi uma ligação de nossa fonte mais cedo. O exame toxicológico de Armando saiu. Cianeto. Eles não podem determinar o horário exato da morte, apenas um intervalo de oito a dez horas.

Então, o marido psicopata de Nera estava certo, como eu suspeitava.

— As câmeras da Leone Villa não captaram nada? — Pergunto.

— Nada.

— Aposto que o maldito que ordenou o assassinato de Nera também está por trás disso. Armando e ele provavelmente estavam trabalhando juntos, mas quando o idiota foi pego, ele foi silenciado antes que pudesse falar.

Salvo balança a cabeça. — Armando pode ser o único responsável pela tentativa de assassinato de Nera. Ele estava mergulhado em dívidas e recebia dinheiro por fora. Provavelmente ficou com medo de que Nera estivesse atrás dele.

Levanto uma sobrancelha. — E então, de alguma forma, ele conseguiu colocar as mãos - suas mãos quebradas - em uma pílula de cianeto e se matar? Não. Quem quer que tenha colocado o alvo em suas costas com aquela ordem de morte está por trás da morte de Armando. A questão é: quem iria querer Nera morta?

— Você a fez romper a colaboração de duas décadas com o cartel albanês. Dushku é um cara bastante vingativo. Pode ser ele.

— Vingativo, sim. Estúpido, nem tanto. Endri Dushku não ganharia nada além de problemas com sua morte. Há muitas coisas que não fazem sentido.

— O que você quer dizer com isso?

O líquido âmbar brilha de forma encantadora quando giro meu copo. É quase o mesmo tom quente dos olhos de Zahara. Será que ela já está dormindo?

— Massimo? Quais são as coisas que não fazem sentido?

Eu encontro o olhar de Salvo. Há quanto tempo nos conhecemos? Quase três décadas? Eu me lembro de ter arrombado o armário de bebidas do meu pai quando éramos apenas adolescentes, então isso parece certo. Além de Zahara e Peppe, ele é a única pessoa a quem confiei meus planos. E ele se esforçou muito para me ajudar a lidar com tudo durante todos esses anos. Então, por que diabos tenho a sensação de que não devo compartilhar essa linha de pensamento específica com ele?

— Por quê Armando? — Tiro os olhos do copo em minha mão. — Os dois únicos sindicatos que têm uma queixa contra nós são os albaneses e a Camorra. No entanto, Dushku tem seu próprio pessoal que cuida dos seus ‘problemas’. A Camorra também tem. Então, por quê envolver Armando no plano deles?

— Para garantir que não suspeitemos deles?

— Pode ser. — Bebo o restante da minha bebida e me inclino sobre a mesa da sala de jantar. A superfície está coberta com os documentos que Salvo trouxe com ele. — Vamos ver o que temos aqui.

À direita estão os registros de nossos negócios legítimos: relatórios de fluxo de caixa para cassinos e clubes de striptease, contratos com todos os nossos fornecedores, contratos de aluguel de nossas propriedades comerciais, pedidos de compra da construtora e registros de estoque, extratos bancários, análises de retorno sobre o investimento e declarações fiscais.

O outro lado da mesa está coberto com as contas de todas as nossas coisas ilegais: a planilha de renda mensal dos últimos três anos de jogos de azar nos bastidores do Cassino Bay View, o grosso livro de registro de devedores com os valores que eles devem, bem como as taxas de juros compostos, e também todos os acordos negociados para lavagem de dinheiro e cocaína.

Pego os relatórios de receita dos últimos doze meses de dois dos nossos clubes de striptease no centro da cidade. Mal estamos no azul; os lucros estão caindo. E as despesas têm aumentado nos últimos cinco anos.

— Estamos acabando com o negócio dos clubes de striptease, — afirmo. — Peça aos nossos advogados que preparem tudo para que os dois locais sejam vendidos.

Salvo me encara do outro lado da mesa. — Tiziano ficará furioso.

— Eu não dou a mínima. E é melhor que ele aumente seus esforços em sua nova função ou perderá sua posição como capo. Não terei dificuldade em encontrar alguém mais capaz para substituí-lo.

— Nova função?

— Sim. Ele assumirá o negócio do cassino de Brio. Por acaso, Brio se aposentará e passará o resto dos seus anos em sua casa de veraneio no Lago

Massapoag, pescando. — Esse filho da puta tem atrapalhado meus comandos há anos e precisa ser retirado de cena, imediatamente. Tiziano sempre cumpriu ordens, só que ele é um preguiçoso de merda.

— Massimo, não acho que seja sensato fazer mudanças tão drásticas assim que você assumir o controle. As coisas estão indo muito bem como estão.

— O que é exatamente o problema. ‘Bem’ não é suficiente. O encaro fixamente. — Ou está questionando minhas decisões?

— É claro que não.

— Ótimo. Preciso que toda a papelada dos clubes de striptease esteja pronta e que o contrato de venda seja redigido nos próximos dois dias. Estou viajando para Nova York para finalizar tudo com o comprador no final deste mês.

— Então, já é um negócio fechado?

— Sim.

— E quem é o comprador?

— Salvatore Ajello, — eu digo.

Um olhar de choque total passa pelo rosto de Salvo. Ele obviamente pensou que eu o estava mantendo informado sobre todos os meus planos. No entanto, apesar da sua lealdade a mim ao longo dos anos, ainda prefiro manter assuntos delicados em segredo. E iniciar uma colaboração com outra família da Cosa Nostra, permitindo que eles entrem em nosso território, pode ser o mais delicado de todos.

Historicamente, a relutância em fazer negócios em conjunto não se baseia em animosidade mútua ou sangue ruim. É orgulho. E vaidade. Isso remonta à época em que as primeiras ramificações da Cosa Nostra criaram raízes fora da Itália. Desde então, existe uma competição tácita entre os chefes. Uma Família pode permitir que outra organização criminosa ocupe o mesmo território, talvez até coopere com ela, desde que não seja outra facção da Cosa Nostra.

Foi aí que a parceria com Kiril e sua ajuda para livrar sua equipe de escórias traiçoeiras se mostrou benéfica. Exatamente como eu sabia que seria. O esquema de lavagem de dinheiro que montamos foi apenas um bônus. O verdadeiro prêmio é a conexão. Os búlgaros vêm colaborando com Ajello há muito tempo, e a palavra de Kiril tem muito peso em Nova York. O que quer que ele tenha sussurrado no ouvido do Don há tantos anos deve ter despertado o interesse de Ajello, colocando-nos nesse caminho. Essa é a única razão que me faz pensar no fato de Salvatore continuar enviando espiões para vigiar Nera e cuidar do meu território. Ele deve ter se mostrado aberto a considerar um possível acordo.

— Puta que pariu, Massimo, — Salvo se engasga. — Você perdeu a porra da cabeça.

— Talvez sim. Talvez não. Planejo informar o Conselho na quinta-feira, antes da votação.

— Então, você está acabado.

— Vamos ver. — Recosto-me na cadeira e entrelaço os dedos atrás da cabeça. — Agora, há mais uma coisa que precisamos discutir. Sua compensação por sua lealdade. Você pode continuar como meu subchefe, é claro. Mas o que mais você quer?

Salvo me observa com os olhos semicerrados. Ele pode ter dito anteriormente que não espera nada em troca, mas ele é um homem de negócios. É impossível que deixe passar uma oportunidade como essa sem tirar proveito dela. Talvez ele peça para assumir os cassinos. Por mim, tudo bem. Encontrarei outra função para Tiziano.

— A mão em casamento de uma mulher da Cosa Nostra da minha escolha, — ele finalmente diz.

Minhas duas sobrancelhas se erguem. *Isso* eu não esperava. — Faça sua escolha. Só preciso do nome, e marcaremos a data e reservaremos a igreja.

— Zara Veronese.

Minha visão fica vermelha, obscurecendo tudo na sala. Eu não tinha ideia de que havia me movido até que meu punho se fechou em um punhado da camisa de Salvo enquanto eu o empurrava contra a parede.

— O que você disse? — Minha voz é quase inaudível quando aproximo meu rosto do dele.

— Você disse que eu posso escolher, — ele se contorce, olhando para mim. — Sou o segundo membro mais graduado da família. Quem poderia ser uma opção melhor do que eu para se casar com sua irmã?

*Ela não é a porra da minha irmã!* Quero gritar as palavras a plenos pulmões, mas, de alguma forma, me obrigo a engoli-las. Ele tem razão. Ela não é do meu sangue, mas ainda é membro da minha família. Não tenho o direito de ficar louco porque ele está interessado nela. Mas, independentemente disso, quero acabar com ele na hora.

***Ele não pode ficar com ela!*** o idiota hipócrita ruge dentro da minha cabeça.

— Nunca, — rosno.

Salvo coloca as palmas das mãos em meu peito e me empurra para trás. — Zara precisa de alguém que possa protegê-la. Especialmente com a tempestade de merda que você pretende lançar sobre todos nós. Por que diabos você não a mandou embora com Nera?

Porque não consigo suportar nem mesmo a ideia de ficar longe dela. *Porque quero ser aquele que a protege.*

***Sim, mas quem vai protegê-la de você? Do homem que a está usando desde que ela era criança? Do seu próprio meio-irmão, que tem sido atormentado por pensamentos sujos sobre ela nos últimos três anos?***

*Cale a boca, seu idiota!*

O invasor em minha mente começou a cantar uma música diferente. Ele me

atormentou com seu discurso de ‘ela poderia ter se machucado’ durante todo o caminho do shopping para casa. E mais de uma vez, ele quase escorregou e mostrou sua própria natureza cobiçosa. No entanto, apesar de tudo, ele ainda está convencido de que ela merece mais do que eu posso lhe dar.

— Zahara não é da sua conta e nunca será. Agora, saia da minha frente antes que perca o baço! — esbravejo.

Os olhos de Salvo brilham de surpresa. — Há algo entre você e Zara? É por isso que ela está morando aqui, com você?

— Não seja ridículo, — respondo. — Considerando a situação, é mais seguro para ela ficar aqui do que viver sozinha.

— Você acabou de quase levar um tiro!

— E cuidei disso. Ninguém pode manter Zahara segura melhor do que eu!

Semicerrando os olhos, Salvo olha para mim. — Se algo estiver acontecendo entre vocês dois, isso causará um escândalo de proporções épicas. Você sabe como é a Família quando se trata de mulheres. Sussurros de julgamento. Fofocas impiedosas. Má reputação. Os rumores e o estigma a seguirão pelo resto da sua vida. Eles a crucificarão, Massimo.

Solto a camisa dele e o encontro olho no olho. — Não há nada entre mim e minha meia-irmã. Nunca houve. Nunca haverá. E se você sequer pensar em falar essa merda de novo, eu acabo com você.

Salvo ajeita a gravata e passa por mim, indo em direção à porta. — Bem, ainda bem que eu estava errado. Mesmo que ela não fosse sua meia-irmã, não consigo pensar em uma combinação mais deplorável. Apenas... olhe para você. Comportando-se como uma fera selvagem à solta.

A porta se fecha atrás dele com um clique suave.

Viro-me para as janelas que dão para o quintal coberto de vegetação e coloco as mãos na nuca. Ele está certo. O maldito está certo novamente. E ele nem sequer

sabe o quanto estou fodido.

E de onde diabos ele tirou a ideia de se casar com Zahara? Estrategicamente, seria uma boa jogada para ele, mas será que há algo mais? Há algo entre eles?

***Sua vida é só dela. Ela pode ficar com quem quiser. Até mesmo com Salvo. Você não tem o direito de sentir ciúmes. Ou raiva. Traído. Ela não é sua e nunca poderá ser.***

— Já mudou de ideia? — Eu murmuro. — Um minuto atrás, seu traseiro possessivo estava surtando porque Salvo queria fazer dela sua esposa.

***Um lapso de julgamento.***

— Claro, — bufo, afastando minha voz da razão.

Minha visão se prende no reflexo do brasão de Spada pendurado na parede oposta. Uma espada de dois gumes em um escudo. Meu pai o encomendou quando se tornou o Don. Nunca me identifiquei tanto com ele como agora. Pensamentos sombrios continuam rondando minha mente. Não acredito que Salvo pediu a mão de Zahara em casamento. E minha reação? Uma atitude totalmente neandertal.

Canalha. Sou um completo canalha porque, neste momento, gostaria de poder pegar aquela espada e atravessá-la em meu amigo. Matá-lo por ousar reivindicar Zahara.

Que droga! Preciso tanto de uma maldita terapia.

Salvo provavelmente escolheu Zahara por ser o par mais vantajoso, já que Nera já é casada. Ele elevaria sua posição na família, algo pelo qual Salvo sempre teve tesão. Entendo a lógica e a ambição dele, mas não consigo entender o fato de ele querer alguém que é meu. E só isso já me faz querer matá-lo.

Quando finalmente saio da sala de jantar, já passa da meia-noite. Levo as pastas de arquivos para o meu quarto no terceiro andar e depois desço as escadas para o segundo andar.

O rápido tique-taque de uma máquina de costura soa de dentro do quarto de Zahara. Ela não deveria estar dormindo a essa hora? Encosto minhas costas na parede ao lado da porta e ouço o barulho rítmico. No que ela está trabalhando? Um forro? Ou talvez um zíper invisível? Eu sorrio. Ela odeia colocar esses zíperes.

Espero até que tudo fique em silêncio, até que eu tenha certeza de que ela finalmente foi para a cama. Em seguida, cambaleio até ao guarda-roupa antigo na alcova no final do corredor e tiro o travesseiro que havia escondido lá dentro. Colocando-o em frente à porta de Zahara, eu me esparramo no chão com a testa quase pressionada contra a superfície de madeira. No escuro, como sempre, meus pensamentos se voltam para ela.

Minha Zahara.

Ela dorme nua? Ou prefere uma daquelas delicadas camisolas de cetim? Eu a imagino nua. Enrolada em um lado da cama. Imagino-me entrando debaixo dos lençóis ao lado dela. Meu braço deslizaria em torno da sua cintura e eu a puxaria para o meu corpo até que suas costas estivessem coladas ao meu peito. E enterraria meu nariz em seus cabelos, inalando seu perfume de jasmim. Quero que ele encha minhas narinas até ao fim dos tempos.

Meu pau fica duro só de imaginá-la abraçada ao meu corpo. Segura em meus braços.

***Isso nunca vai acontecer.***

Rolo para o outro lado, virando-me de costas para a porta. Só consigo ficar nessa posição por uns cinco segundos antes de me virar novamente para encarar a barreira para o quarto de Zahara.

# Capítulo 17

## Quatro dias depois




Um zumbido incessante vem de algum lugar à minha esquerda. Estendo a mão e dou um tapinha na superfície da mesa de cabeceira até encontrar meu celular que vibra. A tela zomba de mim com seu brilho, mostrando que são 6h30 da manhã. Meus movimentos dificilmente poderiam ser chamados de coordenados quando desligo o alarme e saio da cama. Pego um conjunto de roupa íntima preta com sutiã combinando na cômoda e vou para o banheiro da suíte para tomar um banho.

A empresa de reforma estará dando os últimos retoques no andar térreo hoje e, com sorte, tudo estará pronto para a grande reunião amanhã à noite. Os membros do alto escalão da Família, os chefes e os investidores estarão votando a favor ou contra Massimo assumir o controle da Cosa Nostra de Boston. Normalmente, essa votação não passa de uma formalidade, mas, às vezes, podem surgir surpresas. Como quando meu pai foi eleito em vez de Batista Leone.

Parece que a notícia da renúncia de Nera e a consciência de que Massimo é responsável pela prosperidade da Família se espalharam. Quando as pessoas perceberam que ele estava cuidando dos negócios nas últimas duas décadas, a reação foi imediata e veio com a força de um tsunami. Durante dias, a casa foi cercada por possíveis visitantes, embora a equipe de Peppe tenha mantido todos afastados. O alto escalão da sociedade Cosa Nostra de Boston parece estar suficientemente satisfeito. Considerando o quanto suas contas bancárias

cresceram sob a direção de Massimo, não há razão para quererem mudar nada.

A menos que ele perca a paciência durante a reunião.

A Família adora dinheiro. Mas eles valorizam ainda mais a estabilidade. Eles sacrificariam os lucros futuros em um instante antes de deixar que um canhão solto tomasse as rédeas de suas vidas. E, com base no comportamento recente de Massimo, estou preocupada que esse possa ser o resultado exato.

Desde sua conversa com Salvo no domingo à noite, Massimo tem feito o possível para me evitar. Ele passou a maior parte do tempo escondido na sala de jantar, que foi remodelada e transformada em um enorme salão de reuniões. Ao mesmo tempo, porém - metaforicamente falando - ele não tirou os olhos de mim.

Na segunda-feira, quando fui visitar minha sobrinha e minha irmã, ele não me deixou dirigir até ao apartamento do meu cunhado no centro da cidade. Massimo insistiu em me levar até lá e passou quatro horas em seu Jaguar, estacionado em uma garagem subterrânea, esperando por mim. Nera não o deixou subir. Ela ainda está chateada com ele por ter transformado sua vida em um inferno nos últimos anos. Massimo resmungou e acabou cedendo, mas só depois de gritar com Kai para me manter em segurança.

Então, ontem, quando fui até à Leone Villa para orientar os funcionários da mudança sobre como embalar o que restou das minhas coisas, Massimo insistiu em ir comigo. Ele fez com que três seguranças nos seguissem em um carro separado, e todos eles ficaram me vigiando o tempo todo enquanto eu falava com a equipe de embalagem.

Ele nem me deixou ir sozinha à loja mais próxima ontem à noite para comprar um maldito xampu. Em vez disso, ele mesmo foi buscá-lo depois de ordenar que Peppe vigiasse o local como um falcão. Fui instruída a não sair do lado dele até que Massimo voltasse. Tudo em nome da segurança, aparentemente.

Viro-me para a prateleira embutida dentro do box do chuveiro e pego um dos 14 frascos de xampu alinhados ali. Cada um está rotulado como ‘Para pele sensível’

ou ‘Contém apenas ingredientes naturais’. Ele se lembrou. Lembrou-se depois de ouvir apenas uma vez que os produtos com produtos químicos agressivos, álcool e fragrâncias irritam facilmente minha pele. Agora, os armários embaixo da pia estão abarrotados de frascos de leite corporal, gel de banho e produtos essenciais para o cabelo, todos com o mesmo tipo de rótulo. No total, deve haver cerca de trinta recipientes.

Depois que termino de lavar o cabelo, deixo-o secar ao ar livre e vou para o closet. Cinco minutos depois, estou fechando o fecho do tênis que Massimo comprou para mim e saindo do quarto quase tropeço em um enorme corpo masculino, dormindo bem em frente à minha porta.

— Massimo?

Ele se levanta e me empurra para trás de suas costas. Estou espremida entre sua forma maciça e a parede, enquanto ele balança a cabeça de um lado para o outro para avaliar o corredor. Sua mão esquerda está pressionada no meu quadril, mas a direita está segurando uma arma, pronta para usar. Ele parece bastante perturbado.

— Hum... Não há ninguém lá, — murmuro em suas costas. Ele ainda está usando a camisa cinza e a calça preta da noite anterior. — Você pode guardar a arma.

— Desculpe, — ele diz com uma voz rouca e se abaixa para pegar o travesseiro do chão. — Normalmente, estou mais alerta quando acordo.

— Por que estava dormindo na minha porta?

Seu rosto escurece. Por alguns instantes, ele apenas me olha com aqueles olhos infernais, depois se vira e segue pelo corredor. Bem, se ele acha que esta conversa está encerrada, está enganado! Ele está agindo de forma estranha há dias, e precisamos descobrir o que quer que seja antes que ele se torne nuclear.

Sigo atrás dele pelo corredor e subo as escadas para o andar superior. Essa parte

da casa ainda não foi tocada pela empresa de reforma e está em um estado terrível. Os estragos do tempo são mais evidentes aqui. Molduras de portas e paredes de gesso rachadas onde a casa cedeu. Papel de parede desbotado e descascando em alguns cômodos. O carpete já teve dias muito melhores. Não entendo por que ele não se mudou para um dos quartos do segundo andar, onde estou. Eles estão em condições muito melhores.

Seguindo Massimo até ao quarto em que ele desapareceu, a primeira coisa que noto é a cama perfeitamente feita. A roupa de cama sobre ela é impecável, sem uma dobra ou um amassado à vista. Até mesmo os travesseiros estão alinhados como estavam em minha própria cama quando chegamos aqui. Isso foi há cinco noites, logo após a saída da empresa de limpeza.

— Onde você tem dormido na última semana? — Pergunto. — Porque esta cama não parece ter sido usada para dormir.

Massimo abre uma cômoda vertical no canto e começa a vasculhá-la sem dizer uma palavra.

— Você pode me responder?

Ele pega uma calça de moletom e uma camiseta, depois se vira e atravessa a distância que nos separa em três passos largos. Meu coração acelera ao tê-lo tão perto, e meus dedos formigando para estender a mão e acariciar seu peito.

— Dormi em frente à sua porta.

Minha cabeça se ergue rapidamente. — Por quê?

— Porque preciso saber que você está segura. — Ele levanta uma mecha molhada que caiu sobre meu rosto e a coloca atrás da orelha. — E porque, por alguma razão, esse é o único lugar nesta casa onde eu consigo realmente descansar.

O ar fica preso em meus pulmões. Ele está tão perto que nossos corpos estão quase se tocando. Quero fechar a distância, me apoiar nele e preencher essa

barreira. No entanto, não me atrevo a mover um músculo. Tenho medo de enfrentar outra rejeição. Aterrorizada de ouvi-lo dizer que não me vê como nada além da sua meia-irmã. Então, em vez disso, eu me contento em simplesmente olhar para seus olhos escuros e enigmáticos, banhando-me no calor da sua presença.

— Por quê? — Pergunto novamente.

— Estar perto de você me traz paz.

Mordo a parte interna da bochecha. — Há um sofá no meu quarto, ao lado da lareira. Posso deixar a porta aberta esta noite.

Algo perigoso transparece em sua expressão, como uma explosão de chamas – está lá em um momento e desaparece no outro. — Por favor. Não faça isso.

— Por que não?

Massimo abaixa a cabeça até que a ponta do seu nariz quase toca minha testa. Quase. Ele respira fundo como se estivesse se preparando.

— Talvez eu entre se você fizer isso, Zahara. E ambos sabemos que isso não pode acontecer. Mantenha a maldita porta trancada. — Abruptamente, ele se vira e vai para o banheiro, deixando-me olhando para a porta suavemente fechada.

O que acabou de acontecer?

O que ele quis dizer com isso?

Agarro o batente da porta e apoio o ombro no batente, sentindo-me subitamente fraca dos joelhos.

Ele não pode estar insinuando o que eu acho que ele está.

Ou... pode?

***

— Agora, a Uzi. — Massimo faz um gesto para a arma que está na ilha da cozinha.

Timoteo pega a semiautomática e se vira para o quintal. As portas duplas francesas estão abertas, revelando o gramado recém-cortado e, na extremidade mais distante, uma estrutura improvisada com várias latas de cerveja alinhadas sobre dela.

Eu suspiro. — Caso tenha se esquecido, Timoteo está aqui para ocupar o cargo de mordomo.

O cara mais velho trabalhou na casa do meu pai por quase uma década. Depois que meu pai foi morto e minha irmã e eu nos mudamos para a Leone Villa, Nera transferiu vários de nossos antigos funcionários para a nova casa, inclusive Timoteo e Iris. Após as entrevistas desastrosas de Massimo quando ele tentou contratar funcionários da casa, convidei os dois, bem como alguns outros que sempre foram confiáveis, para trabalhar na propriedade Spada.

— Exatamente, — afirma Massimo. — O que significa que a segurança da casa deve ser uma de suas principais prioridades.

— Pensei que manter a segurança fosse o trabalho dos seus soldados.

— É sempre bom ter mais atiradores à mão. Vamos lá, Timoteo. Dispare à vontade.

O mordomo levanta a Uzi e aponta para os alvos. Um momento depois, cinco estrondos ensurdecedores explodem dentro da cozinha. Com o queixo quase no chão, observo Timoteo devolver a arma casualmente à bancada e colocar as mãos atrás das costas. Em seguida, ele se vira para Massimo como se estivesse esperando sua próxima ordem cavalheiresca.

Sempre soube que Timoteo era extremamente capaz, mas não tinha ideia de que ele sabia atirar.

— Muito bom. — Massimo acena para ele com a cabeça em sinal de aprovação.

— Você está se adaptando a essa situação com uma facilidade inesperada.

— Trabalhei na casa quando o marido da Srta. Nera, o Sr. Mazur, estava encarregado de manter a propriedade e os ocupantes seguros, — Timoteo declara como se essa explicação fosse suficiente. — Depois de apenas três semanas sob sua supervisão, considero-me bem familiarizado em... lidar com os requisitos desafiadores de um ambiente de trabalho semelhante.

— Perfeito. — Massimo se volta para Iris. — E a nova cozinheira?

— Iris é igualmente hábil e está acostumada a complexidades, — eu interrompo. — Ela teve de lidar com a limpeza do escritório depois que Kai ‘demitiu’ o chefe de segurança anterior.

— Devo dizer que aprovo de todo o coração suas escolhas para minha nova equipe. — Massimo olha para mim. É a primeira vez desde esta manhã que ele faz isso. — Obrigado por gerenciá-los e por todo o resto nos últimos dias. Gostaria de me reunir com todos como um grupo e revisar algumas regras da casa.

Timoteo, com Iris em seu encalço, passa correndo por nós, provavelmente para reunir o restante da equipe, deixando eu e Massimo sozinhos na cozinha.

— Por favor, tente não traumatizá-los demais.

Um pequeno sorriso se desenha em seus lábios. Não é um dos seus sorrisos maliciosos, mas um sorriso bonito e sedutor que faz coisas engraçadas em meu interior.

— Farei o melhor que puder. No entanto, não estou prometendo nada.

Seu cotovelo roça meu braço quando ele passa por mim, e eu quase pulo de susto. É o mesmo efeito que cada uma de suas cartas teve sobre mim quando chegavam. A diferença agora, entretanto, é que *ele* está aqui. Na minha frente. Ele é real. Ainda é difícil entender esse fato.

Saio na ponta dos pés da cozinha e me afasto da palmeira kentia em seu enorme

vaso, onde ela está instalada no arco que separa o hall de entrada da sala de jantar. Doze membros da equipe de funcionários da casa estão reunidos no pé na escada, todos de frente para Massimo. Timoteo e Iris estão no topo da fila, seguidos por cinco empregadas, o jardineiro e três subchefes. Tinia está de pé no final, visivelmente nervosa por estar na presença de Massimo. Todos têm as mãos postas à frente e estão ouvindo atentamente o que o senhor da mansão espera deles. Eu escolhi cada um deles a dedo, selecionando aqueles que trabalharam para minha família e que eu sabia que eram confiáveis. Eles não precisavam ser informados sobre quão complexo e exigente poderia ser o trabalho na casa do Don, no entanto, ainda assim, informei cada um deles assim que chegaram. Também dei a entender que, se tivessem dificuldades em lidar com o temperamento de Massimo, deveriam me procurar.

É estranho estar no comando de alguma coisa. Sempre evitei as pessoas no passado, inclusive a equipe. Agora, estou dirigindo os trabalhadores da reforma, contratando funcionários e até mesmo lidando com representantes de vendas enquanto escolho móveis para a casa de Massimo. É muito estranho, mas não é *ruim*. Na verdade, estou me divertindo.

— Como assim, você nunca segurou uma arma? — O rosnado de Massimo me tira dos meus pensamentos.

Olho para cima e o vejo pairando sobre o jardineiro - com as mãos apoiadas nos quadris, parecendo muito irritado.

— Eu... eu não tive a chance de fazer isso, Sr. Spada.

— Isso é inaceitável. E quanto a vocês? — Massimo se volta para as empregadas, que parecem estar a segundos de fugir.

Todas as cinco mulheres balançam a cabeça com veemência.

— Timoteo ensinará a todos vocês como disparar uma arma de fogo até ao final da semana, — Massimo grita. — Um dos caras lhes dará armas logo pela manhã. Glocks para os homens, Baby Desert Eagles para as mulheres.

Timóteo se inclina para o lado e encontra meu olhar. O olhar em seus olhos me pergunta: *ele está falando sério?*

Aceno com a cabeça.

Ele pisca, retribui meu gesto e volta a encarar Massimo. — É claro, Sr. Spada.

— Ótimo. Além disso, seu primeiro e único aviso: eu não tolero traidores. Nem dou segundas chances. Mantenham suas bocas fechadas ou eu as fecharei para vocês. Permanentemente.

Eu suspiro. Bem... Ele disse que não estava fazendo promessas.

Massimo continua dando ordens enquanto eu o observo por trás das folhas da palmeira. Tudo nele é fascinante. Por exemplo, os desenhos de dragões gravados em seus enormes antebraços. Idênticos em forma e tamanho, a única diferença entre eles é a cor - vermelho no esquerdo e preto no direito - e o fato de que os dois parecem estar se encarando. E como os músculos de suas costas se ondulam toda vez que ele se move. Seus bíceps, que esticam o tecido da camiseta, sobressaem sob as mangas curtas que parecem ter sido moldadas. E depois, há a calça de moletom, que fica um pouco baixa, o suficiente para revelar o cós da cueca. *Boxers ou cuecas?*

Minhas mãos têm vontade de explorar aquele corpo magnífico. Qual seria a sensação? Ele tem o físico de um guerreiro. Quero tocar e saborear cada centímetro dele. Com meus dedos, meus lábios e minha língua. Ele é um amante apaixonado? Deve ser. Não pode ser outra coisa com essa personalidade dele. Ele poderia me jogar na cama e me foder ? Eu adoraria que ele fizesse exatamente isso.

O calor inunda meu sistema. A sensação de formigamento e dor atinge meu âmago novamente. Isso tem sido uma constante em sua presença, correndo como uma corrente nas minhas veias. Mas agora, enquanto imagino Massimo me possuindo repetidamente, ela aumenta, deixando-me louca.

Sacudindo a cabeça para recuperar a compostura, meu olhar se desloca do cós da calça para a mão dele. Ela é enorme - como tudo o mais nele - os dedos seguram o encosto de uma cadeira enquanto ele fala com sua voz grave e estrondosa. Seu toque seria áspero ou gentil? Ele me prenderia? Ele me faria implorar por mais? Mordo meu lábio inferior ao imaginar aqueles dedos marcados envolvendo minha garganta enquanto ele devasta minha boca com a sua. Sussurros... entre beijos. Ele me dizendo coisas imundas. Dizendo-me... Dizendo-me algo com que sempre sonhei.

*Eu quero você.*

*Eu preciso de você.*

*Eu amo você.*




Deito-me em minha cama e fico olhando para o teto.

O alarme foi acionado, a vigilância por vídeo está ligada. Armados até aos dentes, meus homens estão patrulhando o local. Acabei de terminar minha terceira varredura na casa, confirmando que tudo está como deveria estar. Não há ameaças. Nenhum intruso à vista. Não há motivo para eu me sentir tão ansioso simplesmente porque decidi parar de dormir em frente à porta de Zahara.

***Ela está sã e salva. Você só está procurando outra desculpa para voltar para baixo, para ficar perto dela. Vá dormir.***

*Não posso.*

***Já é ruim o suficiente ela ter descoberto que você tem passado as noites na porta dela. Além de ser ridículo, isso provavelmente a deixou muito assustada.***

*Mas e se ela precisar de mim? A ameaça desconhecida ainda está lá fora.*

Ainda não descobrimos quem colocou aquela maldito rastreador no meu carro, e que levou o atirador do shopping direto a mim. Salvo acha que podem ter sido os federais. Não concordo, pois McBride pegou o veículo diretamente na concessionária e o levou direto para a prisão.

***Quem quer que esteja conspirando contra você, quer que você morra. Se, de alguma forma, eles conseguirem entrar, eles virão atrás de você. Não de Zahara. Você precisa ficar onde está.***

Quando me viro para o lado, meus olhos se fixam na porta.

*Ainda assim... E se alguém entrar na casa? E se Zahara ficar cara a cara com um assassino e o idiota decidir matá-la? Ela pode estar lutando por sua vida enquanto eu estou aqui, a um andar de distância!*

Foda-se.

Ao pular da cama, saio correndo do quarto e desço as escadas, xingando-me o tempo todo. Somente quando chego ao segundo andar e coloco minha bunda na frente da porta de Zahara, posso finalmente respirar fundo. Se alguém se atrever a se aproximar dela, terá de passar por mim. E, afinal, talvez eu consiga dormir um pouco esta noite.

***O que aconteceu com a promessa que você fez a si mesmo de nunca mais dormir na porta dela?***

*Eu tentei, ok?*

Eu jurei que não faria isso. Mesmo sabendo que ficar longe dela significava que o sono não viria. Não é como se eu não estivesse acostumado a ficar sem dormir.

Mesmo antes de ela me encontrar dormindo na sua porta, a tentação estava se infiltrando nos meus ossos, ficando cada vez mais difícil de combater. Saber que ela estava bem ali, com apenas uma superfície de madeira nos separando, estava me deixando louco. Eu ficava me imaginando entrando em seu quarto, simplesmente para vê-la dormir. Só para poder ficar perto dela. Só para poder sentir a paz que *só ela* me traz. Quando ela está ao meu lado, não me sinto como o idiota completamente louco que duas décadas na prisão me tornaram.

***Isso não mudou. Continua sendo o idiota maluco***.

Pelo menos consegui manter meus pensamentos sujos sob controle. Na maioria das vezes. Dava um tapa mental em mim mesmo sempre que a realidade queria fugir. Se Zahara tivesse uma ideia do que eu estava pensando, ela ficaria enojada. Como poderia não ficar?

Meus pensamentos... Pensamentos luxuriosos, de dar água na boca. Onde minhas mãos estão em seu corpo de deusa, traçando cada curva suave com minhas palmas doloridas. Segurando-a em meus braços, com seu rosto aninhado na curva do meu pescoço. É o único lugar onde ela estaria completamente segura. Com meus lábios roçando os dela, como eu fantasiava fazer desde o primeiro momento em que a vi.

O momento em que ela era um raio de luz brilhante, cercada por tantas sombras escuras. Um anjo em meio a uma multidão de demônios amontoados no túmulo do seu pai. A única pessoa neste mundo que não era como uma estranha para mim.

A única mulher que já despertou meu interesse. Por causa de como ela viu o *meu verdadeiro* eu. Aquele que eu tentava esconder, mas ela não me deixava, penetrando na minha pele. Eu deveria ter percebido naquela hora...

Eu não deveria nem ter...

Mas, como o idiota que sou, ainda assim fiz isso.

Lembrei-me do que disse a ela em uma carta. Aquela em que ela perguntou o que eu faria quando fosse libertado. *Eu encontraria um maldito bordel e transaria com todas as mulheres do local*, foi o que eu lhe disse. Depois de quase vinte anos sem transar, um frenesi de sexo deveria ter sido moleza. Deveria ter eliminado facilmente da minha mente os sonhos de fazer amor com Zahara. Algo de que eu precisava desesperadamente. Então, foi exatamente para lá que me dirigi. Pedi a McBride que me levasse diretamente do portão da prisão para um clube de striptease da Cosa Nostra, onde eles servem sobremesa de boceta à parte. Um maldito bufê de açúcar.

E eu não consegui erguer meu pau.

Loira. De cabelos escuros. Alta e baixa. Vestida de forma provocante. Nua. O gerente continuava trazendo garota após garota para a sala VIP, e meu maldito pau nem se contorceu. Nenhuma vez.

Imaginei que a prisão tivesse me bagunçado mais do que eu imaginava, então fui embora, com meu pau quebrado sendo a menor das minhas preocupações.

Mas esse é um problema que não preciso mais resolver. Meu pau fica duro como pedra sempre que imagino Zahara em meus braços. Ele funciona muito bem toda vez que a imagino comigo. Sua pele delicada. Seu perfume de jasmim. Seu...

sabor de mel.

Jesus Cristo. O que estou fazendo? A voz combativa em minha cabeça está certa. Vou fazer quarenta anos em dois meses - ela tem a metade da minha miserável idade. E como se isso não fosse ruim o suficiente, ela é minha *meia-irmã*! Eu não deveria sentir nada mais do que um afeto fraternal por ela. No entanto, não há nada remotamente *fraternal* em meus sentimentos.

Fecho os olhos, tentando dormir, mas o sono não vem. Esta noite, os seis metros que nos separam são cinco a mais. Sentindo-me como a pessoa mais doente do mundo, levanto-me do meu lugar no chão e giro lentamente a maçaneta da porta do quarto de Zahara.

A maldita porta se abre.

Eu disse-lhe para mantê-la trancada!

O mais cuidadosamente possível, sem fazer o menor ruído, entro no quarto escuro.

O carpete que cobre o chão é grosso, abafando meus passos quando me aproximo. A luz da lua atravessa a fresta das cortinas, caindo sobre a cama onde Zahara está dormindo. Ela está enrolada em posição fetal sobre um mar de roupas de cama brancas. Apesar da camisola de manga comprida , ela deve estar com frio. Especialmente com o cobertor jogado fora e amontoado aos seus pés.

Por um momento, eu me permito olhar para o seu lindo rosto. Ele está parcialmente obscurecido pelos fios de cabelo castanho-claro emaranhados pelo sono. Sua camisola preta subiu quase até à cintura, permitindo-me ver a curva perfeita da sua bunda deliciosa e de suas pernas bem torneadas. Meu pau se transforma instantaneamente em uma haste de aço.

Não quero acordá-la, então praticamente prendo a respiração ao me aproximar da cama. Permitindo-me dar uma última olhada rápida, levanto a borda do cobertor amassado e o puxo cuidadosamente sobre Zahara, o suficiente para

cobri-la até ao queixo. Ela parece tão pequena. Tão tranquila. Não quero deixá-la.

Olhando ao redor, vejo uma poltrona aninhada ao lado da sua escrivaninha, que fica embaixo de uma janela. Ela fica a poucos passos da sua cama e tem uma linha de visão direta. Eu me afasto e me sento na poltrona, enquanto luto para ignorar as objeções do meu pau dolorosamente duro.

Há dias, venho tentando descobrir o que está acontecendo em minha cabeça, por que tenho essa atração obsessiva por ela. Minha *meia-irmã*. Cheguei até a pesquisar no Google as razões dos meus sentimentos e comportamento. Isso não pode ser saudável ou normal. Passei horas e horas vasculhando vários sites, olhando blogs e fóruns psiquiátricos que tratam dos problemas que os ex-presidiários enfrentam quando tentam se reintegrar à sociedade.

Quem sabe se as coisas que li são reais, especialmente porque vários distúrbios parecem se encaixar em mim. Vários sintomas acertaram em cheio. Como a hipervigilância constante. A sensação persistente de que estou preso no território de uma gangue rival, apenas esperando por uma facada nas costas. O impulso avassalador e quase irresistível de partir para o ataque, infligindo medo e dor, porque por muito tempo essa foi a única maneira de manter os filhos da puta sob controle e a mim mesmo em segurança.

Os impulsos violentos que não consigo controlar continuam a fluir através de mim. Eles são tudo o que conheço, tudo a que estou acostumado. Atrás das grades, a única maneira de se manter vivo é ter certeza de que está no topo. Não reconheço o mundo ao meu redor e não consigo me relacionar com ele. Todo mundo é uma ameaça em potencial, um inimigo em potencial. Até mesmo Salvo. Apesar da sua lealdade a mim durante todos esses anos.

Eu simplesmente... não me importo mais. Com nada. Inclusive a porra da Família. Ela costumava me sustentar, como uma muleta mental, me dava algo em que me concentrar para não enlouquecer na prisão. Como um cachorro com

um osso, sem largar uma mordida, pois se fizesse isso, perderia a única coisa que tinha.

Esse impulso ainda está dentro de mim. *Vou* levar meu plano até ao fim. Mas, ao mesmo tempo... não estou me importando muito com isso. Mas quero me importar. Quero me importar, como fazia antes. Mas parece que não consigo me obrigar a fazer isso. Como se algo importante, algo fundamental que me faz... *eu*, simplesmente tivesse morrido. Eu me sinto tão perdido. E com muita raiva.

Um dos artigos que encontrei durante minha introspecção cibernética mencionou a depressão como possível motivo de eu ser um bastardo tão irascível. Depressão, sério? Não sinto apatia ou avolição, que é o que eu achava que definia a condição - uma falta geral de interesse pela vida. Em vez disso, quero destruir. Aniquilar. Queimar a porra do mundo até ficar em cinzas, aquele que ousou seguir em frente sem mim. Cuspir no destino que roubou metade da minha vida, deixando-me apodrecer naquele inferno. Matar os filhos da puta responsáveis por isso, aqueles que ainda se escondem nas sombras. Quero destruí-los, fazer chover morte em suas cabeças miseráveis. Matar todo mundo.

E em meio ao caos, à violência e à minha ira, lá está *ela*. Minha Zahara. Meu refúgio de paz. Um anjo, oferecendo a mão da salvação a um homem que arde em seu próprio inferno. Ela é graça, bondade e minha última esperança. A única coisa que me mantém preso a esta bobina mortal.

Não posso manchar a única coisa pura que ilumina minha existência. Não importa o quanto isso me deixe louco, não colocarei minhas mãos em Zahara, sujeitando-a a esse estigma pelo resto da sua vida.

Decidir isso, no entanto, não faz com que meu pau fique menos duro.

Deslizo a mão por dentro da calça de moletom e pego meu pau dolorido. Aperto-o até ao ponto da dor que quase me faz rugir na noite.

No entanto, nem um som sai dos meus lábios. Eu não deixo. Não vou correr o risco de acordá-la e me ver perdendo a sanidade. Se isso não passasse de um

desejo físico, seria mais fácil para mim lidar com a loucura. No entanto, não é. Eu sei que não é. Porque, mesmo com o corpo de Zahara completamente coberto, escondido dos meus olhos, minha mente ainda evoca a imagem dela. Não são apenas suas curvas pecaminosas e sua beleza etérea que me excitam. É mais do que isso.

É a ideia de tê-la aconchegada ao meu lado, com meus braços mantendo-a segura. De ter o direito de tocá-la. Quando e onde eu quiser. De poder enterrar meu nariz em sua pele, inspirar profundamente, ter a liberdade de respirá-la sem censura. Esse abismo escuro que estou enfrentando, quero que encontremos uma maneira de atravessá-lo - juntos. Quero contar-lhe todos os medos que me atormentam, coisas que eu jamais diria em voz alta a qualquer outra pessoa.

Zahara é a única pessoa que consigo ver ao meu lado pelo resto da minha vida. Como amiga. E minha amante. *Minha esposa.* Deus, eu até a imaginei grávida dos meus bebês. Um filho. Uma filha. Meus, todos meus. Quero conquistá-la, unir-me da maneira mais íntima e carnal até que sejamos um só. Preciso dela como preciso da porra do ar.

Aperto o pau novamente, dessa vez com mais força ainda. Um castigo por meus pensamentos sujos. Preciso que o traiçoeiro filho da puta caia.

Não está funcionando.

Não está funcionando, porra.

Soltando o estrangulamento, já que é evidente que não posso forçá-lo a se comportar, começo a acariciar. Imaginando como seria a sensação de estar dentro dela.

***Seu maldito cretino.*** A voz em minha cabeça está cheia de nojo. Até meu eu interior está chocado com minhas ações. ***Puxando seu pau no escuro enquanto você observa a mulher dormindo. Você é um canalha muito doente, isso sim.***

— Cale a boca, — rosno, pouco acima de um sussurro.

Fechando os olhos, acelero o ritmo. Meu pau já passou há muito tempo do ponto sem retorno, e cada golpe envia um choque de agonia pelo meu corpo faminto. Cada célula vibra com eletricidade. Mas a maldita coisa ainda é uma vara inflexível. Inchada e irritada. Como se minha mão sozinha não fosse mais suficiente para trazer a liberação que estou buscando.

Quase urrando de dor, aperto novamente e abro os olhos.

Só para encontrar Zahara sentada na cama. Olhando para mim com olhos arregalados e atônitos.

*Que merda.*

Eu deveria levantar minha bunda e ir embora. Mas não faço isso. Em vez disso, mantenho seu olhar fixo e deixo que ela me observe. Talvez isso a faça perceber que sou um filho da puta perverso. Talvez ela fuja e nunca mais volte para mim. Espero que ela fuja. Porque, Deus sabe, não consigo me afastar dela.

Mesmo sabendo que deveria.

— Cale a boca.

Minhas pálpebras se abrem. Meu sono é bastante leve e tenho certeza de que ouvi algo por perto. O quarto está escuro e leva um momento para meus olhos se ajustarem ao espaço sem iluminação. Quando o faço, a figura sentada perto da minha escrivaninha entra em foco.

Massimo.

O feixe de prata que passa pela abertura das cortinas cria um jogo de luz e sombra sobre seu torso impecavelmente esculpido e sem camisa. Isso é um sonho?

Seu rosto está inclinado para o teto, no entanto, seus olhos parecem estar fechados e uma careta está marcando seus traços impecáveis. Não me atrevo a me mover um centímetro, fingindo que ainda estou dormindo, enquanto meus olhos percorrem seu peito que sobe e desce rapidamente. Ele está segurando o braço da cadeira com a mão esquerda com tanta força que posso ver o contorno dos músculos do antebraço. Sua mão direita está um pouco perdida nas sombras em seu colo, mas posso vê-la se movendo. A pele nua balança de forma reveladora, brilhando sob a luz fraca.

Sinto a cor inundar minhas bochechas quando percebo o que ele está fazendo. Surpresa, observo como ele está se satisfazendo. Bem aqui, no meu quarto escuro. O estranho aperto entre minhas pernas me domina novamente, como acontece toda vez que ele está perto. Não consigo desviar o olhar. Minha frequência cardíaca dispara para a estratosfera. A cada movimento da sua mão, a contração em meu núcleo fica mais forte.

— Apavorada, anjo? — Sua voz soa mais grave do que o normal, suas palavras ecoam por todo o quarto.

Engulo e só agora percebo que estou sentada quase totalmente ereta, com os olhos fixos nele. Sim, eu provavelmente deveria estar chocada por encontrar Massimo em meu quarto, masturbando seu pau a poucos passos da minha cama. Mas não estou. Não estou mesmo.

Respiro fundo e encontro seu olhar. — Não pare.

Olhos diabólicos me atravessam enquanto ele continua a se acariciar dentro da calça de moletom. Pela protuberância considerável, seu pau é enorme e está totalmente ereto.

*Ele mentiu. Afinal, ele mentiu para mim.*

Todas aquelas coisas que ele disse... Que ele me vê apenas como sua meia-irmã. Sua garantia de que ele simplesmente precisa proteger um membro da sua Família.

*Ele mentiu.*

Assim que esse pensamento entra em minha mente, meu coração faz uma tentativa corajosa de sair da minha caixa torácica. Ele troveja alto nos meus ouvidos e, de repente, todo o ar deixa o ambiente. A devastação que senti por acreditar na indiferença dele em relação a mim? O desespero que me dominou por achar que não havia chance de ele retribuir meus sentimentos? Todo esse sofrimento era infundado. Um homem não vai ao quarto de uma mulher para se masturbar se não sente nada por ela.

*Ele mentiu, porra!*

Uma mistura de raiva e euforia me domina. Com as pernas trêmulas, eu me levanto e cruzo o espaço entre nós, até ficar de pé na frente dos seus joelhos afastados. Minha boca fica seca. Minha pele parece úmida. Tudo em mim transborda de energia mal contida.

— Mentiroso, — sussurro. Não há necessidade de elaborar mais porque vejo em seus olhos - ele sabe o que quero dizer.

— Culpado.

Suas palavras ressoam em minha cabeça. Cerro os dentes. E então, dou um tapa em seu rosto. Uma pequena retaliação pela mágoa que ele me causou. Por me fazer acreditar que ele não tinha sentimentos por mim.

Massimo nem sequer pisca. Ele continua acariciando seu pau, lentamente e sem emitir nenhum som. Seu corpo parece anormalmente tenso. Uma camada de suor brilha em seu peito. É essa a aparência de um homem quando está se dando prazer? Seu rosto está meio escondido na escuridão, embora eu possa ver claramente a linha dura da sua mandíbula cerrada.

Essa expressão não sugere que ele esteja se divertindo. Parece que ele está... sofrendo.

— Você disse que iria transar com um bordel quando fosse solto, — eu digo. Eu odiava aquela carta horrível, e minha voz quase se quebra quando eu digo as palavras. Mas eu preciso saber - essa é simplesmente a reação de um homem que não faz sexo há anos? Ou algo completamente diferente? De todos os homens do universo que eu poderia imaginar que poderiam se excitar comigo, Massimo teria sido o último.

— Hum-hum. Fui direto para lá. — Suas narinas se dilatam. — E não consegui ficar duro para ninguém.

Olho para o colo dele. Ele afasta a mão, revelando o contorno da sua ereção, que está escondida no tecido da calça.

Parece que não consigo desviar o olhar. A raiva que eu estava sentindo evapora, substituída por um ataque de sentimentos diferentes que me atingem em cheio no peito. Satisfação por saber que fui eu quem fez com que ele ficasse tão excitado. Excitação misturada com um nervosismo de arrebentar os ossos que deixa minha mente totalmente vazia. Meus dedos estão ansiosos para tocá-lo, para me assegurar de que isso é real e não apenas um produto da minha imaginação, mas não me atrevo. Tenho medo de que tudo não passe de um sonho e não quero

acordar, se for o caso. Porque este é Massimo. O único homem que já me fez sentir assim. O único que fará isso.

— Você não tem nada a dizer? — ele rosna. — Você me acha vil? Um doente que entrou no quarto da sua meia-irmã para se masturbar?

Minha mão está tremendo quando, hesitante, estendo a mão e acaricio levemente sua protuberância. Um gemido gutural e cheio de dor sai da garganta de Massimo. E eu gemo. Abalada tanto pelo som quanto pela força que sinto sob minha palma.

— Por que você não conseguia... ficar duro? — Dou outra pincelada suave em seu pau por cima da calça de moletom. — Tiziano sempre se gaba de ter as garotas mais bonitas de Boston.

— Porque nenhuma dessas mulheres era você, Zahara. — Sua resposta foi dada com um gemido entre os dentes.

Um enxame de borboletas voa em meu estômago enquanto deixo que cada sílaba da sua resposta rosnada seja absorvida. Durante anos, fantasiei com ele dizendo coisas como essa para mim. Em cada uma dessas situações imaginadas, eu o imaginava sussurrando suavemente essas palavras em meu ouvido. Eu achava que preferia que ele falasse assim. Estava errada. Isso. Sua resposta rosnada, que mostra sua batalha interna - uma batalha que ele obviamente está perdendo - é o que eu precisava. Uma pulsação, diferente de qualquer outra que já senti, toma conta do meu âmago e me sinto mais molhada.

Eu o observo, esse homem complicado que virou minha vida de cabeça para baixo. Quando jovem, eu escrevia para ele, esperando que ele assumisse o lugar do meu irmão mais velho. Eu queria um confidente, um protetor. Alguém que me dissesse que tudo ficaria bem. Independentemente de quão difícil fosse a vida, eu queria que ele pintasse um quadro cor-de-rosa.

Ele não me deu nada disso.

Ele me deu tudo o que eu nunca soube que precisava.

Objetivo. Autoconfiança. Um senso de valor próprio.

Sem querer, ele me transformou na pessoa que sou hoje. Forte. Resiliente. Capaz. O tipo de mulher que eu sempre quis ser. E *essa* mulher não tem mais medo. Ela está disposta a ir atrás do que quer. *Ele*. Mesmo quando isso a esteja assustando muito.

Com todo o meu corpo vibrando de necessidade, afundo lentamente até ficar de joelhos no carpete, bem no meio das pernas dele.

Os olhos frenéticos de Massimo acompanham cada movimento meu. A tensão em sua parte superior do corpo parece se contrair ainda mais. Mesmo com essa luz fraca, o ponto de pulsação em seu pescoço chama minha atenção quando um leve arrepio o atravessa.

Meus dedos tremem quando agarro o elástico do seu moletom e o puxo cuidadosamente para baixo. O pau de Massimo se solta, enorme e ereto. Tão inchado que parece quase roxo. Minha mão treme quando envolvo os dedos em torno da ponta e começo a acariciar seu comprimento.

Aço, envolto em veludo.

— Zahara. — O rosnado profundo e estrondoso de Massimo quebra o silêncio. Sua cabeça está inclinada e ele está segurando os dois apoios de braço com uma força de rachar a madeira. — Não.

— Por que não? — Molho os lábios. — Eu não o vejo como um irmão, Massimo. Você ainda não percebeu isso?

Sua mão se estende, apertando os cabelos da minha nuca. Há fogo em seus olhos escuros e fumegantes. Eles ardem em mim, acendendo meu desejo. Provocando um inferno do qual nenhum de nós poderia escapar. — Não diga isso.

— Por quê? É a verdade. — Inclino-me para a frente e pressiono minha língua na cabeça do seu pau.

Um tremor violento toma conta do corpo de Massimo, sacudindo-o como se ele tivesse sido atingido por um raio. Uma intensa gratificação floresce dentro de mim com a sensação de vitória que sinto. Eu fiz isso. Eu. Talvez eu não seja experiente e ainda esteja nervosa com a possibilidade de fazer algo errado, mas ver a reação dele a esse único toque me dá coragem para continuar.

Eu o lambo da base até à ponta, exatamente como vi nos vídeos, apreciando a maneira como ele responde. Respirações rápidas e superficiais, enquanto ele quase se inclina para fora do assento. Tremores o assolam enquanto eu circundo a cabeça inchada com minha língua, aumentando o ritmo, depois lambo as gotas de sêmen salgado na fenda. Outra prova de que todas as suas afirmações de que não se sentia atraído por mim não passavam de mentiras. Por que ele estava lutando contra essa atração entre nós? Como algo que é tão bom pode ser rotulado como algo ruim? Lambo seu pau novamente, gostando de vê-lo se desfazer sob meu toque. Eu quero mais. Quero que o gosto dele fique marcado em minha língua, da mesma forma que ele se imprimiu em minha alma.

O aperto e a dor entre minhas pernas estão aumentando. Nunca senti esse tipo de necessidade avassaladora como estou sentindo agora. Minha calcinha está completamente encharcada. Será que é o sabor dele ou o fato de que finalmente estou experimentando o que desejei por tanto tempo? Conhecê-lo em um nível carnal, ter nossos corpos tão em sintonia um com o outro.

A textura sedosa do seu pau duro como pedra queima minha palma quando deslizo a mão para baixo e gentilmente seguro suas bolas. Quando me aproximo e fecho os lábios em torno da sua ponta, seu pau se contrai com tanta força que quase escorrega da minha boca. Lentamente, eu o tomo mais em minha garganta enquanto deixo os dentes roçarem levemente sua carne sensível.

— *Madonna Santa*, — Massimo geme, apertando ainda mais a mão em meu cabelo.

Cada músculo do seu corpo está tenso, tanto que ele permanece rígido como uma

bela estátua de mármore. Deixo meus lábios deslizarem languidamente pelo seu pau. Deleitando-me com ele. Ele é meu. Massimo Spada é finalmente meu. Meu coração quase explode com isso. Levo a boca até à ponta do seu pau e o chupo, esvaziando minhas bochechas.

Massimo entra em convulsão e um rugido gutural enche o quarto. O calor explode em minha garganta quando ele goza em minha boca. Engulo até à última gota do seu esperma. É um testemunho. Uma prova inequívoca. A verdade que ele estava escondendo de mim por trás da fachada da rejeição.

Evidência dos seus sentimentos. Por mim. E não do tipo fraternal.

Ainda me sentindo um pouco ansiosa, levanto-me e fico entre seus joelhos esticados. Seu peito está subindo e descendo em um ritmo galopante, enquanto seus dedos continuam a agarrar meu cabelo.

— Massimo? — Acaricio a lateral da sua mandíbula bem cerrada com os nós dos dedos.

Um ronco baixo e profundo, como o rosnado de um leão, emana da sua garganta. As sombras em seu peito nu mudam quando ele se levanta. Seu aperto no meu cabelo se intensifica enquanto ele se eleva sobre mim, olhando para mim como um magnífico rei dos animais. Seu outro braço serpenteia ao redor da minha cintura, prendendo-me com um aperto poderoso e me levantando do chão. Minha respiração fica presa enquanto me maravilho com a sensação de ser pressionada contra ele, e me perco em seu olhar sedutor.

— Há agulhas ou outras coisas afiadas aí? — ele pergunta com a voz rouca.

Pisco os olhos, tonta e desnorteada. — Onde?

Ele acena com a cabeça para a escrivaninha antiga à nossa esquerda, onde estendi o forro do vestido cortado pela metade.

— Hum... não. Acho que não.

Isso parece satisfazê-lo, e ele acena novamente com a cabeça e me coloca bem

em cima do tecido sedoso.

Seus olhos ardem nos meus enquanto ele percorre as palmas das mãos pelas minhas coxas, centímetro a centímetro. Há muita tensão em seu olhar escuro e inflexível. Sua expressão está marcada por linhas duras, sua postura é tão sólida que é como se ele tivesse se tornado uma montanha, não um homem.

— Tão macia... — Palavras baixas e murmuradas. — Nunca imaginei que sua pele fosse tão macia. Como penas.

Tudo o que ele toca arde como se tivesse sido queimado por uma chama. Ele não tem as mãos de um cavalheiro. Suas palmas são ásperas, sem nenhum traço de maciez. Uma pele maltratada que suportou muito. Assim como sua alma. Mas sua carícia é tão delicada quando ele percorre aquelas palmas ásperas pelas minhas pernas até que seus dedos roçam a minha calcinha. Com a bainha da minha camisola enrolada nos quadris, a renda preta é a única barreira entre minha boceta e seu toque.

— Perdi o sono tantas noites imaginando como você seria, meu anjo. — Gentilmente, ele abre minhas pernas. — E o seu perfume celestial.

Devo me sentir envergonhada neste momento? Será que isso faz de mim algum tipo de vagabunda se eu não sentir? Que em vez de fechar minhas pernas, as palavras de Massimo me levam a abri-las mais. Por mais nervosa que eu esteja com o que está por vir, eu anseio por isso. Antecipo-o com cada fibra do meu ser.

Eu exalo em rajadas curtas e rápidas enquanto ele se ajoelha e enterra o nariz no ápice das minhas coxas. Quando ele inspira, soa como um homem sufocado que acabou de respirar pela primeira vez.

— Jasmin. Paz, — ele murmura em minha boceta, respirando profundamente novamente. — E pecado.

O hálito quente passa pela renda da minha calcinha, formigando minha carne

sensível. *Desejo... Necessidade.* Minhas pernas começam a tremer. E minhas mãos. Inclino-me para trás e caio sobre a superfície da escrivaninha, enquanto Massimo continua a acariciar minha boceta com o rosto.

— Eu preciso... — ofego, agarrando seus ombros e arqueando as costas. Não sei o que estou pedindo. Só sei que preciso de... mais. Mais dele. Quero que ele me conheça por dentro e por fora. Quero que nos unamos completamente, de modo a que não haja sequer uma partícula de desconhecido entre nós. Quero ser dele em todos os sentidos.

— Preciso sentir você... lá embaixo, — ofego. — Preciso tanto disso que chega a doer. Por favor.

As palmas das mãos ásperas deslizam sob as bochechas da minha bunda, puxando minha calcinha para baixo.

— Provavelmente vou arder no inferno por causa disso, Zahara.

A renda desliza pelas minhas pernas, e então... umidade quente... lambuzando minhas dobras. Sua língua.

— Meu Deus, — suspiro.

Minha visão fica embaçada, como se o mundo tivesse desaparecido. Não estou mais em meu quarto. Em vez disso, estou suspensa em algum lugar no ar, tentando me lembrar de como respirar enquanto Massimo se delicia com minha boceta como se fosse uma sobremesa de dar água na boca. Ele está engolindo minha excitação. Lambendo cada gota. É como se minha imaginação mais secreta ganhasse vida. Anos de espera. Esperando. Meu peito se expande como se meu coração de repente se tornasse grande demais para ele. Minhas paredes internas se apertam tão violentamente que posso perder a cabeça. *Mais.* Preciso de mais ou vou me quebrar completamente.

— Encharcada... — ele murmura enquanto continua devorando minha boceta — Você sempre fica tão molhada, anjo? Algum homem consegue sugar seus sucos

assim?

Uma leve pressão do seu polegar em meu clitóris faz com que meus olhos revirem para trás. Oh, Deus, ele acrescentou seus dedos agora e está fazendo as coisas mais pecaminosas com eles. Acariciando. Batendo. E... meu Deus, beliscando enquanto ele continua lambendo meu botão. Estou lutando para respirar, incapaz de formar palavras reais. É possível morrer de prazer?

— O toque de algum homem aqui já foi tão bom? — Massimo rosna em minha boceta enquanto os golpes da sua língua se tornam mais firmes. Mais fortes. — Preciso saber, para que eu possa cortar suas mãos imundas e indignas.

Seus dentes roçam meu clitóris e, em seguida, ele mergulha sua língua em meu núcleo. Tremores tomam conta do meu corpo, incapacitando-me completamente. Não consigo me mexer. Não consigo falar. Não consigo nem respirar. Já estou tão longe, mas então ele fecha a boca em meu clitóris e chupa.

Eu grito, minha voz se quebra assim como meu corpo, e ele... pelo amor de tudo que é sagrado, continua me chupando. Estou voando, bem acima da minha forma corpórea. De volta à Terra, meu corpo está tremendo e se despedaçando, cada átomo retornando às estrelas.

A umidade desce por minhas bochechas enquanto eu me recomponho lentamente.

— Zahara. — Uma voz baixa e sussurrada, em algum lugar próximo.

Abro os olhos e vejo Massimo inclinado sobre mim, com sua mão enorme segurando meu rosto.

— Anjo. — Um leve toque de um dedo sob meu olho. — O que há de errado?

Errado? Tento responder, mas só consigo soltar um suspiro fraco. Como poderia haver algo errado quando estava tão, tão perfeito?

— Eu a machuquei? Você está tremendo como uma folha.

— Não... — ofego, olhando fixamente em seus olhos. — Foi... foi a primeira

vez.

O canto dos seus lábios se curva para cima. — É a primeira vez que um homem come sua boceta dessa maneira?

— Não, meu primeiro... — eu me arrasto, depois respiro fundo para terminar, — ...meu primeiro... tudo.

O sorriso de Massimo desaparece, substituído por confusão que rapidamente se transforma em alarme. Mesmo na quase escuridão, com apenas um pouco de luz da lua entrando no quarto, posso ver claramente a cor se esvaindo do seu rosto. Seu pomo de Adão se move de forma proeminente enquanto ele engole.

Sacudindo a cabeça, ele pega a bainha da minha camisola e a move gentilmente para baixo, cobrindo meu núcleo ainda trêmulo. Por que ele está agindo de forma tão estranha de repente? Será que eu disse ou fiz algo errado? Será que ele está chateado por eu ser inexperiente? Não posso evitar o fato de ele ser o único homem cujo toque eu sempre desejei.

— Massimo?

— Silêncio... — Ele passa as costas da mão pelo meu queixo e desliza os braços por baixo de mim. — Vamos levá-la para a cama.

Meu peso parece não ser um problema para ele. Massimo me levanta facilmente e me carrega sem suar. Depois de me colocar na cama, ele puxa as cobertas até ao meu pescoço e se senta na beirada.

— Sinto muito, Zahara. — Seus olhos estão baixos, olhando para o chão. — Eu não sabia.

— Não sabia o quê?

— Que você nunca esteve com um homem antes.

— Por que isso importa? — Ainda estou tremendo muito e mal consigo formar as palavras.

— Isso importa, anjo. É importante quando um bastardo doente e egoísta quase tirou sua virgindade. Um homem que tem o dobro da sua idade. Um homem que deveria ser apenas seu protetor. Que nunca deveria pensar em você... do jeito que eu penso. Eu nunca deveria ter colocado minhas mãos em você. Manchado você assim. É um sacrilégio.

— Não somos parentes de sangue. Não é incesto.

— Isso não importa. Se alguém descobrir... *Jesus*... As pessoas vão apontar o dedo para você, independentemente da consanguinidade. Aos olhos do mundo, eu sou da sua família, — ele aperta a nuca. — Foda-se! Eu quase arruinei você!

Estendo a mão para tocar seu ombro. — Você não teria me arrui...

— Sim, eu teria feito isso, — ele diz, parecendo derrotado. Desesperado. — Isso... nós... não pode acontecer, Zahara. Não vou destruir sua vida manchando-a com minha luxúria.

Olho fixamente para suas costas curvadas, lutando contra as lágrimas que ameaçam irromper. Eu o conheço. Quando Massimo Spada decide algo, nenhuma força na Terra pode fazê-lo vacilar.

— Talvez seja melhor eu ficar em outro lugar. Vou garantir que você continue protegida. Uma força de segurança completa ficará aqui com você. Você pode transformar a casa no que quiser. Há uma equipe e os meios para fazer isso. Depois da reunião de amanhã, porém, eu me mudarei.

Meus lábios tremem. — Esta é *sua* casa. Você a deixaria só para se afastar de mim? Minha presença aqui é tão perturbadora assim?

Massimo se vira tão rápido que eu me arrepio. — Você não entende? Eu não consigo respirar quando não estou com você, Zahara! — ele rosna em meu rosto. — Meus pulmões se contraem e fico sem ar. Tudo é um maldito deserto, e estou preso no meio dele. Engasgando. Morrendo. Dia após dia. Já dormi em frente à sua porta só para ficar perto de você. A ideia de não a ter ao meu lado me deixa

em pânico total.

Ele bate no peito com o punho, como se estivesse tentando desalojar qualquer massa que tenha se instalado ali.

— Deus, eu gostaria de ainda ter as algemas que colocaram em mim, só para poder usá-las para acorrentá-la a mim. Não quero ficar longe de você e não quero que você me deixe. Você tem ideia de como isso é doentio? Você consegue entender como eu realmente estou completamente perdido? — Ele cobre seu rosto com as palmas das mãos. — Eu não vou arruinar você. O resto do mundo pode queimar no inferno, mas não você. Você é pura. Meu anjo. E isso... nós... não pode acontecer. Nunca.

Observo enquanto ele se afasta e atravessa o quarto. Estou chocada. Desnorteada. Feliz e completamente arrasada ao mesmo tempo. Ele também sente isso. Essa atração magnética entre nós. O desejo. E ainda assim, ele está se afastando. Só porque meu pai se casou com a mãe dele, e isso de alguma forma marca essa conexão entre nós com um estigma inegável.

— Eu não tenho nada a dizer sobre isso? — pergunto com raiva.

Massimo para na porta, agarrando a moldura com as mãos. — Você não tem.

Um soluço sai do meu peito, a dor física é avassaladora. Como ele ousa esmagar meu coração novamente? Como ele ousa ignorar unilateralmente nossos sentimentos? E tudo isso porque não seria socialmente aceitável?

— Vou arrumar minhas coisas e partir logo pela manhã, — ele continua. — Será mais fácil para nós dois.

Fico muito tentada a enterrar o rosto no travesseiro e chorar muito. Aceitar a situação como sempre fiz - sem brigar. Entretanto, não sou mais aquela garota tímida. Aquela que tinha medo demais para levantar os olhos do chão. *Ele* me ajudou a mudá-la, sem nunca ter percebido seu impacto. Não vou baixar minha cabeça. Não vou deixá-lo sair daqui. Não vou permitir que ele se afaste de mim,

simplesmente por causa dessa noção estúpida de que serei transformada em uma pária. Não preciso ser salva. Não mais.

— Você não está indo embora.

— Zahara...

— Se você fizer isso, eu o seguirei de qualquer forma. Portanto, vamos pular a parte desnecessária de empacotar e desempacotar.

Os músculos dos seus braços se contraem enquanto ele agarra o batente da porta. — Meu autocontrole está por um fio, anjo.

— Eu sei. Mas praticar vai lhe fazer bem. Você precisará da sua contenção para lidar com o Conselho. — Eu me viro, ficando de costas para ele. — Vejo você no café da manhã, — digo no tom mais casual que consigo reunir.

Um minuto se passa. Agarro as cobertas com minhas mãos e espero. Mais um minuto.

Ele ainda está aqui, eu sei disso. Consigo ouvir sua respiração ofegante em toda a extensão do quarto. Ele está debatendo consigo mesmo? Por que não está dizendo nada? E se a manhã chegar e ele for embora mesmo assim?

Um sussurro baixo preenche o silêncio do quarto. — Pode ser uma omelete? — Meu coração dispara.

— Claro, — eu sussurro de volta.

# Capítulo 18




Meu café da manhã está pronto e esperando por mim, como ele prometeu. Assim como tem sido todos os dias desta semana.

Mas Massimo não está.

Dou uma olhada na cozinha e depois me concentro no cenário. O prato é uma omelete. Tomates. Cogumelos. Queijo ralado. Prosciutto em camadas sobre os ovos. O prato foi deixado na mesa de café da manhã, no assento mais próximo da janela, onde os raios de sol da manhã se espalham. À direita, há um guardanapo de pano bem dobrado, com talheres em cima. Um copo de suco de laranja está posicionado à esquerda. E para completar o cenário, no meio da mesa, um pequeno vaso com um único ramo de jasmim.

É tudo muito bonito, se não levarmos em conta o homem com um rifle semiautomático no centro da cozinha.

— Peppe? Há algo errado?

— Nada. Só estou seguindo as ordens de Massimo.

— E essas são?

Ele dá uma olhada rápida na mesa. — Vigiando os ovos.

— Uh-huh. Eles vão nos atacar?

O canto dos lábios de Peppe treme como se ele fosse sorrir, mas ele permanece sério.

— Iris foi fazer compras no supermercado, — diz ele. — Não devo deixar ninguém chegar perto do seu café da manhã. Se alguém fizer isso, devo eliminá-

lo imediatamente.

Balanço a cabeça e atravesso a cozinha para me sentar, sentindo os olhos de Peppe em mim o tempo todo. Ele também deve estar irritado com o comportamento de Massimo.

— Ele acha que alguém pode tentar envenenar minha comida, — explico enquanto como a primeira garfada.

— Tenho certeza de que é isso que ele diz a si mesmo.

— O que você quer dizer com isso?

Peppe se apoia na geladeira, cruzando os braços sobre o peito.

— Conheço Massimo desde que ele tinha quinze anos. Sempre admirei a maneira como sua mente funciona. Foco e determinação incessantes, quase obsessivos. Quando ele acredita que algo precisa ser feito, ele faz, não importa as consequências. E não importa o sacrifício pessoal. Atingir o objetivo final é a única coisa que importa. E se, em algum momento, for necessário um curso de ação alternativo, ele encontra uma maneira de se convencer de que é exatamente isso que precisa fazer. — Ele olha fixamente para o prato à minha frente. — Ou não.

— Não tenho certeza se entendi o que você quis dizer.

— Ele sabe que é muito improvável que alguém queira envenená-la, especialmente aqui, mas ele se convenceu de que essa é uma ameaça crível. Porque é a desculpa perfeita.

— Desculpa para quê?

— Para lhe preparar o café da manhã. — Ele olha para mim. — Nunca o vi se preocupar com alguém como ele se preocupa com você. Para ser sincero, eu não achava que ele fosse capaz disso. É por isso que ele fará o que for necessário para garantir que você não se machuque. A Família tende a não favorecer... *relacionamentos* entre irmãos adotivos.

Fico tensa. — Você sabe?

— Eu tenho olhos, Srta. Veronese. Quando vocês dois estão na mesma sala, o próprio ar fica tão carregado que mal precisaria de uma faísca para explodir. Mas talvez isso não seja uma coisa tão ruim, sabe? Deixá-lo detonar. Se você estiver pronta para suportar o desprezo do nosso mundo, é claro. Se você acha que pode lidar com isso.

— Acredite em mim, já tive muita prática em minha vida.

— Então, prepare-se. — Peppe acena com a cabeça ao sair da cozinha. — Ele tentará afastá-la. Pode até machucá-la acreditando que isso a salvará de uma dor maior. Não deixe que ele faça isso.

Como o resto da refeição em silêncio, contemplando as palavras de Peppe enquanto olho para o quintal além da janela. Com a grama cortada e os canteiros limpos de ervas daninhas, ele finalmente parece um jardim em vez de uma selva selvagem.

— Está comestível? — A voz de Massimo chega até mim.

Olho para cima e o vejo parado na porta. Seu alfaiate deve ter entregue seus ternos sob medida, porque o que ele está usando lhe serve como uma luva.

— Sim. Obrigada.

— Ótimo. Isso é ótimo. — Ele dá de ombros e vai até à máquina de café. — Os membros do Conselho chegarão por volta das sete da noite. Faremos a reunião na sala de jantar.

Portanto, obviamente não vamos discutir a noite passada. Será que ele realmente acredita que podemos simplesmente fingir que isso nunca aconteceu e voltar a ser como antes?

— Você se importaria se eu usasse a sala de estar do outro lado para refazer o vestido em que estou trabalhando? — Pergunto no tom mais desinteressado possível e pego meu prato para levá-lo até à máquina de lavar louça, que fica ao

lado da máquina de café. — O tecido que preparei para ele está completamente saturado com meu suco, pois você comeu minha boceta em cima dele ontem à noite, e decidi que quero mantê-lo lá.

Nunca imaginei que uma pessoa pudesse ficar tão imóvel como Massimo fica quando as palavras saem da minha boca. Seu corpo fica tão rígido que é como se ele tivesse sido esculpido em pedra. A única parte dele que parece ainda estar viva são seus olhos. Eles me olham com fogo. E fome.

— Concordamos que esse assunto estava encerrado.

Guardo o prato e encosto minhas costas no balcão. — Não me lembro de ter concordado com nada.

De repente, ele está na minha frente, seu corpo pairando sobre o meu enquanto ele agarra a borda da bancada de cada lado. Sua mandíbula está cerrada, suas narinas estão dilatadas loucamente. E seus olhos estão grudados em minha boca. Será que ele está pensando em como foi a sensação de ter meus lábios envolvendo seu pau? Porque eu estou. Eu me lembro de cada segundo. Como foi ter seu corpo inteiro se desfazendo sob meu toque. Como foi incrível tê-lo à minha mercê. E depois, tê-lo me comendo em uma pilha de seda, me quebrando em pedaços e me recompondo ao mesmo tempo.

Depois de um momento interminável, Massimo estende a mão e roça meu lábio inferior com o polegar. — Algumas coisas não foram feitas para acontecer, anjo. Nós somos uma dessas coisas. E ambos precisamos aceitar isso.

Sua mão cai do meu rosto. Ele se afasta enquanto meu coração murcha dentro do peito.

***

— Não me lembro de você ter tido problemas com minhas decisões quando o

valor de nossos investimentos dobrou! — A voz estridente de Massimo ultrapassa a porta fechada da sala de jantar e chega à pequena área de estar do outro lado do saguão de entrada.

Balançando a cabeça, tiro minha atenção do padrão de costura que espalhei no chão. Alguém dentro da sala grita de volta, o que me deixa tensa. Parece ser Brio, mas é difícil saber com as portas fechadas. Todos, no entanto, estão falando tão alto que tenho certeza de que toda a casa pode ouvi-los.

A reunião parecia estar indo muito bem até que Massimo anunciou que estava saindo do negócio de clubes de striptease e vendendo nossos locais para o Don da Família de Nova Iorque. Salvatore Ajello tem sido uma pedra no sapato de todos há anos, especialmente depois que ele começou a enviar homens para nos espionar enquanto Nera estava administrando as coisas como representante de Massimo. Mesmo sabendo que Massimo e o infame Don tinham alguns negócios anteriores, ainda foi uma surpresa quando ele marcou um encontro entre Nera e Ajello há um mês. Eu me perguntava como ele havia conseguido fazer isso.

— Oh, tem certeza disso? — Outra rodada de rosnados de Massimo chega até mim. Sua voz está ainda mais alta do que antes. — Que tal eu marcar uma reunião para você com o Cartel de Guadalajara, e você pode informar pessoalmente *ao El Jefe* que teremos de cortar o próximo pedido pela metade, já que as garotas de Tiziano estão consumindo uma grande parte do nosso dinheiro? Você pode levar Primo com você, tenho certeza de que vocês dois vão se divertir muito no México.

Todos começam a gritar ao mesmo tempo, insultos e ameaças voando em uma troca cacofônica. Não consigo nem mesmo decifrar quem está dizendo o quê. O barulho é ensurdecedor. Parece que eles estão a momentos de matar uns aos outros. *Que merda*.

Pego o celular de Massimo de onde ele o deixou na mesa ao lado e corro para a sala de jantar. Em um mar de ideias ruins, interromper uma reunião do Conselho

em que o assunto em pauta é a sucessão é provavelmente a pior delas, mas Massimo precisa sair da sua agitação ou esse conclave vai desandar rapidamente. Não tenho nem ideia do que vou dizer quando entrar, apenas agarro a maçaneta e abro a porta.

Quando entro na sala, me deparo com uma loucura total. A gritaria continua sem que ninguém perceba que estou aqui. Massimo está de pé na cabeceira da longa mesa preta, com as palmas das mãos apoiadas na superfície lisa de madeira. Ele está se inclinando para a frente e gritando com Brio com toda a força da sua voz. Brio - sentado à esquerda de Massimo - está choramingando em seus protestos. Seu rosto está ficando cada vez mais vermelho a cada palavra, e ele está agitando os braços e balançando a cabeça como uma criança no meio de uma birra.

Ao lado de Brio, Tiziano está batendo com o punho no livro de couro estendido diante dele enquanto troca obscenidades com Adriano do outro lado da mesa. Adriano é o maior investidor da família e provavelmente poderia comprar metade das pessoas reunidas nesta sala. Ele sempre teve um ar de aristocracia e poderia facilmente ser o tipo de homem que fica sentado e deixa os outros trabalharem para ele. Em vez disso, Adriano sempre esteve muito envolvido, supervisionando pessoalmente o transporte de drogas da Cosa Nostra por todo o país em sua empresa de logística. Nunca vi Adriano levantar a voz para ninguém antes. Agora, no entanto, sua aparência normalmente impecável está distorcida por um cabelo penteado à mão e uma gravata ligeiramente torta.

Primo, que está sentado à esquerda de Brio, está tagarelando e apontando entre Donatello e Patrício, dois outros investidores nos negócios da família. Salvo é a única pessoa que está em silêncio. Ele está relaxado em sua cadeira à direita de Massimo, observando calmamente o desenrolar da catástrofe.

— O que você está fazendo aqui, garota? — A voz irritada de Brio inesperadamente se sobrepõe à gritaria.

De repente, os gritos diminuem e todos olham para mim.

— Hum... eu só...

Massimo se move como um predador. Em um instante, ele está apertando a frente da camisa e a gravata de Brio e levantando o homem mais velho do seu assento, com o material torcido preso sob o queixo do capo. Tudo o que Brio pode fazer é agarrar o braço de Massimo enquanto luta para respirar.

— Não se atreva a falar com ela nesse tom, — Massimo diz com os dentes cerrados bem na cara chocada de Brio. — Peça desculpas.

A boca de Brio abre e fecha como a de um peixe, mas nenhum som escapa. Massimo o joga de volta em seu assento como uma boneca de pano.

— Desculpe-me, — Brio murmura enquanto tenta ajeitar a gravata.

— Desculpe-me... o quê?

— Desculpe-me por meu tom de voz, Zara.

Em um piscar de olhos, Massimo ataca novamente, agarrando Brio pelos cabelos e batendo-o de cara contra a mesa. Em seguida, ele pressiona o cotovelo na lateral da cabeça do capo, prendendo o homem que agora está sangrando. O sangue de Brio, que escorre do seu nariz, se mistura com a água de um copo virado, e o líquido misturado encharca os documentos espalhados pela superfície de madeira e flui em direção à boca e ao olho de Brio.

— Ela não é ‘Zara’ para você. Tente novamente.

— Sinto muito, Srta. Veronese.

— Bem melhor. — Massimo finalmente solta o capo espancado e olha para mim. — Do que você precisa, Zahara?

Oito pares de olhos me olham fixamente. A sala parece carregada de tensão, embora ninguém esteja mais gritando.

— Eu... — Baixo o olhar, concentrando-me no celular que estava segurando. —

Seu celular tocou. Era... seu advogado, e parecia urgente. — Engulo, depois olho para cima, diretamente para os olhos de Massimo. — Ele pode estar perdendo o controle de algumas coisas que precisam ser tratadas com delicadeza. Então, achei que você deveria estar ciente.

Por alguns instantes, enquanto seu olhar permanece fixo no meu, seu rosto continua com a mesma máscara de raiva que ele dirigiu a Brio. Mas, então, percebo os músculos do seu rosto relaxarem. Lentamente, ele se abaixa na cadeira de couro e entrelaça os dedos sobre a mesa. Toda a sua postura muda, ficando completamente à vontade.

— Obrigado, — ele diz, com um tom calmo. — Vou ligar para ele assim que terminar aqui.

— Tudo bem. Bem... acho que é tudo. Estou indo embora agora.

Eu me viro, tentando alcançar a maçaneta da porta, quando Massimo rosna atrás de mim, — Coloque sua bunda naquela cadeira vazia no final.

Meu corpo todo fica tenso. Ele nunca usa esse tom comigo. *Que merda.* Eu não deveria ter interrompido a reunião deles.

— Agora, Brio, — Massimo continua. — Zahara, por favor, sente-se ao meu lado.

Uma bola se aloja em minha garganta. E parece que perdi o controle dos meus membros porque não consigo me mover. Meu olhar permanece fixo na porta à minha frente. *Ele não pode estar falando sério.* Isso não é permitido. Somente capos e membros nomeados podem participar das reuniões do Conselho.

O arrastar de uma cadeira pelo assoalho quebra o silêncio. O silêncio que paira sobre a sala como uma densa mortalha. A tensão é quase palpável.

— Isso é ultrajante. — O murmúrio irado de alguém chega até mim. — As regras...

— Cale sua boca, Tiziano. Quando você chegar a ser o chefe da Família, poderá

impor as regras. Mas agora, eu escolho quais regras vou honrar e quais não vou.

Paralisada pela indecisão, permaneço enraizada no lugar, olhando para uma bolha de tinta seca na porta à minha frente.

— Zahara, por favor. — Uma voz muito mais suave chega até mim.

Viro-me lentamente e encaro as expressões sombrias da sala. Brio se sentou à esquerda de Primo e está me encarando com muita veemência. Mordo a parte interna da minha bochecha enquanto meus olhos deslizam pela longa mesa, conectando-se brevemente com o olhar julgador de cada homem sentado, até que pousam em Massimo. Ele está de pé, tendo puxado a cadeira do seu lado esquerdo que foi desocupada por Brio.

Minhas mãos tremem quando dou o primeiro passo à frente, mas me recuso a olhar para o chão como faria no passado, mesmo com todos esses homens poderosos olhando para mim. Tudo o que eles sempre fizeram foi olhar para mim com desprezo. No entanto, apesar da pressão dos seus olhares, o desejo tão familiar de me esconder não me atinge.

Mais um passo. E depois outro. Mantenho meu queixo erguido, com o olhar fixo no de Massimo enquanto atravesso a sala. Não acredito que ele me convidou para participar da reunião. Isso não tem precedentes. Ele basicamente me proclamou igual a todos os homens aqui. Igual a Tiziano, que, há alguns anos, me pediu para buscar outra bebida para ele, achando que eu era uma das funcionárias na minha própria casa. E a Primo, que ouvi dizendo à sua esposa que, se meu pai oferecesse minha mão em casamento ao filho deles, eles precisariam encontrar uma maneira de evitar isso, esperando que papai cedesse e permitisse que Nera se casasse ‘com o querido Ruggero’ em meu lugar. E para Brio, que uma vez perguntou ao meu pai se eu tinha algum problema de fala porque preferia ficar quieta em reuniões sociais em vez de tagarelar sem parar como as outras meninas da minha idade. Todos eles devem estar fumegando por dentro, e eu não poderia estar mais feliz com esse fato.

Quando me sento, Massimo ajuda a deslizar minha cadeira para dentro e depois retoma seu lugar com uma leve inclinação da cabeça em minha direção.

— Agora, onde estávamos? — Ele pergunta casualmente, olhando para Brio.

— Você está vendendo nossos clubes de striptease para Ajello, — diz Brio entre dentes.

— Sim. E, em troca, ele está nos dando uma participação em seu projeto de construção em Manhattan. Estamos investindo em um complexo residencial premium meio a meio e dividindo os lucros da mesma forma.

O silêncio absoluto cai sobre a sala novamente enquanto os homens olham para Massimo com expressões que oscilam entre o choque e o espanto. Salvatore Ajello é conhecido por matar qualquer membro da Cosa Nostra de fora da sua própria Família que ouse entrar em seu território. Ele geralmente envia as partes do corpo de volta para seus respectivos Dons em um saco. Ou vários. O fato de ele ter concordado com um projeto conjunto em Nova York com outra família do crime beira a ficção científica ou a fantasia.

— Qual é o lucro esperado? — Pergunta Adriano, aparentemente de volta à sua perfeita compostura.

— Depois que a construção for concluída e os condomínios chegarem ao mercado, ele projeta sessenta e sete vírgula cinco milhões em ganhos para cada lado, depois dos impostos. Uma renda limpa e legítima que podemos facilmente reinvestir como acharmos adequado.

— Isso parece bom demais para ser verdade, — diz Brio. — Quem garantirá que Ajello cumprirá sua parte do acordo?

Massimo se volta para Brio, seu rosto é uma máscara de raiva mal contida. Sua mandíbula está bem cerrada e a veia em sua testa está pulsando, um sinal claro de que ele está prestes a perder a paciência.

— Está sugerindo que tenho agido contra os interesses da Família? — A voz de

Massimo é assustadoramente baixa. Ele parece pronto para matar Brio na hora. *Que merda.*

— Só estou dizendo que não vejo como isso beneficiaria Ajello. Por que ele iria querer nos deixar entrar? A menos que você tenha feito outro acordo *particular* com ele que não queira compartilhar com o resto de nós.

*Oh, Deus.* Brio acabou de insinuar que Massimo tem trabalhado em prol dos seus próprios interesses, ao contrário dos interesses da Família. Eu dou uma olhada em Massimo no momento em que ele está pegando a arma atrás das costas. Ele sempre carrega uma arma.

Debaixo da mesa, coloco a palma da mão na coxa de Massimo e aperto. Ele parece não perceber. *Que droga*. Aperto-a novamente, com tanta força que minhas unhas quase atravessam o tecido da sua calça. Seu corpo se retesa e, por um breve momento, ele apenas fica sentado com a mão suspensa atrás das costas. Olho para a superfície da mesa e aperto minha mão em sua perna até meus dedos doerem. O Conselho ainda não votou. Ele não pode matar aquele bastardo por insubordinação ou atrevimento. Pelo menos por enquanto.

Sem outra opção, continuo a fazer respirações longas e uniformes até sentir uma carícia suave em meus dedos. A mão de Massimo cobre a minha. Apesar da aspereza da sua pele, seu toque é leve como uma pluma. Tranquilizador. Levanto meu olhar e vejo Massimo relaxando em sua cadeira, com a outra mão sobre a mesa. Sem arma. *Graças a Deus.*

— De fato... — Sua voz é indiferente, o oposto completo do seu comportamento de apenas alguns segundos atrás. — Eu tenho um acordo com Ajello.

Todos os olhos agora estão voltados para Massimo, esperando. Seu olhar desliza por todos os homens presentes e se detém em Brio. — Ajello encontrou alguns obstáculos para obter licenças de construção para um projeto que planejou em Chinatown. Por acaso, a Tríade me devia um favor, então o Sr. Wang ficará feliz em ajudar nosso novo parceiro a obtê-las.

— Não me lembro da Família ter feito nenhum favor para a Tríade, — Tiziano resmunga.

— Porque a Família não fez. Eu fiz, — Massimo sorri. — E a dívida deles era significativa o suficiente para despertar o interesse de Ajello. É por isso que estou sentado aqui seis meses antes do esperado, depois que ele consertou as coisas para mim, — ele diz e encarar Tiziano com seu olhar implacável. Em seguida, ele se volta para Primo. — A partir do próximo mês, Primo, você estará lavando o dinheiro sujo de Ajello.

Os gritos de indignação explodem novamente, com os homens praticamente perdendo a cabeça em massa, mas Massimo continua relaxado em sua cadeira, observando esse último surto com um sorriso sereno. O tempo todo, ele mantém minha mão entre a sua sob a mesa.

— E o que vamos fazer com nosso próprio dinheiro sujo? — Sussurro.

— A família de Nova York cuidará disso para nós, é claro.

A gritaria para de repente e todas as cabeças se voltam para Massimo.

— Mesmo com inúmeras empresas de fachada, os negócios que usamos para lavar nosso dinheiro nos levam de volta a nós. Se alguém se aprofundar o suficiente, fará a conexão, — diz Massimo. — Esse risco praticamente desaparece com Ajello em cena. Sua infraestrutura acrescentará pelo menos três níveis de proteção, de modo que rastrear a origem do nosso dinheiro será duas vezes mais difícil. Entre os empréstimos hipotecários e os pagamentos de juros, os preços inflacionados serão uma lavagem. Acrescente serviços completos de concierge e todos os fornecedores complementares dos quais eles dependem, e esse complexo se tornará uma maldita licença para imprimir dinheiro. Então, nós ajudamos Ajello, ele nos ajuda. Problema resolvido.

Por quase um minuto, ninguém diz uma palavra. Eles apenas olham para Massimo.

— Você acha que vai funcionar? — Isso vem de Adriano, sempre o homem de negócios astuto.

— Como um relógio suíço, — declara Massimo. — E, se necessário, sempre podemos fazer com que os búlgaros ‘limpem’ nossos fundos extras por meio da sua rede de lavagens de carros. Só preciso tirar a Camorra do seu esquema primeiro.

— E como está planejando fazer isso? — Brio novamente.

— Expulsando Efisio e seus comparsas do nosso território. O idiota do primo dele, Alvino, ousou sequestrar a filha do Don. Isso nos dá motivos para retaliação. Quero a Camorra fora de Boston. Se eles não decidirem ir embora, eu os matarei, um de cada vez, até que nossas ruas estejam limpas da sua sujeira.

— Isso foi há mais de três anos, Massimo, — Brio acrescenta. — Não podemos agir agora.

Massimo inclina a cabeça para o lado e sorri. — Bem, eu estava fora da cidade por um tempo e só agora descobri esse pequeno detalhe. Para mim, é como se tivesse acontecido na sexta-feira passada.

— Não precisamos de conflitos com pessoas de fora. Isso é ruim para os negócios.

— Vou lhe dizer o que é ruim para os negócios, — Massimo vocifera e se inclina para a frente. — Nossos concorrentes pensando que podem fazer merdas como essa e se safar porque a Cosa Nostra é fraca. Essa era acabou. A partir de agora, todas as pessoas desta cidade saberão que ninguém brinca com nossa Família. Seremos o que já fomos - a personificação do medo e do respeito. As pessoas tremerão quando ouvirem o nome Cosa Nostra. E se eu precisar pintar as ruas de Boston com o sangue da Camorra para que isso aconteça, que assim seja.

Acenos de afirmação de todos ao redor da mesa. Até de Brio.

— Fico feliz que vocês concordem. Então, vamos fazer o que nos reunimos aqui

para fazer, certo?

Engulo. É hora do Conselho dar seus votos. O ritual de votação, o juramento e o subsequente juramento de fidelidade ao novo Don são sagrados. O convite de Massimo para que eu esteja presente nessa reunião significa muito para mim ‘algo que ele talvez nunca perceba’, mas não quero que ele quebre mais nenhuma regra por minha causa.

Dando outro leve aperto em sua perna, levanto-me e vou em direção à porta antes que ele possa me impedir.

— Quando terminarem, o lanche os aguarda na sala de estar, — digo por cima do ombro e saio apressada da sala de jantar.




A porta se fecha atrás de Zahara com um clique suave. Com sua saída, a animosidade aumenta dentro de mim mais uma vez. Há dez minutos, quase arruinei tudo pelo que trabalhei durante mais de duas décadas da minha vida. Se ela não tivesse agarrado minha perna e me tirado da raiva cega que ameaçava me consumir, eu provavelmente teria matado Brio onde ele estava sentado.

Adriano tira seus óculos de aro preto e me fixa com seu olhar perspicaz. Ele pode ser o homem mais tranquilo e afável da sala, mas sua palavra tem muito peso. ‘Dinheiro antigo’ fala, como dizem. Como acionista majoritário da sua empresa familiar de logística, seu patrimônio líquido pessoal é de cerca de dez bilhões, e mais da metade desse valor é investido em negócios da Cosa Nostra. Ao longo dos anos, foi-lhe oferecido o posto de capo mais de uma vez. Mas ele sempre recusou. Se não fosse por esse pequeno fato, eu teria apostado que era ele quem estava tentando me matar para poder se tornar o Don de Boston. Ele tem os meios, por alguma razão, mas nunca se interessou por um cargo oficial na hierarquia da Família.

— É incrivelmente impressionante, e um pouco confuso, que você tenha sido capaz de dirigir o portfólio de investimentos desta Família e cuidar dos negócios atrás das grades durante todos esses anos. E não só manteve tudo funcionando, como suas ações resultaram em ganhos financeiros significativos, — diz Adriano. — Sendo assim, acredito que você fará um trabalho ainda melhor no futuro, agora que pode se envolver abertamente. Você tem meu voto, Spada.

Aceito sua decisão com um aceno de cabeça.

Donatello e Patricio são os próximos, e nenhum deles jamais contradiria Adriano. Ambos acenam com a cabeça para indicar seu apoio. Eu me viro para o outro lado da mesa, olhando para os capos.

— Você tem meu voto, — dizem Primo e Tiziano em uníssono.

Brio permanece em silêncio, com o olhar concentrado em suas mãos cruzadas sobre a mesa. Seu rosto é sombrio, ainda mostrando traços de sangue agora seco. Ele realmente não quer que eu lidere a Família - isso é óbvio - mas com o resto do Conselho concordando, ele deve achar que não tem outra opção. Com os dentes cerrados, Brio também acena com a cabeça.

— Salvo? — Viro-me para o meu subchefe, ainda lutando para não lhe dar um soco na cara toda vez que olho para ele. Dias depois, não consigo me livrar da minha ira contra ele depois que teve a ousadia de pedir a mão de Zahara. Meu amigo ficou excepcionalmente calado durante toda a reunião e, por motivos que não consigo explicar, isso está me incomodando muito. Não é normal que ele fique de fora de uma discussão. Se havia uma coisa com a qual eu sempre podia contar, era com Salvo dando sua opinião.

— É claro que você tem meu voto, Massimo. Fico feliz em vê-lo finalmente assumir seu lugar de direito. — Ele se levanta do seu assento e se coloca diante de mim. — Minha lealdade e minha vida são suas, Don Spada.

Com os olhos baixos, ele se inclina para a frente e beija minha mão. É uma tradição antiga. Uma demonstração de adulação e fidelidade à sede do poder, mas também o reconhecimento da proteção que será recebida dessa autoridade misericordiosa. Nunca fui fã disso, porque me faz lembrar de um culto. Não preciso que eles me adorem como um santo. É a última coisa que eu sou. E com as mudanças que planejei, mudanças das quais muitos deles não gostarão nem um pouco, não tenho dúvidas de que eles não gostarão nem um pouco de mim. No entanto, os italianos, e especialmente os mafiosos, adoram suas cerimônias. Portanto, assisto pacientemente a toda a cerimônia até que todos os homens prestem seus respeitos.

— Vamos até à sala de estar para tomarmos alguns drinques e discutirmos como devemos abordar a questão da eliminação da Camorra — eu digo.

— Agora? — Pergunta Primo. — É quase meia-noite.

— Sim, agora. — Deixo meu olhar fixar-se neles. — As férias acabaram, senhores.

***

São quase duas da manhã quando o último homem sai. Mesmo com o pessoal de Peppe patrulhando o terreno e vigiando a casa, ainda faço uma varredura detalhada nos andares superior e inferior antes de subir as escadas para o segundo andar.

A porta do quarto de Zahara está fechada. Pressiono minha mão contra a superfície de madeira como se isso fosse me aproximar dela. Não acontece. Sei que ela está lá, do outro lado dessa barreira, mas o carvalho sob minha palma se tornou uma representação literal dos obstáculos que se interpõem entre nós.

Todo o meu ser está vibrando com o desejo de entrar, de simplesmente estar perto dela. A ansiedade que tem me atormentado nas últimas cinco horas, desde o momento em que ela saiu da sala de reuniões, me deixou tão perturbado que mal consigo respirar. Não sei como reprimir essa *necessidade* maníaca que tenho por Zahara. Meu autocontrole foi esticado até ao limite.

E não é por causa da atração sexual. Isso seria muito mais fácil de resistir. Zahara *é* linda, tão linda que só de olhar para ela meu pau traidor se contorce. No entanto, não é apenas sua beleza que me faz desejá-la. É *ela*. Apenas... ela.

Seu espírito.

O fogo feroz dentro dela.

Sua compaixão e compreensão ilimitadas.

Ela é a única pessoa que me faz sentir como eu mesmo. Com quem posso falar

sobre coisas que nunca falaria na presença de outra pessoa. Quando ela está perto de mim, sinto-me como o homem que já fui. Aquele que quero ser novamente. Ela é a cura para a minha loucura, abolindo-a com seu toque e seu sorriso. Assim como ela fez no início desta noite.

E na noite anterior. E na anterior a essa. Há dias venho perdendo a paciência com quase todos que cruzam o meu caminho. Os trabalhadores da reforma. A equipe de funcionários da casa. Pessoas em lugares públicos. Mas com o toque dela, uma palavra calma, um olhar, meu eu lunático desaparece. Zahara me estabiliza, como nada mais consegue. Sem ela perto de mim, temo que nem o mundo nem eu possamos sobreviver.

Ela é a peça que faltava em minha alma. Minha salvação.

Eu a quero. Quero-a em todos os sentidos possíveis. Como amiga. E como amante. Mas, acima de tudo, como simplesmente... *minha*.

Encostando a testa na porta, cerro os dentes.

Ela não é minha.

Nunca poderá ser.

E esse conhecimento me leva ao desespero total.

Fechando os olhos, bato com a testa na superfície de madeira.

Eu preciso dela. E não sei como fazer com que essa necessidade desapareça.

*Bang.*

Quero fazer com que ela seja minha. Ignorar a porra do escândalo. De qualquer forma, nunca me importei com o que as pessoas pensam de mim. Eu suportaria o desprezo e o desdém delas. Eu suportaria. Mas, ao fazer isso, eu a exporia ao estigma pelo resto da sua vida. A Família é implacável quando se trata desse tipo de coisa, e Zahara é pura demais para merecer seu desprezo.

*Bang.*

Eu preciso dela!

Sei que isso é errado. Sei que ela é digna de algo melhor. Isso não muda o fato que eu preciso dela! Era mais fácil resistir-lhe antes de provar o fruto proibido. Agora, não consigo me conter, não importa o quanto eu tente. É como se uma bela loucura tivesse tomado conta da minha mente. Apertando seu controle sobre mim sem piedade. Ela é tudo em que consigo pensar. Minhas mãos sobre ela. Meus lábios em sua boceta gloriosa. Não consigo tirar essas imagens da minha mente. Eu quero, mas não consigo!

*Bang. Bang. Bang.*

A porta se abre, revelando o meu anjo, banhado pela luz suave da luminária de chão perto da porta. Tão radiante. Deslumbrante. Brilhante. Assim como os reflexos de ouro avermelhado entre seus fios exuberantes que caem sobre os ombros e braços cobertos de renda. Seu cabelo é do mesmo tom da sua camisola na altura do joelho, e a seda se agarra às suas deliciosas curvas. Fora a noite passada, eu só a vi de calça e blusa de manga comprida.

— O que está acontecendo? — Ela pergunta, sonolenta, e esfrega os olhos com as mãos. Um gesto tão inocente e simples. Puta que pariu, ela é tão jovem.

— Nada, — grunho.

— Você está batendo como um maníaco, como se a casa estivesse pegando fogo, e diz que não é ‘nada’?

Sim... eu não chamaria isso de bater na porta. — Desculpe. Por tê-la acordado. Vou embora agora.

Ela estreita os olhos. — Isso é sangue?

Pressiono meus dedos na testa, bem na borda da têmpora. Eles saem úmidos e vermelhos. Devo ter rachado minha pele enquanto ‘batia’.

— Não é nada. Volte para dentro. E tranque a porta.

— Por quê?

— Você sabe por quê. Por favor, meu anjo. Não poderei me afastar até que você faça isso.

— Então não o faça.

Minha mente fica em branco. Posso sentir as amarras da minha restrição se romperem, desfiando como um fio desgastado pela idade. Agarro a moldura da porta, apertando-a como se isso fosse me ajudar a me fixar em meu lugar. Para me impedir de entrar em seu quarto.

Se eu fizer isso, não terei forças para ir embora.

— Zahara, — sussurro. — Feche a porta.

— Por quê?

A madeira racha com a pressão do meu aperto. — Porque se você não fizer isso, eu vou entrar.

Nem mesmo um passo completo. Essa é a distância entre nós. Uma tempestade selvagem se enfurece dentro de mim quando vejo Massimo parado do lado de fora da minha porta. Todo o seu corpo está tenso, inclinado para a frente com as mãos apoiadas no batente. Tenho a sensação de que essa é a única coisa que o mantém no lugar no momento. Cada uma das linhas do seu rosto está esticada como se estivesse gravada em pedra, mas ele me olha com olhos que refletem o mesmo tumulto que estou sentindo.

— Você não teve nenhum problema ao entrar ontem à noite, — eu digo. — Mas depois, você parecia temer pela minha alma mortal e agiu como se o que aconteceu entre nós tivesse sido um grande erro. Bem, você não é propenso a cometer erros, Massimo, e Deus o livre de repetir um. Portanto, não, não vou fechar esta porta. Você terá de dar meia-volta e ir embora por conta própria.

As narinas de Massimo se dilatam e ele respira fundo várias vezes pelo nariz — Salvo me pediu sua mão em casamento.

Eu o encaro, piscando em confusão. — O quê?

— Ele pediu. — Ele diz. — Amanhã, vou informá-lo de que estou... de acordo.

Eu recuo como se tivesse levado um soco no estômago. Ele está me entregando? Para Salvo? Como se eu fosse um objeto de que ele não precisa mais? Mas que porra é essa? Peppe estava certo; ele disse que Massimo faria qualquer coisa para me manter longe dele mesmo. Eu só não esperava isso. Não essa... essa *traição*. Essa é a única palavra para isso. Como ele pôde fazer isso? Me machucar desse jeito?

A menos que...

Inclino o queixo e encontro seu olhar. Seus olhos estão praticamente brilhando - a raiva está queimando neles. E angústia. Ciúmes.

— Tudo bem. Se essa é sua decisão, quem sou eu para contradizer o Don? Boa noite, *Don Spada*. — Com dedos trêmulos, empurro a porta, fechando-a bem na cara dele.

Estou na metade do quarto, mal conseguindo me controlar, quando um estrondo alto sacode as paredes ao meu redor. Quase pulo de susto, dou meia-volta e vejo a porta aberta com um chute e o homem enorme preenchendo a soleira. Os olhos de Massimo parecem enlouquecidos e fixos nos meus.

— Você gosta de Salvo? — Sua voz é baixa, cheia de veneno.

Eu sabia disso. Esse bastardo *mentiroso*. Ele estava blefando e nunca teria levado adiante aquele lixo que acabou de dizer. A última coisa que ele quer é que eu me case com Salvo. Posso ver sua falta de convicção estampada em seu rosto furioso. Isso não passa de uma tentativa de me afastar.

— Isso importa? — eu digo, com a voz embargada.

Massimo dá um passo à frente, entrando no quarto. Suas mãos estão fechadas ao lado do corpo com tanta força que os nós dos dedos estão brancos, e a veia em sua testa está pulsando.

— Você — mais um passo — gosta de Salvo?

A coragem desse homem. Ele não apenas abriu um buraco em meu coração, mas agora está rasgando os restos em pedaços.

Cerro os dentes e fecho o espaço entre nós.

— Sim, eu gosto de Salvo, — digo. — Acho que o casamento deve ser realizado no próximo mês. Podemos muito bem aproveitar o clima agradável. Presumo que ele tenha lhe pedido para ser o padrinho?

Massimo não diz uma palavra, apenas me encara com seus olhos ardentes, então continuo.

— Tenho certeza de que ele será um bom marido. Afinal de contas, você o escolheu para mim. Talvez batizemos nosso primeiro filho em sua homenagem.

— Nem a pau, — Massimo rosna e passa o braço em volta da minha cintura.

Eu sabia que ele era rápido, mas ainda estou chocada quando, em um piscar de olhos, me vejo sentada na escrivaninha, com as palmas das mãos de Massimo pressionadas contra a janela e segurando a cortina às minhas costas. Seu rosto está bem em frente ao meu, seu hálito quente se espalha por minhas bochechas. Se antes seus olhos pareciam enlouquecidos, agora eles estão positivamente desequilibrados. Ele nem mesmo pisca ao se inclinar para a frente e simplesmente me encara. Com as luzes baixas, suas íris parecem ter se fundido com suas pupilas.

— Você deveria ter fechado a porta mais cedo, Zahara.

Em um piscar de olhos, sua boca se choca contra a minha.

Abalo sísmico. Essa é a sensação de ser beijada por Massimo Spada. Os lábios - firmes e implacáveis - capturam os meus. Tomando. Dando. Consumindo.

Nosso primeiro beijo.

Um momento com o qual sonhei por anos. E nem se compara. Minhas fantasias não têm nada a ver com isso.

Uma sensação estranha toma conta do meu peito. Como se um milhão de cores de repente ganhassem vida, ansiosas para se libertar. O calor se espalha pelo meu corpo, iluminando-me como a aurora boreal.

A terra continua tremendo. Então, envolvo meus braços ao redor do seu pescoço e me seguro com toda a força, porque parece que estou me despedaçando, surfando nas ondas sísmicas enquanto ele devasta minha boca.

Nada sobre nós aconteceu em ordem. Seus segredos sombrios se tornaram meus muito antes do nosso primeiro encontro à luz do dia. Eu me apaixonei pelo homem muito antes de ver seu rosto. E apreciei o sabor do seu pau antes de provar a essência dos seus lábios.

Lábios que estão me devorando com urgência.

Lábios com sabor de doce agonia e derrota.

Lábios perfeitos, perfeitos.

Com suas mãos ainda segurando as cortinas, sinto falta da sua força ao meu redor. Solto seu pescoço e deslizo as palmas das mãos por seus braços, traçando os músculos. Músculos firmes, tensos. Tento cutucá-lo para que envolva seus braços em mim, mas puxar seus bíceps não me ajuda em nada. Seus membros são como vigas de aço, ancorados naquela cortina. É como se ele estivesse usando a força gravitacional para manter suas mãos longe de mim. Ele não se move, apenas continua a lançar seu doce tormento sobre minha boca.

Um gemido frustrado sai de mim. Puxo o lábio inferior de Massimo entre meus dentes e o mordo com força, depois puxo seus braços novamente. Estou dominada pela necessidade de que ele me toque.

— Porra, — ele rosna. Então, o peso hesitante da palma da sua mão passa pela parte inferior das minhas costas.

Gentilmente, sua mão desliza ao longo da minha coxa, arrastando a bainha da minha camisola até que as pontas dos seus dedos trilhem a borda da minha calcinha. É um toque de plumas, mas que provoca uma onda de choque em minha espinha. Sinto arrepios na pele. Continuo a beijá-lo profundamente enquanto passo as mãos por seus ombros e depois desço pelo seu pescoço até à gola da sua camisa social. Até ao primeiro botão. Meus dedos tremem quando desajeitadamente abro o pequeno fecho.

Ao longo do meu quadril, passando pelas costas, Massimo continua acariciando minha pele. Movimentos leves e hesitantes. São uma grande contradição com a maneira faminta e inflexível com que ele está devorando meus lábios. Minha cabeça está girando. Será que é a falta de oxigênio do beijo dele ou a ansiedade pelo que estou fazendo? De alguma forma, faço com que minhas mãos deslizem até ao segundo botão. E depois o seguinte. Quando sua camisa já está meio desabotoada, pressiono as palmas das mãos trêmulas contra a pele exposta do

seu peito.

Um estremecimento violento assola o corpo de Massimo. Ele interrompe o beijo, mas não se afasta. Sob minhas palmas, seu peito sobe e desce rapidamente enquanto ele olha diretamente em meus olhos.

— Zahara. — Sua voz é áspera, e posso praticamente sentir a vibração em minha pele.

Ninguém nunca diz meu nome como ele diz. Como se houvesse muito mais por trás dessa palavra do que uma simples combinação de sílabas. E agora não é diferente.

Há uma pergunta em sua entonação, a mesma que posso ver em seu olhar sombrio e sensual. No entanto, ele não a expressa, porque sabe que é errado perguntar, mesmo que isso esteja obviamente o destruindo. Posso ver claramente os sinais. O tique em sua mandíbula. A rigidez do seu corpo. Sua testa franzida. E suas respirações rápidas e superficiais.

— Quero que você seja o meu primeiro, — sussurro, deixando-o ouvir em meu tom tudo o que nunca ousei admitir.

Os olhos de Massimo se arregalam. A euforia e a angústia se misturam em suas profundezas escuras. As emoções conflitantes contorcem seu rosto, mas, lentamente, vejo a esperança vencer.

Ele está à beira de ceder. Render-se a essa inegável atração entre nós.

Minha camisola fica mais alta em meus quadris quando envolvo as pernas em torno da sua cintura e deslizo a bunda para a frente. Balançando na borda da escrivaninha, deixo sua dureza tocar meu âmago. Ele está excitado. Por minha causa.

Com mais firmeza, eu o atraio com mais força contra mim. A umidade se acumula entre minhas pernas no instante em que faço isso.

— É realmente tão errado assim? — Pergunto enquanto deslizo minha mão

sobre a barba por fazer em seu queixo.

— Foda-se, anjo, — ele diz. Seu toque abandona meu corpo, a sua mão retorna para a cortina atrás das minhas costas. — Você sabe que é.

— Ninguém precisa saber.

— Não vou deixar que você seja meu segredinho sujo, Zahara. — Palavras rosnadas. — Você merece mais do que isso.

— O que eu mereço é fazer minha própria escolha. — Inclino o rosto para cima, colocando nossos lábios em contato. — Por favor, não me faça implorar.




Todo homem tem um limite para o quanto pode suportar. A linha em que o pensamento sensato finalmente se rompe, levando-o ao delírio absoluto. Aparentemente, o meu é Zahara dizendo *por favor*.

Há um som de rasgo quando a cortina em meu punho se desprende do seu trilho e cai no chão. Deslizo minha mão sobre seu quadril novamente, depois mais uma vez ao longo da borda da sua calcinha, deslizando minha palma em direção ao calor de Zahara. Ela suga um gole de ar e aperta os braços em volta do meu pescoço, ofegante. Passo a pressionar meus dedos em seu ponto doce.

— Você não tem ideia do que está fazendo comigo, — sussurro, esfregando o pedaço de tecido macio entre as coxas dela. Ela está encharcada. — O que você tem feito comigo desde que saiu daquela sala de visitas. Quase quatro anos atrás, ainda consigo ouvir o som daquela maldita porta. Ela se fechou em seu rastro com tamanha intensidade que senti como se as grades da prisão se fechassem ao meu redor novamente. Mas não foi apenas meu corpo que ficou preso naquele momento. Meu maldito coração também foi enjaulado.

Afasto a parte úmida da sua calcinha e acaricio suas dobras sedosas. A maneira como ela agarra meus ombros, mantendo-se bem na borda da mesa para me dar maior acesso, está me deixando fora de mim. Incapaz de resistir, meus lábios roçam a área sensível sob sua orelha. — Eu devorei cada carta que você enviou. Elas eram a minha salvação, mas também a fonte do meu maior medo. Eu estava apavorado por você, querida. E me odiarei para sempre por tê-la colocado nessa situação. Por ter enviado meu anjo para as profundezas da cova dos lobos. Nunca vou me perdoar por isso.

— A decisão foi minha. — Seu núcleo treme sob meu toque, mas sua voz permanece firme. Determinada. — Minha escolha. Não ouse diminuí-la assumindo a responsabilidade por ações que foram estritamente minhas. Você

não pode tirar isso de mim, Massimo.

— Tão feroz. Um cordeiro que acabou se tornando um lobo. — Pego seu lábio inferior com meus dentes e o mordo. — Você entende como é incrivelmente notável, minha loba corajosa?

Ela sorri contra minha boca. — Aprendi com os melhores.

Dando mais um leve toque em sua boceta, interrompo o beijo e encontro seu olhar. Suas órbitas cor de mel me observam atentamente, convidando-me a me afogar em suas profundezas. Eles brilham como se milhares de microestrelas estivessem agrupadas em seu interior, seu calor irradiando através de mim.

— Quero fazer amor com você, Zahara. Quero conhecer seu corpo tão bem quanto conheço sua mente. Estou sofrendo, anjo. Faminto por você, e seria minha honra e meu maior desejo ser o seu primeiro.

***E o único,*** grita a voz desviante dentro da minha cabeça. ***Minha! Ninguém mais pode tocar no que é meu!***

Empurro o intruso para longe e coloco o rosto de Zahara em minhas mãos.

— Lamberei e morderei cada centímetro da sua pele, se você permitir. Com cada carícia e cada beijo, eu a marcarei como minha. Não há nada neste mundo que eu queira mais, mas preciso saber se você está pronta para fazer isso comigo.

Estou bem ciente da sua autoconsciência em relação a sua pele. Ela nunca me disse uma palavra sobre isso, mas conheço as preocupações que rondam sua mente sobre o assunto. E eu, talvez, possa entender melhor do que a maioria que, às vezes, a razão foge quando confrontada com o medo. Posso lhe dizer que ela é a coisa mais linda que já vi e continuaria dizendo até ficar com o rosto azul, mas ela não acreditaria em uma palavra sequer. Portanto, o que preciso fazer é mostrar-lhe. Por meio de ações, farei com que ela entenda o quanto ela é linda, como cada centímetro dela é a porra da perfeição.

O lábio inferior de Zahara treme. — Eu... eu nunca tirei minhas roupas na frente

de um homem, Massimo. Ou de qualquer outra pessoa, há muito tempo. Não tenho certeza se posso fazer isso.

— Está tudo bem, querida. — Acaricio seu nariz com o meu. — Vou beijá-la por cima da camisola.

Seus olhos estão grudados em minhas mãos enquanto alcanço os botões da camisa que ela abandonou. Desabotoando o próximo da fila, eu espero. Avaliando sua reação. Embora tenha sido ela quem começou, não quero presumir nada. — Devo continuar?

— Sim. — Uma resposta trêmula... ansiosa.

Aceno com a cabeça e termino de desabotoar minha camisa, deixando-a escorregar pelos ombros até cair no chão. Em seguida, levo a mão ao cós da calça. E espero.

— Tudo. Por favor, — ela diz, mordendo o lábio inferior enquanto seus olhos percorrem a parte superior do meu corpo.

Continuo me despindo, uma peça de cada vez. Depois de tirar o último pedaço da minha roupa, fico de pé diante dela e deixo que ela se satisfaça. Seus olhos brilham de fome. Ela se assemelha a uma caçadora voraz, de olho em sua presa.

Isso me excita pra caralho.

Os minutos passam, mas ela continua olhando. Me absorvendo. Uma respiração interminável de cada vez.

— Você não tem problema em ficar nu na minha frente? — Ela finalmente pergunta. — Deixar que eu o observe descaradamente?

— Não. Meu problema é revelar o que está escondido dentro de mim. Mesmo antes, era difícil para mim confiar nas pessoas. Em minha mente, todo mundo é uma ameaça em potencial. — Com meu polegar sob seu queixo, inclino seu rosto para cima. — Mas nunca com você. Confio totalmente em você. Sem uma única reserva. Confio mais em você do que em mim mesmo. Então, por favor,

fique à vontade para me olhar. De qualquer forma, sou todo seu. Corpo. Alma. Todo seu, Zahara.

— Por quê? — Ela sussurra. — Como você pode confiar em mim e em mais ninguém?

— Porque... eu te amo, querida. Com tudo o que há em mim - bom ou ruim - eu me apaixonei por você.

Arrepios explodem por todo o meu corpo, espalhando-se pelos meus membros e perseguindo os calafrios que descem pela minha espinha. À medida que a confissão de Massimo me invade, eu a absorvo. Cada som e sílaba individual. Minha mão treme quando estendo o braço e pressiono a palma da mão em seu peito nu. Pele quente. Músculos tensos. E a batida selvagem do seu coração. Eu o sinto.

— Estou apaixonada por você há tanto tempo que nem sei ao certo quando isso aconteceu, Massimo. — Minha voz quase falha quando sussurro as palavras. — Isso é... é um sonho?

Um sorriso gentil puxa seus lábios. Sem quebrar o contato visual, ele levanta minha mão para si.

— Talvez. — Sua boca passa pela parte interna do meu pulso. — Só há uma maneira de descobrir.

A língua. Quente e úmida, lambendo o ponto do meu pulso. Um roçar dos seus dentes enquanto ele suga minha pele. E então, uma picada aguda e rápida como um relâmpago - lá em um momento e desaparecendo com a mesma rapidez. Mas por tempo suficiente para me garantir que estou acordada.

Não é um sonho.

Seus lábios em meu pulso, apimentando-o com beijos. Acalmando a dor e explorando até onde podem ir. Somente até à franja da minha manga de renda. Massimo não se apressa, não tenta empurrar o tecido para cima. Lânguido, carinhoso, ele me saboreia como sou.

De repente, não consigo suportar. O tecido que está protegendo o resto de mim do seu beijo.

Sempre durmo de pijama de manga comprida porque me sinto mais confortável assim, mas neste momento... agora... preciso tirar minha camisola. Não quero nenhuma barreira entre nós. Quero sentir a suavidade dos seus lábios. Seus beijos com a boca aberta, suas lambidas e o mordiscar dos seus dentes. Quero sentir tudo isso. Em toda parte.

— Rasgue-a, — eu digo com a voz rouca. — A camisola.

— Anjo...

— Agora, Massimo.

Ele ergue os olhos do meu pulso e seu olhar se choca com o meu. Seus dentes se fecham sobre o punho da minha manga. Respiro fundo no momento em que ele sacode a cabeça, e o som inconfundível de uma renda se rasgando ecoa pelo quarto.

Um instante depois, seus lábios estão novamente em meu pulso, deslizando para cima ao longo da parte interna do meu antebraço. Mais rasgos preenchem o silêncio enquanto ele continua a destruir o tecido, seção por seção. Cada rasgo destrutivo é seguido por mais beijos, preguiçosamente espalhados sobre a pele exposta. Ele não para até chegar ao meu ombro. E então, ele passa para o meu outro braço.

Um toque de lábios. — Tão suave. — Rasgando com entusiasmo. — Tão, tão macia... — Um deslizar de língua, seguido de um beijo.

Minha respiração me deixa tão rapidamente que meus pulmões estão lutando para acompanhar. Minha cabeça está girando. Meu sangue está clamando por oxigênio ou isso se deve à magia dos seus lábios?

Não há tempo para contemplar a resposta, porque Massimo passa para a coluna do meu pescoço. Eu me estico, dando-lhe mais acesso, qualquer coisa para obter mais da pressão calmante da sua boca sobre mim. E então, uma nova onda de tremores me assola quando ele morde gentilmente minha clavícula. Minha

calcinha já está completamente encharcada, mas posso sentir mais umidade se acumulando entre as coxas.

Os próximos sons são os da minha camisola sendo rasgada ao meio, seguidos pelo ping de botões minúsculos que colidem com qualquer superfície que bloqueie seu caminho depois de serem enviados voando para todos os lados. O ar frio corre contra minha pele superaquecida enquanto a seda fina esvoaça ao meu redor como asas feridas antes de descer e pousar a seus pés. Naquela fração de segundo, eu ganho vida, voando tão alto quanto as nuvens, como se um peso enorme tivesse sido tirado das minhas costas.

Livre. Eu me sinto livre.

— Perfeição, — Massimo diz em uma voz estrangulada. Seus dedos estão subindo pelos meus braços. Lentamente. Deliberadamente. Por meus ombros e pelo vale entre os meus seios. Depois, suas palmas deslizam sobre meus quadris em direção às minhas costas.

Em um movimento rápido, ele me puxa para junto do seu peito e seus braços me envolvem. Ele me mantém presa em seu abraço de urso com tanta força que quase não consigo respirar. Com o rosto enterrado na curva do meu pescoço, ele inala. Uma longa e profunda inalação.

— Não posso viver sem você, Zahara. Você é o ar em meus pulmões, — ele murmura contra a minha pele. — Preciso de você.

Meus braços tremem quando os prendo ao redor de suas costas largas, enquanto suas palavras soam em minha cabeça como cristal. Sinto-me tonta quando seus lábios encontram os meus novamente. Acariciando. Beliscando. Depois, acalmando.

Inclino a cabeça para que minha boca fique bem perto da sua orelha. — Faça amor comigo, — eu ronrono.

As pernas da escrivaninha raspam no chão quando Massimo a empurra e me

agarra pela bunda. Virando-nos, ele me carrega pelo quarto. Prendo os tornozelos atrás de suas costas e mordisco seus lábios enquanto ele está à minha mercê, sentindo seu pau duro como pedra roçar minha boceta conforme ele caminha. As molas rangem quando ele sobe no colchão, enquanto ainda me segura com força em seu peito.

— Serei gentil, — ele sussurra enquanto me deita na cama e enfia os dedos no cós da minha calcinha. Lentamente, ele a puxa pelas minhas pernas. — Prometo.

Seus olhos escuros como um abismo sem fundo nunca deixam os meus enquanto ele se abaixa sobre mim, apoiando-se em seu cotovelo. Sua outra mão volta para minha boceta, seus dedos retomam aquelas coisas perversas que ele faz. Acariciando. Beliscando. Depois, acalmando.

Quando finalmente sinto a ponta do seu pau na minha entrada, estou meio perdida com a necessidade de tê-lo dentro de mim. Esperei por isso por tanto tempo. Eu o quero. Quero tudo. Agora! Mas ele fica imóvel novamente, e seus olhos procuram algo nos meus.

— Massimo?

— Não tenho camisinha.

— Estou tomando a pílula, — ofego. — Por favor, Massimo, se apresse.

Mas ele não faz isso. Cuidadosamente, ele empurra para dentro de mim um centímetro de cada vez.

Sei que devo esperar dor durante a minha primeira vez, mas o estresse sobre o quanto vai doer não está nem no meu radar. Tudo em que consigo me concentrar é nesse desejo maníaco de estar com ele como um só. Um só ser. Uma alma. Carnal e cerebral. Meu corpo zumbe, enquanto sensação após sensação me domina, não deixando espaço para o bom senso.

— Mais, — ofego.

— Não.

— Sim! Por favor! — Tento agarrar o cabelo na parte de trás da sua cabeça, mas a penugem curta demais escorrega por entre meus dedos. *Que droga!*

— Calma, meu anjo. Sou muito grande e não quero machucá-la.

Levanto os quadris, forçando-o a mergulhar mais dentro de mim.

— Porra, Zahara.

Um gemido explode do fundo do meu peito. Em parte por causa da dor, mas principalmente por causa da euforia. Sinto-me tão plena quando meu corpo o aceita. Meus batimentos cardíacos se tornam acelerados, tão rápidos que pode haver um perigo real do meu coração explodir. Pura alegria. Êxtase. Arrebatamento. A felicidade pura cresce em mim.

Massimo murmura de forma quase inaudível, xingando enquanto tenta se conter. E, por fim, não consegue. O ar fica preso em meus pulmões quando ele se enterra dentro de mim até ao fim.

— Querida? — Massimo diz, com a voz grave e tensa. Ele apoia a mão esquerda na cabeceira da cama, acima de nossas cabeças, enquanto segura meu rosto com a outra.

Nossas respirações se misturam. Rápidas e superficiais. Dentro. Fora. Dentro. Fora. Seu peito sobe e desce em ressonância paralela ao meu. Somos como duas metades perfeitas, finalmente unidas.

— Nunca imaginei que me sentiria assim, — ofego.

Seu polegar acaricia a lateral do meu queixo. — Como se fôssemos um só?

— Sim.

Lábios duros se chocam contra os meus, conquistando-me mais uma vez. Envolvo meus braços em seu pescoço e minhas pernas em sua cintura, basicamente esmagando-o contra mim. Nunca mais vou deixá-lo ir. Nunca. Massimo Spada me pertence. A mais ninguém. Não à *Famiglia*. Nem ao resto do mundo. Somente a mim. Ele é a razão pela qual meu coração está batendo. É

dele - sempre foi, sempre será.

Enquanto sua boca me devora com força total, seus quadris começam a se mover languidamente. Ele empurra para dentro de mim com movimentos medidos, e cada deslize aumenta minha percepção dele. Ele está em toda parte - por dentro e por fora - não há uma parte de mim que não esteja conectada a ele de alguma forma. Seu pau, afundando profundamente em meu calor. Seu corpo coberto por mim como o cobertor mais reconfortante. E suas emoções fluindo através de mim. Diretamente para o meu coração. Eu me deleito com essa nova sensação de tê-lo tão completamente. Esse homem, com sua mente brilhante, personalidade imperfeita e espírito indestrutível... ele é meu. Pela primeira vez, ele é completamente *meu*. E cada átomo de mim sente isso.

Pressiono meus lábios em seu braço, logo acima do olho do dragão tatuado ali, depois passo para sua clavícula, onde outra criatura está tatuada em sua pele. Seu queixo é o próximo. Eu o salpico com beijos, depois o mordo levemente enquanto minhas palmas deslizam por suas costas - suas costas largas e fortes que adoro admirar - antes de ir para seus braços novamente. Cada centímetro... preciso tocar e beijar cada centímetro dele.

Meu Massimo.

Os músculos musculosos dos seus braços se flexionam sob meu aperto enquanto Massimo aumenta o ritmo, mergulhando mais fundo a cada investida. Seu martelar implacável me leva mais perto do limite. Mais perto de... alguma coisa. Não tenho certeza se poderia nomeá-lo, ou o que é exatamente. Mas é primordial. E épico. E já sei que isso vai me mudar para sempre.

À medida que sou levada cada vez mais alto na crista de uma maré crescente, minhas paredes internas começam a ter espasmos em torno do seu pau. Eu gemo, dominada por uma estranha felicidade absoluta.

— É isso aí, meu anjo. Deus, você é tão linda, — ele rosna, batendo em mim. — Goze para mim, Zahara.

Como se pôr ordem dele, um grito suave escapa dos meus lábios e eu me estilhaço no momento seguinte. Não sou nada mais do que um emaranhado de sensações incompreensíveis e membros dormentes, como se não tivesse mais um corpo físico. Tudo o que posso fazer é me agarrar a Massimo para salvar minha vida, pois ele continua deslizando para dentro e para fora, enquanto tremores sacodem meu núcleo.

Beijos doces. Em meu ombro. Na clavícula. O raspar dos seus dentes em meu queixo. Ele está reproduzindo os beijos que lhe dei.

— Eu te amo, Zahara. — Palavras sussurradas em meus lábios.

Meus olhos se abrem, encontrando os dele. O calor refletido naquelas órbitas escuras me lembra chocolate derretido. Nunca o vi olhar para ninguém como ele está olhando para mim agora. Do jeito que ele sempre olha para mim. Somente para mim.

Eu suspiro. E sorrio. — Eu também te amo, Massimo.

Ele se mantém sobre mim, completamente imóvel, com seu pau ainda enterrado profundamente em minha boceta trêmula. Cada músculo do seu corpo está tão rígido que é como se ele fosse feito de pedra. Mas ele não está com frio. Não, o calor do seu corpo me aquece como nada jamais fez. Estou me divertindo em ser o foco do seu olhar ardente quando um estrondo profundo irrompe da sua garganta.

— Eu achava que minha jaula eram as paredes da prisão, Zahara. Mas passar por elas não quebrou os grilhões que me mantiveram confinado, — diz ele, rangendo os dentes. Sua voz é tensa, com um som cru. — Você, você é a minha salvação. E isso, isso finalmente me libertou.

Baixando a testa para a minha, Massimo retoma suas investidas fortes, deixando-me sem fôlego enquanto aquela pressão inconfundível se acumula rapidamente na base da minha coluna novamente. Em pouco tempo, outro orgasmo me atravessa, tirando meu mundo inteiro do eixo. Ao mesmo tempo, Massimo se

tensiona por toda parte e um rugido animalesco ecoa pelo quarto. Sinto seu pau se contrair e seu esperma quente explodir dentro de mim. Agarrando sua bunda, eu o puxo para junto de mim para que eu possa sentir sua pele suada e seu coração trovejando junto ao meu. E enquanto seu corpo treme em meus braços, seus olhos nunca se desviam de mim.

# Capítulo 19




A luz do sol da manhã que entra pela janela acaricia minha pele, seus raios caindo diretamente sobre meu peito, onde Massimo está passando o dedo ao longo da crista elevada da minha clavícula. Um pequeno sorriso se insinua em seus lábios pouco antes de ele abaixar a cabeça e beijar a parte mais profunda da minha garganta. Eu me contorço, com cócegas por sua barba por fazer, e dou uma risadinha.

Ele se afasta rapidamente. — Desculpe-me. Vou me barbear.

— Não faça isso. Eu gosto de você assim. Robusto. Um pouco selvagem. — Estendo a mão e arrasto os nós dos dedos ao longo da sua mandíbula. — Isso significa que não preciso mais comer omelete no café da manhã?

— Por que seria isso?

— Peppe pode ter me contado como você tende a racionalizar as coisas. — Meus olhos encontram os dele e eu engulo o nervosismo que parece ter se instalado como uma bola de chumbo no meu esôfago. — Você não precisa inventar motivos e desculpas bobas para ficar me vigiando, especialmente por causa de uma paranoia infundada.

— Não é infundada, anjo. Quanto mais penso em tudo o que aconteceu, mais me convenço de que há uma conspiração de duas décadas contra mim. Uma conspiração que tenho certeza que foi arquitetada por alguém da Família.

— O que você quer dizer com isso?

— Bem, vejamos... — Ele passa a mão sobre mim, tirando um punhado de botões da mesa de cabeceira. Ele deve tê-los pegado e deixado lá enquanto eu

estava dormindo. — Tudo começou com a sentença imposta pelo juiz Collins. — Um dos botões foi colocado em minha barriga nua. — Isso foi contra a recomendação conjunta do meu advogado e do promotor público depois que aceitei o acordo. Peppe conseguiu localizar o desgraçado, portanto, farei uma visita a ele ainda hoje. — Outro botão se encontra logo acima do meu osso do quadril direito. — Depois, temos Leone. Embora ele estivesse por trás do tiroteio de Nuncio, tenho a sensação de que havia mais do que isso.

— Você acha que isso tem algo a ver com você? Mas como?

— Ainda não descobri. No entanto, logo depois que voltei do funeral de Nuncio, dois filhos da puta tentaram me matar no pátio. Os dois acabaram mortos em poucos dias, junto com o novo agente penitenciário que os contratou e orquestrou as circunstâncias para que eles me atacassem. Pedi a Salvo que investigasse o histórico do guarda para ver se ele conseguia rastrear a ordem de transferência de trabalho, mas ele não encontrou nada. — Massimo arrasta seu dedo para cima pelo vale entre meus seios, seu toque é leve e reverente. — O momento do ataque e as consequências são extremamente suspeitos.

— Deve haver algum tipo de rastro documental. Registros de emprego. Transações financeiras.

— Não há nada. — Abaixando-se, ele pega meu mamilo esquerdo entre os dentes e o suga gentilmente antes de colocar o próximo botão ao lado dele. — Também não posso ignorar as tentativas de assassinato a Nera. Duas delas. Não acredito que Armando tenha sido o único responsável por ambas. Meu instinto me diz que ele foi apenas um bode expiatório. E livrar-se de Nera não teve nada a ver diretamente com ela. Era outro golpe contra mim. — O quarto botão pousa no meu outro seio. — Assim como o ex-presidiário que atirou em nós no estacionamento do shopping.

Observo os pequenos fechos de pérolas espalhados pelo meu corpo nu. O que fica próximo à ponta do meu seio direito está na borda de uma grande mancha de

pele clara. É a área que mais me preocupa. Sempre achei que isso fazia com que meus seios pareçam estranhos. Não sexy. Mas essa convicção é fácil de ser descartada com Massimo olhando para esse globo em particular com um olhar excepcionalmente faminto.

— Coincidência? — Pergunto.

— Há muita premeditação para que tudo isso seja uma coincidência. Alguém tem se esforçado muito para impedir que eu assuma o cargo de Don. — Sua cabeça se abaixa mais uma vez para lamber meu seio. Sua língua quente circula em torno do botão. Uma vez. Duas vezes. Em seguida, Massimo arrasta sua boca até minha clavícula. Seu ponto favorito, com base na frequência com que ele volta a ele. — Parece que não sou o único marionetista da Família. Há mais alguém nesse jogo. E ele está mexendo os pauzinhos há anos. Por dentro.

Deslizo minha mão sobre o cabelo crescendo na parte de trás da sua cabeça. Os fios espetados fazem cócegas em minha palma, e eu adoro isso. — Você está falando de vinte anos, Massimo. Quem investiria tanto tempo e esforço?

— Alguém muito inteligente, que possa se dar ao luxo de jogar o jogo longo. Alguém com muita paciência. — Dando uma última lambida em minha clavícula, ele se afasta e coloca os últimos botões entre meus seios.

Será que meu corpo nu acabou de se tornar um tabuleiro de xadrez?

— Não posso deixar de pensar que há mais do que a fome de poder por trás de tudo isso. Parece pessoal, — acrescenta.

— Mas por quê?

Um sulco se forma em sua testa e seu olhar estreito me observa. — Não faço a menor ideia. Sejamos francos, não sou exatamente um cara simpático. Cada um dos capos poderia se beneficiar se eu fosse retirado de cena. Com o apoio certo, qualquer um deles poderia reivindicar a posição de chefe. No entanto, não vejo nenhum desses cretinos tendo a coragem de seguir adiante por tanto tempo. E até

à semana passada, nenhum deles sabia que era eu quem estava comandando a Família durante todo esse tempo.

— Salvo sabia.

Seus olhos se arregalam, encontrando os meus. — Ah, se eu pudesse ter essa sorte. Isso me daria uma desculpa para estrangular o desgraçado, e eu faria isso sem um pingo de arrependimento. Não acredito que o filho da puta ousou reivindicar você para ele. Se fosse outra pessoa, já estaria morto há muito tempo e apodrecendo em uma vala em algum lugar. Mas não pode ser ele. Salvo tem me ajudado desde o início. E não se esqueça de que ele tinha a minha idade quando fui preso.

— Então, quem?

— Por alguma razão, minha mente continua voltando para Adriano. Ele tem o dinheiro e as conexões para fazer isso. Ele recebeu a oferta de um posto como de capo várias vezes ao longo dos anos, mas sempre recusou. Mas talvez essa seja sua estratégia. E se ele estiver almejando o posto mais alto o tempo todo?

— Adriano não faria mal a uma mosca. Ele é um homem de negócios, não um assassino.

Botões minúsculos se espalham por toda parte quando Massimo agarra minha cintura e nos faz rolar para que eu fique em cima dele.

— Você não deveria falar tão bem dele, anjo. Eu preciso de Adriano, então prefiro não ter que matá-lo porque você gosta dele.

Eu bufo e encosto meu queixo em seu peito. — Não faço ideia de por que você está tão obcecado por Adriano.

— Porque ele é o único homem de quem já ouvi você falar bem.

Uma batida na porta me livra de ter que responder a essa bomba.

— Srta. Zahara, — Iris gorjeia do outro lado. — Sinto muito por acordá-la. O designer de interiores está aqui com as amostras de azulejos para os banheiros, e

não consigo encontrar o Sr. Spada em lugar nenhum.

Estou prestes a lhe dizer que Massimo está aqui quando ele pressiona o dedo em meus lábios e balança a cabeça.

— Por quê? — Sussurro, levantando uma sobrancelha.

— Não.

Eu suspiro. — Estarei lá embaixo em quinze minutos, Iris.

Quando ouço seus passos se retirando, fixo o olhar em Massimo. — Achei que tínhamos conversado sobre isso e chegado a uma conclusão sobre nossa situação.

— Não fizemos isso. — Ele cobre meu rosto com as palmas das mãos. — Eu mataria para ter a chance de segurar sua mão em público e gritar para todo mundo que você é minha, Zahara. Mas não podemos.

— Por que não? Ainda se trata do que a família vai pensar de mim? Porque, se for, pode ter certeza de que não dou a mínima para a opinião deles.

— Você diz isso agora. Mas acredite em mim, anjo, quando você realmente se deparar com isso... Quando sentir a condenação deles seguindo-a aonde quer que você vá, vê-los apontando o dedo para você e falando merda pelas suas costas... — Ele balança a cabeça como se estivesse tentando se livrar de uma imagem mental desagradável. — Eu cortaria a garganta de qualquer um que se atrevesse, é claro, mas isso não apagaria a dor que suas palavras maldosas poderiam causar. Detesto a ideia de ver estresse e tristeza em seu rosto angelical, mesmo que por um mero momento, especialmente se... — Ele de repente se cala.

— Se o quê?

— Alguém quer me matar, Zahara. Eles falharam até agora, mas isso não significa que não terão sucesso da próxima vez. Não vou deixar que você seja arruinada por minha causa antes que eu possa eliminar essa ameaça. Os pretensiosos de merda a mastigariam e a cuspiriam antes que meu corpo

esfriasse.

— Nada vai acontecer com você, está me ouvindo? — Eu vocifero. — E eu não preciso que seja cuidadoso, Massimo. Posso cuidar de mim mesma.

— Mas eu quero cuidar de você, querida. Você não entende? Quero que seja feliz, livre de problemas. Mas, acima de tudo, preciso que esteja segura. Salvo pode estar certo - ao mantê-la perto de mim, talvez eu tenha colocado um alvo em você também. — Ele fecha os olhos e balança a cabeça novamente. — A ideia de que algo te aconteça...

— Nada irá...

— Nunca colocarei você em perigo conscientemente. Eu quero você comigo. Sempre. Mas não me peça isso, porque eu não o farei. Não há outra maneira.

Eu engulo. Existe uma maneira. Podemos fugir. Deixar este lugar e ir para algum outro país onde ninguém possa nos encontrar. Se alguém pode fazer isso, é ele. No entanto, ele teria que abandonar tudo pelo que trabalhou nas últimas duas décadas. Eu nunca lhe pediria isso. E, em meu coração, tenho medo de que ele não faça isso de qualquer forma. Não por mim. Provavelmente sou estúpida por sequer pensar em algo assim.

— Eu deveria ir me arrumar. O designer de interiores está esperando lá embaixo. — Desço de cima de Massimo e vou para o banheiro.

Ao passar pelo closet, vejo meu reflexo nas portas espelhadas. Exceto por algumas partes dos meus seios e ombros cobertos por fios de cabelo emaranhados, todo o meu corpo está à mostra. O cômodo é banhado pela luz da manhã, tornando cada marca claramente visível. Nem me passou pela cabeça colocar um lençol ao meu redor para me cobrir.

— Admirando a si mesma, anjo? — Massimo sorri enquanto se posiciona atrás de mim, envolvendo os braços em minha cintura.

Inclino a cabeça, concentrando-me nas manchas de pele mais clara ao redor dos

olhos e, em seguida, desvio o olhar para baixo. Para áreas pálidas maiores em meu peito. Depois, para algumas estrias proeminentes dos meus seios que cresceram rápido demais quando eu tinha dezessete anos. Para algumas outras em meus quadris - quadris largos demais para se encaixarem no padrão de beleza aceito.

Lentamente, meu olhar retorna ao meu rosto, dessa vez focando nos olhos. No nariz. Lábios. Minha irmã sempre me disse que eu era bonita, mas nunca acreditei nela. Eu não conseguia enxergar além das minhas imperfeições porque, no fundo, não gostava de quem eu era por dentro. Insegura. Assustada. Alguém que preferia evitar confrontos a se defender.

Bem, não sou mais essa pessoa.

Vejo o olhar de Massimo no espelho. Seus olhos ardem de desejo descarado. A julgar por seu pau duro pressionado contra minhas costas, ele gosta do que vê. E, surpreendentemente, pela primeira vez em minha vida, eu também gosto.

— Acho que sim, — digo.

— Ótimo.

Sua palma esquerda desliza lentamente pelo meu estômago. Ele não é tão plano quanto eu gostaria que fosse, mas a vontade de contrair os músculos sob minhas curvas suaves não surge.

A mão de Massimo se move para cima, apertando meu seio levemente antes de mover as mechas do meu cabelo que repousavam sobre a protuberância para trás das minhas costas. Os dedos tatuados deslizam pelo meu peito e pescoço até se fixarem em meu rosto, segurando meu queixo.

— Quer saber o que eu vejo quando olho para você? — Palavras sussurradas bem perto do meu ouvido. — Toda vez que olho para você?

— Sim, — admito.

Seus lábios roçam a minha testa. Exatamente sobre a grande mancha de pele

clara acima dos meus olhos. O local que eu sempre desprezei.

— Você é perfeita. Única. Impecável. Por dentro e por fora. — Abandonando a mão que segurava minha cintura, ele deixa sua mão direita se mover para baixo. — Eu poderia admirar sua beleza todos os dias, e uma vida inteira disso não seria suficiente. — Ele desliza o dedo pelas minhas dobras, fazendo-me ofegar. — Eu poderia dizer o quanto você é linda, mas, se não se importa, prefiro expressar minha admiração com a língua.

Mordo o lábio. — Não me importo nem um pouco.




A brisa do meio-dia sopra por entre as árvores, agitando as folhas. É tão suave que não há som real, mas ainda assim consigo ouvi-la. Depois de quase vinte anos sem nada mais próximo da natureza do que um pedaço de grama pisoteada no pátio da prisão, essas melodias da floresta são uma intrusão bem-vinda. Paro e respiro fundo o ar fresco de Vermont antes de continuar meu passeio em direção ao cais frágil na beira de um pequeno lago.

Um homem de cabelos brancos e constituição robusta, vestindo uma camisa xadrez azul e calça camuflada verde, está descansando em uma cadeira Adirondack, jogando migalhas de pão na água. Completamente relaxado. Ele está desfrutando da tranquilidade ao seu redor e nem sequer registra o rangido das tábuas de madeira quando entro no cais.

— O senhor é um homem difícil de encontrar, meritíssimo.

O juiz Collins se sobressalta em seu assento e, em seguida, se esforça para se levantar o mais rápido que sua cintura permite. O saco de migalhas de pão cai da sua mão e vai parar na água. Imediatamente, um tumulto irrompe de um bando de gansos próximos. Os pássaros batem as asas e buzinam de forma desagradável enquanto atacam os restos da sua refeição. A cena, antes serena, transforma-se em um hospício selvagem. É um cenário e tanto para a postura petrificada do juiz. Ele ainda não teve coragem de me encarar.

— Já faz muito tempo desde a última vez que nos vimos, — acrescento enquanto caminho até ao final do cais e paro logo atrás dele. — Dezessete anos e meio, para ser exato.

Lentamente, um Collins de rosto pálido se vira. Apesar do dia não estar muito quente, há uma linha de suor grudada em seu cabelo. O bastardo envelheceu. E não em um bom sentido. Ou talvez seja o fato de estar morrendo de medo que o

faz parecer que já está com um pé na cova.

— Eu-eu... Não foi... — ele gagueja, com os olhos fixos no coldre que aparece dentro do meu paletó desabotoado. — Eu não tive escolha. Me desculpe.

— Mm-hmm.

Puxando a cadeira em minha direção e virando-a de lado, dou a volta e sento minha bunda no amplo braço da cadeira. Collins acompanha minhas ações com olhos arregalados e frenéticos. Ele não move um músculo, apenas fica parado na beira da doca, parecendo bastante cômico em seu traje de caipira.

— Não tinha escolha. — Cruzando os tornozelos, eu me apoio na borda sólida. — Então, qual era a escolha que você tinha?

Ele engole. Em voz alta. Seus olhos se voltam para minha arma. — Uma sentença máxima para você ou meus laços com a máfia seriam expostos.

— Entendo. Quem fez a oferta?

— Eu não sei. Eu juro. Lá... eu... eu recebi um bilhete. Não estava assinado, e não tenho ideia de quem o enviou. As instruções exigiam prisão por tempo integral, sem a possibilidade de liberdade condicional. Eles... eles tinham uma lista de tudo o que eu fiz em nome da Cosa Nostra.

Eu sorrio. — Deve ter sido uma lista e tanto.

— Por favor. A culpa não foi minha. Eu... eu fiz o que pude por você. Corri um risco ao condená-lo a apenas 18 anos em vez do máximo de 20 anos.

Manchas de suor se espalham por suas axilas. Ele parece tão velho e patético, tentando justificar como salvou a própria pele às custas da minha. Que covarde de merda. Onde está o senso de honra? De aceitar a responsabilidade por suas próprias ações? Se você faz uma besteira, pelo menos tenha a coragem de assumir suas decisões, pelo menos. Não esse filho da puta.

Se ele tivesse me dito que eu merecia a punição, eu o teria deixado ir. Mas isso?

Esse idiota não vai receber nenhuma piedade de mim.

— Você consegue adivinhar quem foi? Quem poderia ter lhe enviado esse bilhete?

— Não. Não tenho a menor ideia.

***Ele está dizendo a verdade.***

*Eu sei. Ele teria revelado o nome no momento em que me visse, tudo para salvar seu traseiro inútil.*

Outro beco sem saída.

***Não me diga.***

— Bem, como não há mais nada que possa me dizer, acho que vou me despedir. — Eu me endireito e abotoo o paletó. Collins me observa com um misto de surpresa e alívio gravado em suas feições.

— Fico... Fico feliz que tenha resistido bem a isso. E você parece estar em boa forma. Está com boa aparência. Eu... gosto do novo penteado . — Um sorriso nervoso enruga seu rosto barbudo. — Se houver algo que eu possa fazer por você... ainda tenho contatos e...

— Há uma coisa.

— Claro. O que precisar.

Olho fixamente para o filho da puta hipócrita que desempenhou um papel importante na destruição da minha vida. — Não torne isso mais difícil para você do que precisa ser.

Por apenas um momento, eu me permito apreciar sua expressão confusa. E então, bato com meu punho em seu nariz, fazendo com que o bastardo voe para trás.

Ele atinge a água como uma pedra que afunda, provocando um respingo de proporções gigantescas. Os gansos levantam voo, enchendo o ar com uma

cacofonia de cacarejos altos. Entre suas batidas e a partida em massa das aves aquáticas locais, o lago, antes calmo, torna-se turbulento e turvo. Eu me aproximo da borda do cais e me ajoelho bem no momento em que a cabeça de Collins começa a emergir. Ele se debate loucamente, com os olhos arregalados e vermelhos, enquanto tenta recuperar o fôlego. E o tempo todo, movidos por um instinto de autopreservação, os pássaros fazem círculos no céu sobre nossas cabeças.

— Sabe qual foi a primeira lição que aprendi na prisão? — Sorrio e me inclino para a frente. — Raspar a porra da minha cabeça.

Minha mão se estende, agarrando um punhado do cabelo molhado dele no topo da cabeça. Ao som de uma buzina ressonante, empurro Collins para baixo das águas turvas. Ele se debate, tentando desesperadamente escapar das minhas mãos. O canto alto dos pássaros torna impossível que os gritos do juiz cheguem até mim, mas ouço seu lamento silencioso em minha cabeça. Isso me faz lembrar dos meus próprios gritos silenciosos cada vez que eu era jogado na solitária. Gritos de fúria e terror, enquanto eu lentamente perdia minha maldita mente. E me perguntava se algum dia conseguiria recuperá-la.

Mantenho sua cabeça embaixo da água até que seus dedos moles se soltem do meu pulso. Assim que o solto, seu corpo começa a afundar, seu rosto - congelado de horror - mal pode ser visto através do sedimento que ele agitou. E como se estivesse se esforçando para enxergar através da escuridão, seus olhos vítreos estão voltados para o céu. Em direção ao bando de pássaros que ainda está circulando, sempre fora de alcance.

Levantando-me, sacudo a água da mão e volto para a doca. Meu carro alugado está estacionado a alguma distância, atrás de alguns arbustos ao lado da estrada. Com o trânsito, levarei cerca de quatro horas para voltar para casa. Ou seja, pouco mais de oito horas - oito horas longe do meu anjo. E já comecei a sentir os efeitos de estar separado dela.

Raiva. Medo. Falta de ar.

Ela é realmente o ar de que preciso para continuar vivendo.

Pego o celular no bolso.

***Guarde isso. Você ligou para ela há uma hora.***

*E daí? Quero ter certeza de que ela está bem.*

***Awww... Você está se tornando um coração mole.***

*E você está se tornando um incômodo. Por que não vai se foder?*

***Bastardo ingrato! Se não fosse por mim, você não teria nada para onde voltar.***

*Exceto minha sanidade. Agora, você pode calar a boca para que eu possa fazer essa ligação? Não posso ter uma conversa com você à espreita e tagarelando ao fundo.*

***Não, acho que vou ficar por aqui. Ver você irritado é sempre um prazer.***

*Mentiroso.*

***É o que você diz!***

*Não é só para a sua diversão. Você também quer ouvir a voz dela.*

***Psst... Você se esqueceu? Eu ouço tudo, mesmo quando você acha que eu não estou por perto.***

Aperto a ponta do meu nariz. Eu sabia disso, é claro, mas não gosto de ser lembrado do fato.

***Você é eu. Eu sou você. E não vou a lugar nenhum, portanto, resolva isso. E ligue para a nossa garota.***

*Vai ficar calado?*

***Tudo bem.***

*Certo.* Aceno com a cabeça e digito o número de Zahara.

# Capítulo 20




— Não sirva mais conhaque para Tiziano, — sussurro para a empregada enquanto ela passa por mim, carregando uma bandeja com garrafas cheias pela metade.

A garota parou, com o olhar voltado para o grupo de homens sentados à mesa no meio do salão. — Mas ele acabou de pedir outro. Um duplo.

— Eu sei. Em vez disso, leve a ele um copo cheio de ginger ale sem gás. Duvido que ele perceba a diferença a essa altura. No entanto, se ele perceber e começar a lhe causar problemas, dê meia-volta e vá embora. Eu cuidarei dele nesse momento.

Acompanho os movimentos da garçonete enquanto ela faz um breve desvio de volta ao carrinho de bebidas antes de se aproximar dos capos. Em seguida, ela coloca as bebidas diante de cada um e, basicamente, sai da sala. Meus olhos se concentram no Capo Tiziano enquanto ele prova seu ‘conhaque’. Ele resmunga por um momento, provavelmente confuso por ter recebido a bebida errada, mas tem bom senso suficiente para não agravar a questão ou chamar muita atenção para ela.

Tomando um gole do meu vinho, apoio meu ombro no batente da porta e observo os homens na sala de estar por cima da borda da minha taça. Os membros do Conselho. Massimo resmungou o dia todo por ter de organizar essa reunião informal com bebidas. Tive que lembrá-lo várias vezes de suas próprias palavras: *Mantenha seus amigos por perto, mas seus inimigos mais perto.*

Como o juiz Collins não foi capaz de fornecer nenhuma informação útil, ainda

não temos ideia de quem está tramando pelas costas de Massimo. Portanto, isso era uma necessidade. Uma maneira de observar todos os homens do alto escalão em um ambiente casual, talvez obter uma leitura de cada um deles enquanto estão com a guarda baixa. *Será que um deles é um traidor?* Além disso, é uma maneira de brincar um pouco com seus egos enormes. Os capos adoram demonstrar respeito ao serem convidados a entrar na casa do Don. Portanto, embora Massimo não goste disso, ele ainda tem que lidar com esse circo. Isso faz parte da descrição do cargo.

Do outro lado da sala, Primo parece estar em uma discussão acalorada com Brio. Com base na expressão séria no rosto de ambos, eles devem estar discutindo finanças. Tiziano parece ter se esquecido da sua bebida, pois agora está conversando com Salvo, que está perto da estante do canto. Assim que meu olhar se volta para o subchefe, desvio rapidamente o olhar. A última coisa que quero é ser pega em contato visual com ele. Na última hora, peguei Salvo me encarando várias vezes, o que me deu arrepios. Ele até me elogiou quando chegou hoje à noite, e isso foi muito estranho.

Sabendo que todo o Conselho estaria presente nessa noite, escolhi uma roupa conservadora para mim - uma calça simples cor de vinho e uma blusa preta com decote alto. Não é nada que eu não tenha usado antes e é o traje típico que me permitiu passar facilmente despercebida em várias funções sociais. Mas esta noite, Salvo não é o único que está me olhando. Embora eu tenha me mantido discreta, escolhendo um lugar para ficar ao lado da entrada, todos notaram minha presença na sala. A lógica me diz que a atenção deles deve ser apenas devido à curiosidade por eu estar aqui e nada mais, no entanto, ainda sinto a necessidade de ajustar o decote e abaixar as mangas para esconder as mãos de vez em quando. Ao contrário de Massimo, ainda me sinto constrangida na frente da *Famiglia*, e é difícil superar isso.

— Você ouviu o que aconteceu com Collins? — Pergunta Primo, com a voz alta e um pouco tensa. — O pobre coitado se afogou na semana passada em seu

próprio lago.

Brio acena com a cabeça. — Que tragédia. O homem se mostrou útil em várias ocasiões em sua época. Não será fácil conseguir outra pessoa como ele em nosso bolso novamente. — Ele olha para Massimo, que está conversando com Adriano do outro lado do salão. — Algum juiz em sua lista de ‘perdão de dívidas de jogo’, chefe?

— Dois, na verdade, — Massimo sorri, seus olhos encontrando os meus do outro lado da sala.

No instante em que nossos olhares se cruzam, um choque elétrico percorre meu corpo. Isso acontece toda vez que aquele homem olha para mim. Posso estar coberta da cabeça aos pés, mas os olhos de Massimo têm um jeito de me tirar cada pedaço de roupa. Enquanto o observo, ele passa a língua sobre os lábios, como se já pudesse sentir meu gosto, e essa corrente de energia vai direto para o ápice das minhas coxas. As coisas que essa língua depravada pode fazer... Sinto o rubor subir pelas minhas bochechas só de pensar nas possibilidades.

— Isso é novidade, — acrescenta Brio. — Gostaria de compartilhar os nomes?

— Durante nossa próxima reunião. — Colocando o copo na mesa ao lado, Massimo atravessa a sala, com os olhos ainda grudados nos meus.

Ele para um passo à minha frente e apoia a palma da mão no batente da porta, a poucos centímetros do meu ombro. Não estamos nos tocando, mas sinto o calor do seu corpo como se ele fosse uma fornalha furiosa. Ou talvez isso se deva ao fato de que o olhar em seus olhos, quando me observam, é absolutamente abrasador.

— Quanto tempo mais precisarei suportar essa porcaria, anjo?

— Pelo menos mais uma hora, — sussurro.

— Tenho ideias muito melhores de como passar essa hora.

— Tenho certeza que tem. — Pego a tigela de pistaches no bufê à minha direita e

pego um punhado. Preciso de algo para ocupar minhas mãos ou posso esquecer onde estamos e mexer na fivela do cinto de Massimo. — Você discutiu as questões de transporte com Adriano? — Tento desviar o assunto.

— Não.

— Por quê?

— Eu tinha... outras coisas em mente. — Ele olha para a casca que eu estava tentando quebrar. — Dê-me isso. Por favor.

Levantando a sobrancelha, deixo cair os pistaches em sua mão estendida.

— Está entediada?

— Não particularmente. — Dou de ombros, observando-o fazer um trabalho rápido ao descascar os pistaches. — O que está fazendo?

— Não é óbvio?

— Que você está roubando meu lanche? Todo mundo está olhando, sabe. Pegue a tigela inteira e volte para Adriano.

— Mm-hmm... em um segundo. Dê-me sua mão.

Meu peito se aperta de emoção enquanto ele coloca as guloseimas sem casca na minha palma. Quando olho para cima, vejo que ele está me observando com um sorriso de satisfação no rosto. Ele não precisa dizer nada para que eu saiba o que ele está pensando naquele momento. Anos atrás, mencionei em uma das minhas cartas que os pistaches são meu lanche favorito, falando por um parágrafo inteiro sobre como odeio tirá-los da casca, mas continuo me recusando a comprar os já descascados. Ele me respondeu com: *todos nós somos um pouco loucos*.

— Diga às moças para não trazerem mais Courvoisier para Tiziano. Na verdade, corte o acesso dele a todas as bebidas alcoólicas. Ele está ficando muito tagarela para o meu gosto.

— Já fiz isso, — sussurro.

O sorriso de Massimo se transforma em um sorriso completo. — Claro que fez.

Ele então se vira e volta para onde Adriano está conversando com os outros investidores - Patricio e Donatello. Enquanto ele se afasta, absorvo cada detalhe do homem que me ensinou a ver o mundo além das nuances óbvias. Seu passo confiante e determinado. Sua postura, alta e imponente. Ele não está usando paletó, então posso ver a ondulação dos seus músculos sob o tecido cinza da sua camisa social. Tenho um conhecimento íntimo de cada elevação e vale daquele dorso magnífico porque, noite após noite, cobri cada centímetro dele de beijos.

Quando Massimo pega a bebida que abandonou na mesa ao lado, meus olhos se concentram em sua mão - dedos fortes e tatuados - segurando o copo de cristal. Arrepios se espalham por meus braços quando me lembro da sensação de ter aquela palma áspera deslizando por meu peito, acariciando minha pele, e depois descendo, entre minhas pernas. Ele pode fazer coisas tão perversas com esses dedos.

Estamos dormindo juntos há apenas duas semanas, mas parece que já faz muito mais tempo. Massimo conhece meu corpo assim como eu conheço o dele. Ele sabe do que eu gosto. O que eu desejo. Cada área sensível, cada ponto em minha pele. E eu, eu também sei como ele gosta de ser tocado. Quando ele quer ter o controle e quando está disposto a abrir mão dele. O que nunca acontece, a menos que ele esteja comigo. Mas minha percepção dele vai além do físico. É algo visceral e vivo, nascido da confiança e dos segredos compartilhados em um período de quase dez anos. Posso antecipar suas reações, ler seu humor, sentir suas emoções. É por isso que sei que sua atual postura relaxada enquanto conversa com Adriano é apenas um fingimento. Uma ilusão que cega a todos, exceto a mim. Os conflitos na prisão de Massimo podem ter chegado ao fim, mas ele ainda está constantemente em alerta. Um lobo que retornou à sua antiga matilha, ascendendo ao seu lugar de direito como líder, mas permanece vigilante como se ainda estivesse cercado por inimigos.

Enquanto continuo a observá-lo, sinto-me subitamente tomada por um desejo de abraçá-lo em proteção. Para assegurar-lhe que nem todos em sua vida são inimigos.

Como se percebesse meus pensamentos, ele desvia o olhar da sua bebida e seus olhos encontram os meus. Há muita ferocidade e determinação naquele olhar sombrio. Devo ser uma tola por pensar que poderia vigiar as costas de um homem como Massimo. Protegê-lo com minha própria força. Eu, uma ratinha boba que ainda prefere ficar de lado para que as pessoas não olhem para o seu rosto, a única parte não coberta da minha pele. Mas há uma coisa sobre os camundongos... seus dentes podem ser minúsculos, mas são afiados. E eu não hesitarei, nem por um segundo, em cravar os meus em qualquer um que se atreva a ferir meu homem.

— Srta. Zara — Iris se aproxima e fica do meu lado. — Desculpe-me por incomodá-la. Tinia está chorando no banheiro e não quer sair.

— O que aconteceu?

— Ela estava passando a camisa do Don. A favorita dele. A que ele disse que precisava para amanhã de manhã.

Aceno com a cabeça e saio do salão, indo para os aposentos da equipe.

— Quais são os danos? — Pergunto enquanto atravessamos o corredor.

— Está completamente arruinada. Tentei acalmá-la e argumentar com ela, mas Tinia não parava de chorar. Então, ela pegou a camisa e se trancou, emperrando a porta. Diz que nunca mais vai sair. — Iris dá uma olhada por cima do ombro. — Ela ainda tem pavor de Don Spada, desde que ele a expulsou da cozinha quando ela tentou ajudá-lo a preparar seu café da manhã, — ela sussurra.

Suspirando, chego até à porta do banheiro dos funcionários e bato gentilmente. — Tinia? Você poderia sair, por favor?

— Não posso. — Sua resposta é um soluço choroso do outro lado. — O Don

ficará ainda mais furioso comigo agora, e todos nós sabemos que ele não dá segundas chances. Vou ficar quieta.

— É apenas uma camisa estúpida. — Balanço a cabeça. — Apenas... me dê a maldita coisa. Eu lhe direi que a culpa foi minha, que eu a queimei.

— Ele não vai acreditar em você, senhorita. Ele... — Há uma fungada leve e, em seguida, a porta se abre e o rosto vermelho e inchado de Tinia aparece. — O próprio Don me entregou essa camisa e pareceu muito irritado quando disse que precisava que fosse passada.

— Não se preocupe. Eu cuidarei de Massimo. — Eu levanto minha mão. — A camisa, por favor.

— Ok. — Relutantemente, ela me passa um pedaço de tecido preto. Ele cheira a fibras chamuscadas, com leves tons de plástico derretido.

Jogo a camisa estragada por cima do ombro e estendo a mão para enxugar as lágrimas do rosto da garota. — Tudo vai ficar bem, você verá. Pegue suas coisas e vá para casa agora. Tire o dia de amanhã de folga.

Estou na metade do corredor quando ouço meu nome sendo sussurrado em meio à conversa silenciosa.

— Se a Srta. Zara for embora, vou sair desta casa. Que se dane o emprego.

— Acho que todo mundo faria isso, — acrescenta Iris no mesmo tom abafado. — Esperemos que isso nunca aconteça. Sua saída, quero dizer. Porque tenho certeza de que a carnificina será uma das principais notícias do noticiário noturno, depois que o Don ficar fora de si e destruir o lugar.

— Ele não vai ficar fora de si, — digo sem olhar para trás. — E, posso garantir a vocês, eu não estou indo a lugar nenhum.




Silêncio.

Eu costumava detestar e desejar o som dele. Os gritos, os murmúrios psicóticos. Os roncos altos que competiam com os ecos de coisas sendo batidas contra as barras de ferro na calada da noite. Esse clamor interminável costumava me enlouquecer a ponto de eu estar pronto para implorar por apenas alguns minutos de silêncio feliz para que eu pudesse dormir um pouco. Minha oração silenciosa se tornava realidade toda vez que eu era jogado na solitária. Sem gritos. Nenhuma batida. Nada... nada. Apenas o som das minhas próprias respirações. Como se eu estivesse enterrado vivo. Preso naquele buraco, era ainda mais difícil adormecer.

Por mais que eu tente, nunca consigo vencer - essa é maldita história da minha vida.

O rangido quase inaudível quebra a quietude do corredor escuro, fazendo-me congelar. Os filhos da puta repintaram a maldita porta, mas não lubrificaram as dobradiças. Com movimentos lentos e cautelosos, empurro a porta entreaberta apenas o suficiente para entrar no quarto.

Lá dentro, apenas uma pequena lâmpada de leitura está acesa, colocada sobre a velha escrivaninha que Zahara tem usado como mesa de trabalho para suas costuras. Ela contrabandeou a lâmpada da biblioteca do andar de baixo para poder continuar trabalhando até tarde da noite. Um pequeno sorriso surge em meus lábios. Espero que ela tenha resolvido o problema com os botões ocultos do blazer que estava tentando terminar esta semana. Ao lado, ajusto os controles do termostato, aumentando o aquecimento do quarto. Não posso arriscar que meu anjo fique resfriada.

Encostado na porta, eu a observo, como faço sempre que ela dorme antes de eu

chegar.

Minha Zahara.

O cobertor está emaranhado a seus pés, deixando seu corpo de dar água na boca à vista, permitindo que meus olhos percorram livremente cada centímetro da sua pele deliciosa e macia. Perfeita e magnífica, assim como a própria Zahara. Posso olhar para ela pelos próximos mil anos e ainda assim não ficar satisfeito. Ela é uma visão - mais do que eu esperava. Mais do que eu mereço. Mas ela é minha. Ela é... tudo.

Fico furioso com o fato de que há pessoas de má índole em seu passado que a fizeram sentir que, de alguma forma, ela tem defeitos simplesmente porque certas áreas da sua pele são mais claras do que outras. Lembro-me da maneira como ela puxava as mangas e ajeitava o cabelo para que caísse sobre o rosto durante nossos primeiros dias juntos. Naquela época, eu não entendia muito bem o motivo que a levava a esconder partes de si mesma, especialmente de mim. Afinal de contas, ela havia compartilhado comigo inúmeros detalhes da sua vida ao longo dos anos. Seus desejos. Seus segredos. Mas não isso. Nenhuma das suas cartas jamais mencionou seu vitiligo. Foi só depois de vê-la em uma sala cheia de homens egocêntricos que me dei conta. Sua necessidade de se esconder. Por que ela tentava permanecer invisível. Ela nunca me diria isso abertamente, mas tenho certeza de que é por causa daqueles idiotas e de outros como eles.

Mas o que eles sabem, os tolos ignorantes e de mente pequena? Zahara é perfeita. Exatamente como ela é.

É seu coração, e não sua aparência, que a torna única. Sua força e bondade a tornam cativante e irresistível. E, sim, a beleza de Zahara a distingue, me chama a atenção, mas apenas porque pertence a *ela*.

Meu amor.

É isso que Zahara Veronese é.

O carpete de pelúcia abafa meus passos quando me aproximo da cama, desabotoando minha camisa no processo. Tirar a calça exige um pouco de esforço porque meu pau está duro como granito - uma condição comum depois de uma única olhada na minha mulher. *Minha*. Com M maiúsculo. Saber que ela pertence a mim e somente a mim me excita como nada mais. Assim como o fato de que ela me quer. Me aceita. Me ama.

Quando finalmente tiro as roupas, subo na cama atrás dela e envolvo Zahara pela cintura com meu braço, puxando-a com força contra o meu peito e enterrando o nariz em seus cabelos. Jasmim. Liberdade. Paz.

Zahara.

Fechando os olhos, inalo seu perfume como se fosse a única coisa que eu precisasse para continuar. Para me manter vivo. Para me deixar descansar.

***Sério?*** A voz irritada grita dentro da minha cabeça. ***Seu pau está prestes a explodir e você vai simplesmente ignorá-lo e pegar no sono?***

*Sim. Vá embora.*

***Por quê?***

*Porque há mais de uma maneira de experimentar a felicidade, idiota.*

# Capítulo 21




— Srta. Veronese, — Iris chama da entrada da biblioteca. — O Sr. Canali está aqui.

Paro de costurar strass na bainha do vestido e gemo interiormente. Ele teve que aparecer enquanto Massimo estava fora cuidando da questão da Camorra.

— Don Spada não estará de volta antes das seis. Diga a ele para voltar por essa hora.

— Na verdade, vim falar com você. — Salvo contorna Iris, entrando na sala.

*Que maravilha.*

— Obrigada, Iris. — Pego outro strass e volto a me concentrar em meu trabalho. — O que posso fazer por você, Salvo?

Ele se aproxima da velha mesa de carvalho onde estou trabalhando com passos longos e lentos e apoia o ombro na estante. Ao longo dos anos, enquanto minha irmã liderava a Cosa Nostra, Salvo foi uma ajuda incrível. Sempre que havia um problema, ele interferia entre Nera e os capos, acalmando a situação e ganhando tempo para Nera quando necessário. Ele também se encarregou de fazer a maior parte do trabalho sujo, evitando que Nera tivesse que lidar com coisas desagradáveis o máximo possível. Não tenho certeza se ela teria sido tão bem-sucedida se Salvo não estivesse lá para apoiá-la.

No entanto, mesmo depois de tudo o que ele fez, nunca cheguei a gostar dele. Apesar das suas constantes e insistentes tentativas de me levar para jantar, bem como de uma oportunidade nunca perdida de me repreender por me colocar em perigo pelo bem de Massimo, ele permaneceu um perfeito cavalheiro. Mesmo

quando eu sempre rejeitava seus avanços. Mas ainda assim... não consigo me livrar do leve desconforto que me invade quando estou sozinha em uma sala com ele.

— Para sua irmã? — Pergunta ele, acenando com a cabeça para o feixe de seda vermelha à minha frente.

É compreensível que ele tenha presumido isso. Vermelho é a cor favorita de Nera. Mas, por acaso, também é a minha. Só que eu nunca a uso. — Acho que você não passou por aqui para discutir meu último projeto de costura.

— Por que não? Gosto de conversar com você. E gostaria de passar mais tempo em sua companhia, se me permitir.

Meu Deus, ele simplesmente não desiste. Se eu pudesse contar a Salvo agora mesmo que estou com Massimo, isso acabaria de uma vez com todas com essa bobagem. Só que eu prometi a Massimo que manteríamos nosso relacionamento em segredo. Por enquanto.

— Já tivemos essa discussão várias vezes. Você é um cara legal, Salvo, mas não estou interessada em sair com você.

— Sim, mencionou isso. — Ele se inclina para longe da estante.

Com as mãos fechadas atrás das costas, Salvo caminha pela biblioteca, observando as prateleiras repletas de livros e as pinturas a óleo penduradas nas paredes. Quando chega à lareira, ele para e inclina a cabeça, observando a paisagem de inverno em uma moldura dourada ornamentada pendurada acima da lareira.

— Isso pertencia ao meu pai, sabia, — diz ele. — Estava em minha família há gerações, até que papai teve de vendê-la, juntamente com muitas outras obras de arte, para cobrir suas dívidas de jogo. O pai de Massimo comprou todas elas pelo triplo do valor. Ele fazia questão de mencionar o fato sempre que seus amigos apareciam.

— Ele queria esfregar isso na cara do seu pai?

— Claro que não. — Salvo se vira para mim, com os olhos percorrendo a sala. — O velho Spada sempre insistiu que a Família deve se apoiar mutuamente. Especialmente em momentos de necessidade. Uma postura muito nobre para alguém que era basicamente um forasteiro antes de entrar para a Família, você não concorda?

— Acho que foi honroso da parte dele ajudar um amigo, tendo os meios para isso, — eu digo. O pai de Massimo morreu quando eu era apenas um bebê, mas até hoje seu nome ainda aparece em conversas entre alguns membros da Família. Ao contrário do pai de Salvo, de quem nunca se fala. A maioria dos italianos é muito religiosa, e o Sr. Canali se matou. Eles veem isso como um pecado mortal.

— Foi, — continua Salvo. — A Família ficou encantada com o Velho Spada e seus... modos não convencionais. Ajudando seus colegas quando poderia facilmente ter usado o infortúnio deles para mantê-los em sua dependência. Concedia a vários membros posições de destaque na hierarquia, independentemente da sua linhagem. Desde que trabalhasse duro, qualquer homem de origem humilde poderia conquistar seu lugar na elite da nossa sociedade durante o reinado do Velho Spada. Ele até mesmo enviou seu único filho para correr com os soldados de infantaria, permitindo que ele quebrasse braços e pernas como se não fosse melhor do que um capanga contratado.

Estreito meus olhos para ele. Suas palavras parecem estar impregnadas de respeito e admiração, mas há uma sutil sugestão de algo mais em seu tom. Parece quase como... inveja.

— Hmm, acho que essa abordagem funcionou muito bem para Massimo, — eu digo. — Nunca vi homens permanecerem tão leais ao seu líder, mesmo depois de ele estar ausente por quase vinte anos.

Algo brilha nos olhos de Salvo, uma emoção que não consigo identificar imediatamente, especialmente porque ele desvia o olhar naquele momento. —

De fato.

— Então? Vai me dizer por que realmente está aqui?

— Eu queria perguntar se você quer se casar comigo.

Eu quase engasgo. Puta merda! Massimo não inventou aquela história de Salvo pedir minha mão em casamento quando ele estava tentando me afastar dele.

— Posso entender sua decisão de ficar com seu meio-irmão. — Salvo atravessa a sala, aproximando-se. — Afinal de contas, ele a manipulou durante anos, desde que você era apenas uma adolescente. Ele moldou uma garota doce e tímida para se tornar sua pequena marionete. Uma que está mais do que disposta a dançar conforme a música dele. E como sua irmã já tem uma família, posso ver como você chegou a essa conclusão - que deveria confiar em Massimo como seu único membro da família. Ele provavelmente até usou sua ingenuidade para levá-la a acreditar nisso.

Parece que perdi a capacidade de falar, pois estou muito chocada e enojada com o que ele está dizendo.

— Não se deixe enganar pelas palavras dele, Zara. Massimo não se importa com você. Ele não se importa com nada além dos seus próprios jogos desonestos e da emoção que eles lhe proporcionam. Não é culpa dele. Ele simplesmente não é capaz de sentir afeição por ninguém além dele mesmo.

— E você é? — eu digo, com a voz embargada, revoltada. — Você será meu cavaleiro de armadura brilhante, salvando-me das garras do lobo mau?

— Serei. — Ele para do outro lado da escrivaninha e estende a mão para acariciar meu rosto. — Se você me deixar.

Recuo, afastando-me do seu toque. — Obrigada por sua oferta galante, mas tenho que recusar respeitosamente.

A expressão de Salvo muda mais rápido do que jamais vi alguém mudar antes. Em um momento, ele parece ser um homem compassivo e compreensivo e, no

momento seguinte, seu rosto se transforma em uma máscara de pura raiva. Sua mão, no meio do caminho para o meu rosto, rapidamente se redireciona. Ele agarra meu pulso com um aperto violento e me puxa em sua direção.

— Por quê? — ele rosna entre os dentes. — Eu posso lhe dar tudo! Respeito. Segurança.

— Salvo! — grito, tentando puxar minha mão para longe. — Me solte.

— Eu a admiro há anos, Zara. Você seria uma esposa perfeita para mim.

— Você está me machucando, Salvo.

— O que ele fez para inspirar tanta lealdade, hein? Por que você não larga esse homem? Ele não é nada para você!

— Porque eu o amo! — Eu grito.

O rosto de Salvo empalidece. Ele me solta abruptamente e dá um passo para trás, com a consternação e a incredulidade contorcendo suas feições. Isso dura apenas um segundo, porque, tão rapidamente quanto antes, seu comportamento muda. O remorso e o que só posso imaginar que seja vergonha tomam conta do seu rosto enquanto ele passa as mãos pelos cabelos.

— Eu... eu sinto muito, Zara. Eu não tinha ideia e deixei minhas emoções me dominarem. Será que... eu a machuquei?

— Um pouco, — murmuro, esfregando a carne macia do meu pulso.

— Por favor, me perdoe. O que eu fiz... e o que eu disse é imperdoável. Você me conhece. Não costumo ser assim. É que... eu a amo de longe há tanto tempo que simplesmente perdi a cabeça por um momento. Podemos, por favor, fingir que isso nunca aconteceu?

Minhas sobrancelhas se erguem, mas permaneço em silêncio.

— Juro que nunca mais vou expressar meus sentimentos por você. Podemos manter tudo isso - inclusive minha admissão - entre nós? No momento, é um

momento muito delicado para a Família, e Massimo é, obviamente, meu amigo. Quero continuar a ajudá-lo a atingir todos os seus objetivos, mas se ele souber disso, não me deixará.

Ele parece sincero. E parece realmente se desculpar. No entanto, uma pontinha de dúvida dentro de mim avisa que seu arrependimento aparente esconde alguns sentimentos opacos e profundos.

— Tudo bem. — A única razão pela qual estou concordando com o pedido de Salvo é porque tenho certeza de que Massimo não vai aceitar bem isso se souber. E ele precisa de todo o apoio que conseguir. Incluindo o de Salvo. — Mas toque em mim novamente e eu lhe apresentarei minha tesoura favorita. Está entendendo o que estou dizendo?

Para ter certeza de que ele entendeu o que eu quis dizer, pego a tesoura da mesa e aponto a ponta para ele como uma adaga.

Salvo pisca, com a surpresa brilhando em seus olhos. Ele inclina a cabeça e olha para mim como se estivesse me vendo pela primeira vez. — Há mais em você do que deixa transparecer, Zara Veronese.

Seu tom é estranho - uma mistura de admiração e desagrado que tinge suas palavras.

— Isso se aplica à maioria das pessoas, Salvo.

— Acho que sim. — Ele me dá um aceno respeitoso e sai da biblioteca, deixando-me com uma sutil sensação de pressentimento que deixa todos os pelos da minha nuca arrepiados.




O cheiro de ferrugem invade minhas narinas enquanto me arrasto entre as filas de carros velhos e quebrados, inundando minha boca com ácido. É um fedor com o qual me acostumei na prisão. Se eu pudesse escolher, jamais chegaria perto de outro pedaço de merda enferrujada. Minha sorte é que a Camorra prefere realizar reuniões em seu ferro-velho. A localização é remota e o fato de não haver mais nada ao redor por quilômetros faz com que esse seja o local ideal para o caso de uma reunião dar errado. E com a Camorra, isso acontece com frequência.

Um bando de carniceiros bárbaros, todos eles.

Uma analogia com animais é, de fato, bastante apropriada. Não apenas para a Camorra, mas também para o restante dos sindicatos clandestinos.

As famílias da Cosa Nostra são como matilhas de lobos. Seguidores bem organizados e fiéis de uma hierarquia rígida e definida. Focadas. Territoriais. Desconfiados de outras matilhas, a menos que haja uma oportunidade de reivindicar um recurso limitado. No que diz respeito aos negócios, operamos com planos predeterminados e confiáveis, geralmente sem desvios, enquanto perseguimos qualquer presa que tenhamos em vista. E quando sentimos seu cheiro, não a largamos.

Em termos de estrutura, a Bratva é muito semelhante a nós. Mas quando se trata de negócios, você nunca sabe o que esses russos malucos vão fazer. Em um dia, eles podem estar sentados com você - bebendo e rindo à toa - e, na manhã seguinte, podem estar apontando a arma para a sua nuca. Muito parecido com os ursos, cujos humores e ações são geralmente definidos pelo fato de terem dormido bem na noite anterior. É quase impossível prever o resultado de qualquer empreendimento envolvendo a Bratva. Pode ser uma festa gigantesca ou um banho de sangue absoluto.

E depois, há a Camorra. Um clã de hienas apropriadamente chamado. Elas podem se parecer com cães selvagens, mas nem sequer são da mesma espécie. Embora a Cosa Nostra e a Camorra compartilhem as mesmas raízes - ambas se originaram na Itália - as organizações são muito diferentes. A Camorra é formada por um grupo de gangues distintas que se uniram para obter qualquer vantagem que pudessem. Sempre que se fundem, elas se separam para buscar seus próprios interesses e depois se unem novamente. Não há regras e, certamente, não há disciplina em suas fileiras. Elas fazem alianças com base no que as motiva naquele momento. Elas se arriscam ao acaso e raramente planejam com antecedência. Enquanto com os russos você pode ter pelo menos uma ideia básica de qual é a sua posição, com a Camorra você não tem a menor ideia.

De qualquer forma, você não dá as costas para nenhum deles.

Viro a esquina, passando pelos destroços de um ônibus, e vou em direção ao trailer modular que funciona como um prédio de escritórios no local. Ele foi montado em uma pequena clareira no centro do terreno do ferro-velho, cercado por montes de metal destruído e decrépito.

A poucos passos da entrada da estrutura e aninhados em sua sombra, dois homens sentados em cadeiras dobráveis de plástico em uma mesa de alumínio coberta com vários pratos de comida estão enchendo a pança. Efisio, o atual líder do Clã Camorra, e seu segundo em comando, pelo menos é o que presumo. Perto dali oito homens armados - cada um carregando uma semiautomática - estão à espreita sob os fortes raios de sol do meio da tarde.

Eu só trouxe Peppe e mais três homens, o que nos coloca em uma situação de duas chances para uma. Nada mal.

— Você informou a todos sobre o que esperar? — Pergunto em voz baixa.

— Sim. — Peppe acena com a cabeça ao meu lado. — E eu tenho reforços na entrada deste lugar.

— Acho que não serão necessários. — Enfio as mãos nos bolsos da calça e

continuo minha caminhada casual.

— Não acredito que seja você mesmo, Spada, — Efisio exclama ao redor de uma garfada de macarrão. — Lembro-me de quando você era apenas um garoto, e os soldados do seu pai arrastavam seu traseiro magro com eles. Você mudou, garoto.

— Foi o que me disseram.

Puxando uma das cadeiras desocupadas, sento-me em frente a Efisio, certificando-me de que tenho uma linha de fogo direta contra ele e seu segundo.

— É uma pena que nossa colaboração em seus cassinos tenha sido interrompida. — Ele pega uma garrafa de Sauvignon Blanc de 15 anos, que parece totalmente fora do lugar aqui, e enche seu copo. — Eu estava ansioso para compartilhar os lucros.

— Pagamos quase o dobro do investimento original da Camorra. Eu diria que você obteve um lucro substancial com esse empreendimento, especialmente considerando a duração do prazo.

— Acho que sim. Então, a que devo o prazer desta visita, Spada? Você precisa de outro aporte de dinheiro? Ficaríamos felizes em... dar uma mãozinha em... seus clubes de striptease.

Olho rapidamente para os homens de Efisio, alguns dos quais estão apoiados nos restos de um velho Cadillac ao lado do prédio de escritórios. Eles parecem relaxados, mas não há como ignorar o fato de que ainda estão segurando seus rifles na frente deles. Para me certificar de que tenho acesso livre à minha arma guardada na cintura, desabotoo o paletó e me recosto na cadeira.

— Você tem uma semana para encerrar seus negócios em Boston e sair da cidade, Efisio.

O homem mais velho levanta as sobrancelhas e ri. — Dê uma olhada nessa cara de merda. Sua cabeça deve ter ficado mais confusa do que eu pensava na prisão.

Cerro os dentes para me impedir de mandar uma bala diretamente em seu rosto feio.

— Você também vai encerrar todas as suas relações com os búlgaros, — continuo. — Kiril e eu já tivemos uma conversa sobre isso.

— Ah, não, seu bastardo imundo! — Efisio rosna, inclinando-se sobre a mesa.

O som de armas e rifles sendo engatilhados ricocheteia ao nosso redor e, no momento seguinte, quase uma dúzia de canos estão apontados em nossa direção. Um dos homens de Efisio está mirando em mim, mas os outros apontaram suas miras para os meus homens. Meus soldados, incluindo Peppe, no entanto, estão todos mirando em Efisio. Exatamente como foram instruídos a fazer.

O som estridente de um celular tocando quebra o silêncio precário, interrompendo os grunhidos e a respiração pesada que eram os únicos sons até então.

— Eu o aconselho a atender essa ligação, — digo.

Efisio bufa e, em seguida, pega sua jaqueta, sem tirar a arma de mim. Quando ele dá uma olhada na tela, seu rosto perde a cor imediatamente. Seus olhos se voltam para os meus.

— Mirabella? — ele sussurra ao telefone. — Você está bem?

Não ouço o outro lado da conversa, mas vejo o rosto do idoso empalidecer ainda mais.

— Tudo ficará bem. Apenas faça o que eles disserem e você ficará bem. — Ele corta a linha e me encara com uma mistura de raiva e terror em seus olhos. — Seu filho da puta! Ela é apenas uma criança.

— Sua sobrinha tem vinte anos. A mesma idade que minha meia-irmã tinha quando seu primo Alvino a sequestrou com a intenção de forçá-la a se casar com ele. Ela quase foi morta na confusão que se seguiu.

— Isso foi há anos! E eu não tive nada a ver com isso.

— Não estou nem aí, Efisio. A Camorra se atreveu a atacar os meus. Eu faço o mesmo, só que pior. No entanto, se você concordar em deixar Boston pacificamente, a garota não terá um fio de cabelo sequer arrancado. Se não concordar, eu a mato. *Capisci?*

— Você não faria mal a uma garota inocente. Alvino era um imbecil perturbado, mas você não foi tão longe assim, Spada.

Apoio os cotovelos na mesa e me inclino para a frente, ficando na cara dele. — Tem certeza disso?

Seus olhos arregalados perfuram os meus, buscando algo. E eu o deixo ver a verdade.

— Seu doente de merda, — ele engasga, cerrando os dentes com tanta força que sua mandíbula parece prestes a se partir.

Levanto-me e ajeito meu paletó. — Estou feliz por termos resolvido tudo isso. Espero que você e todos os membros do seu clã saiam até ao meio-dia da próxima quinta-feira. Tenho sua palavra?

— Sim. Agora chame seus homens e diga a eles para soltarem minha sobrinha.

Pego meu celular e digito uma mensagem curta. Um minuto depois, chega uma foto - uma imagem da garota correndo por um portão em direção a uma casa de dois andares. Levantando o celular, viro-o para mostrar a tela a Efisio. — Pronto. Feito.

— Espero que você arda no inferno, Spada.

— Já estive lá, já fiz isso. — Aceno levemente com a cabeça para meus homens e me dirijo à saída. — Aproveite o resto do seu dia, Efisio.

O som de seixos e pedaços de metal estalando sob as solas dos pés nos acompanha enquanto atravessamos a clareira. O sol está alto e brilha sobre os detritos que nos cercam, tornando o fedor ainda mais forte. Eu odeio isso, porra.

Assim que dobramos a esquina e entramos em um longo beco entre duas filas de

carros, eu me escondo atrás do carro mais próximo e pego minha arma. — Lembre-se, Efisio é meu.

— Duvido que ele tente alguma coisa, — Peppe diz enquanto assume uma posição em frente a mim, enquanto o resto dos meus homens se espalham por perto. — Ele deu sua palavra.

— Deu. Mas isso foi antes de liberarmos sua sobrinha.

— Sim, mas... — Ele não termina, porque todos os oito homens de Efisio aparecem, com as armas levantadas.

Tiros explodem no momento seguinte.

Os caras da Camorra obviamente não esperavam chegar até nós tão rápido, então os três primeiros caem mortos antes mesmo de terem a chance de apontar seus rifles. Os demais se dispersam, protegendo-se entre os veículos enferrujados. Consegui acertar um deles pelas costas antes que ele mergulhasse atrás de um caminhão velho do século passado, mas depois tive que me esquivar quando as balas caíram sobre mim. Um pedaço de estilhaço é arrancado do para-choque do carro que estou usando como cobertura e voa para o meu rosto, acertando minha bochecha.

Meu celular começa a tocar no bolso. Se não fosse pelas notas de uma melodia clássica que defini como o tom personalizado para Zahara, talvez eu não conseguisse distinguir o som estridente entre os tiros. Normalmente, meu celular está sempre apenas no modo vibratório - pelo menos, desde que o eloquente ‘adeus’ de Nera quase o explodiu. O toque regular lembrava demais o som de alerta que ecoava nas paredes pouco antes das portas das celas serem destrancadas todas as manhãs, e eu não suportava ouvir aquele maldito grito. Mas, para Zahara, instalei um toque especial e ativei o recurso que permite que suas chamadas sejam sempre atendidas, independentemente dos modos ‘silencioso’ ou ‘não perturbe’. Nunca quero perder suas chamadas.

— Zahara. — Outra bala passa por cima de mim. Vou para o outro lado do carro

e dou uma olhada no capô. — Está tudo bem aí?

— O designer acabou de ligar. Aparentemente, o estoque do azulejo que escolhi na semana passada está baixo e vai demorar um pouco para chegarem mais. Então, ele quer saber se você prefere os mesmos azulejos em todos os banheiros ou se... Onde você está?

— Estava terminando a reunião com Efisio. — Apontando para o capanga da Camorra agachado ao lado de uma caminhonete tombada, puxo o gatilho. — Na verdade, eu estava pensando em branco para a suíte principal e, talvez, para o resto do terceiro andar.

— Massimo? Isso é... um tiroteio?

— É claro que não. Você poderia pedir a ele que nos traga algumas novas opções para analisarmos?

Uma rajada de tiros rápidos irrompe e a janela lateral à minha esquerda explode, enviando cacos de vidro para todos os lados.

— Seu lunático! — Zahara grita ao telefone. — Não fique batendo papo no celular enquanto está sendo alvejado!

— Duvidando da minha capacidade de ser multitarefa? Você me feriu, anjo.

— Jesus! Ligue para mim quando terminar!

A linha fica muda. Olho para Peppe, que está agachado a menos de um metro de distância, trocando o carregador da sua arma. Ele está balançando a cabeça.

— Você acha que ela está chateada comigo?

— Sim. — Ele acena com a cabeça. — Sabe, nunca ouvi a Srta. Veronese gritar antes. Com toda a merda pela qual você passou, ela deve ter imaginado que você não era tão fácil de matar. Mas, ainda assim, ela deve estar realmente temendo por sua vida agora. Vai se casar com ela?

Minha cabeça se volta para ele. — Isso não é da sua conta.

— Isso significa *sim*. Fico feliz. Vocês dois ficam bem juntos. Como forças opostas que finalmente se combinam em uma só, e suas polaridades se fundem em harmonia. Assim como o vinagre e o óleo na maionese.

— Você não acabou de comparar meu futuro casamento com a maldita maionese!

— Mas não espere muito tempo para pedi-la em casamento. Caso contrário, outra pessoa poderá conquistá-la.

Uma série de tiros atinge a lateral do veículo que estou usando como cobertura. Envio algumas balas de resposta na direção de possíveis atiradores e depois me abaixo para trocar o carregador.

— Estou... preocupado, Peppe. Aterrorizado, na verdade. Ela é tão delicada. Não tenho certeza de como ela vai lidar com a reação da Família. Juro que, se alguém sequer olhar para ela de lado, quanto mais dizer alguma coisa, eu vou acabar com o desgraçado. Mesmo que isso signifique que eu acabe massacrando toda a Cosa Nostra. Só não quero que ela se machuque, sabe?

— A dor é o que nos torna fortes, Massimo, e ela já passou por muita coisa. Dê a ela uma chance, e tenho certeza de que ela o surpreenderá.

Ele saca a arma e se move ao longo da fila de carros quebrados, esgueirando-se até ao último dos homens de Efisio que ainda está de pé. Os demais estão espalhados entre as sucatas, mortos ou em vias de encontrar seu criador. No entanto, não há vestígios de Efisio em lugar nenhum.

Com minha arma em punho, saio da cobertura que os destroços me proporcionaram e passo pelos soldados da Camorra caídos. Na metade do caminho para o trailer do escritório, avisto Efisio. Ele está caído no chão, com a cabeça inclinada para a frente e a mão tentando estancar o fluxo de sangue de um ferimento aberto no peito.

Eu me aproximo e me agacho na frente dele. — Isso foi estúpido.

O velho ri, expelindo sangue da sua boca. — É uma pena que eu não estarei aqui para testemunhar o final.

— Por que diabos você está tagarelando?

Efisio ri novamente, mas dessa vez começa a tossir, cuspindo mais sangue. O fluxo de sangue escorre por seu queixo. — Tanto tempo. Quase vinte anos. Acho que ele vai fazer você implorar. De joelhos. E eu vou perder isso. É uma pena, não é?

*Que porra é essa?!*

Agarro a frente da sua camisa encharcada de sangue e esbravejo em seu rosto. — Quem? Diga-me o nome dele!

Um som sufocado sai dos lábios de Efisio. Inclino-me para a frente, tentando captar as palavras.

— Eu me pergunto — ele ofega, com a voz quase inaudível — O que será pior: a bala que ele colocará em sua cabeça ou... a traição dele?

— Nome! — grito, sacudindo o filho da puta.

Um pequeno sorriso se forma nos lábios de Efisio e, em seguida, seus olhos se arregalam. Amaldiçoando, eu me endireito e aponto minha arma entre seus olhos vazios.

— Um homem que consiga me fazer ajoelhar diante dele ainda não nasceu, Efisio, — vocifero e puxo o gatilho.

***

— Peppe, tenho que fazer um desvio, — digo ao telefone enquanto me viro para a agitação do bairro de Back Bay, em Boston. — Certifique-se de que os remanescentes do clã de Efisio saibam que a situação deles mudou e que eu

espero que eles partam dentro de uma semana.

Ao interromper a chamada, diminuo a velocidade e cruzo a rua elegante, ladeada por lojas, hotéis, restaurantes e todos os outros estabelecimentos imagináveis, repletos de elegância e charme. A maior parte da arquitetura consiste em antigas mansões vitorianas, mas vários edifícios modernos estão escondidos em meio ao lote. Vários grandes nomes enfeitam as fachadas das lojas e suas vitrines chamam a atenção dos compradores com as últimas tendências da moda. Eu as descarto imediatamente por serem muito grandes e imponentes. Estou procurando outra coisa. Algo íntimo, convidativo e exclusivo.

Essa localização é ideal e encontro exatamente o que preciso na metade do caminho. Um prédio antigo de tijolos de cinco andares com algumas janelas de bom tamanho no térreo e muita vegetação ao redor da entrada em arco. É pitoresco, mas de bom gosto. Perfeito.

A sorte deve estar sorrindo para mim, porque um carro sai do meio-fio bem na frente, então coloco meu Jaguar em uma vaga vazia e entro na butique que ocupa o andar inferior. Com base na placa sobre a porta, que se vangloria da qualidade impecável do trabalho artesanal e dos estilos de designers modernos, o local é especializado em bolsas e carteiras de alta costura.

A senhora mais velha atrás do balcão olha para cima e seus olhos se arregalam ao me ver. Obviamente, não me pareço com um dos seus clientes habituais.

— Boa tarde, senhor. Em que posso ajudá-lo?

Dou uma olhada em volta e vejo prateleiras altas de madeira esculpidas de forma intrincada. Zahara vai adorá-las. — Preciso falar com o proprietário ou com o gerente.

— Do que se trata?

Colocando a mão dentro do meu paletó, tiro meu talão de cheques e o coloco no balcão em frente à vovó. Ela estreita os olhos para o talão como se eu tivesse lhe

dado giz de cera e um livro de colorir. — Preciso saber quem é o dono desse lugar, porque vou comprá-lo.

— Nós somos. — Um homem que aparenta ter mais de oitenta anos sai da sala dos fundos e fica ao lado da mulher. Seu marido, presumo. — E não está à venda.

Aceno com a cabeça e pego uma caneta na taça ao lado da caixa registradora de aparência antiga. — Vamos fazer o seguinte... É assim que as coisas vão acontecer. Com base no tamanho do espaço e na localização, eu diria que este lugar vale cerca de quatro ou cinco milhões. — Eu escrevo o valor de cinco milhões no cheque. — Vou triplicar, — digo enquanto acrescento ‘um’ no início do número, — e você garante que suas coisas estejam fora daqui até ao final do dia. Isso funciona para você?

O casal de idosos pisca em uníssono e, em seguida, ambos olham para baixo, observando o cheque que virei para eles. Fico esperando que digam algo, mas eles continuam olhando para os dígitos. Será que estão contando os zeros? Ver esse tipo de reação a um cheque preenchido pessoalmente é a única razão pela qual ainda gosto de usar essas malditas coisas em vez do Amex Black em minha carteira.

— Ei! — Estalo meus dedos na frente dos seus rostos. — O tempo está passando, então é melhor começar a arrumar suas coisas. Meu advogado virá aqui em uma hora para tratar da papelada.

— Senhor, eu... — o avô começa a murmurar. — Eu não...

Suspiro. Pegando novamente meu paletó, tiro minha arma e a coloco no balcão ao lado do cheque. — Um funeral? Ou quinze milhões?

Um pequeno suspiro sai dos lábios da mulher antes que ela coloque as mãos sobre a boca. O homem continua olhando fixamente para a minha arma, com o rosto lentamente adquirindo um tom esverdeado.

— É uma escolha difícil, eu sei. O cheque é real, se você estiver se perguntando, e oferece benefícios de aposentadoria um pouco melhores, não concorda?

— De fato, — o velho engasga. — Sem dúvida, é verdade.

— Perfeito. — Rasgo o cheque do meu talão de cheques e passo por cima do balcão para enfiá-lo no bolso da camisa do senhor.

*Pequenas coisas.* Sinto-me completamente em paz ao sair pela porta dessa pequena e charmosa loja. Nem mesmo o fato de saber que Efisio estava de alguma forma envolvido na conspiração de décadas contra mim, provando que realmente *existe* uma conspiração orquestrada por alguém próximo a mim, parece me perturbar. *Não consigo acreditar que algo tão pequeno como a compra de uma pequena butique me traria uma satisfação tão imensa no grande esquema das coisas.*

***Quinze milhões de dólares dificilmente podem ser chamados de 'pequenos',*** responde a voz do meu idiota interior. O sarcasmo indisfarçável do meu alter ego não passa despercebido por mim.

*Quer que eu volte atrás e retire a oferta?*

***Não se atreva!***

Eu sorrio e pego o volante. O bastardo astuto sempre se interessou por poder e ganhos financeiros, mas é óbvio que até mesmo a parte mais desonesta da minha psique está completamente apaixonada por meu anjinho.

Zahara vai adorar este lugar, não tenho dúvidas. Ao ler todas as suas cartas, ficou claro como o dia que seu sonho sempre foi criar sua própria grife de moda. Ela é obcecada por desenhar e costurar roupas há anos, mas sempre que eu perguntava por que ela não fazia disso um negócio, ela se calava. Culpo Nuncio por insinuar constantemente que essa linha de trabalho está abaixo dela. O idiota pomposo nunca foi capaz de ver o que estava bem diante do seu nariz.

Quero que ela seja feliz. Quero lhe dar tudo o que ela merece e muito mais.

Quero realizar todos os desejos que ela tiver. Eu prometi que ninguém jamais cortaria suas asas ou a machucaria novamente. É por isso que farei qualquer coisa por ela, quer ela me peça ou não. Qualquer coisa, exceto uma coisa.

Não vou arruinar sua vida.

Porque... E se Salvo estiver certo?

E se os sentimentos dela por mim forem simplesmente um produto das minhas manipulações? E se em alguns meses, ou mesmo anos, ela perceber isso? Só de pensar nessa possibilidade, estou entrando em pânico total.

Durante anos, explorei essa mulher incrível para obter uma vantagem tática, sem nunca perceber o que ela se tornaria para mim. O amor da minha vida. E agora, sabendo que ela é A Tal, algo que senti desde o instante em que nossos olhares se encontraram no funeral do seu pai, gostaria de ter o poder de apagar o passado. Assim, eu nunca a teria usado. Então, nossa história teria sido construída com base na confiança. Então, eu não estaria agonizando para saber se os sentimentos dela por mim poderiam durar. Ser verdadeiro. Sem que minha conduta atrapalhasse seu julgamento. Mas depois do que eu fiz a ela, como poderiam ser?

No entanto, cada fibra do meu ser espera que sim.

Sou apenas um idiota arrogante ou ouso confiar que Zahara conhece seu próprio coração e mente?

Quero gritar isso para as massas. *Ela é minha, filhos da puta! Toda minha!* E ela será sempre assim, mesmo que eu tenha que arrasar este mundo muitas vezes cruel, com seu preconceito e estupidez, e colocar os destroços a seus pés. Não há nada que eu não faria por ela, desde que minhas ações não a machuquem.

Então, como eu poderia pensar em levá-la para a linha de fogo direta de todas as pessoas que ela já conheceu? Como eu poderia submetê-la à zombaria e ao desprezo deles?

*Posso cuidar de mim mesma.* Suas palavras, ditas com confiança, me fazem

pensar mais alto.

Ela pode? Sei que minha garota é forte. Sua tenacidade me deixa maravilhado, mas, ao mesmo tempo, ela é tão frágil e de coração mole.

*...ela o surpreenderá.*

Maldito Peppe. A merda da maionese dele me deixou novamente em estado de desejo.

Esse constante cabo de guerra entre fazer o que sei que é certo e me render ao que quero está me deixando louco. Não há dúvida sobre o que *devo* fazer. O melhor para Zahara é que eu fique longe.

Mas eu não posso, droga! Não posso!

*Que droga!* Bato no volante com a palma da mão.

***Apenas a reivindique como sua na frente de todos e, aconteça o que acontecer, lute contra isso com o fogo do inferno. Você sempre foi um bastardo egoísta. O que mudou?***

— Eu mudei, — murmuro. — Porque, pela primeira vez na minha vida, eu me preocupo com alguém mais do que com minha própria pele. E o que diabos há com você? Você tem falado sem parar sobre como eu vou arruinar a vida dela e agora está gritando *para reivindicá-la*.

***Não é problema seu.***

— Não seja covarde. Diga logo. De qualquer forma, nós dois sabemos a verdade.

***Tudo bem! Eu também estou apaixonado por ela. Pronto. Feliz?***

O riso ressoa dentro do meu peito e depois explode para fora de mim. — Você é um caso perdido, amigo.

Um suspiro assustado escapa de uma mulher que passa perto do meu Jaguar com seu cachorro. Ela para no lugar e me lança um olhar de pânico pela janela aberta.

— O quê? — Eu grito. — Nunca viu ninguém discutindo consigo mesmo?

Balançando a cabeça, ela se afasta lentamente da borda da calçada e, em seguida, desce correndo o quarteirão, quase arrastando o pobre cãozinho em seu rastro.

# Capítulo 22




Paz interior perfeita. Essa é a sensação de estar deitado na cama, com meu corpo abraçado ao de Zahara. Apesar de estarmos praticamente entrelaçados, eu aperto minha mão em torno da cintura dela, precisando senti-la ainda mais perto. Eu não estava brincando quando disse que gostaria de poder algemá-la ao meu lado. Eu a quero comigo. Sempre. Mesmo agora, esse desejo absurdo aumenta ainda mais, e eu a aperto com mais força. Ela se contorce levemente. Imediatamente, afrouxo o aperto e enterro o nariz no emaranhado dos seus cabelos castanho-claros, inalando fundo e profundamente.

Seu cabelo realmente me lembra mel líquido. Ele brilha com diferentes tonalidades à luz. À primeira vista, pode parecer uma simples tonalidade mais escura, mas, sob intenso escrutínio, os fios dourados aparecem aqui e ali. Lindos. Radiantes. Sedutores. Conheci mulheres que gastaram um bom dinheiro em salões de beleza para obter aquele visual de mechas beijadas pelo sol.

***Luzes. Elas são chamadas de luzes.***

*Sim. Luzes. Mas não as dela.*

Sei que Zahara não pode usar tintura de cabelo porque ela irrita sua pele. Ela escreveu sobre isso em uma das suas cartas. E eu me lembro de cada detalhe que ela compartilhou comigo. Mesmo as coisas que ela escreveu *antes*, quando eu mal prestava atenção em suas conversas inconsequentes. De alguma forma, tudo ficou registrado.

Com a ponta do dedo, afasto cuidadosamente algumas mechas que brilham como açúcar fiado, revelando as mechas de mel quente escondidas por baixo. Há até

um toque de vermelho em seus cabelos sedosos. Mas também há mechas cor de uísque que combinam com seus olhos sorridentes. Tantos tons, tantas camadas, que é difícil saber o que esperar. Assim como com minha Zahara.

Pressiono os lábios na pele delicada entre seu ombro e a coluna do seu pescoço. Tão, tão macia. O desejo de mordiscá-la me consome, me deixa fora de mim. Quero enterrar os dentes nessa maciez e marcar essa perfeição como minha. A tentação é forte, mas eu resisto, restringindo-me a apenas mais um beijo.

— Que horas são? — Sua voz é sensual, exuberante. As notas melódicas e abafadas me deixam instantaneamente excitado.

— Ainda é cedo. — Minha boca percorre seu braço, beijando cada centímetro da doçura sensual que faz dela quem ela é.

Será que ela percebe como cada parte dela é totalmente sedutora? Sua voz. Sua pele. Suas curvas exuberantes, de dar água na boca, das quais não consigo me afastar. Há dias, tenho andado por aí com um tesão constante, sonhando com maneiras de liberar esse desejo mal contido sobre ela.

***Simplesmente faça isso. Role para cima e mergulhe na boceta dela em um único impulso poderoso. Deleite-se com a sensação do seu peso esmagando-a contra o colchão, enjaulando-a em seu abraço. Pegue um punhado desse cabelo glorioso, puxe a cabeça dela para trás para chegar à sua garganta deliciosa. Ou vire-a e pegue-a por trás. Faça isso onde todos possam ver. Marque-a! Reivindique-a! Foda-a com força. Liberte o bruto selvagem. Exatamente como você quer.***

*Quer dizer, do jeito que você quer? Não vai acontecer, cara.*

***Por que não? Ela deu tudo de si para você. Por que você não pode fazer o mesmo?***

*Porque... ela não te conhece, idiota. Ela só me conhece a mim. Esse... lado suave de mim.*

***Somos um e o mesmo. Dois lados da mesma moeda. Você não pode nos separar.***

*Chega de conversa fiada. Nunca permitirei que ela conheça essa parte mais sombria de mim. Ela é pura. Sem mácula. Eu nunca poderia ser bruto com ela. Você, meu amigo, está reservado apenas para outras pessoas.*

Hipócrita. E um covarde. É isso que você é. Em questões do coração, é tudo ou nada. Você não pode esperar que ela ame apenas uma parte de você.

*Dê um tempo. Não vou me render.*

***Faça como quiser. Mas saiba que ela é mais forte do que você pensa. E, ao esconder o seu lado brutal porque acha que ela não consegue lidar com isso, você a está tratando da mesma forma que aqueles bastardos da Família fizeram***.

*Isso não é verdade.*

***Você sabe que é. Ah, e mais uma coisa. Ela já me conhece.***

*O quê?*

Silêncio. O imbecil desviante em minha mente decidiu se calar.

— Volte aqui e explique, porra — resmungo.

— Explicar o quê? — Zahara se vira para mim, lançando-me um olhar questionador. — O que você precisa que eu explique?

— Nada. Eu estava apenas... discutindo comigo mesmo. Faço muito isso.

— Sim, você me contou. — Ela beija a borda da minha mandíbula. — Sobre o que era?

Um arrepio sobe pela minha espinha quando suas unhas longas e bem cuidadas passam pelo meu peito, deixando marcas vermelhas na minha pele. Fecho os olhos e respiro fundo. Estou com o pau duro como uma rocha desde antes de acordar, mas agora meu pau parece que vai explodir. Eu me forço a respirar

novamente para me acalmar, tudo para que eu possa evitar o desejo irresistível de me enterrar em sua linda boceta em um só impulso.

— Flutuação do mercado de ações. Em vez disso, ele quer que eu invista em títulos do governo. — Minha voz soa rouca porque mal estou conseguindo me conter. Isso não pode acontecer!

— Hum-hum. Deve ser uma loucura estar em sua cabeça. Vocês dois conversam sobre mais alguma coisa? Ou apenas negócios?

Rolando para cima dela, coloco meu braço em volta da sua cintura.

— Como ele é? Esse *outro* você?

— Ele é um cara muito malvado. — Minha mão agarra seu seio esquerdo e eu me inclino para puxar o mamilo entre meus dentes. Não vou morder, embora queira. Em vez disso, eu o golpeio com a ponta da minha língua. — Implacável. Perigoso.

— Ele parece divertido. Talvez você possa deixá-lo sair para brincar?

Meu pau encontra sua entrada. Apoiando meu peso no cotovelo, eu cuidadosamente o introduzo. Ela é tão apertada que quase desmaio toda vez que deslizo em seu calor sedoso.

— Você não vai gostar dos jogos dele, anjo.

Uma pontada aguda sobe por meus braços quando ela enterra as unhas em meus ombros. Isso quase me leva ao limite. Quase.

— Como você sabe? — Ela provoca.

— Confie em mim. Eu simplesmente sei. — Com meu olhar fixo no dela, deslizo mais profundamente em seu calor enquanto observo sinais de desconforto. Lentamente. Com cuidado. Empurro até ao fim.

A boca rosada de Zahara se abre em um gemido suave. Seus lábios estão trêmulos. Eu me retiro, até à ponta, mas depois deslizo de volta. Dolorosamente

devagar. É o mais doce tormento, e consigo manter o ritmo lânguido enquanto a fodo gentilmente. Os sons que ela está fazendo estão me deixando louco, tentando-me a acelerar minhas investidas. *Não, não posso*, repito várias vezes até que ela finalmente começa a se desfazer em meus braços. Enquanto sua boceta espreme a vida do meu pau e seu corpo é assolado por espasmos, eu perco o controle.

Eu mergulho em seu interior. Uma vez. Duas vezes. Impulsos fortes e poderosos. A cada penetração, eu me deito no fundo do poço. Não consigo parar. *Ela é minha! Minha!*

Zahara engasga com a respiração, a boca se abre em um grito silencioso. Com o meu orgasmo se abatendo sobre mim como um trem desgovernado, ainda tento diminuir a velocidade, tento me afastar por medo de machucá-la. Meus esforços são em vão porque Zahara prende os tornozelos em minha cintura. Não vou a lugar algum. Exceto para o céu. Minha contenção se rompe e eu caio da borda.

***Minha!*** O eco dos meus pensamentos ecoa em minha mente enquanto meu anjo treme em uma glória feliz. Envolvo meus braços ao redor dela enquanto a encho com meu esperma. Marcando-a por dentro. Ela é minha. Minha liberdade. Minha paz. Minha Zahara.

Nós dois ainda estamos ofegantes, totalmente sem fôlego, quando inclino a cabeça e encosto meus lábios nos dela para um beijo rápido e forte. — Sinto muito por ter perdido o controle daquele jeito, querida. Terei mais cuidado da próxima vez.

— Mas eu gostei. — Seus cílios tremulam quando ela olha para mim. — Adorei.

Sim, ela provavelmente está dizendo isso para que eu não me sinta como um pedaço de merda raivoso. *Que droga.* Daqui para a frente, preciso ser mais moderado.

Depois de respirar fundo novamente, eu a beijo. Dessa vez, com muito mais ternura.

***

— Malditos búlgaros, — murmuro enquanto viro na rua lateral e quase colido com um caminhão que está dirigindo no meio da estrada. — Foda-se! — Aperto a buzina ao desviar dele. — Que diabos há de errado com você?

Juro que os requisitos para obter uma carteira de motorista devem ter se afrouxado com o passar dos anos, porque parece que ninguém mais consegue seguir as regras da porra da estrada.

Mesmo que o encontro inesperado com Kiril tenha terminado com a minha opinião, ainda estou irritado com a tentativa dele de fazer merda. Aumentar a porcentagem da sua participação de três para dezoito? É, isso não vai acontecer. Amigo ou não, um acordo é um acordo. E eu o lembrei disso. Com meu punho. O maluco riu enquanto limpava o sangue do lábio machucado e me fez tomar um copo de rakia com ele.

Estou duplamente irritado porque as travessuras do desgraçado me tiraram de perto de Zahara. Ele ligou assim que eu e ela saímos do chuveiro e saí logo em seguida, preparado para lidar com o assunto urgente que Kiril insistiu que precisávamos discutir. Presumi que houvesse um problema grave com nossa lavagem de dinheiro, mas, em vez disso, ele simplesmente queria me irritar. Da próxima vez que eu o vir, talvez lhe dê outra bronca só por estragar minha manhã com minha garota.

O que será que Zahara está fazendo agora? Sinto vontade de pisar mais forte no acelerador para poder voltar mais rápido para ela.

Quando estou parando em um sinal vermelho, o celular no meu bolso começa a tocar novamente. Ele esteve tocando nos últimos cinco minutos, mas, com os idiotas nas estradas, não pude atendê-lo antes. Praguejando, eu o pego e vejo a tela iluminada com o nome de Peppe.

— Chefe. — Seu tom é urgente. Ele parece preocupado. — Acabei de voltar para casa, e Iris me disse que a Srta. Veronese pegou um dos carros e saiu. Ela não tem seus seguranças com ela.

— O quê?! Quem a deixou sair?

— Sinto muito, a culpa é minha. Os homens estão bem cientes de que não devem deixar ninguém entrar na propriedade, mas eu não dei nenhuma instrução sobre como detê-la caso ela decidisse sair.

— Para onde ela foi?

— Não tenho certeza, mas Iris disse que ouviu sua senhora falando ao telefone com a irmã dela, e elas mencionaram o Public Garden.

Desligo a chamada e piso no acelerador.

— Não acho que foi isso que Lucia quis dizer quando mencionou que queria ver os patos, — digo, observando minha sobrinha.

Lucia está olhando para a fila de patinhos de bronze fofos que seguem atrás da mãe ao longo do caminho de paralelepípedos. Seus pequenos punhos estão apoiados nos quadris, como se ela estivesse pronta para nos repreender por enganá-la. A família 'Mallard' é uma das atrações favoritas das crianças no Public Garden de Boston há quase quarenta anos, mas obviamente não está correspondendo às expectativas de Lucia. Seu pai está ao lado dela, parecendo bastante perdido e confuso sobre o que deve fazer.

— Sim. — Nera ri ao meu lado enquanto descansamos em um banco de praça próximo. — Kai prometeu a ela que teríamos patos em nossa nova casa, mas ainda estamos procurando o lugar perfeito.

— Se ele for comprar cavalos para você e garantir que Lucia tenha seus patos, terá de ser em algum lugar fora da cidade.

— Sim. Provavelmente, pelo menos duas horas de distância. Se decidir vir morar conosco, provavelmente terá um andar inteiro só para você.

— Isso é gentil. — Aceito um saco de pistaches sem casca, torrados e salgados que Nera oferece e pego uma das deliciosas nozes terrosas. — Embora, como já lhe disse, vou ficar com Massimo.

— Por quê? E por quê ele, dentre todas as pessoas? Por que você gostaria de morar na mesma casa que... — Sua pele clara de repente perde mais cor. — Oh, meu Deus. Ele está obrigando você a ficar! O que esse idiota está fazendo com você?

Desvio o olhar, concentrando-me no sol se pondo atrás da copa das árvores na borda do parque. Já passou da hora, mas devo a verdade à minha irmã. Não

posso continuar dando a ela minhas respostas vagas.

— Meu coração, — sussurro e me obrigo a encarar seu olhar perturbado. — Ele tem meu coração.

— O quê? — ela suspira, com a incredulidade enrugando seu rosto. — Zara... Massimo é nosso meio-irmão.

— Eu sei.

— Isso é tudo o que você tem a dizer? — minha irmã engasga e agarra minhas mãos. — Como isso aconteceu? Quando? Você estava visitando ele em segredo?

— Trocamos cartas enquanto ele estava na prisão. Durante anos. No dia do funeral de papai, foi a primeira vez que o vi. — Olho para baixo, para minhas mãos entrelaçadas e torcidas. — Você e eu somos uma dupla e tanto, não acha? Você se apaixonou por um cara cujo nome você nem sabia. E eu, bem... eu me apaixonei por um cara sem saber realmente como ele era.

— Pelo amor de Deus, Zara! Não é a mesma coisa. Eu, pelo menos, sabia que tipo de pessoa Kai era. Nós nos encontramos por quase um ano. Passamos um tempo juntos. Conhecemos um ao outro, cara a cara. Como você poderia se apaixonar sem conhecê-lo primeiro?

Eu suspiro. — Eu me apaixonei por sua mente. Ele era tão astuto em suas cartas. Tão desonesto.

— Oh, ele é certamente isso! Desonesto e astuto. Ele também é um bastardo epicamente arrogante e implacável.

— Sim, é. Mas há muito mais nele. A força da sua vontade. Sua mente estratégica e sua determinação absoluta. Todas essas qualidades me pegaram. Todas as vezes. Ele é muito inteligente, Nera. Ele governou a Cosa Nostra por duas décadas sem que ninguém suspeitasse de nada.

— Você sabia? Por quanto tempo?

— Sim. — Engulo e entrelaço meus dedos com os dela. Preciso lhe contar *tudo* -

agora - porque não tenho certeza se terei coragem de tocar no assunto novamente. — Eu espionava papai para ele. E depois que o papai morreu e você assumiu... então... eu espionei você.

— Você... me espionou? — A voz de Nera está cheia de confusão, mas, mais do que isso, de mágoa. — Para Massimo?

— Sim.

Ela começa a tirar as mãos das minhas, mas eu as agarro e aperto as palmas com mais força e, finalmente, tomo coragem para olhar para ela.

— Eu fiz isso por você. E por Lucia. — Eu inspiro. — Você pode achar que conhece Massimo, mas acredite, não conhece. Ele nunca deixaria você ir embora, Nera. Seu casamento com Leone era apenas a ‘fase um’ dos planos dele para você. Então, eu lhe ofereci um acordo que ele não poderia recusar, em troca da sua liberdade.

Choque. Descrença. Angústia. As emoções cruzam seu rosto. Cada uma, por sua vez, me faz sentir pior do que a outra.

— Sinto muito, Nera. — Limpo as lágrimas que escorrem pelo meu rosto. — Por favor, por favor, não me odeie.

Por quase um minuto inteiro, minha irmã simplesmente me encara. O tempo se arrasta, parece que uma década se passa em silêncio. Quando ela fecha os olhos e solta um longo suspiro, espero que ela se afaste. Mas, em vez disso, ela agarra meus ombros e me aperta contra ela.

— Eu sempre me perguntava como aquele idiota malvado sabia tudo o que estava acontecendo. Eu até suspeitava que ele tinha alguém infiltrado em nossa equipe que, de alguma forma, se reportava a ele. — Suas palavras são abafadas pelo meu cabelo. — Eu deveria ter adivinhado. Sempre soube que minha irmãzinha quieta é muito mais do que ela deixa as pessoas verem.

— Ele não é ruim, Nera. Massimo é apenas... Massimo. E ele nunca fingiu o

contrário.

— Hmm. Para seu bem, espero que isso seja verdade. — Ela olha para mim novamente, como se estivesse tentando encontrar mais respostas. — Meu Deus, Zara. Como você conseguiu se apaixonar pelo nosso *meio-irmão*? E só por cartas?

— Havia muitas cartas, — murmuro. — Ao longo dos anos, cerca de trezentas entre nós.

— Jesus. E eu achava que meu relacionamento com Kai havia começado de uma forma fora do comum.

— Você não vai me chamar de louca? Ou me dizer que é apenas uma paixão boba e que logo vou superar isso?

Nera se inclina para trás, finalmente me liberando do seu olhar avaliador, e tira os fios de cabelo soltos do meu rosto.

— Você nunca foi boba, Zara. Na verdade, sempre me perguntei como você não é minha irmã *mais velha*. — Ela sorri. — Então, se está me dizendo que está apaixonada por aquele homem insuportável, acredito em você. Mas o que diabos você vê nele? — O sorriso dela se estende de orelha a orelha. — Porque não pode ser a personalidade alegre dele. Meu Deus, eu ainda me arrepio ao lembrar dele gritando comigo com aquela voz estrondosa toda vez que eu ia vê-lo na prisão, — diz ela com uma sacudida exagerada da cabeça e dos ombros.

Dou uma risada. — Sim, ele tem um pouco de dificuldade para controlar seu temperamento. Mas se você tentar conhecê-lo melhor, verá que ele não é tão ruim assim. Às vezes, é quase como se ele tivesse duas personas diferentes e raramente deixa as pessoas verem esse outro lado mais suave dele.

— Bem, vou acreditar na sua palavra, pois meu cérebro não consegue fazer essa conexão no momento.

O grito feliz de Lucia ressoa pelo caminho e nós duas olhamos para ela, vendo-a

correr em volta da fileira de estátuas de patos enquanto seu pai a persegue.

— Massimo está preocupado com a reação da Família se eles souberem de nós, — eu digo.

— Ele tem razão em estar preocupado. Você sabe como essas pessoas são arrogantes e conservadoras. De sangue ou não, vocês dois são considerados irmãos. O parentesco familiar é o valor social mais importante para a Cosa Nostra. Eles vão crucificar você, Zara.

— Provavelmente.

— Tem certeza de que ele é ‘o cara’ para você? Porque se ele não for, e vocês dois acabarem se separando, nenhum outro homem da Cosa Nostra chegará perto de você. Você conhece nosso mundo tão bem quanto eu. Uma mulher que se atreve a ter um relacionamento antes do casamento é mal vista. Estremeço só de pensar no que aconteceria se essa mulher decidisse fazer isso com seu próprio meio-irmão.

— Massimo é minha alma gêmea, Nera. Ele é a outra metade de mim. Não consigo nem me imaginar com outro homem, porque sempre foi *ele*. E, sinceramente, não dou a mínima para o que os outros possam pensar de mim. Cansei de me esconder, de me preocupar com as opiniões de todos, seus julgamentos, sua pena. Massimo apenas *me* vê. Apenas eu. E ele me entende. Melhor do que qualquer uma dessas pessoas que me conheceram durante toda a minha vida. — Eu suspiro. — O problema é que Massimo teme que eu não seja capaz de suportar o desprezo deles... ou a malícia que se seguirá. Mas eu sei que posso. E estou disposta a enfrentar tudo isso para ficar com ele.

Olho para minha irmã, esperando que sua dúvida se manifeste em seu rosto. Mas não há nenhuma. Apenas uma compreensão tranquila e talvez um pouco de curiosidade transparecendo.

— Ele é tão duro com todo mundo, — continuo. — Ele grita, xinga por qualquer motivo. Exceto comigo. Comigo, ele é sempre carinhoso e gentil. Nem uma vez

ele levantou a voz para mim. Eu adoro isso... Como ele é diferente quando estamos juntos. Mas - e não me entenda mal - não estou dizendo que quero que ele grite comigo... É que... às vezes, sinto como se ele estivesse tentando me proteger demais. Como se ele tivesse medo de que eu não fosse capaz de lidar com ele. O verdadeiro ele. Protegendo-me dele mesmo, como se estivesse me protegendo da *Famiglia*.

Não há forma mais evidente do que quando fazemos amor. Ele é tão gentil. Tão cuidadoso comigo. Eu adoro isso, mas, ao mesmo tempo, me faz sentir frágil. Como se eu fosse delicada demais para ele ser ele mesmo. Entretanto, não sou fraca nem quebrável. Não sou mais. E eu quero tudo dele. O bom, o ruim e, com sorte, o travesso. Posso aceitar tudo isso. Quero tudo.

— E você pode? — Nera arqueia a sobrancelha. — Lidar com ele de verdade?

— Sim. Eu só queria que ele percebesse isso também. Mas temo que ele não perceba.

— ZAHARA!

Quase caio do banco. Com o coração preso em algum lugar da garganta, viro a cabeça de um lado para o outro, olhando ao redor do parque. Já estive presente em uma série de acrobacias de gritos de Massimo. O espectro de entonações e decibéis que suas cordas vocais eram capazes de atingir naqueles momentos desafiava a lógica, mas nunca ouvi essa qualidade específica em seu tom. Parece que o chão sob meus pés está tremendo com a força da sua voz.

— DROGA! ZAHARA!

Procurando freneticamente, tento localizar a fonte, mas é quase impossível. O parque inteiro parece estar reverberando com a voz estrondosa de Massimo. Nas trilhas, os frequentadores do parque ficam congelados, apenas com a cabeça e os olhos balançando em pânico. Kai, com Lucia em seu quadril enquanto ele a protege o máximo que pode com seu braço e corpo, está correndo em nossa direção em alta velocidade. Sua mão direita já está dentro da jaqueta, claramente

segurando a arma em seu coldre.

— Você disse que Massimo nunca grita com você, — Nera murmura ao meu lado.

Um pequeno sorriso se insinua em meus lábios. — Ele não grita.

Então eu o noto. Ele emerge de trás das árvores, percorrendo a distância com seus passos largos enquanto se apressa em direção ao banco onde Nera e eu estamos sentadas. As mangas da sua camisa cinza estão arregaçadas, revelando os músculos protuberantes dos seus antebraços marcados. Quando ele para diante de nós, suas narinas se dilatam e seu peito sobe e desce em rápida sucessão, como se ele tivesse corrido em uma maratona. A expressão em seu rosto é de fúria absoluta. Mas as profundezas dos seus olhos escuros parecem mais do que ligeiramente aterrorizadas.

— Anjo, — ele diz conforme cerra os dentes, enquanto me lança um olhar fixo. A tensão está se desprendendo dele em ondas, mas sua voz voltou ao timbre suave e rouco que ele sempre usa comigo. — Quer explicar...? — ele continua com o mesmo tom dócil.

Estou prestes a responder, quando...

— O QUE DIABOS A LEVOU A SAIR DE CASA SEM SEUS SEGURANÇAS, ZAHARA?

Mal consigo reprimir um sorriso. — Eu queria visitar minha irmã e minha sobrinha. Como você pode ver, Kai está aqui, e estamos todos perfeitamente seguros.

Massimo dá uma olhada por cima do ombro para Kai. Por sua vez, o marido de Nera está agora ao lado do meu homem desequilibrado, parecendo bastante homicida, mesmo com uma criança risonha em seus braços. A visão parece deixar Massimo um pouco mais calmo, pois sua respiração está mais tranquila quando ele se volta para mim. — Não confio sua segurança a estranhos. — Seu

tom voltou à qualidade melosa que ele reserva para mim.

— Kai não é um estranho.

— SEU CUNHADO LOUCO ESTÁ ABSOLUTAMENTE INCLUÍDO!

Sua oscilação entre a explosão violenta e a maneira suave é tão cômica que não consigo mais segurar e caio na gargalhada.

— Você acha essa situação engraçada?

— Hilário, na verdade, — eu bufo.

— Eu quase perdi a cabeça, preocupado de que ALGO PODERIA TER ACONTECIDO COM VOCÊ! — Ele passa a palma da mão na parte de trás da cabeça. — Droga. Sinto muito, querida. Não tive a intenção de gritar com você. É que... VOCÊ ME ASSUSTOU PRA CARALHO!

Dou uma olhada em Nera, que está assistindo pacientemente a toda essa conversa. Há perplexidade estampada em seu rosto. Depois, olho para o marido dela.

A testa de Kai permanece franzida enquanto ele observa Massimo com cautela. — Que diabos há de errado com ele? Ele tem algum dano cerebral ou algo assim? — Pergunta ele.

— Para sua informação, se não houvesse uma criança presente, eu lhe causaria uma lesão cerebral, Mazur, — Massimo responde.

— Ok, já chega. — Eu pulo do banco e pego a mão de Massimo. — Vamos para casa. Já causamos cena suficiente.

Massimo fica ranzinza durante todo o tempo em que o conduzo pelos caminhos em direção ao estacionamento do Boston Common. Eu, por outro lado, ainda estou lutando para conter minha risada e estou perdendo feio.

— Fico feliz que esteja achando meu colapso mental divertido, — ele resmunga enquanto abre a porta do passageiro do carro que peguei emprestado e faz um

gesto para eu entrar.

— Sinto muito. — Eu rio. — Onde está seu carro?

— Está... por aí. Vou pedir aos caras que voltem para buscá-lo, — ele diz e então vai até ao lado do motorista.

Ele não liga o BMW quando desliza para trás do volante. Em vez disso, ele respira fundo e entrelaça seus dedos com os meus.

— Eu também sinto muito. Não deveria ter levantado minha voz. — Pegando meu queixo entre os dedos, ele encosta seus lábios nos meus.

O beijo é intenso. Dominante. Seus dentes mordiscam meu lábio inferior enquanto ele desliza a palma da mão pelo meu queixo para agarrar meu pescoço. Oh, meu Deus! Nunca esperei que um colar de mãos fosse minha praia. Enquanto ele aperta levemente minha garganta, sinto a deliciosa pressão em meu clitóris. Meus batimentos cardíacos disparam. Que droga! Mais. Eu quero mais. Estou pronta para implorar, e um pequeno gemido me escapa enquanto me inclino em direção à mão dele, mas seus dedos já começam a se afastar.

— Desculpe, querida. — Seu aperto em meu pescoço se dissolve imediatamente. No momento seguinte, seu beijo se transforma. Torna-se mais suave. Delicado. Sua língua aveludada acaricia suavemente a minha. É um ótimo beijo, e eu ainda gosto dele, mas mesmo assim uma pequena ferida se abre em meu peito. Ele está pegando leve comigo. Mais uma vez.

Quando seus lábios finalmente se desprendem dos meus e ele se afasta, olho fixamente em seus olhos tempestuosos. Há muita paixão se formando ali. Desejo. Fome insaciável. Esse homem poderia me devorar apenas com seus olhos. E eu quero isso! Mas também quero sentir todo o seu poder bruto. Quero que ele pare de reprimir seu fogo de luxúria e nos deixe queimar.

Mas é óbvio que isso não vai acontecer agora. Suas carícias em meu queixo já voltaram ao toque quase imperceptível de antes.

— É melhor irmos embora, — suspiro.

# Capítulo 23

## Duas semanas depois




— Como você diria a um homem que quer que ele seja... mais rude com você?

Iris se vira, a pilha de toalhas limpas quase escorregando de suas mãos. Ela me olha chocada, de queixo caído. — Hum... mais rude? Como no...?

— Ou seja, não sou uma porcelana fina que se quebrará se ele me apertar com muita força — esclareço. — Imagine que você está com um parceiro que é muito apaixonado. Uma pessoa forte e dominante. Ele é assim, e você gosta dele do jeito que ele é. Mas ele faz tudo o que pode para suprimir sua verdadeira natureza quando está com você. Tudo porque ele tem pavor de que você se machuque, então ele tenta protegê-la disso. De si mesmo.

— Isso é mais do que adorável.

— É verdade. É que... — suspiro. — Que merda. Sei que parece besteira. Eu nem sei o que estou dizendo.

— Você acha que ele pensa que você é fraca?

— Não exatamente. Talvez apenas ‘não seja forte o suficiente’. Essa é provavelmente uma avaliação mais precisa. — A faixa que estou passando quase arranca a blusa com a força com que a puxo. — Não sou uma maldita xícara de chá de porcelana!

— Estamos falando de Don Spada, não estamos?

— Quem mais? — Um riso triste me escapa. — Ele tem certeza absoluta de que ninguém sabe sobre nós.

— Hmm. Ele parou de dormir na porta do seu quarto, mas a cama dele continua intocada. Então, tirei minhas próprias conclusões.

— Você não vai comentar sobre como é ultrajante o fato de eu estar dormindo com meu meio-irmão?

— Bem... é... não é algo comum, Srta. Zara. A família é sagrada. — Ela olha para as toalhas em suas mãos. — Mas... acho que o amor não se importa com as regras sociais. Não se pode simplesmente comandar seu coração. Também sei que você está apaixonada por ele há bastante tempo. E esse homem não consegue tirar os olhos de você sempre que você está por perto. Outro dia, quando ele me repreendeu por permitir que você saísse sem proteção quando foi ver sua irmã, pensei que ele fosse ter um aneurisma.

— Sim, ele gritava muito.

— Com você? Mas... ele nunca faz isso. Ele é tão diferente perto de você. Calmo e... mais normal.

— Eu sei. — Mordo meu lábio inferior. — Você me acharia louca se eu confessasse que adoro a loucura dele?

— Hum-hum. Um pouco? — Ela dá uma risadinha. — Quando Don Spada está em um dos seus ataques, tudo o que quero fazer é correr e me esconder. Acho que a maioria das pessoas sente o mesmo porque, sabe, acham que ele vai acabar com elas.

— Essa é uma preocupação justa.

Coloco o ferro de passar de lado e levanto a blusa para inspecioná-la. Roxo escuro, quase preto. Decote alto. Mangas longas, com uma linda renda nos punhos - material intrincado que cobrirá minhas mãos quando cair em cascata. Eu estava planejando combiná-la com calças pretas sob medida para a festa de

Brio hoje à noite. Meu traje típico.

Mas como posso esperar ser vista como forte se nunca fui corajosa o suficiente para participar de uma reunião da Família sem algo que me cobrisse completamente? Continuo assegurando a Massimo que não me importo com o que as pessoas vão pensar de mim se descobrirem sobre nosso relacionamento, mas sempre temi o peso dos seus olhos inquisitivos.

Abaixo minha blusa habitual e encontro o olhar de Iris. — Massimo está em seu escritório com Tiziano. Você poderia dizer a ele que eu preciso... de mais tempo? Vou me arrumar e pedir para Peppe me levar até Brio quando terminar.

— Hum... Acho que ele não vai sair sem você.

— Certifique-se de que ele saia.

Quando a porta do quarto se fecha depois que ela sai, eu jogo a blusa de volta na tábua de passar. Girando, vou em direção ao meu closet. A maioria das minhas roupas elegantes está pendurada lá - classificadas por cores, que vão do marrom escuro ao... preto. Suspiro, dando uma olhada nas poucas exceções que fiz em tons mais claros, agrupadas ao lado. E, na extremidade mais distante do varão, está pendurado um longo saco de tecido cinza. Minha mão treme levemente quando abro o zíper, revelando o comprimento da seda vermelho-carmesim. O vestido em que eu estava trabalhando quando Salvo me fez aquela visita decididamente desagradável e pensou que eu estava fazendo algo para a minha irmã.

Quando carrego o vestido e o coloco na cama, meu estômago se revira. Mas não é a ansiedade que o está revirando. É a empolgação. Eu nunca imaginei que pensaria em usá-lo em público, muito menos que me sentiria determinada como agora a seguir em frente com isso.

Eu posso ter sido uma xícara de porcelana delicada e facilmente quebrável.

Mas não sou mais.

E é hora de o mostrar a todos. E, o mais importante, a mim mesma.




— Por que diabos está demorando tanto? — Grito ao telefone. — Se Zahara não quiser comparecer, vou mandar todo mundo se foder e voltar para casa.

— Oh, tenho certeza de que ela quer participar, — Peppe zanga-se do outro lado da linha. — Estamos a dez minutos de distância.

— Quantos homens estão com você?

— Seis. Dois no carro à nossa frente e quatro em outro, vindo atrás. Ela chegará em segurança.

— Ótimo. — Encerro a ligação e dou uma olhada no enorme salão repleto de pessoas. Há mais de duzentos convidados. Na verdade, eu não sei - não me importo - com o que Brio está comemorando, mas essa festa se tornou sua despedida não oficial. Atualmente, apenas o Conselho está ciente da sua aposentadoria antecipada forçada, mas, em breve, farei com que todos na Família saibam da notícia.

Pegando uma taça de vinho em uma mesa próxima, atravesso a sala e dou uma olhada no espaço. Faz mais de vinte anos que não venho à casa de Brio e, naquela época, sua residência era a última coisa na qual eu pensava. Zahara, no entanto, prefere ficar à margem em eventos como esse. Podemos nos acomodar perto da saída para o corredor, onde há menos gente. Ou, se ela preferir, podemos ficar perto das portas de vidro que dão para o jardim.

Ainda não entendo por que ela insistiu que deveríamos comparecer hoje à noite. Detesto celebrações familiares, e ela sabe disso. Mas, mais do que isso, essa maldita festa é um risco colossal à segurança. Eu me certifiquei de ter trinta dos meus homens mais confiáveis posicionados ao redor do local. Todos eles têm ordens muito claras: proteger Zahara e ficar atentos a qualquer ameaça em potencial. Esse evento foi designado como um ‘ambiente livre de armas’, mas,

sinceramente, não dou a mínima para as delicadas sensibilidades de Brio ou para seu desejo de manter um lar livre de balas. Ambas as minhas Glocks estão enfiadas no coldre sob o paletó do meu terno.

— Brio aceitou a notícia da sua aposentadoria muito melhor do que o esperado, — diz Salvo ao se colocar à minha esquerda. — Eu esperava que ele tivesse um ataque.

— Ele tentou. Eu o convenci dos benefícios de aceitar a situação como ela é.

— Em troca de uma compensação monetária, talvez?

— Em troca de manter seus membros presos ao corpo. — Tomo um gole do meu vinho. — Peppe rastreou os últimos dos homens de Efisio que não haviam deixado a cidade dentro do prazo. Nenhum dos dois idiotas conseguiu confirmar ter visto o líder deles se encontrando com alguém da Cosa Nostra no último ano. Basicamente, a mesma história que todos os outros que ele interrogou contaram. É outro beco sem saída.

— Tem certeza de que não são os albaneses que o querem fora de cena? Pedi a um dos meus homens que fizesse uma pesquisa. Parece que os negócios de Dushku não estão indo bem. Depois que seus negócios com a Bratva e depois com Ajello fracassaram, suas finanças sofreram um grande golpe. E agora, com a nossa mudança para o trabalho com Popov, restam apenas alguns pequenos jogadores para os albaneses se manterem como clientes.

— Endri é uma cobra esperta. Ele encontrará uma maneira de sair dessa situação.

— Talvez. — Salvo dá de ombros. — Sabe, estou um pouco triste por estarmos nos retirando dos clubes de striptease. Muitos homens nesta sala gostavam bastante de desestressar com as garotas. Quando será a entrega oficial?

— Em um mês. Vou me encontrar com o subchefe de Ajello amanhã à noite para assinar a papelada. Provavelmente...

De repente, a sala fica completamente silenciosa. Olho em volta, observando os olhares surpresos de mais de duzentos convidados. Todos parecem estar olhando para a mesma direção. Quando meus olhos finalmente se fixam na fonte da comoção, quase engulo a língua.

— Foda-se, — Salvo murmura ao meu lado.

Sob as luzes brilhantes do vestíbulo, uma visão em vermelho entra no salão de festas. A parte superior do vestido abraça seu corpo sublime, enquanto a saia longa de seda cai em cascata sobre seus quadris como uma cachoeira de sangue. A cada passo que ela dá, as duas fendas na altura da coxa se deslocam, revelando suas pernas bem torneadas. Meus olhos seguem dos seus saltos dourados cintilantes, passando pelos flashes de pele macia, pelo corpete justo e pelo decote em V profundo que desce para mostrar seus seios exuberantes, até parar em seu rosto angelical. Como de costume, ela não usa um pingo de maquiagem. Mas, em vez de usar o cabelo solto, como de costume, ele está preso no alto da cabeça em um coque apertado e elegante.

Meus pulmões se contraem e fico sem fôlego enquanto vejo Zahara deslizar entre os convidados. Eles se separam como uma onda para deixá-la passar. Não consigo mover um músculo sequer. Não consigo nem mesmo respirar, absolutamente impressionado com a magnífica visão dela. Ela caminha com passos seguros, com a cabeça erguida, como se estivesse totalmente despreocupada com os olhares de todos. O olhar descarado deles não deixa dúvidas - eles a estão vendo pela primeira vez. Em toda a sua glória real. Em meio à multidão, ela caminha como uma princesa. Não... como uma maldita rainha.

Minha rainha.

Nossos olhares se cruzam naquele momento, e parece que uma bola de demolição acabou de me atingir em cheio no peito. Em uma fração de segundo, percebo quão monumentalmente errado eu estava ao duvidar da força interior

dessa mulher. A garota que passou anos tentando ser invisível não existe mais.

Estou completamente absorvido pela visão celestial diante de mim, tão diferente daquela que já conheço e amo, quando um convidado - um convidado *masculino* - bloqueia seu caminho, interrompendo minha visão.

Uma raiva cega irrompe dentro de mim enquanto corro pela sala, direto para o homem que ousou se colocar entre mim e meu anjo. Agarro o idiota pela parte de trás do paletó do terno e o arremesso para o lado, onde ele se choca contra uma das mesas, derrubando-a.

— Você nunca me disse que gostava de vermelho, Zahara, — eu digo, aproximando-me dela.

Ela inclina a cabeça, olhando para mim por baixo dos seus longos cílios. — Na verdade, é minha cor favorita.

Minha mão se ergue como que por vontade própria e eu roço seu queixo com os nós dos dedos. Em seguida, meus dedos percorrem seu pescoço fino, passando por sua nuca, onde duas longas fitas que se estendem da frente do seu vestido estão amarradas em um laço, com as pontas penduradas em suas costas nuas.

— Uma daquelas coisas que precisavam ser costuradas do avesso? — Pergunto, passando a palma da mão pelo comprimento da seda.

— Sim. — Seus olhos brilham como dois grandes diamantes cor de uísque. — Usando o mesmo pedaço de tecido com o qual o corpete foi feito.

Ao nosso redor, as pessoas fingem estar saboreando suas bebidas, mas seus olhares perplexos não se desviam de nós nem por um segundo. Obviamente, elas estão ouvindo, mas não conseguem entender nossa conversa.

— Quer tomar um drinque, anjo?

— Eu adoraria.

Coloco minha mão na parte inferior das costas de Zahara, conduzindo-a pela sala até um bar no canto oposto. Todos os olhos da sala nos acompanham enquanto

seguimos nosso caminho. Minha palma tem vontade de deslizar para baixo, para seu irresistível traseiro.

***Claro. Vamos transmitir a todos aqui que você está transando com sua meia-irmã para que eles possam ir atrás dela como os malditos abutres que são.***

— Isso se chama fazer amor, idiota, — murmuro baixinho. — E tenho certeza de que ela vai chutar a bunda deles se tentarem.

Minha voz está baixa, mas, a julgar pelo punhado de olhares perplexos, claramente ainda está alta o suficiente.

— Outra briga com seu alter ego? — Zahara sussurra, com a diversão dançando em seu tom.

— Talvez.

— Apenas diga a ele para calar a boca.

Uma risada se forma em meu peito. ***Você ouviu o que disse a senhora. Vá embora,*** digo ao meu outro eu.

Meus dedos contornam a suavidade sedosa da cintura de Zahara e, em seguida, deixo a palma da mão se curvar sobre sua bunda perfeita, apertando-a levemente.

Um silêncio envolve a sala novamente, com apenas o canto melodioso da cantora de jazz em algum lugar à nossa direita desafiando a respiração coletiva suspensa. Isso dura apenas um momento antes que murmúrios e sussurros insistentes explodam de todas as direções. Malditos abutres. Eles simplesmente não conseguem se conter.

Não que eu esteja surpreso. Os pontos de vista da Cosa Nostra sobre as interações entre homens e mulheres são muito tradicionais. Não há como um homem bem-educado ousar encostar a mão na bunda de uma mulher sem que os dois estejam em um relacionamento oficial - casados ou, pelo menos, comprometidos. A maneira como estou mantendo Zahara pressionada ao meu lado teria sido mais do que suficiente para provocar uma série de suposições de

que há algo entre nós. Minha mão em sua bunda transformou essas suposições em uma certeza categórica.

Posso sentir intensamente os olhos de todos focados em minha mão. Os murmúrios furiosos se tornam gradualmente mais altos. Não foi um ato consciente, deslizar minha mão para baixo para agarrar o traseiro de Zahara. Mas mantê-la ali enquanto atravessamos a sala, com certeza foi. Estou reivindicando meu direito. Declarando-a como minha - finalmente. É um uivo sem som que é ensurdecedor dentro dessas paredes.

Dou uma olhada para Zahara, preocupado com sua reação agora que o segredo foi revelado. Notavelmente, ela não parece perturbada... muito. Sua coluna permanece reta e ela caminha com a cabeça erguida. Mas eu a conheço. Vejo o nervosismo que ela está tentando esconder.

— Quer que eu os mate? — Pergunto, enquanto continuamos a nos deslocar entre os abutres.

Um sorriso brincalhão se insinua em seus lábios. — Não. Mas obrigada pela oferta.

— Tem certeza?

— Sim. Mas eu gostaria que eles simplesmente parassem de falar. É como se tivéssemos aterrissado em uma maldita colmeia.

— Isso pode ser providenciado.

Mudando de rumo, eu a guio até à cantora, que está tentando ser ouvida em meio ao barulho. Pegando o microfone da mão da mulher, coloco Zahara mais perto de mim, enquanto minha palma permanece firmemente plantada em sua bunda. Viro-me para a multidão e eles imediatamente fecham a boca, com seus olhares chocados voltados para mim.

— Bom. — A palavra ricocheteia por toda a sala. — Se eu perceber que alguém, com exceção da adorável banda atrás de mim, está usando suas cordas vocais

esta noite, essas cordas vocais serão removidas à força das gargantas que habitam atualmente. Estou sendo claro?

Minha única resposta foi uma série de suspiros de choque. No entanto, muitos piscam os olhos atônitos. Mas nenhuma palavra real está sendo dita.

— Eu perguntei: ESTOU SENDO CLARO? — digo.

Todas as cabeças se movem para cima e para baixo como uma trágica exibição de bonecos de cabeça balançante. Eles permanecem mudos como o caralho, apenas continuam olhando para mim e Zahara.

— E censurem suas malditas expressões, porque não vou aceitar bem nenhuma que não me agrade, — acrescento. — Vocês manterão seus olhares de desdém e desaprovação sob controle, ou sofrerão as consequências e minha ira. Considerem-se avisados.

Mais acenos de cabeça.

— Perfeito. Continue. — Eu jogo o microfone de volta para a cantora e, em seguida, olho para Zahara, que está me observando com os olhos semicerrados.

— Você não pode proibir as pessoas de falarem, Massimo.

— Não? — Arrasto os nós dos dedos ao longo da linha delicada do seu queixo. — Bem, acabei de fazê-lo.

— Você está me superprotegendo novamente.

— Adoro cuidar de você, meu anjo. Não suporto a ideia de que aqueles bastardos possam dizer algo que a perturbe, que possam machucá-la com suas palavras cruéis. Agora não há como voltar atrás, Zahara. Você entende isso, certo?

— Entendo. Mas o que eu preciso que você entenda é que eu posso lidar com isso. Não sou mais a garota tímida e assustada que fui um dia. Palavras rudes e olhares de reprovação não me incomodam mais, e preciso que todos percebam isso. Incluindo você.

Eu a observo - tão linda e feroz - enquanto meu coração incha dentro da gaiola, como se estivesse tentando alcançá-la. Sim, ela é forte. Muito mais forte do que eu acreditava anteriormente. Mas agora eu entendo. Mas se ela precisa disso para afirmar a si mesma e a todos os outros que é inabalável, vou atender ao seu desejo.

Estendo a mão para a cantora, que está totalmente parada e em silêncio absoluto. — Devolva-me isso.

Quando ela me passa o microfone, envolvo meu braço na cintura de Zahara e me viro para encarar a multidão atônita.

— Vocês têm permissão para falar. — Minha voz mais uma vez atravessa a sala. O tom é o mais despreocupado possível, mas deixo meu olhar deslizar e parar no maior número possível de pessoas que nos observam, telegrafando claramente as consequências caso o assunto de suas bocas tagarelas me irrite. Uma morte rápida e dolorosa.

Como era de se esperar, os sussurros baixos recomeçam no momento em que o microfone volta a ser colocado nas mãos da cantora.

— Satisfeita? — Encontro os olhos cor mel de Zahara.

Ela inclina a cabeça para o lado, com um pequeno sorriso curvando os lábios. — Você é incorrigível.

— Sem dúvida, — eu sorrio. Em seguida, eu a levanto em meus braços e selo minha boca na dela.

Não é nosso primeiro beijo, mas parece que é por algum motivo. Talvez seja porque não estou mais paranoico com a possibilidade de alguém nos ver. Isso não é mais um problema, já que praticamente toda a Cosa Nostra de Boston está reunida neste salão, testemunhando eu devorar os lábios do meu anjo sem um pingo de vergonha ou preocupação com suas mentalidades limitadas. E que lábios são esses... Macios, como as pétalas de uma flor requintada, e doces,

como o fruto proibido mais maduro. Zahara é meu jardim paradisíaco, e não consigo mais me conter. Eu me rendo à tentação de mordiscar os lábios mais suculentos do mundo, apreciando a respiração ofegante que passa dos seus lábios para os meus.

Um suspiro coletivo explode ao nosso redor, e então os sussurros aumentam. Em pouco tempo, o estrondo percorre a sala como um terremoto. E eu... Não. Me. Importo. Não dou a mínima para nada além da minha Zahara.

As batidas do meu coração, no entanto, aumentaram para um ritmo alucinante. O som é tão alto em meus ouvidos que sinto como se todo o meu corpo estivesse pulsando de dentro para fora. Meu Deus, estou tão louco por essa mulher. É uma sensação muito boa poder finalmente reivindicá-la como minha na frente de todos. Certificar-me de que todos saibam a quem pertence essa mulher, para que nenhum idiota tente se aproximar dela novamente. Da próxima vez, matarei quem se atrever.

Zahara me beija de volta, e o toque ousado da sua língua não me deixa dúvidas sobre o fervor da sua paixão. Ela passa os braços em volta do meu pescoço e seus dedos percorrem o cabelo curto na parte de trás do meu couro cabeludo. Não o raspo desde o dia em que ela admitiu que queria me ver usando-o mais comprido. Chupo sua língua entre meus dentes, mordendo-a de leve. Ela retribui a mordida. Com força. Um sabor metálico irrompe em minha boca. O gosto de sangue - acre e amargo. Uma grande contradição com o aroma fresco de jasmim que me envolve. O cheiro de paz que só ela poderia me dar.

— Preciso lhe perguntar uma coisa, — sussurro em seus lábios.

— Está bem.

Relutantemente, afasto minha boca faminta da dela e encontro seu olhar. — Você se casaria com esse velho louco e idiota, Zahara?




Meus pulmões não estão funcionando. Alguém deve ter desligado meu sistema respiratório, pois não consigo inalar nem exalar. A única coisa que consigo fazer é olhar nos olhos de Massimo, ficando mais ofegante e tonta. Os sussurros abafados ao nosso redor explodem em uma cacofonia de gritos de espanto. Eu mal os registro. Será que estou sonhando? Devo estar.

— Deus sabe que você merece algo melhor, anjo, — Massimo continua, com um tom grave. — Mas a questão é que não posso deixá-la ir. Você é minha, Zahara. Você é minha desde o momento em que seu olhar conhecedor pousou em minha bunda aprisionada. Lá estava você, de luto pelo seu pai, e tudo o que eu podia fazer era lutar para respirar. Desde então, não houve um dia sequer em que eu não precisasse de você. Você é o próprio ar em meus pulmões. Eu a amo, querida. Estou sendo egoísta, mas você já sabe disso sobre mim. Por favor, diga sim.

Meus olhos se enchem de lágrimas, embaçando minha visão e o rosto dele. Tento responder, mas não consigo passar pelo caroço que bloqueia minhas vias respiratórias. Fantasiei com esse momento por tanto tempo. Não consigo acreditar que isso seja real. Segurando as bochechas de Massimo com as palmas das mãos trêmulas, tento novamente fazer com que as palavras saiam da minha boca. Apenas um som ofegante me escapa. Então, eu simplesmente o beijo. Coloco tudo o que sinto naquele beijo.

— Você precisa dizer *sim*, Zahara. Porque se não disser, sou capaz de matar todos os homens em um raio de cento e sessenta quilômetros, só para garantir que ninguém mais possa tê-la, — ele diz em meus lábios.

Solto uma risada trêmula. — E quanto às testemunhas?

— Também vou me livrar delas.

— Não há necessidade disso. — Eu ofego. — Sim. Eu me casarei com você.

Gritos de choque surgem atrás de mim, mas são abafados pelos passos apressados de Massimo que ecoam no piso de madeira enquanto ele me carrega pela sala. Prendo meus tornozelos atrás de suas costas e dou uma olhada por cima do seu ombro. O alto escalão da Cosa Nostra de Boston se reuniu em um semicírculo no centro do salão, olhando para nossas formas em retirada com total estupefação. Entre eles está Salvo, com um olhar de grande amargura em seu rosto. Perto dali um Tiziano atônito está praticamente segurando sua esposa. Suas mãos estão cobrindo a boca, os olhos arregalados - ela está horrorizada. É uma visão e tanto.

A vontade de rir me domina. Durante anos, fiz tudo o que pude para permanecer invisível para essas pessoas, sem nunca querer chamar a atenção para mim. Mas agora, ao criar um escândalo que, sem dúvida, será comentado na próxima década, por um momento, esqueci completamente que elas existiam. Tento abafar o ataque de riso que está borbulhando dentro de mim e não consigo.

— Para ser completamente honesto, — Massimo resmunga enquanto abre uma porta com um chute. — Essa não é a reação que eu esperava ao meu pedido de casamento.

Bufo e enterro o rosto na curva do seu pescoço. — Desculpe. Você deveria ter visto as expressões nos rostos de todos.

— Bem, é melhor eles controlarem suas expressões antes de voltarmos.

Massimo para no final de um corredor escuro e abre outra porta com um chute. O cômodo para o qual ele me leva está coberto de sombras, com uma luminária alta no canto como única fonte de luz. Cortinas azul-marinho obscurecem as janelas do lado oposto, e todas as outras paredes são forradas com estantes de livros intrincadamente esculpidas.

— Onde estamos?

— No escritório de Brio. — Massimo me deposita na grande escrivaninha de pedestal que ocupa o meio da sala.

— Por quê?

— Porque se eu tiver que esperar mais, meu pau vai explodir. — Ele pega meu queixo entre os dedos e se inclina para tão perto que seu rosto fica a um sopro de distância. Seus olhos são ferozes e me examinam com tanta atenção que ele certamente pode ver as profundezas da minha alma. — Vou transar com você agora, meu anjo. Vai ser duro. Se você acha que não vai aguentar, é melhor me dizer imediatamente.

Levanto meu queixo. — Faça o seu pior. Foda-me em cima desta mesa e me faça gritar seu nome para que todos ouçam.

Um rosnado feroz irrompe do seu peito. Sua mão desliza do meu queixo e envolve a coluna da minha garganta.

— Zahara. — Há uma clara advertência em seu tom, uma promessa do mais pecaminoso prazer carnal. — Tenha cuidado. Meu controle está por um fio e a última coisa que quero é machucá-la sem querer.

— Então pare de me tratar como se eu fosse de vidro. — Eu agarro sua gravata e o puxo para mais perto para ronronar em seu ouvido. — Aquele outro você. Aquele que você deixa transparecer apenas para os outros, mas nunca para mim. O cruel e indomável. Quero que *ele* me foda esta noite.

O corpo de Massimo fica imóvel. — Somos um só, querida, — ele sussurra.

— Eu sei. — Agarro seu queixo, imitando a forma como ele me segura. — Portanto, não se atreva a me negar nem mesmo a menor parte de você. De agora em diante, eu quero você por inteiro, Massimo. Você pode me dar isso?

Algo brilha em seus olhos. Algo perigoso. E um pouco perverso. Seu olhar permanece fixo no meu enquanto ele abre a calça e desliza o zíper para baixo, liberando seu pau duro como aço. Minha respiração fica mais acelerada e

irregular quando ele coloca as palmas das mãos em minhas coxas nuas, deslizando-as lentamente para cima.

— Desculpe-me pelo vestido, querida, — ele diz. Em um instante, um rasgo alto ecoa por toda a sala.

Um grande pedaço de seda vermelha cai no chão, aterrissando aos pés de Massimo. Ele move seu olhar faminto para o meu peito, parando em meus seios por um momento e, em seguida, continua sua varredura para baixo. A parte frontal da minha saia, o pedaço frágil que se estendia para fora do corpete e mal se prendia à longa cauda na parte de trás, a parte que criava a ilusão de duas fendas na altura da coxa, foi destruído. Deixando minha boceta nua totalmente à mostra.

— Esse vestido não foi feito para ser usado com roupas íntimas, — eu digo.

Aqueles olhos diabólicos brilham com uma fome desenfreada, como se minhas palavras tivessem libertado um predador faminto. Suas narinas se dilatam e seus lábios tremem em um rosnado profundo e gutural, enquanto ele estende a mão e pressiona o polegar em meu núcleo. Eu me arrepio. Pode ter sido apenas um único toque, mas é como se ele tivesse disparado uma enxurrada de fogos de artifício com ele. Precisando de algo para me ancorar, agarro as lapelas do seu paletó, apertando o tecido enquanto o puxo para mais perto de mim. As pontas dos seus dedos roçam minhas dobras delicadas, enquanto sua outra mão volta ao meu pescoço para acariciar os tendões tensos da minha garganta.

— Zahara, — ele grita, deslizando os dedos dentro da minha boceta. Primeiro um, depois ele acrescenta outro.

Minha umidade mancha sua mão enquanto ele empurra para dentro e para fora. Lentamente, mas com golpes fortes e medidos. Cada investida estica minhas paredes, levando-me à beira do esquecimento. Jogando a cabeça para trás, estendo o pescoço, pressionando-o com mais firmeza contra a palma da sua mão e me deliciando com o aperto da sua mão.

— Zahara... Zahara... Zahara... — Ele enrola os dedos bem dentro de mim, acariciando meu ponto mais sensível.

Estremeço quando ondas e mais ondas de tremores assolam meu corpo. Em vez de diminuir, a intensidade parece aumentar à medida que ele aumenta a pressão do seu toque. Estou queimando, consumida pela febre, enquanto a eletricidade corre em minhas veias. Sinto tudo... e em todos os lugares, completamente fora de controle.

— Sim? — Consigo formar a palavra. Ela soa mais como um gemido.

— Você está pronta para me aceitar por inteiro, querida?

Inclino meu queixo e belisco sua orelha de leve. — Eu sempre estive pronta, Massimo.

Seu rosnado de resposta ecoa em torno de nós enquanto ele desliza os dedos para fora. Agarrando meus joelhos, ele abre bem minhas pernas e enfia seu enorme pau dentro de mim, enchendo-me até à borda.

Eu respiro fundo com a intrusão repentina. Ele é tão grande que quase desmaio com a sobrecarga de sensações. Há um pouco de desconforto, beirando a dor, mas, ao mesmo tempo, a sensação é tão, tão boa. Eu saboreio a queimadura, apertando meus músculos internos em torno dele, flutuando em uma nova onda de felicidade.

Massimo envolve-me com o braço, pressionando a mão esquerda na parte inferior das minhas costas enquanto varre a superfície da escrivaninha com a outra. Papéis, canetas, livros e até mesmo alguns porta-retratos são lançados pela sala e caem no chão. Então, ele agarra meu queixo. Com nossos rostos a poucos centímetros de distância, ele me empurra para trás, deitando-me sobre a enorme mesa enquanto seu corpo cobre o meu. Quando ele reposiciona os dedos ao longo da linha da minha mandíbula, posso sentir meu cheiro neles, sentir a suavidade da minha excitação cobrindo sua pele calejada. Isso me excita. Assim como a expectativa de mais, enquanto sua outra mão desliza pela parte externa

da minha coxa e levanta minha perna, movendo-a sobre seu ombro. E então, ele simplesmente olha para mim.

— Perfeita, — ele sussurra pouco antes de se retirar. Uma fração de segundo depois, ele está empurrando de volta.

Ele me bate com tanta ferocidade que a escrivaninha desliza pelo chão a cada forte golpe dos seus quadris. Fico segurando a parte da frente da sua camisa, agarrando o material como se fosse minha única opção terrena. Ele rosna. Respira pesadamente. Ele é barulhento quando transa. Sem restrições. Sem amarras. Indomável.

Eu o adoro. Eu o amo. Cada faceta desse homem complicado.

Sua mão direita desliza até minha garganta, apertando-a levemente. Naquele instante, uma sensação de triunfo me domina. Reticente em perder tudo muito rapidamente, aperto meus dedos em torno do seu pulso, certificando-me de que sua mão permaneça exatamente onde está. E então, com nossos olhares fixos em uma troca silenciosa, agarro sua garganta com a minha mão livre.

O ar sai dos meus pulmões em rajadas curtas e agudas, acompanhando o ritmo dos seus movimentos. Inspiro quando ele mergulha e expiro quando ele se retira. Emaranhados em um olhar fixo e inabalável, enquanto continuamos a segurar a garganta um do outro, ele me fode como um louco. Há algo de animalesco nessa posição. Como posso sentir os músculos do pescoço dele sob minha palma. As vibrações enquanto ele rosna. E ele pode sentir cada vez que engulo, cada vez que respiro com dificuldade. É como se fôssemos realmente um só.

As pernas da mesa raspam o piso de madeira devido à força do seu ataque. Estou lutando para respirar, mal conseguindo obter oxigênio suficiente a cada inspiração superficial. Massimo deve ter percebido minha luta, pois seu aperto em meu pescoço se afrouxa. Não está acontecendo. Aperto seu pulso com ainda mais força, enterrando minhas unhas em sua pele.

Aquele nó na base da minha coluna fica mais apertado, torcendo e torcendo até

que finalmente se rompe. A liberação - uma explosão galáctica - é diferente de tudo o que já senti antes. Estou girando, atordoada, aproveitando a euforia do meu orgasmo quando, de repente, ele solta meu pescoço. Seu pau desliza para fora e eu gemo em protesto contra a perda. Mas duas mãos grandes agarram as bochechas da minha bunda, levantando minha parte inferior do corpo. Língua. Quente, úmida, aveludada. Lança-se dentro do meu núcleo já trêmulo. Lábios. Duros, exigentes. Selam ao redor do meu clitóris. Sucção. Forte, de derreter a mente. Dentes, roçando a carne hipersensível. E então... uma mordida. Eu grito. Volto a cair naquele penhasco emocionante que me quebra em uma nuvem de poeira estelar.

— Vou lamber até à última gota do seu néctar, querida. E depois, vou deixá-la molhada de novo.

Ele faz exatamente isso, acariciando sua língua magistral dentro de mim agora. Lambendo minhas paredes internas como se ele realmente quisesse lamber cada gota de mim. Eu agarro os cabelos curtos no topo da sua cabeça, puxando seu rosto para mais perto, forçando-o a ir mais fundo. Quero mais da sua boca. Então, quando seus lábios se fecham em torno do meu clitóris, sugando-o, quase desmaio.

— Jesus, querida, — ele rosna enquanto abaixa minha bunda e enterra seu pau em mim novamente. — Está vendo o que você faz comigo? Não consigo decidir se quero fodê-la com minha língua ou com meu pau.

Meu clímax ainda não diminuiu e já sinto o próximo se formando. Uma onda de pura euforia incha em meu corpo mole, subindo cada vez mais alto com cada uma de suas investidas frenéticas.

— Zahara, Zahara, Zahara... — ele grita enquanto puxa meu cabelo para fora do coque, prendendo as mechas dispersas em sua mão, e me empurra com tanta força que a escrivaninha bate contra uma das prateleiras, deslocando vários livros.

— Eu adoro... — ele bate em mim — ...quando você olha para mim... — bate — ...desse jeito.

— Como assim? — Agarro seus antebraços, tentando me segurar.

Um sorriso malicioso se desenha em seus lábios. Seu pau está alojado profundamente dentro de mim enquanto ele se inclina até que seu rosto esteja pairando logo acima do meu.

— Como uma pequena loba faminta que não consegue decidir se prefere me comer ou ser comida. — Ele desliza para fora, mas bate em mim novamente, enterrando-se até ao fim.

Novas constelações nascem diante dos meus olhos enquanto ele continua a bater em mim e outro orgasmo me domina. Eu me agarro à parte da frente da sua camisa conforme sons estranhos de miados saem dos meus lábios, enquanto eu me deixo levar pelas ondas de puro êxtase.

— Minha! — Massimo ruge enquanto jato após jato da sua semente me preenche.

— Meu! — digo.

***

— Sairemos pela porta da cozinha, — diz Massimo enquanto me ajuda a vestir seu paletó. Alguns dos botões da sua camisa estão faltando e há arranhões vermelhos e finos em seu pescoço. Eu fiz isso com ele? Não me lembro.

— Infelizmente, não há como você voltar à festa.

— Foi o que pensei, — sorrio. O fato de eu voltar ao grande salão com toda a parte central da minha saia faltando e com minha intimidade na frente e no centro para que todos vejam, pode ser um pouco demais. Mesmo para um

público menos conservador. E esse definitivamente não é o caso.

Massimo se agacha diante de mim, abotoando o paletó. Ele mal terminou o último fecho quando um estranho som de estalo irrompe em algum lugar fora do escritório.

— O que...

Rapidamente, ele pressiona o dedo indicador em meus lábios e balança a cabeça. Em seguida, ele puxa uma de suas armas do coldre que está preso em seu torso.

— Um tiro, — ele sussurra e engatilha o martelo da sua arma.

Seus passos são totalmente silenciosos quando ele se aproxima da porta e a abre para olhar para fora. A música e as risadas entram imediatamente no escritório, mas os sons são abafados, como se viessem de longe. Embora eu não tenha prestado muita atenção ao nosso caminho até aqui enquanto Massimo me carregava, tenho certeza de que acabamos na parte mais distante da casa.

— Fique aqui, — Massimo diz por cima do ombro e entra no corredor escuro.

Além do clamor abafado da festa, não há nenhum outro ruído. Afinal, talvez não tenha sido um tiro? Não soou alto o suficiente para ser um. Deslizo até à porta, espiando pela pequena abertura que Massimo deixou quando saiu. Não há muito o que ver no espaço escuro, e as costas largas de Massimo bloqueiam o resto. Ele está parado na porta aberta do quarto diretamente do outro lado do corredor.

— Mas que merda, — ele murmura e, baixando a arma, entra.

Dando uma olhada rápida em mim mesma para ter certeza de que o paletó dele está cobrindo todas as minhas partes expostas, entro na ponta dos pés no corredor. Quando chego à soleira do outro cômodo, paro imediatamente.

O corpo de uma mulher com um minivestido preto está esparramado no chão ao lado de uma cômoda. O sangue está escorrendo do buraco no meio da sua testa, encharcando os curtos fios loiros do seu cabelo que estão parcialmente escondendo seu rosto. Ela parece um pouco familiar, mas com todo o sangue,

não consigo reconhecer. Seus olhos estão abertos e parecem estar olhando diretamente para mim. Quero me afastar, mas não consigo. Nunca vi uma pessoa morta tão de perto antes.

— O que aconteceu? — O tom agitado de Massimo me tira do meu estupor.

Finalmente tiro meu olhar do corpo e só então percebo que há mais alguém no quarto. Um homem alto e corpulento, vestindo um terno cinza-metálico, está de pé sobre a mulher morta. Ele está de costas para mim e em sua mão direita, pendurada frouxamente ao lado da coxa, há uma arma equipada com um silenciador. Quando ele se vira percebo quem ele é. *Puta merda!*

— Comece a falar, Adriano, — Massimo responde. — Agora.

Adriano enfia a arma no cós da calça e tira os óculos. Seus movimentos são quase perturbadoramente casuais, especialmente quando ele começa a limpar as lentes com um pequeno pano que tirou de dentro do paletó.

— Não vejo como meus assuntos pessoais são do seu interesse, Spada.

*Assuntos pessoais?* Olho novamente para a mulher morta e minha mão voa para cobrir minha boca. Meu Deus do céu. Essa é a esposa de Adriano.

— Filippa não era um membro da Família, — continua Adriano. — Portanto, sua morte não deve ser de interesse da Cosa Nostra.

— Mas você é. — Massimo avança, entrando na cara de Adriano. — Os cadáveres têm se acumulado nas últimas semanas e eliminá-los exige um trabalho de merda. Eu certamente não preciso acrescentar o seu à minha contagem.

Adriano dá uma olhada desinteressada em sua esposa morta. — Não se preocupe. Eu limparei o que for preciso.

Fico boquiaberta com ele. Adriano sempre foi o mais gentil entre os membros do alto escalão da Família. Calmo. Tranquilo. Contido. Fora da reunião do Conselho que presenciei, ele nunca discutiu ou perdeu a paciência com ninguém,

e certamente nunca demonstrou tendências violentas. Até ao momento, eu teria jurado que ele nunca faria mal a uma criatura viva em sua vida. Mas, ao observá-lo agora, discutindo o descarte do corpo da sua esposa como se ela não fosse nada mais do que um pedaço de lixo indesejado, enquanto parece totalmente à vontade e imperturbável pelas circunstâncias, percebo como as impressões sobre as pessoas podem ser erradas. Ele pode parecer perfeitamente calmo por fora, mas há uma tempestade de raiva e ódio se formando em seus olhos cautelosos. Ele pode explodir como uma supernova. *Tique-taque. Tique-taque.*

— E quanto à família dela? — Pergunta Massimo. — Gângsteres mortos podem ser descartados como resultado de uma briga interna, mas isso é diferente.

— Como eu disse, eu cuidarei disso.

As veias do pescoço de Massimo estão salientes, seus músculos estão se esticando contra a pele e o olhar em seus olhos está se tornando homicida. Não sei o que levou Adriano a matar sua esposa, mas sei que Massimo não pode se dar ao luxo de enlouquecer e atacar Adriano esta noite. O homem é importante demais para a Cosa Nostra. Sei que Massimo sabe disso, mas sua raiva o está cegando neste momento. Aquele bruto interior está assumindo o controle. Preciso tirar meu homem daqui. Agora!

— Massimo. — Pego sua mão e a aperto. — Temos que ir.

Sua mandíbula endurece e seus olhos não se desviam do rosto estoico de Adriano. Os dois são uma visão e tanto - ambos homens altos e impecavelmente vestidos, mas com vibrações completamente diferentes. Massimo é uma fúria ardente e furiosa, enquanto Adriano é uma armadilha prestes a disparar. Dois predadores distintos, um de frente para o outro, como duas cobras prontas para atacar.

— Por favor, — insisto, apertando os dedos de Massimo com os meus. — Adriano disse que tem tudo sob controle. E eu estou ficando com muito frio.

A postura de Massimo relaxa.

— Peppe está com a equipe de limpeza de prontidão. Chame-o. — Passando o braço em volta da minha cintura, ele me puxa para o seu lado. — Vamos para casa, meu anjo.

# Capítulo 24




— Não, não estou mudando de ideia! — Os rugidos de Massimo chegam até o segundo andar. A janela da sala de jantar provavelmente foi deixada aberta. Ou não. Seu volume frequentemente atinge esse pico sempre que ele está conversando com Brio. Meu palpite é que o futuro ex-capo fez outra visita a Massimo. Mesmo à distância, e com o secador de cabelo ligado, ainda consigo ouvir o desenrolar da discussão.

— Está tentando me chantagear, filho da puta?

Sim. Definitivamente, Brio.

— Srta. Zara. — Iris enfia a cabeça no banheiro. — Peppe diz que há grandes atrasos no caminho para o aeroporto, e ele acha que seria melhor para Don Spada sair um pouco mais cedo. — Ela estremece quando outra rodada de gritos irrompe no andar inferior. — Além disso, eu só queria lembrá-la de que o empreiteiro deve estar aqui em quinze minutos para dar uma olhada no telhado.

Droga. Foram necessárias seis tentativas para finalmente marcar um horário com essa empresa de telhados em particular. Se os empreiteiros chegarem enquanto Massimo ainda estiver tendo um ataque, provavelmente darão meia-volta e irão embora.

Desligo o secador de cabelo e me olho no espelho. Meu cabelo ainda está úmido e só estou usando a camisa social de Massimo. Meu impulso imediato é me vestir e arrumar o cabelo para ficar mais apresentável antes de me encontrar com um capo, independente de ele estar de saída ou não. A etiqueta e os requisitos de vestimenta adequada foram gravadas em mim desde que eu mal tinha idade para

andar.

Bem, as coisas mudaram.

— Prepare alguns refrescos, por favor, — digo a Iris enquanto saio do quarto. — Se eu ainda estiver na sala de jantar quando os empreiteiros chegarem, encontre alguma maneira de distraí-los por um tempo.

— Claro. Com certeza. Hum... e você será capaz de acalmar o Don antes que eles cheguem aqui?

— Sim.

— Ah. Isso é ótimo. E... como está planejando fazer isso?

Paro na soleira da porta e sorrio. — Redirecionando seu vigor.

Enquanto corro pelo corredor e desço a ampla escadaria, vários funcionários da casa me olham surpresos. Alguns parecem se divertir com meu cabelo desarrumado, mas a maioria está perplexa com minha escolha de roupa. A camisa marrom-escura de Massimo deixa minhas pernas nuas à mostra. Pelo menos ela é longa o suficiente para cobrir minha bunda e esconder o fato de que não estou usando nada por baixo. Não que eu me importasse se não estivesse. Todo mundo tem direito a suas opiniões, e eu respeito isso, mas não dou mais a mínima para elas.

É uma sensação boa. É libertador.

— Nem imagina como não me importo com os contratos que você pode garantir para a Família, Brio! Puxar saco de investidores e sua habilidade de bajular, como fez na festa de ontem à noite, não é o que importa aqui. Você ainda está fora! Se você já está entediado, encontre um hobby. Ouvi dizer que fazer crochê faz maravilhas para manter sua mente afiada!

A gritaria continua a se espalhar pela mansão como uma onda. Olho de relance para o lustre de cristal pendurado no saguão de entrada e, em seguida, percorro o perímetro da sala. Por via das dúvidas. Essa coisa pode cair a qualquer momento.

Quando chego à porta da sala de jantar, nem me dou ao trabalho de bater. Não faz sentido, pois ninguém ouviria de qualquer maneira. Simplesmente giro a maçaneta e entro.

Brio e Tiziano estão do lado esquerdo da mesa comprida, sentados em seus lugares e parecendo bastante estressados. Salvo está em frente a eles, recostado em sua cadeira e observando o caos como se fosse divertido para ele. Massimo, por sua vez, está na cabeceira da mesa, com os lábios contraídos em uma careta de raiva.

— E você! — ele se dirige a Tiziano. — Quem foi que o autorizou a demitir o gerente do cassino em Bay View? Eu lhe dei uma autorização específica...

A cabeça de Massimo se levanta, seus olhos se voltam para a porta onde estou. — Merda, querida. Eu a acordei?

— Não. — Claro que ele me acordou. Provavelmente acordou todas as pessoas da costa leste, junto comigo, pouco tempo depois do início da reunião. Finalmente me arrastei para fora da cama quando voltar a dormir parecia inútil.

Nossos olhares se cruzam enquanto atravesso casualmente a vasta sala, sentindo os olhos dos outros homens em mim o tempo todo. Massimo desliza sua cadeira um pouco para trás quando chego até ele, então aproveito a oportunidade e me sento em seu colo.

— O empreiteiro de telhados e seus homens chegarão em dez minutos, — eu digo. — Você pode encerrar o assunto rapidamente ou, talvez, apenas falar mais baixo?

— Posso tentar.

— Sim, nós dois sabemos como isso geralmente acontece. — Minhas mãos vão até ao cinto dele e meus dedos abrem a fivela.

Uma faísca perversa se acende em seus olhos fumegantes. Ela rapidamente se transforma em um inferno quando eu aperto o botão e começo a deslizar o zíper

para baixo.

— O que você está fazendo? — O ruído baixo vem do fundo da garganta dele.

Eu sorrio. Então, enfiando a mão dentro da sua calça, tiro seu pau que endurece rapidamente. — Certificando-me de que sua energia abundante seja direcionada para outro lugar, para que você possa terminar sua reunião de maneira mais civilizada.

Seus olhos não saem dos meus nem por um segundo enquanto eu me levanto o suficiente e depois me abaixo lentamente sobre seu pau duro.

Alguém atrás de mim está desobstruindo suas vias aéreas. — Talvez devêssemos ir embora?

Massimo arqueia uma sobrancelha. Sorrindo, eu balanço a cabeça.

— Fiquem parados, — ele rosna.

Nunca pensei que essas ações descaradas seriam tão excitantes para mim. O pau de Massimo não está nem na metade do caminho dentro do meu centro trêmulo, e já estou sentindo os sinais de um clímax avassalador.

— Adoro sua roupa. — Massimo desliza suas mãos por minhas coxas. — Muito conveniente.

— Achei que você poderia desaprovar o fato de eu aparecer quase nua na frente dos seus homens.

— Você pode usar o que quiser, Zahara. Se eu não gostar de como os outros homens olham para você, eu os mato.

— Você é tão romântico.

Um canto dos seus lábios se curva para cima. — Eu sei.

Ele encosta sua boca na minha, roubando o gemido que sai dos meus lábios quando me afundo completamente em seu pau. O resto da sala desaparece. Deixa de existir nesta realidade. No fundo da minha mente, sei que *isso* é, de alguma

forma, errado. Até mesmo vergonhoso. Mas não consigo me importar. Como posso me importar quando suas mãos estão sobre mim? Amassando minha bunda enquanto continuamos a nos beijar. Puxando-me para mais perto do seu peito. Como algo pode estar errado quando parece certo pra cacete? Eu ondulo, balanço meus quadris com abandono. Totalmente perdida nessa sensação. Sinto-me completa enquanto Massimo me preenche.

— Eu não sabia que você gostava de exibicionismo, anjo. — As palavras são sussurradas em meus lábios enquanto ele encosta a palma da mão direita em meu peito. Lentamente. Com reverência.

— Eu também não. Por acaso, o comportamento escandaloso parece me excitar seriamente, — ofego. — Eles estão assistindo?

— Sim.

Minha boceta treme. Jogo minha cabeça para trás e gemo. Bem alto. Para que eles ouçam. Que vejam o quanto ele me excita. Acelerando meus movimentos, eu o cavalgo com força - bem ali, na frente do Conselho. Na frente dos homens que me julgariam. Suas opiniões, no entanto, não importam mais. Tudo o que preciso é estar nos braços do homem que amo. Os tremores em meu núcleo se tornam insistentes, enquanto o peito de Massimo sobe e desce rapidamente sob meu toque. Estamos perto, mas ele está segurando o clímax. Está esperando por mim. Esperando para me seguir, como sempre faz.

Em um movimento rápido como um raio, os dedos de Massimo envolvem minha garganta. Aplicando a quantidade certa de pressão, é como se ele apertasse um botão e eu explodisse. Eu grito, voando direto para o nirvana e, um momento depois, ele me persegue com um gemido gutural.

Envolvendo os ombros de Massimo com meus braços, eu me deito em seu peito e enterro o rosto na cavidade do seu pescoço. — Cinco minutos até à hora da reunião. Termine isso rapidamente.

Uma mordida suave aterrissa logo acima da minha clavícula exposta. Sua camisa

enorme escorregou do meu ombro enquanto eu estava perdida em êxtase. Em seguida, ele me beija e arrasta os lábios pela minha clavícula exposta.

— Então, senhores, onde estávamos? — Seus pelos faciais fazem formigar minha pele enquanto ele fala, mordiscando a coluna da minha garganta. — Oh sim. Tiziano, você vai recontratar o gerente do cassino. E, Brio, vá afundar seus pés na areia. Vocês estão todos livres para sair agora, e eu tenho um avião para pegar.




## *Nova York*

## *Naos, um clube de propriedade de Drago Popov*

Qualquer tipo de desenvolvimento de construção é uma ótima oportunidade para a lavagem de dinheiro. Os custos iniciais com materiais de construção são enormes e, na maioria dos casos, essas despesas podem ser pagas em dinheiro. Dinheiro sujo. Quando o projeto é concluído e a estrutura finalizada é vendida, o valor resultante, agora limpo, em sua conta bancária não é nada desprezível.

Uma oportunidade de investimento envolvendo propriedades em Manhattan, onde os preços dos imóveis ultrapassaram o recorde histórico anterior após uma década volátil, é o sonho molhado de um lavador de dinheiro. A projeção de lucros do projeto de construção residencial que estou analisando atualmente é de quase setenta milhões de dólares. Em termos de financiamento inicial, posso injetar pelo menos um terço do que espero ganhar para transformar nosso dinheiro sujo em dinheiro *limpo e seguro*.

— É aceitável. — Fecho o laptop e o deslizo pela mesa em direção ao homem sentado do outro lado. — Quando planeja iniciar a construção?

— Provavelmente, na próxima primavera. Prevemos que será necessário um

prazo de três meses para finalizar o planejamento e o projeto, e para tratar de todas as questões legais e de autorização. — Arturo se inclina para trás no sofá de couro branco e apoia o tornozelo no joelho oposto.

Até onde eu sei, além de ser o subchefe de Nova York, Arturo DeVille também cuida da operação de drogas de Ajello. No entanto, com base em sua aparência, acho muito difícil acreditar nisso. O tráfico de drogas é um negócio complicado, que geralmente ocorre em locais remotos e sujos. Armas e sangue geralmente estão envolvidos. O braço direito de Ajello parece um modelo de moda, que não saberia o que fazer se uma arma lhe fosse entregue.

Cabelos escuros, perfeitamente penteados para trás, como se ele tivesse perdido uma hora em frente ao espelho só para domar cada fio. Um terno preto feito sob medida que não apresenta um único vinco. A camisa preta imaculadamente passada por baixo, com os dois botões superiores abertos, oferece um vislumbre da corrente de ouro em torno do seu pescoço bronzeado. Ele está usando uma maldita cruz, como um bom menino católico. E em seu pulso esquerdo, um Rolex de ouro brilhante.

— Se não houver mais nada que precisemos discutir, Don Spada, pedirei ao nosso advogado que prepare a papelada. Meu chefe levará o contrato com ele quando visitar Boston para inspecionar os locais que estamos comprando.

Levanto uma sobrancelha. — Presumi que você, como subchefe dele, cuidaria de toda a parte burocrática.

— Na maioria das vezes, isso é verdade. Nesse caso específico, no entanto, Don Ajello cuidará disso pessoalmente. Considere isso como uma declaração de boa-fé, se preferir. — Um garçom se aproxima para entregar uma nova rodada de bebidas, mas Arturo nem sequer o olha e continua: — Esta é a primeira vez que duas famílias da Cosa Nostra fazem uma aliança estratégica desse tipo.

Espero que o garçom se retire antes de me aproximar. — Não acho que seja sensato discutir assuntos tão delicados na frente de pessoas de fora, DeVille.

— Normalmente, eu concordaria. Mas, por acaso, este lugar é considerado território neutro, e os funcionários daqui juraram guardar segredo. Se alguém sequer respirar errado, o filho da puta que é o dono deste lugar o estripará com uma colher ou algo do gênero.

— Você não é fã do proprietário, pelo que entendi?

O rosto de Arturo escurece. — Drago Popov. Ele é meu cunhado.

— Eu não sabia que você era casado. Você se casou com a irmã de Drago recentemente?

— Deus me livre. — Arturo praticamente arranca seu copo da mesa de vidro e toma o uísque, engolindo-o de um só gole. — Aquela diaba deveria estar trancada em algum lugar, e a chave perdida onde ninguém possa encontrá-la. Nunca conheci uma mulher tão irritante em minha vida. Nós nos cruzamos apenas uma vez, no casamento da minha irmã, e a maluca jogou uma jarra de ponche em mim. E isso foi depois que ela tentou cortar minha cabeça com uma bandeja voadora.

Seu celular começa a tocar na mesa, e o nome de Ajello aparece na tela. A conversa é breve, mas o rosto de DeVille mostra cada vez mais agitação quando ele desliga o celular.

— O dever chama. — Ele se levanta e me oferece sua mão. — Estou ansioso para fazer negócios com você.

Assim que Arturo sai, termino minha bebida e pego meu celular para ligar para Zahara. O avião particular está de prontidão para me levar de volta a Boston, então devo chegar em casa a tempo para o jantar. E para a sobremesa.

Ela não atende, o que não é tão incomum, já que o celular dela geralmente fica esquecido na mesa de cabeceira.

Tento novamente quando estou saindo do clube e mais três vezes no táxi, enquanto me dirijo ao aeroporto particular em Jersey. A cada ligação perdida, um

peso se instala como uma pedra em meu estômago. Algo está errado.

***Você está ficando paranoico de novo,*** comenta a voz sarcástica dentro da minha cabeça. ***Ela provavelmente está mexendo nas mangas bufantes da blusa nova.***

— Elas são chamadas de *mangas de lanterna*, — corrijo. Isso me faz receber um olhar estranho do motorista de táxi.

Pego meu celular novamente e, dessa vez, ligo para Iris. Ela e Zahara costumam sair juntas.

— Zahara não está atendendo o celular, — eu respondo no momento em que a linha é conectada.

— Oh. Ela deve ter se esquecido de levá-lo com ela, Don Spada.

— O quê? — A sensação ruim em minhas entranhas se intensifica. — Para onde ela foi?

— O Sr. Canali passou por aqui há cerca de meia hora. Eles saíram em seu carro. Pode ser que ela precisasse tirar as medidas finais para o último pedido de vestido da Sra. Canali, porque vi que a Srta. Zara estava com uma bolsa de costura.

— Quem foi com ela?

— Peppe. Ele os seguiu em seu veículo.

Desligo o celular e ligo para Peppe, mas vai direto para o correio de voz.

*Que merda!*

— Acelere! — Eu grito para o motorista enquanto ligo para Peppe novamente.

Sem resposta.

***Peppe sempre atende.*** Ouço meu alter ego murmurando no fundo da minha mente. ***Algo não está certo.***

— Você acha que eu não sei disso? — rosno, fazendo o motorista de táxi pular em seu assento.

Em seguida, tento ligar para Salvo. Três vezes. Mas o celular dele também está desligado.

Tiro minha arma do coldre e pressiono o cano na parte de trás da cabeça do motorista de táxi.

— Se não me levar ao maldito aeroporto em cinco minutos, estará morto.




***Trinta minutos antes***

— E isso não pode esperar até amanhã?

— Minha mãe está saindo para uma viagem inesperada pela manhã, — diz Salvo enquanto desliza para trás do volante. — Ela só voltará daqui a duas semanas, e a arrecadação de fundos será no mês que vem.

Quando Salvo se dirige à entrada da garagem, vejo Peppe pelo espelho lateral, entrando em seu carro para nos seguir. Normalmente, eu insistiria que a segurança não é necessária, especialmente porque estarei com o subchefe de Massimo, mas desde aquela conversa bizarra na biblioteca, em que Salvo confessou seus supostos sentimentos por mim, tenho me sentido desconfortável perto dele.

— Então, você e Massimo causaram um grande tumulto na noite passada.

Eu dou uma olhada nele pelo canto do olho. Ele está segurando levemente o volante, e o cotovelo do outro braço está apoiado na janela aberta. Qualquer amargura que eu pensei ter visto nele em casa de Brio parece ter desaparecido. — Acho que sim.

— Dizer que os membros da família ficaram chocados seria um eufemismo. É tudo sobre o que todos falam depois que vocês dois desapareceram. O pedido de casamento feito no momento foi um destaque especial. Mas sabe o que eu achei especialmente interessante? Nenhuma pessoa comentou sobre quão ultrajante é essa coisa toda. Na verdade, a maioria parecia entusiasmada com a ideia da sua amada filha de Núncio se casar com o novo Don.

Meus olhos quase saltam para fora da cabeça. Eu esperava tudo, menos isso.

— Hilário, não é? — Ele me dá um sorriso. — Você não gosta de como

Massimo consegue fazer com que as pessoas fiquem do lado dele sem nem mesmo tentar? Até o pobre Brio... Ele apareceu na reunião desta manhã - sem ser convidado - e implorou para ser readmitido como capo. Eu simplesmente não entendo o que faz com que todos fiquem tão encantados com um bárbaro tão psicótico.

Eu me retraio, espantada com a quantidade de veneno em suas palavras.

— Até mesmo você, — continua Salvo, — uma garota italiana bem-educada, tão inocente e dócil.

Então, ele olha para mim. Um sorriso malicioso ainda dança em seus lábios, mas seus olhos estão cheios de malícia. Não posso deixar de me inclinar para trás, o mais longe possível dele.

Seu sorriso diminui e, com ele, toda a sua pretensão desaparece. — Mas, na verdade, você não passa da puta dele. Transando com seu meio-irmão no meio da nossa reunião. Seu pai deve estar se revirando no túmulo.

Os pelos finos da minha nuca se eriçam. — Pare o carro.

— Você só queria esfregar isso na minha cara? Mostrar que você não se importa com meus sentimentos? Estava tentando me mostrar que ele ainda é melhor do que eu poderia ser?

— Pare. Agora mesmo!

— Claro. — Ele dá de ombros e dirige o veículo até ao meio-fio.

Assim que paramos, eu praticamente pulo do carro e corro em direção ao jipe de Peppe. Ele está parando logo atrás do Porsche preto de Salvo. Com Peppe tão perto, o alívio me atinge como uma chuva bem-vinda, mas, na mesma fração de segundo, a consciência me atinge com a força de um furacão. O cheiro de lixo invade meus sentidos. A visão de prédios abandonados dissolve qualquer noção de que esta é uma rua pacífica.

— Srta. Veronese, — Peppe chama, enfiando a cabeça pela janela aberta. — Está

tudo bem?

— Sim. Mas mudei de ideia. Quero voltar.

No momento em que estou tentando alcançar a maçaneta da porta do passageiro, o som de vidro quebrando preenche o ar noturno. Eu grito e dou um pulo para trás, olhando para a mancha vermelha que se espalha pela frente da camisa branca de Peppe. Os cacos do para-brisa quebrado estão espalhados por ele.

— Peppe! — grito, tentando alcançar a maçaneta da porta novamente. Meus dedos mal a envolvem quando sou agarrada por trás e puxada para longe.

— Cale a boca, — Salvo rosna perto do meu ouvido enquanto me arrasta de volta para o carro.

— Solte-me! — Grito, tentando me soltar, mas ele é muito forte.

Seguem-se mais dois tiros abafados. O corpo de Peppe se sacode violentamente cada vez que uma bala atinge seu peito.

— NÃO!

— Você vai voltar para o meu carro, Zara. — O frio do metal se pressiona contra minha têmpora. — Cale sua boca e faça o que eu digo. Talvez você sobreviva à noite se fizer isso.

Um pavor gelado toma conta de mim. O sangue em minhas veias congela. Não consigo respirar. Não consigo me mexer. Meus olhos são a única parte de mim que ainda funciona remotamente. Desfocados e embaçados por uma camada de lágrimas não derramadas, eles passam por Peppe enquanto eu me afogo lentamente no horror diante de mim. Um ligeiro aumento e diminuição do seu peito me diz que ele ainda está vivo. Por pouco. Não acho que Salvo tenha notado. O que devo fazer? Se eu tentar ajudar, Salvo simplesmente terminará o trabalho.

*Que merda! O que eu faço?*

— Ok, — eu digo, com a voz embargada. — Eu vou com você.

— Talvez ainda haja algum juízo em você, afinal, — ele zomba e me empurra em direção ao carro. — Ande! Rápido.

Limpo os olhos com as costas da mão e me dirijo ao veículo dele. Preciso de tudo o que há em mim para manter meu olhar fixo no Porsche brilhante e não olhar para trás para verificar se Peppe ainda está respirando. Não vi mais ninguém nesta rua, mas não posso perder a esperança. Alguém o encontrará. Ligarão para o 911. Não consigo nem pensar na alternativa.

As lágrimas voltam a brotar em meus olhos, dificultando a visão. A poucos passos do carro, meu calcanhar afunda em uma rachadura na calçada. Tropeço e quase caio.

Um aperto brutal aperta minha parte superior do braço. — Olhe por onde anda! — Salvo dispara.

Eu grito de dor. Seus dedos se cravam em minha pele, esmagando minha carne praticamente até ao osso.

Ele me empurra pela porta do passageiro, que ainda está aberta, e eu caio no assento em absoluta agonia.

— Para onde está me levando? — sussurro, olhando cegamente para a estrada à frente.

Minhas palavras se perdem no ronco do motor quando Salvo começa a dirigir.

— Por que está fazendo isso, Salvo?

Ele não responde.

Na verdade, não preciso que ele responda. A verdade é clara como o dia.

Massimo estava certo o tempo todo. O traidor *é* alguém da Família. Só que... ele nunca pensou que poderia ser seu melhor amigo.

Não tenho ideia do porquê Salvo me levou ou quais são seus planos para mim. Quaisquer que sejam suas razões, há uma coisa de que tenho certeza absoluta:

não é sobre mim. É sobre Massimo.

Sempre foi.

# Capítulo 25




No momento em que o jato passa pela pista de pouso, eu pulo do meu assento e corro para as escadas. Um grupo dos meus homens já está esperando nas portas do hangar.

— Algum rastro deles? — Eu rosno.

— Não. — Joey, um dos primos de Peppe, balança a cabeça. — Nem Salvo nem sua mãe estão na casa dos Canali. Apenas a equipe deles. Nosso pessoal não conseguiu encontrar nada de útil.

— E quanto ao Peppe?

— Um motoqueiro o encontrou em seu jipe, parado na favela. Ele foi baleado. Três balas no peito.

— Ele está vivo?

— Sim. Ou estava quando o levaram para a cirurgia. Ele perdeu muito sangue. Ainda estou esperando para saber se ele vai sobreviver.

Pressiono as palmas das mãos contra meus olhos e respiro fundo.

— Você acha que foi a Camorra, chefe? Localizamos todos que conhecíamos, mas talvez tenhamos deixado passar alguém. Isso poderia ser uma retaliação?

É provável? Definitivamente, é provável. A possibilidade de uma gangue da Camorra ficar à espreita e depois perseguir meu pessoal é muito provável. Foi isso que aconteceu aqui? Peppe foi baleado enquanto Salvo conseguiu fugir com Zahara? Eles estão seguros em algum lugar, se escondendo? Caramba, eu quero acreditar que isso seja verdade. Mas algo me diz que não é.

O celular em meu bolso começa a vibrar. Puxando-o para fora, verifico o identificador de chamadas. *Salvo Canali*. Eu deveria estar sentindo um pouco de alívio neste momento. Em vez disso, um terror de parar o coração me domina. Minhas entranhas se retorcem em um emaranhado enquanto olho para aquele nome na tela.

— Chefe? — Joey murmura. — Você está bem?

— Volte para a casa e aguarde mais instruções.

— Tem certeza? Nós podemos...

— AGORA!

Com a adrenalina correndo pelo meu corpo, respiro fundo e com impaciência. Depois, deslizando para a direita para atender, aproximo o celular do ouvido.

— Onde. Ela. Está? — Mal consigo pronunciar as palavras, enquanto uma corrente gelada percorre minha espinha.

— Comigo, — responde Salvo. — Sã e salva. Pelo menos por enquanto.

— Eu vou te matar, caralho.

O bastardo ri. — Lembra-se do lugar para onde sempre fugíamos quando éramos crianças? Vamos brincar de novo. Estaremos lá em uma hora.

A linha fica muda.

***

Afasto um galho de pinheiro para o lado e entro em um pequeno prado cercado por majestosas árvores perenes. Com uma aparência totalmente perversa, no centro dessa bela clareira, há uma elaborada estrutura neoclássica. O Mausoléu da Família Canali. Três gerações dos Canalis estão enterradas em suas paredes de granito cor de vinho, trancadas atrás de portas pretas em estilo art déco,

ladeadas por colunas jônicas brancas polidas.

Antes que esta noite termine, vou me certificar de que a quarta geração se junte às fileiras eternas.

— Fico feliz em ver que você teve o bom senso de vir sozinho. Meu Don.

Salvo está apoiado em uma das colunas, com os braços cruzados sobre o peito. A lanterna de ferro forjado sobre a entrada ilumina a Glock preta em sua mão.

Mantenho meus passos lentos e medidos enquanto percorro a distância entre nós. O ácido se agita em meu estômago, e o gosto amargo da sua traição aperta minha garganta. Com cada grama do meu controle, resisto a correr imediatamente contra o bastardo. No entanto, nada me daria mais prazer do que quebrar seu pescoço traiçoeiro.

— Onde está Zahara?

— Dentro de casa. Fazendo companhia ao meu pai. — Ele sorri.

O vermelho pinta as bordas da minha visão e meus ouvidos começam a zumbir. *Ele tem meu anjo dentro da porra da tumba!*

Meus dedos estão com vontade de pegar minha arma e estou a uma fração de segundo de sacá-la quando uma voz ecoa em minha cabeça.

***Não faça isso! Você colocará nossa garota em risco!***

Respirando fundo, eu sacudo a tensão dos meus músculos, adotando uma postura não ameaçadora. — Deixe-a ir, Salvo. Isso - o que quer que seja - é entre nós dois.

— Hmm. Você finalmente acordou. Demorou um pouco. Duas décadas, quase.

— Nunca imaginei que seria meu melhor amigo que enfiaria uma faca em minhas costas.

O olhar que ele me lança é de um ódio indisfarçável. — Eu nunca fui seu amigo! A única razão pela qual lhe mostrei até mesmo uma aparência de amizade foi

porque meu pai me obrigou. O velho bode até me transferiu para sua escola, apesar de eu ter implorado para ele não fizer isso.

— Por quê?

— Para que eu pudesse me aproximar do prodígio do Don, é claro, — ele zomba. — Você consegue imaginar como foi ser comparado a você durante toda a minha infância? A um pedaço de lixo que, de alguma forma, sempre tirava as melhores notas, apesar de perder mais da metade das aulas. E por quê? Porque ele estava muito ocupado brincando com soldados comuns e morando nas docas. Nosso nobre príncipe! O filho de um maldito trabalhador de armazém que não saberia o que é a verdadeira classe nem se ela o mordesse na bunda!

— Você está fazendo isso porque eu fui melhor do que você na escola? — Eu o encaro, atônito.

— Em tudo! — ele grita, com os olhos saltando da cabeça. — Durante anos, tudo o que ouvi foi que você era muito melhor. Como você entendia facilmente as finanças da família. E os negócios, como eram tão fáceis para você. E não vamos nos esquecer da lealdade dos nossos homens. Tudo o que se falava era sobre o líder perfeito que você seria quando chegasse a sua hora. Você! Quando deveria ter sido eu!

A postura casual com que ele me cumprimentou não existe mais. Andando para a esquerda e para a direita em frente à porta do mausoléu, ele acena com a mão no ar como um lunático. Eu não apostaria contra o fato de que a trava de segurança da arma em na outra mão dele está desligada. Em seu ataque, ele pode atirar em seu pé tão facilmente quanto me matar. Mas há um perigo mais sério, que é a possibilidade de uma bala perdida entrar pela porta. E eu não posso deixar isso acontecer. Preciso pesar os riscos, avaliar minhas opções e descobrir como passar por ele e entrar.

— Meu bisavô foi um dos membros fundadores da Cosa Nostra nos Estados Unidos, — ele continua sua divagação histérica. — Esse é o legado Canali! Por

direito, meu pai deveria ter sido feito Don! Mas essa Família lhe negou duas vezes o que lhe era devido. Primeiro, quando escolheram seu pai, e depois, novamente, quando Núncio foi escolhido. Ficou claro que você, sem dúvida, seria o sucessor dele. Não poderíamos de forma alguma permitir que um plebeu tomasse o que deveria ser nosso novamente.

— Nós?

Um sorriso maligno se desenha em seus lábios. — Foi ideia do meu pai aproveitar a oportunidade excepcional de você ser preso. Algumas ameaças estrategicamente lançadas e a lubrificação de várias palmas depois, e você estava preso, onde era o seu lugar. Depois que meu pai morreu, eu simplesmente dei continuidade ao que ele havia começado.

— Então, por quê me ajudar? Todos esses anos, você ajudou e foi cúmplice enquanto eu administrava nosso negócio. Por que diabos você faria isso?

— Você? — Ele para de andar e bate no próprio peito com o punho. — Eu estava me ajudando! Deixado à sua própria sorte, Nuncio teria arruinado a Família. Não teria sobrado nada para eu assumir o controle!

Olho novamente para a entrada do mausoléu e, com cautela, coloco a mão atrás das costas. Só Deus sabe o que pode acontecer com Zahara se eu estiver incapacitado ou morto, mas preciso tentar alguma coisa. Se eu conseguir manter o filho da puta falando, talvez eu consiga sacar minha arma sem que ele perceba.

— E daí? — Pergunto. — Você me apoiou, deixando-me comandar as coisas atrás das grades enquanto aguardava um momento oportuno para assumir o controle?

— Algo do gênero. Preparar o terreno levou algum tempo e um pouco de esforço. Primeiro, tive de convencer Leone a mandar assassinar Nuncio. Com ele no comando, ele poderia me nomear subchefe, preparando o caminho para minha eventual tomada de controle. Devido às suas condições de saúde, isso não demoraria muito. Eu só precisava tirá-lo de cena antes que isso acontecesse.

Pena que os idiotas que contratei falharam.

Os dois idiotas que me atacaram depois que voltei do funeral de Nuncio.

Esse desgraçado!

— E você realmente me enganou ao fazer com que Nera tomasse as rédeas, efetivamente colocando uma focinheira em Leone. Com ela por dentro do assunto, tive de esperar para eliminá-la, caso contrário, as coisas pareceriam suspeitas demais. Assim que ela se declarasse a líder oficial, essa seria a minha chance. Ainda não consigo acreditar que os sicilianos falharam, tudo por causa daquela besta de cabelos compridos dela!

Ele está vomitando besteiras como um maldito gêiser, e não posso deixar de pensar que ele perdeu a maldita cabeça.

— Fiz outra tentativa, — continua ele, — fazendo com que Armando a emboscasse. Achei que culpar ele pelo assassinato dela seria moleza. Mas aquele drogado inútil não conseguiu enfiar uma bala na cabeça dela, mesmo quando eu praticamente a entreguei a ele em uma bandeja. E então, me custou mais três milhões para dar fim naquele desgraçado antes que ele pudesse começar a cantar. Três! Foi isso que tive de pagar àquele ganancioso do De Santi para aceitar o trabalho. Não os dois de sempre. Essa é uma taxa premium, Spada, e tudo porque ele precisou se infiltrar entre o próprio pessoal para entrar. E para quê? Só para levar o lixo para fora?

— Você é doente, — cuspo, aproximando minha mão da arma que estava em meu cós.

— Não. Só quero ter certeza de que vou receber o que mereço. — Ele levanta a arma, apontando para minha cabeça. — Você acha que sou burro? Vire-se para que eu possa ver e jogue a arma. Depois, entre.

*Foda-se.*

A arma dele continua apontada para mim o tempo todo, enquanto eu tiro minha

Glock e a jogo na grama. Se ele acha que não posso matá-lo com minhas próprias mãos, ele está muito enganado.

Aproximo-me do mausoléu e paro na soleira, mas ele me empurra pelas costas com o cano da arma. Assim que entro na tumba, meus olhos procuram freneticamente por Zahara. O espaço é apertado e sufocante, envolto em sombras. Além do brilho tênue da lanterna do lado de fora da porta, a única luz vem de uma faixa de parede que ilumina os nomes daqueles que agora estão descansando. Demora um pouco para minha visão se ajustar, mas, finalmente, eu a vejo. Uma pequena forma encolhida entre dois sarcófagos no chão.

— Jesus, querida. — Meus pés já estavam se movendo em direção a ela quando um estrondo ensurdecedor ecoa nas paredes.

— Dê mais um passo, e a próxima bala será colocada em sua cabeça.




O som de um tiro ainda está soando em meus ouvidos, enquanto meus olhos se movem entre Massimo e Salvo, tentando decidir o que devo fazer agora.

Quando Salvo me arrastou para cá, amarrou minhas mãos com corda e me empurrou entre os dois caixões de pedra. Levei mais de vinte minutos para tirar a tesoura de dentro da minha bolsa e cortar as amarras. Um instinto atávico deve ter feito com que eu me agarrasse à minha fiel bolsa de viagem, que contém todos os meus itens essenciais de costura - inclusive minha tesoura de tecido favorita - quando Salvo me forçou a sair do seu Porsche ao chegarmos. Depois que ele arrancou a bolsa das minhas mãos e a jogou no chão para que pudesse amarrar minhas mãos, lembrei-me do que ela continha.

— Agora você me tem, — Massimo diz ao se virar, posicionando-se diretamente entre mim e Salvo. Protegendo-me com seu corpo do maluco que estava bloqueando a saída. — Você não precisa mais de Zahara. Ela não está envolvida de forma alguma, portanto, deixe-a ir.

— É claro que ela está envolvida! — Salvo rosna. — Ela é mais uma coisa que você tirou de mim! Ela era perfeita! Uma mulher italiana simpática e culta. Obediente. E leal. Quando percebi o que ela estava fazendo por você, quanta confiança você depositava nela, eu sabia que tinha de tê-la. Assim como tudo o mais que você considerava ser seu. Mas ela me rejeitou. Por *sua* causa! Como todos os outros, ela escolheu você. E por isso, ela tem que morrer também.

Oh, Deus, ele está completamente louco! Desesperadamente, olho ao redor da tumba, como se uma resposta para sairmos dessa situação fosse aparecer magicamente. Talvez se houvesse mais alguém aqui que pudesse nos salvar desse louco. Mas não há ninguém. Estamos sozinhos.

— Zahara não me escolheu, — diz Massimo. Ele está imóvel no centro do

mausoléu. — Eu a ameacei. Disse-lhe que mataria sua irmã se ela não concordasse em ficar comigo. Eu a amo e não consigo suportar a ideia de que ela seja de outra pessoa. E ela me odeia por isso.

Salvo inclina a cabeça enquanto seu foco se volta para mim. — Isso é verdade, Zara?

Dou uma olhada rápida para Massimo, que agora está me olhando por cima do ombro. Não há como confundir a ordem em seus olhos. *Minta, Zahara,* eles dizem.

Engulo e imediatamente volto meu olhar para Salvo. — Sim.

— Mas você me disse que o ama. Isso também foi por causa das ameaças de Massimo?

Aceno com a cabeça.

— Bem... Parece ser algo que ele realmente faria. Talvez eu o poupe. Matá-lo e tomar seu império... e depois a mulher que ele ama? Talvez a morte não seja a pior punição para ele... — Ele sorri, voltando sua atenção para Massimo. — E se eu lhe disser que só deixarei Zara viver se você admitir ao Conselho que não está apto para o cargo de Don? Você renuncia e me nomeia seu sucessor. E então, você deixa o país, sabendo que eu tenho tudo o que um dia foi seu. Por mim, você pode morrer miseravelmente em alguma vala. Porque é lá que você pertence!

— Eu farei isso!

As palavras de Massimo ecoam pelo espaço. Uma vez. Duas vezes. Elas ecoam dentro da tumba silenciosa, como se fossem ditas por um coro de vozes. Batendo nas paredes de granito. Reverberando em minha mente. Uma e outra vez. Meus pulmões se contraem ao processar seu significado. Sua escolha *sou eu*. Ele está me escolhendo em vez da Cosa Nostra.

O riso de Salvo soa mais uma vez, mas não é um som feliz. É algo perturbado. E

doentio. Faz com que arrepios se espalhem por toda a minha pele.

— Nossa... nossa... Você realmente está perdido.

— Farei tudo o que você quiser. Qualquer coisa, — rosna Massimo. — Faça o que quiser comigo, mas, por favor, deixe Zahara ir embora.

— Por favor? — Salvo ergue as sobrancelhas e depois dá uma gargalhada. — Massimo Spada *implorando*? Essa é a primeira vez.

— Sim, eu estou. Por favor, Salvo.

— Oh, eu adoro o som da sua súplica. — Ele dá um passo para o lado e aponta sua arma para mim. — Quero que você se ajoelhe, Massimo. Ajoelhe-se e implore pela vida dela.

— Não, — eu digo, com a voz embargada. Ele não pode fazer isso! Não pode!

Minhas entranhas se retorcem em nós, instalando-se no fundo do meu estômago como uma pedra gigante, enquanto observo, horrorizada, Massimo se ajoelhar.

— Por favor, — ele diz. — Eu lhe imploro. Por favor, Salvo.

Não consigo mais conter as lágrimas. Elas brotam em meus olhos e deslizam pelo meu rosto enquanto olho para o homem que amo. Sempre fiquei admirada com seu orgulho. Independentemente do que enfrentasse, Massimo sempre andou com a cabeça erguida, os ombros para trás e a coluna vertebral reta como aço. Agora, porém, ele está caído no chão na frente desse bastardo. De joelhos. Implorando. Por minha vida.

— Isso é puro paraíso. — Salvo inala alto, como um homem cheirando sua próxima linha de cocaína. Dando um passo à frente, ele aponta a arma para o peito de Massimo: — Agora estou feliz que aquele ex-presidiário fracassou. Se ele tivesse conseguido pegá-lo no shopping, eu teria perdido isso. — O desprezo maníaco satura sua expressão e seu tom. — Que inferno! É tão difícil encontrar ajuda competente hoje em dia, não é? Quero dizer, eu o levei direto até você com o rastreador, mas o idiota não conseguiu terminar um trabalho simples. — Seu

rosto se contorce novamente enquanto ele cerra a mandíbula — Aposto que *seus empregados* nunca o decepcionaram, — ele quase sussurra. — Zara! Vá me esperar lá fora. Quero ser a única testemunha de Massimo Spada dando seu último suspiro. É uma imagem que me manterá aquecido à noite. Junto com você.

— Você disse que o deixaria viver! — grito, cambaleando em direção ao Massimo ajoelhado.

— Eu disse? — Salvo balança a cabeça. — Não, acho que não. Saia! Agora!

— Zahara. — A voz de Massimo me faz estremecer. — Preciso que você vá embora.

Engolindo um gemido, eu me viro para encará-lo. Seus olhos escuros como a noite se fixam nos meus, e eu me pergunto como eles podem me olhar com tanta suavidade e, ao mesmo tempo, guardar tanta ferocidade em suas profundezas. Massimo sempre foi uma mistura de contradições extremas. E seu olhar nunca refletiu isso tão claramente como agora. Raiva e calma. Determinação inabalável e caos absoluto.

— Vá, — ele diz. *Confie em mim,* seus olhos acrescentam.

Lentamente, aceno com a cabeça. — Vou esperar lá fora.

Com as pernas feitas de chumbo, eu me arrasto em direção à porta, mantendo minhas mãos atrás das costas para esconder as amarras cortadas. Cada passo para longe de Massimo é uma agonia que mal consigo suportar, mas me forço a seguir em frente.

— Ela aprenderá a me obedecer também, — Salvo zomba quando passo por ele. — Muito em breve.

Saio do mausoléu e encosto minhas costas na parede externa ao lado da porta. A ponta da minha tesoura de tecido, escondida dentro da manga, perfura meu antebraço. É uma arma inútil contra uma pistola, mas eu a mantive comigo

mesmo assim.

— Alguma última palavra, Massimo? — A voz condescendente de Salvo vem de dentro.

— Sim.

O silêncio se estende, o vazio é ameaçador na escuridão. Minha pulsação dispara e tudo o que posso fazer é agarrar loucamente a tesoura em meu coração acelerado. Esperando. Nem mesmo tenho certeza do motivo.

Nos olhos de Massimo, vi sua intenção de matar Salvo, mas não tenho ideia de como ele planeja fazer isso. Conhecendo Massimo, no entanto, ele fará o bastardo passar pelo inferno primeiro. Por todos aqueles anos de prisão. Por ter quase metade da sua vida roubada dele. Traído por alguém que ele acreditava ser seu amigo. O que ele poderia dizer ao idiota que fez isso?

— E então? — Salvo dispara. — Sou todo ouvidos.

— EU O FAREI PAGAR POR COLOCAR SUAS MÃOS IMUNDAS EM MINHA FUTURA ESPOSA, SEU FILHO DA PUTA!

Um tiro explodiu quando Massimo começou a gritar. E agora os estrondos e estalos de uma batalha feroz chegam aos meus ouvidos.

Outro estrondo alto ecoa lá dentro, e uma parte da coluna perto da porta se estilhaça, com pequenos fragmentos caindo perto dos meus pés. Um gemido abafado sai dos meus lábios enquanto aperto a tesoura como se fosse uma tábua de salvação. Os sons da luta interna amplificam minha angústia.

Grunhidos desenfreados. Coisas quebrando. Ruídos de estrangulamento. E algo decididamente metálico batendo no chão.

*Tenho que fazer alguma coisa.*

Oh, Deus, *preciso* fazer alguma coisa.

Respirando fundo, afasto-me da parede e atravesso a soleira da tumba.

A poeira paira no ar, os ácaros dançam nos feixes de luz difusa. O chão está repleto de pedaços de pedra e estátuas quebradas que, há pouco tempo, decoravam o santuário interno. O cheiro de pólvora permeia o ar, mas há algo mais que também está cheirando no local. Sangue.

Meus olhos se voltam para a esquerda, de onde vêm as respirações ofegantes e os grunhidos. Duas figuras estão emaranhadas no chão. Massimo - graças a Deus - tem seu joelho cravado no peito de Salvo, prendendo-o no chão. A mão de Massimo está enrolada na garganta do traidor e ele está dando um soco atrás do outro no rosto de Salvo. Há poeira e escombros por toda a sua roupa, e a manga esquerda da sua camisa está rasgada. Não vejo a arma de Salvo em lugar algum.

— Maldito bastardo! — ruge Massimo, acertando o queixo de Salvo. — Vou transformar sua cabeça em um mingau!

Quando ele dá outro golpe, o subchefe consegue acertar um soco no plexo solar de Massimo. Os dois acabam se debatendo no chão, tentando se matar de várias maneiras. Apertos de estrangulamento. Bloqueios de cabeça. Socos no estômago. Cotoveladas na virilha. Tudo o que puderem alcançar. Eles rolam até aos pés de uma enorme estátua de anjo chorando, que se ergue acima deles como uma testemunha silenciosa dessa luta mortal.

Os dois homens estão sujos e ensanguentados, e Massimo mais uma vez parece estar em vantagem. No entanto, quando ele se prepara para o golpe final, Salvo de alguma forma consegue se esquivar e chutar a base da escultura.

A respiração fica presa em meus pulmões e observo horrorizada enquanto o anjo alado balança, depois tomba.

— Massimo! — eu grito, mas meu aviso chega tarde demais.

A pesada estátua colide com o ombro de Massimo, empurrando-o para trás. Ele cai no chão em meio a um estrondoso estrondo de pedras quebradas. E não se levanta.

Minhas pernas me levam em direção à forma imóvel de Massimo antes que meu cérebro tenha a chance de registrar o que está acontecendo diante de mim. Salvo, ajoelhado, arrasta um pedaço enorme de uma asa quebrada em sua direção.

— Você está acabado, Spada. — Sua risada perturbada ecoa nas paredes do mausoléu enquanto ele ergue o pesado fragmento acima da cabeça.

Uma respiração.

Um picar de olhos.

Um batimento cardíaco interrompido.

Engulo meu grito animalesco e enterro minha tesoura na lateral do seu pescoço. Salvo grita, caindo para o lado. O pedaço da asa do anjo escorrega das suas mãos e cai no chão, partindo-se ao meio. Minha mão dói com a força do meu aperto enquanto cambaleio para trás.

Enquanto ofego e chio para respirar, fico olhando para o canalha, quase hipnotizada pelos jatos de sangue que pulsam do seu ferimento. Devo ter atingido uma artéria. Ele está ofegante como um cachorro, com as mãos tremendo enquanto tenta pegar a tesoura e aplicar pressão no pescoço.

— Me ajude. — O ruído que sai dos seus lábios é quase inaudível.

*Sério?* Ele orquestrou o assassinato do meu pai. Tentou matar minha irmã *duas vezes*. E só Deus sabe quantas vezes ele tentou matar Massimo. Mas ele quer *minha* ajuda?

Nunca me imaginei capaz de tirar a vida de alguém. Por outro lado, nunca pensei que pudesse fazer muitas das coisas que já fiz. Assim, com meus olhos fixos nos dele, levanto o pé e o bato no cabo saliente da tesoura, enfiando-o ainda mais em sua carne.

— Essa é a garota italiana obediente e bem-educada para você. — Cuspo nele, que ainda não está frio, e então me viro e corro para o lado de Massimo.

— Ei. — Ajoelhando-me ao lado dele, eu seguro seu rosto com as palmas das

mãos. — Olhe para mim.

As pálpebras de Massimo se movem e, quando ele finalmente as levanta, ele se esforça para focar em mim com pupilas irregulares.

— Querida?

Um pouco do peso foi tirado do meu peito. — Como está se sentindo?

— Um pouco tonto, — ele murmura. — Acabamos de fazer sexo? Porque eu posso ter desmaiado e quero repetir. — Ele olha em volta, parecendo atordoado e confuso. — Onde diabos estamos?

— No mausoléu dos Canali. Acho que você pode estar com uma concussão. Uma grave.

A testa de Massimo se enruga. Gemendo, ele se senta e pressiona a mão na parte de trás da cabeça. — Ai. De quem foi a ideia de fazer sexo em uma maldita tumba? E por que... — Ele se interrompe ao ver o corpo de Salvo. — Que merda.

— Sim.

Por um longo momento, ele apenas olha para o cadáver. Então, de repente, seus olhos se arregalam e se voltam para os meus.

— Jesus, porra! — Um aperto semelhante ao de uma viseira em volta da minha cintura enquanto ele me puxa para o seu colo, colocando meu rosto na curva do seu pescoço. — Achei que ele fosse matar você, meu anjo. — Praticamente me prendendo ao seu peito, ele nos balança para a frente e para trás, para a frente e para trás. — Quando ele me ligou e disse que tinha você...

— Estou bem, — consigo murmurar em seu pescoço.

— E então eu vi você enrolada no chão... Merda, querida... Ele apontou a porra da arma para você e... Oh, Deus...

— Massimo...

Ele enterra a mão em meu cabelo, pressionando minha cabeça com mais firmeza contra ele enquanto o balanço continua. — Eu teria morrido se algo acontecesse com você e... VAI SE FODER, CARAMBA! EU NÃO ESTOU SUFOCANDO-A!

— Hum... Você meio que está, — eu bufo.

— Oh. — Ele para de balançar, mas não diminui a força do seu abraço. — Está tudo bem? Porque eu preciso disso, Zahara. Preciso sentir você, saber que está segura e ilesa, e...

— Estou segura. Não estou machucada e... — consigo virar o rosto, só um pouco — ...sim, consigo respirar.

— Ótimo. — O balanço continua. — Você estava com medo? Claro que estava. Pelo menos não testemunhou o pior do banho de sangue. Você não entrou até eu acabar com ele, certo?

— Hum... na verdade...

— Aquele maldito filho da puta. Eu queria que ele ainda não estivesse morto. Quero matá-lo de novo por ameaçar você. Meu doce, doce anjo...

Fecho os olhos e inalo o aroma cítrico de Massimo, deixando-o me acalmar. Teremos tempo para falar sobre os detalhes da morte de Salvo mais tarde. No momento, só quero que ele me abrace. É tão bom estar envolvida nos braços de Massimo

— Zahara?

— Hum-hum?

— Por que sua tesoura de costura está presa no pescoço de Salvo?

# Capítulo 26

## Duas semanas depois




— Posso dar uma olhada *agora*? — Pergunto.

— Não. Cuidado com o degrau.

Ouve-se o som de uma porta se abrindo. Massimo coloca sua mão na parte inferior das minhas costas, levando-me para a frente.

Não preciso que meus olhos me digam que estamos em algum lugar fechado, mas há uma brisa forte soprando em mim de todas as direções. Isso me confunde um pouco. No entanto, com base no leve eco dos meus saltos no piso de madeira, acho que o cômodo em que acabamos de entrar é grande. O cheiro combinado de tinta e verniz de madeira me atinge primeiro, mais um cheiro que logo luta pela supremacia. É floral. Fresco. Jasmim?

— Desculpe, querida, — Massimo resmunga ao meu lado. — Pedi aos caras que trouxessem os ventiladores industriais para tirar o mau cheiro, mas ainda é um trabalho em andamento.

Ventiladores industriais? — Pode me dizer onde estamos?

Seus lábios duros e exigentes se chocam contra os meus. Envolvo os braços em volta do seu pescoço, passando os dedos pelos fios curtos e sedosos. Eles não estão tão espetados como antes. Ele está deixando o cabelo crescer. Estou interpretando isso como um sinal de que ele finalmente aceitou que a vida que levou nas duas décadas anteriores acabou. Meus pés saem do chão quando

Massimo me levanta, e eu imediatamente prendo as pernas em volta da sua cintura. As fendas altas nas laterais da minha calça de pernas largas se abrem, o tecido se desprende de mim e a brisa do ventilador não demora a refrescar minha pele nua.

Massimo morde meu lábio inferior. — Ok, você pode olhar agora.

Abro meus olhos.

Molduras. Enormes molduras de madeira ornamentadas ocupam uma parede enorme. Brancas reluzentes e acentuadas com um acabamento em folha de ouro. Acima de cada uma delas há um abajur de latão montado no teto, que ilumina suavemente os desenhos sob o vidro polido das molduras.

Um gemido estridente me escapa quando percebo o que são. Impressões ampliadas dos esboços de vestidos que fiz ao longo dos anos. Oh, Deus, há até mesmo a primeira imagem que enviei a ele em uma carta, exposta bem ali, no meio da parede de destaque.

Não são apenas os esboços. Em frente a cada quadro, há um manequim de ferro forjado branco, elegante e brilhante, exibindo o vestido retratado no esboço.

— Oh, Massimo, — sussurro, apertando seu pescoço enquanto observo o resto da sala.

Prateleiras vintage, grandes armários, uma abundância de plataformas de exposição. Poltronas confortáveis, espelhos decorativos, lindas luzes no teto. Ao lado, há uma pilha de caixas. Só posso imaginar o que esse homem escondeu nelas. As emoções entopem minha garganta quando olho em volta. Ninguém jamais fez algo assim por mim.

— Desculpe-me se não acertei todas as cores. As costureiras ficaram me importunando, enviando fotos de vários tecidos por e-mail... Como se eu pudesse distinguir os diferentes tons. Quero dizer, *Skobeloff*? Que porra é essa? Parece o nome de um bolo chique.

Dou uma risada misturada com um soluço. — É verde azulado. Semelhante ao azul-petróleo, mas com tons verdes mais vibrantes.

— Que merda. Fiz você chorar. Eu sinto muito. Vou avisá-los: SIM, EU SEI QUE DEVERIA TER ESCOLHIDO TURQUESA. AGORA, CALA A BOCA!

— Não. Não, estou bem. — Segurando seu rosto com as palmas das mãos, aproximo sua testa da minha. — Está perfeito. Tão maravilhosamente perfeito. Mas... *por quê*?

— Porque era seu sonho. E porque você é uma grande estilista, meu anjo. Merece sua própria butique. — Ele me leva para o outro lado da sala, em direção à parede oposta, onde um lençol de cetim branco está cobrindo... alguma coisa. Ele me segura, agarra um canto e puxa o tecido para longe. — É a marca, — acrescenta.

Fico boquiaberta com a ampla placa de letras cursivas brancas e douradas. Duas palavras. Duas palavras que me fazem chorar.

## *Zahara Spada*

— Oh não! Não, não. Ainda não terminamos. — Massimo dá uma risadinha enquanto me abaixa no chão. — Já terminamos a configuração da marca. Mas não com a marca de fato.

Mal estou conseguindo me manter firme. Minha visão está embaçada enquanto o observo se ajoelhar. Um sorriso malicioso se desenha em seus lábios quando ele coloca a mão no bolso e levanta a mão, segurando um anel para mim.

— Zahara Veronese, você é o ar que respiro e a luz que me permite enxergar. Eu a amo mais do que tudo, e preciso que o mundo saiba disso. Você já é minha amiga. Minha salvadora. O amor da minha vida. Mas agora, por favor, você quer ser minha esposa?

— Você já me perguntou, bobão. — Eu respiro fundo. — E eu disse que sim.

— Sem o anel, não valeu. Portanto, esta é uma repetição. — Ele levanta o anel mais alto. — É de platina, é claro. Então, você aceita?

— Sim, — eu digo, com a voz embargada. — Aceito.

Minha mão treme quando ele a pega e a leva à boca. O sorriso ainda está em seus lábios quando ele os envolve em torno do meu dedo anelar. A umidade se acumula entre minhas pernas enquanto ele desliza lentamente meu dedo para dentro da sua boca. A sensação é incrível - ao mesmo tempo inocente e completamente erótica. A suavidade acetinada dos seus lábios molhando minha pele enquanto deslizam delicadamente sobre meu dedo. E a nitidez dos seus dentes, roçando-o ao mesmo tempo. Quando ele começa a puxar meu dedo, sua língua escorregadia acaricia a parte de baixo, enquanto a borda dos seus dentes raspa a parte de cima. Uma combinação perfeita de aspereza e delicadeza. Exatamente como ele.

— Pronto. Tudo pronto. — Ele beija a almofada na ponta.

Fico encantada enquanto ele coloca o anel, tomando muito cuidado para centralizar perfeitamente a faixa contornada com diamantes. As luzes do teto refletem o conjunto brilhante, com a pedra maior de lapidação marquise no meio e dois conjuntos de gemas progressivamente menores que se espelham em ambos os lados.

— É uma coroa. — Ele gentilmente inclina meu queixo para cima com seu dedo. — Para minha rainha.

Mordo meu lábio inferior para não chorar mais.

— E agora, meu anjo... — Enganchando os dedos no cós da minha calça, ele a desliza para baixo, junto com a minha calcinha. — Agora, vou deixar sua boceta realmente molhada, antes de lhe dar uma foda real.

Um grito me escapa quando ele me levanta e me coloca em uma espreguiçadeira estofada em veludo branco e depois enterra seu rosto entre minhas coxas.

A ponta da sua língua circula o clitóris, o movimento é rápido e feroz. Ele posiciona minhas pernas sobre seus ombros e desliza as mãos sob minha bunda. Em um movimento rápido, ele me levanta, aproximando-me da sua boca.

Os golpes da sua língua se transformam em lânguidas e longas lambidas interrompidas por mordidas esporádicas enquanto ele se delicia com meus sucos. Há algo totalmente indulgente em estar esparramada em um sofá antigo enquanto ele se ajoelha no chão e me devora. Tenho certeza de que a porta não foi trancada quando ele me trouxe para cá, o que significa que qualquer pessoa poderia nos ver. A possibilidade disso corre desenfreada em minha mente, me excitando além da conta. Agarrando seu cabelo, eu me deleito com os tremores que agitam meu âmago.




Meu Deus, o gosto dela... Está me deixando louco. Quase tão louco quanto o puxão que ela dá em meu cabelo. Com os dedos presos em meus fios, ela puxa meu rosto para mais perto. Passo a língua entre suas dobras, inalando seu cheiro. Puro Éden. Estou me empanturrando em um maldito paraíso. Mas meu pobre pau está preso no inferno porque já faz horas que ele não está dentro dela.

Eu lambo e acaricio, e depois dou pequenas mordidas, provocando sua boceta deliciosa. A cada toque, ela se arrepia e seu corpo treme. Ela está perto. Tão perto. Sinto-me tentado a continuar torturando meu anjo dessa maneira, mas acho que não vou aguentar muito mais.

Estou no limite. Pronto para explodir. Mas não é só o sexo que me deixa tão excitado. Ela disse *sim*. A palavra ainda está ressoando em minha cabeça. Ainda me impressiona o fato de ela querer passar a vida comigo, o louco de pedra.

***Somos dois,*** diz a voz sempre irritante em minha cabeça.

*Registrado.*

***Hum-hum. Quer saber o que notei? Não faz muito tempo, você estava convencido de que nunca se ajoelharia diante de ninguém. Bem, você está se ajoelhando agora, amigo.***

*Zahara sempre conseguiu me deixar de joelhos. Por ela, passarei uma vida inteira ajoelhado. Agora, você pode calar a boca e me deixar banquetear com a boceta da minha futura esposa em paz? Por favor.*

***Gosto do som disso no sentido presente, em vez de futuro. Nossa esposa. Amanhã seria um belo dia para um casamento.***

— Bom ponto, — murmuro na boceta de Zahara.

Tomando seu doce botão entre meus lábios, eu o chupo com força, maravilhado

com a forma como ela se desfaz. Ela se quebra para mim com uma mistura de gemidos prolongados e respiração ofegante. Ela é tão linda. Tão minha. Absorto em sua visão, eu cuidadosamente desço suas pernas para o sofá elegante e deslizo minha palma sobre seu núcleo aquecido. Ela ainda está encharcada, embora eu tenha feito o possível para absorver cada gota.

Os tremores secundários percorrem seu corpo enquanto eu me levanto e abro o cinto. Ela me observa abrir o zíper da calça com um sorriso malicioso dançando em seus lábios. Virando-se de barriga para baixo e depois ficando de quatro, ela dá uma piscadela por cima do ombro.

— Faça o seu pior, — ela canta, balançando a bunda.

Eu me perco.

Agarrando seus quadris, eu bato em seu calor em um impulso poderoso, afundando até às bolas. Seus gritos apaixonados ecoam quando ela goza. Continuo batendo nela por trás, perdido no mundo e em tudo o mais, exceto na minha mulher.

*Minha.*

Minha palma percorre suas costas, passando pela delicada coluna vertebral.

*Somente minha.*

Sua boceta agarra meu pau com tanta força que cada investida provoca uma onda de choque em mim. Cada uma das minhas terminações nervosas parece exposta, crua e em chamas. Meus pulmões se contraem. O calor percorre meu sistema.

*Meu ar. Meu amor. Minha paz.*

Ela treme sob minha palma quando o orgasmo a atinge. Com um rosnado gutural crescendo em meu peito, aumento meu ritmo, perdendo completamente qualquer senso de realidade. Batendo em sua boceta apertada várias vezes, deixo o rugido irromper quando explodo em seu núcleo líquido.

*Minha Zahara.*

Ainda tremendo com a força da minha liberação, relutantemente, eu me retiro e me inclino para dar um beijo rápido na bochecha direita da bunda dela.

— Querida? Você está bem? — Levo meus lábios até à outra bochecha dela e a beijo também. Depois, dou uma mordida de brincadeira nesse traseiro delicioso antes de colocar Zahara no sofá. — Fui muito bruto?

— Nunca. — Observando-me com os olhos semicerrados enquanto eu me levanto e guardo meu pau, ela suspira. — Talvez eu não consiga andar por um tempo, — ela diz enquanto um sorriso satisfeito ilumina seu rosto.

Esparramada nua sobre o móvel elaborado que escolhi para sua loja, meu anjo não passa de pura tentação. Nunca vou me satisfazer com ela. Nunca saciarei meu desejo. Posso ser um homem livre para viver minha vida, mas ainda sou um prisioneiro, preso por correntes inquebráveis. Um prisioneiro dessa mulher magnífica que conquistou meu coração. Que domou minha alma. E não há sentimento mais doce. Para o resto da minha vida, serei seu escravo voluntário.

Colocando a mão em uma das caixas ainda não embaladas, retiro um pedaço de seda de amora vermelha entregue da China há apenas um dia e coloco o material macio sobre Zahara. Não posso permitir que minha rainha pegue um resfriado, não é? Quando ela está envolta no luxuoso e amanteigado tecido, eu a levanto em meus braços.

— Você tem o número do seu cunhado maluco? — Pergunto enquanto a carrego para o outro lado da sala.

— Tenho. O que você precisa de Kai?

Paro e olho para o amor da minha vida.

— Preciso que ele me coloque em contato com um amigo dele. — Encosto meus lábios nos dela. — O cara loiro que gosta de sequestrar padres.

# Epílogo

## Dois meses depois




— Bem... acho que isso resume os planos de investimento para o próximo ano, — Massimo anuncia e ajusta minha posição, deslocando meus quadris para outro ângulo que lhe permita um mergulho mais profundo. — Alguma pergunta?

Não há nenhuma, como sempre. Além dos meus miados de prazer, os únicos sons na grande sala são o farfalhar de papéis e passos apressados enquanto os capos se esforçam para sair o mais rápido possível. Evitando todo contato visual ao mesmo tempo. Parece que eles ainda não se sentem à vontade comigo participando das suas reuniões.

Não tenho certeza se o que mais os incomoda é o fato de eu ocupar a cadeira à esquerda de Massimo, o que faço de vez em quando, ou a minha preferência por compartilhar o assento dele. É claro que a última opção envolve eu montar no meu marido e cavalgar seu pau na frente de todos enquanto ele tenta continuar com a pauta da reunião. É realmente uma incógnita, qual de nós gosta mais de ver a mortificação mal disfarçada em seus olhos - ele ou eu.

A única pessoa que não nos dá atenção é Peppe. Ele está acostumado a nos ver transando por toda a casa. Como subchefe recém-promovido - um cargo que ele aceitou depois de receber alta do hospital no mês passado -, ele frequentemente entra em cena para liderar a discussão sempre que a linha de pensamento de Massimo se desvia. É duplamente engraçado quando ele age como se não estivesse vendo o que estamos fazendo, muitas vezes deixando os capos

esfregando os olhos.

— Tenha um bom dia, Don Spada. — As palavras nervosas vêm da direção da porta. — E, uh, minha esposa queria que eu verificasse se poderia marcar um horário para este fim de semana, Sra. Spada. Tudo bem?

— Claro. — Lentamente, eu me levanto mais, sentindo o pau de Massimo deslizar quase que completamente para fora de mim. — Aproveite seu dia, Tiziano.

A porta se fecha com um clique.

— Esqueci de lhe contar, — diz Massimo, depois agarra meus quadris e me joga de volta em seu corpo duro. — Fomos convidados para um casamento em Nova York no mês que vem.

— Quem é o casal feliz?

— Arturo DeVille. E a irmã de Drago Popov, Tara.

— Hum-hum. Tem certeza?

— Sim. Por quê?

— O casamento pode ser adiado. Acho que alguém próximo à noiva pode ter morrido.

— Por que você acha isso?

— Tara Popov não é exatamente um nome comum, e uma mulher que se autodenomina assim me enviou um e-mail na semana passada, pedindo um horário. Ela precisava de um vestido preto longo, com um véu preto, adequado para um funeral importante.

— Estranho. Arturo me ligou hoje de manhã, mas não mencionou o falecimento de ninguém.

— Talvez ele tenha se esquecido? Ou talvez sua futura esposa simplesmente goste de preto.

— Arturo DeVille permitindo que sua noiva se case com algo que não seja branco puro? Por favor. Esse homem é o epítome da tradição. Embora, na última vez em que o vi, ele não estivesse muito encantado com a irmã de Popov, chamando-a de diaba e alegando que ela estava tentando matá-lo, se não me falha a memória. Eles devem ter resolvido suas diferenças, ou os futuros recém-casados podem achar o casamento um pouco perigoso para sua saúde. No entanto, guarde minhas palavras - se aquele idiota presunçoso tiver algo a dizer sobre isso, sua noiva estará vestindo branco.

# Fim

# O que vem a seguir?

O próximo livro da série é ***Precious Hazard***, e apresenta Arturo (irmão de Sienna e Asya) e Tara (irmã de Drago Popov). (Em 31/07/2025)

Espero que goste dessa história.

# Precious Hazard

**Tara**
Minha vida é perfeita do jeito que é agora,
Sem a participação de Arturo DeVille.
E agora, estou sendo obrigada a me casar com aquele esnobe arrogante e egocêntrico.
Ele espera que eu seja uma esposa sofisticada e dócil,
Que sorrirá e acenará com a cabeça a todas as suas exigências.
Mas é a última coisa que planejo fazer.
Nossos votos matrimoniais podem dizer que amarei e obedecerei ao meu marido,
Mas o único voto que estou prometendo é tornar a vida dele um inferno.
Até que ele se arrependa do dia em que disse: ‘Aceito’.

**Arturo**
Há três qualidades que espero em uma esposa:
Obediente. Mansa. Respeitosa.
Uma mulher que se encaixará no mundo da Cosa Nostra.
Não obtive uma única característica que eu queria em uma esposa.
Em vez disso, recebi tudo o que nunca soube que desejava.
Ela entrou em minha vida como um terremoto,
Isso me abalou até ao âmago.
Meu belo prenúncio do caos.

Meu precioso perigo.
Minha esposa.

# Notas

[←1]
Pequenina.

[←2]

Nome italiano que designa um tipo de presunto curado a seco, envelhecido e temperado, costumeiramente fatiado e servido sem cozimento.